
StarCraft II
PONTO CRÍTICO
Christie Golden
GALERA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Outras obras da Blizzard Entertainment publicadas pela Galera Record:

World of Warcraft – Marés da guerra
Diablo III – A Ordem
StarCraft II – Ponto crítico

CHRISTIE GOLDEN

STARCRAFT II

PONTO CRÍTICO

Tradução
Rodrigo Santos
Bruno Galiza
Elton Mesquita

1 edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Golden, Christie
G566s StarCraft: Ponto crítico / Christie Golden; tradução de Rodrigo Santos, Bruno Galiza, Elton Mesquita. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
(StarCraft)

Tradução de: StarCraft: Flashpoint
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40291-2 (Recurso eletrônico)

1. Ficção americana. I. Santos, Rodrigo. II. Galiza, Bruno. III. Mesquita, Elton. IV. Título. V. Série.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original em inglês:
StarCraft: Flashpoint

Copyright © 2012 by Blizzard Entertainment, Inc. Todos os direitos reservados.

StarCraft: FlashPoint, Diablo, StarCraft, Warcraft, World of Warcraft, e Blizzard Entertainment são marcas ou marcas registradas de Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos e/ou em outros países. Outras referências a marcas pertencem a seus respectivos proprietários. Edição original em inglês publicada por Simon & Schuster, Inc. 2013. Edição traduzida para o português por Galera Record 2013.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou
em parte, através de quaisquer meios.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40291-2



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Este livro é dedicado com gratidão a todos que me apoiaram durante um período bastante difícil.
Vocês são meus Saqueadores.

CAPÍTULO UM

2504

"Todos precisamos fazer escolhas."

Essas seriam as últimas palavras que Tychus Findlay — criminoso, ex-fuzileiro e traidor — escutaria da boca do seu velho amigo James Raynor.

Tychus fizera sua escolha primeiro: trair a confiança e a amizade de Jim tentando assassinar Sarah Kerrigan, que um dia fora a Rainha das Lâminas, mas agora estava estendida, vulnerável e trêmula, numa caverna vermelho-escura do planeta Char.

Jim escolhera impedi-lo.

"Eu fiz um pacto com o demônio, Jimmy."

Por causa desse pacto, Sarah agora estava ferida, tremendo, mas viva, e Tychus Findlay jazia rígido na armadura que acabara se tornando primeiro uma prisão, e por fim um caixão de metal.

Jim abaixou a arma. A fumaça ainda saía do cano, misturando-se ao vapor que serpenteava e se enroscava em seus pés. A bala endereçada a Arcturus Mengsk, o homem que ele mais odiava, acabara tirando a vida daquele que Jim certa vez dissera ser o seu melhor amigo.

O que foi que eu fiz?

Jim lutou contra a onda de emoções que ameaçava inundá-lo. Não era hora de comemorar o fato de Kerrigan ter sido salva pelo artefato, nem de recriminar sua falta de discernimento em relação a Tychus, nem de prantear o homem gigantesco cuja voz trovejante nunca mais seria ouvida contando piadas ou fazendo ameaças.

Eles tinham que sair daquela caverna lamacenta e infernal, sair de vez daquele planeta — e rápido.

Levando Sarah Kerrigan junto.

Os soldados se aproximaram no momento em que o comandante recolocava a arma no coldre, claramente com a intenção de levar o corpo de Tychus com eles. Jim rosnou laconicamente:

— Deixem ele aí!

— Como, senhor? — perguntou Cam Fraser, confuso. — Mas nunca deixamos ninguém para trás.

— *Ele*, nós vamos deixar. Não vou arriscar a vida de nenhum de vocês para carregar o corpo de um traidor — grunhiu. Era um bom argumento, mas Jim sabia que não era o único motivo da decisão.

Ele *queria* deixar Tychus para trás. Findlay tinha feito um trato com Arcturus Mengsk. Ele teria trocado a vida de Kerrigan pela liberdade. Agora Sarah estava viva, e Tychus iria apodrecer dentro da armadura. Havia uma justiça tão brutal nisso que Jim ficou com medo de fraturar a própria consciência pensando demais no assunto. Mas não havia tempo para pensar — e talvez fosse melhor assim.

Eles tinham vindo até a base zerg no planeta Char para fazer o que, sem dúvida, parecera uma loucura: transformar a Rainha das Lâminas em humana novamente. O grupo a encontrara nas profundezas do mundo vulcânico repleto de cinzas. Ela parecia ter perdido completamente as habilidades e a aparência de zerg que adquirira antes. Não se viam mais as asas ossudas nem a pele escamosa que recobria seu corpo. Mas o cabelo ainda estava…

Parecia ter funcionado. E, no momento, "parecia" era mais do que suficiente para Raynor.

— Precisamos de um módulo de transporte, Matt — disse ele pelo comunicador.

Matt Horner, capitão do cruzador de batalha *Hipérion*, respondeu com incredulidade:

— Fu... funcionou? Aquele troço alienígena que Valerian mandou a gente buscar... funcionou mesmo?

Raynor se ajoelhou e, movendo-se o mais delicadamente que podia dentro do traje metálico gigante, colocou os braços por baixo de Sarah e a levantou. Ela gemeu, e o coração dele pareceu que ia se partir.

— Parece que sim... — disse, sem expressar sua preocupação quanto a Sarah. Sua atenção se voltou novamente para a cabeça dela.

As longas mechas ruivas pelas quais os dedos de Raynor haviam deslizado não passavam de lembrança. Essa parte da Rainha das Lâminas não tinha mudado: em vez de cachos macios, havia algo parecido com um cruzamento horrendo entre tentáculos e patas de insetos em seu crânio. Talvez, como uma cauda que não é mais usada, fosse só um vestígio que ficou depois que o artefato funcionara.

Ou não.

— Eu... não consigo acreditar de jeito nenhum, senhor. — Matt ainda estava atônito.

— Eu disse que precisamos de um módulo de transporte, senão Sarah vai acabar morrendo com todos nós aqui, Matt, depois de termos tido todo esse trabalho para libertá-la — retrucou Raynor. Ele se ergueu. O corpo dela, nu como o de um recém-nascido, mudou de posição com esse movimento, aproximando-se do dele.

Um pensamento fugaz lhe passou pela mente: se ao menos ele pudesse segurá-la de fato nos braços, sem armadura... se ao menos pudesse senti-la junto de si como certa vez sentira, alguns anos antes — uma vida inteira, parecia.

Sarah... eu vou cuidar de você.

— Claro, senhor — disse Matt, despertando do transe. — Os zergs estão enlouquecendo sem Kerri... sem a Rainha das Lâminas para comandá-los. Alguns estão fugindo, mas parece que tem um monte deles

fazendo ataques suicidas. Vai ser complicado mandar alguma coisa aí para baixo, mas vamos dar um jeito.

— É isso aí, garoto — respondeu Raynor, e se dirigiu para a entrada, carregando Sarah com cuidado. — Agora, escute: tem um probleminha aqui. Seu módulo vai ter que esperar dois grupos, e não um. Tive que dividir a equipe. O meu grupo foi investigar o que o artefato xel'naga fez com Kerrigan, e Lisle e Haynes ficaram lá para protegê-lo. Quando você descobrir onde vai pousar o módulo, eles vão levar o dispositivo para o local de encontro.

Eles não iriam deixar o artefato para trás de jeito nenhum. A imagem do objeto estava clara na mente de Jim: liso e negro, um pouco maior que um homem, com linhas luminescentes azuis que revelavam os pontos em que as cinco partes se uniam para criar um único e fantástico dispositivo. Estava certo de que, embora pouco soubessem sobre o poder do artefato, ele sempre se lembraria dele, e se sentiria grato pelo que havia feito por Sarah.

— Vou começar a analisar o terreno para escolher o melhor lugar para o pouso, senhor — disse Matt.

— Faça isso. — Jim terminou a conversa e mudou de canal. Eles saíram da caverna...

Eu matei meu melhor amigo e o deixei lá para apodrecer…

… em direção ao brilho vermelho que fazia as vezes de luz solar em Char. Era um mundo feio e imprevisível. A superfície era pedregosa, escura, cheia de cinzas e lava derretida. Dava para sobreviver na atmosfera sem trajes especiais, mas com muita dificuldade. Era o inferno em forma de planeta. Um lugar apropriado para os zergs morarem.

— Jim? — A voz estava fraca, mas era a voz *dela*. Humana. E ela sabia quem ele era.

— Está tudo bem. Você está comigo. — Foi só isso que ele precisou dizer. Então andou devagar, cuidadosamente, e ao senti-la olhando para ele, Jim a encarou. Jim não pôde oferecer um sorriso reconfortante. Seus sentimentos eram profundos demais. Olhou-a por um instante, depois voltou a atenção para o mundo horrendo à sua volta. As palavras viriam

depois. Sua obrigação agora era levá-la para um lugar seguro.

— Aí, rapaziada — disse pelo intercomunicador —, o plano funcionou. Vocês cuidaram daquele treco xel'naga como pedi?

— Sim, senhor! — respondeu a voz de Lisle. — Tivemos que matar um monte deles no início, mas depois eles se afastaram. Foi uma coisa estranha dos diabos… os bichos começaram a atacar uns aos outros.

— Aposto que você não reclamou.

— Não, senhor. Nem um pouquinho!

— Vou informar o ponto de encontro assim que soubermos. — Jim olhou para o céu vermelho. Dava para ver que a batalha continuava acima do planeta: aqui e ali, explosões que pareciam pequenas baforadas de fumaça ao longe. Também se viam pequenas silhuetas das mutaliscas mais perto da superfície. — Nós…

Kerrigan sofreu um espasmo e começou a tossir. Jim soltou um palavrão. Devia ter pensado nisso. Ninguém sabia exatamente o que tinha acontecido com ela. Talvez a transformação em humana a tivesse deixado fraca demais.

— Médico! — gritou ele, colocando Kerrigan no chão e se ajoelhando ao seu lado. Lily Preston veio a passos rápidos em seu traje médico, puxando uma unidade respiratória de dentro da bolsa. Ajoelhou-se também ao lado da moça, cobrindo-lhe o nariz e a boca com o equipamento. Depois, enrolou-a em um cobertor fino, leve como uma pena, mas feito de um material conhecido como isotrama, que manteria a temperatura corporal da paciente em 37 graus. Sarah soltou uns gemidos baixos enquanto a erguiam e a colocavam sob o cobertor, como se fosse uma boneca. A tosse e os espasmos pararam.

Preston olhou para Jim.

— Não sabemos mais o que ela é, Jim. Estou tratando dela como se fosse humana, mas…

— Mas ela *é* humana, cacete! — insistiu Jim, embora ele próprio sentisse um medo terrível de que não fosse verdade. — Ela está tendo dificuldades de respirar o ar daqui, assim como nós. E a temperatura do corpo…

O terreno em que estavam ajoelhados se inclinou de súbito, como um animal selvagem se levantando, e ouviu-se um som estrondoso que parecia não terminar. Vários Saqueadores foram atirados ao chão. Jim segurou Sarah com firmeza, tentando equilibrá-la. Pelo canto do olho, vislumbrou um enorme clarão vermelho e se virou para ver o que tinha ocorrido.

Um gigantesco pedaço do que antes fora um cruzador de batalha virara um monte de destroços fumegantes, queimando tristemente na cratera criada pelo impacto. Um enxame de coisas saídas de um pesadelo avançava sobre ele. Eram zergnídeos, as menores crias daquele inferno de zergs. As hidraliscas eram uma mistura de insetos com braços de foice, corpo de cobra, dentes infinitos e espinhos que podiam penetrar novoaço e eram disparados das suas costas. Já as mutaliscas eram monstros que tinham a habilidade de voar na atmosfera e no espaço, além de ter sangue ácido e parasitas chamados pestes morféticas. O que os zergnídeos não tinham em tamanho e poderes especiais para atacar, compensavam em número. Um aglomerado de dentes, garras e carapaças, eles lançavam-se sobre os destroços, atraídos como insetos pelo brilho e calor, e davam urros horrendos quando seus corpos eram calcinados. Jim ergueu os olhos e gritou:

— Preparar para impacto!

O resto do cruzador chovia em pedaços flamejantes, alguns deles pequenos como um capacete, outros do tamanho de uma casa, batendo na superfície de Char como punhos blindados em um rosto desprotegido.

Apesar do aviso de Jim e da estabilidade proporcionada pelos trajes, o chão tremeu tão violentamente que vários caíram. Jim abraçou Sarah com força, balançando de um lado para o outro e tentando se equilibrar.

Muitos dos zergnídeos restantes subitamente silenciaram, mas outros continuaram a se arrastar e guinchar. A qualquer momento, aqueles bichos abomináveis com certeza iriam para cima de Jim e sua equipe. Não porque estavam levando embora a Rainha das Lâminas dos zergs, que antes os controlava totalmente, mas simplesmente porque os

terranos estavam se mexendo e, portanto, eram presas.

Neste instante, veio à mente de Jim a imagem que o perseguira por quatro anos: a perturbadora e fragmentada fantasia de como haviam sido os últimos momentos de Sarah como humana.

Ele ouviu seu pedido de ajuda e as vergonhosas palavras de Arcturus: *"Ignore a ordem. Estamos indo embora."* Arcturus Mengsk — aquele que usava as pessoas até esgotá-las e depois as descartava quando não serviam mais ou se tornavam perigosas. Jim ouviu seus próprios gritos: *"O quê? Você não vai simplesmente* abandonar *eles aí."* Era apenas a incredulidade falando. Jim ainda achava que tinha entendido errado, que Arcturus não ia realmente fazer o que parecia estar fazendo.

Mas o desgraçado cruel pretendia fazer exatamente aquilo. Sarah voltou a falar, desta vez com um ligeiro tom de preocupação na voz, que normalmente era tão calma: "Hã, gente…? Onde está o resgate?"

"Maldito seja, Arcturus, não faça isso!"

Você é um maldito mesmo. Você…

"Comandante…?"

Uma pausa.

"… Jim? O que diabos está acontecendo aí em cima?"

Então, nada. Jim imaginava a moça olhando para todos os lados, vendo as criaturas terríveis que grasnavam e guinchavam de contentamento. E depois? A Rainha das Lâminas nascera: parte humana psiônica, porém muito mais monstruosidade zerg.

Jim se torturara imaginando como ela tinha enfrentado o que teria sido a sua morte: teria ela atirado até acabar a munição e depois ido para cima deles? Teria ficado parada e deixado que a pegassem? Teria tentado se matar antes?

Eu pensei que tivessem matado você. E teve momentos — muitos momentos — em que eu desejei que tivessem mesmo.

Agora, apesar de tudo o que você fez, apesar das tantas mortes… estou muito feliz por você estar viva.

Jim ouviu o som de disparos ao longe e, logo em seguida, os inevitáveis guinchos agudos dos zergs. Ergueu-se e puxou a arma, dando

um passo à frente de modo a proteger Sarah. Só chegariam até ela por cima do cadáver dele — literalmente. Mas reservaria um último e precioso segundo para matá-la antes que o pegassem. Sarah Kerrigan jamais voltaria a ser cria deles.

Aquele *não era* um dia bom para morrer. Não agora que a vida lhe dera uma chance de recomeçar depois de se chocar contra uma muralha de desesperança quatro anos antes.

Fraser olhou de relance para ele e depois desviou o olhar, adotando a postura de defesa.

— Estou até com pena dos zergs que forem para cima de você, Jim.

— Eu também.

Jim olhou para o alto, aliviado ao ver que, pelo menos por enquanto, as mutaliscas estavam ocupadas nos céus atacando as naves da Supremacia, mais bem preparadas para rechaçá-las. Sua preocupação maior era a nuvem de poeira cinzenta levantada pela chegada do inimigo. Jim conseguia entrever as formas das monstruosidades cheias de bocas e membros afiados coleando sinuosamente, seus corpos afilando-se em caudas como as de serpentes. Contou quatro hidraliscas. Semiocultas pela poeira opaca, ele viu silhuetas que deviam ser zergnídeos avançando como uma matilha de cães raivosos, só que muito mais letais e aterrorizantes.

Jim mirou na nuvem que se aproximava e ordenou:

— Atirem quando eu mandar!

Seus soldados eram bons. Jim sentiu o suor escorrer no olho e piscou para limpar a vista, ignorando o ardor. Esperou até o instante perfeito, tarde o bastante para o ataque ter o máximo de eficácia, mas não tão demorado que os inimigos os alcançassem. Ele quase lamentou estar tão acostumado a matar zergs que já agia por instinto.

E eles vinham, ansiosos por sangue e morte, ensandecidos pela falta de comando depois de perderem sua rainha.

Jim esperou.

— Atirem! — gritou por fim.

Os alegres gritos de triunfo e sede de matar logo deram lugar a

lamúrias estridentes quando os zergs foram reduzidos a pedaços ensanguentados. Pedaços daqueles horrores insetoides voaram pelos ares. Um fragmento de carapaça bateu no capacete de Jim e caiu ao seu lado. Mas ele não diminuiu o ritmo. Continuou atirando, movimentando a arma de um lado para o outro com firmeza, destroçando os zergs que se aproximavam. Nunca vira nenhum sinal de pensamento autônomo nas ações deles, mas muitas vezes percebera inteligência. A inteligência de Kerrigan, controlando-os e manobrando-os. Agora, via apenas o caos e a insanidade brilhando em seus olhos miúdos e uma agitação frenética em seus movimentos.

Jim estourou a cabeça do último deles. A fera caiu a poucos metros, vomitando sangue e gosma, então contorceu-se e ficou imóvel.

Imediatamente ele se ajoelhou junto a Sarah. Ela estava deitada em posição fetal, agarrando o cobertor que a envolvia. Estranhamente, o gesto reconfortou Jim. Era muito… humano.

— Matt, cadê o módulo de transporte? — bradou Raynor pelo intercomunicador.

— Acabou de sair, senhor. — A voz de Matt estava esganiçada de tanta ansiedade. A julgar pelo que restava do cruzador de batalha que ainda queimava ali perto, dava para Jim ter uma boa noção do que Matt estava enfrentando lá em cima. Mas não havia tempo para ser compreensivo. Tinham que levar Sarah a bordo e dar o fora daquele buraco dos infernos.

— Diga a eles que vou dobrar o salário se chegarem aqui em cinco minutos.

— Senhor, faz semanas que você não paga o salário deles.

— Bom, se eu estiver morto quando chegarem aqui, ninguém vai ser pago nunca, não é mesmo?

A risada discreta de Matt foi animadora.

— É bem verdade, senhor. Vou passar o recado para eles, mas não posso dizer a hora exata em que vão chegar. As coordenadas do ponto de encontro são oito quatro sete ponto oito.

— Muito bem. Não estamos longe desse platô.

— Senhor — disse Fraser —, os sensores indicam que está fervendo de zergs lá.

— Lógico que está — retrucou Jim. — Assim como esse maldito *planeta* inteiro. Temos que ficar lá e rechaçá-los até o módulo chegar.

Jim ergueu Kerrigan nos braços. Ela abriu os olhos. Tinham o tom normal de verde e não estavam mais luminosos e assustadores como antes. Sarah deu um pequeno sorriso, curvando um pouco os lábios pálidos de sua boca, que Jim sempre achara um tanto grande demais. Sua mão se ergueu e tocou o peito dele, depois caiu desfalecida; a cabeça pendeu e os olhos se fecharam. Seu corpo ficara esgotado com aquele simples esforço.

Ele iria rechaçá-los, sim. Iria rechaçá-los para sempre.

Jim avisou a Lisle e Haynes onde o módulo de transporte iria aterrissar, mas só podia torcer para que os dois soldados conseguissem repelir os zergs sozinhos. O platô onde o resgate chegaria ficava à frente, só mais alguns quilômetros, mas ainda assim parecia meio mundo de distância. Enquanto corriam num ritmo constante, sendo carregados com facilidade pelas armaduras, Jim ouviu um som baixo bem distante. E lembrou-se, sem motivo aparente, dos verões quentes de sua infância em Shiloh, do crepúsculo chegando lentamente ao som da canção monótona dos insetos.

No entanto, o som o deixou alerta. Agora conseguia ver as criaturas, avançando para cima dele e de sua equipe. Descontroladas, estavam agindo como as feras que eram, farejando uma presa e encurralando-a. Jim percebeu uma leve pitada de humor negro ao constatar que Lisle e Haynes provavelmente estariam mais seguros do que ele desta vez. Sem Kerrigan no controle, era provável que os zergs tivessem menos interesse nos dois humanos que levavam o artefato do que nos outros quatro de mãos vazias, simplesmente porque o grupo de Jim representava uma quantidade maior de comida.

— Alto!

Com um clangor, os soldados pararam, ergueram os rifles, e

esperaram para atacar quando Jim ordenasse. Ele conseguia distinguir três grupos. Não havia organização, não estavam agrupados por quantidade nem por espécie, não estavam tentando flanqueá-los... não havia estratégia. Havia apenas fome.

Esperem…

— Fogo!

Os Saqueadores massacraram os zergs impiedosamente. Alguns dos bichos estacaram de imediato, avançando para os companheiros mortos com a mesma avidez com que teriam devorado os Saqueadores de Raynor. Os outros continuaram atirando enquanto Jim segurava Sarah, derrubando mais e mais criaturas até não sobrar mais nenhum agressor, somente um banquete e os que se banqueteavam. Ele fez um gesto para os soldados contornarem a festança. Os Saqueadores passaram ao largo de um grupo de zergnídeos que estava canibalizando hidraliscas. Ao se afastar da cena grotesca, ele se perguntou de súbito se os zergs iriam achar e devorar o corpo do homem que um dia considerara seu "amigo", se romperiam a casca metálica da armadura de Findlay para obter o que estava dentro…

Tentou varrer aquela imagem da mente e forçou seu coração a ficar indiferente. Tychus estava morto. Não precisava ser assim. Ele ainda poderia estar vivo, ainda poderia ser amigo de Jim, se não tivesse optado por fazer o tal "pacto com o diabo". Se, pelo menos, não tivesse querido matar a mulher que Jim amava. Mas Tychus fez sua escolha e devia saber qual seria a reação de Jim. Ele conhecia Jim melhor do que ninguém.

Droga, Tychus. Teve uma época em que eu teria feito qualquer coisa por você. Em que eu achava que você faria qualquer coisa por mim. Uma época em que você abriu mão de tudo por mim.

Um zergnídeo estava vindo em sua direção, com saliva pingando da mandíbula. Sem uma matilha, aquilo era suicídio. Mas o bicho não sabia disso, sabia apenas que estava faminto. Jim acomodou Kerrigan e voltou as costas para a criatura, protegendo a moça com seu próprio corpo. Então apontou o rifle e disparou um projétil bem no meio dos olhos luminosos da criatura. Ela ainda deu um ou dois passos, como se

demorasse alguns segundos para entender que seu cérebro tinha sido transpassado, depois desabou. Fraser mirou em um segundo, mas foi desnecessário. O zergnídeo parou e começou a comer partes do companheiro.

— Atrás de você! — gritou Jim.

Fraser girou e derrubou mais dois. Os outros zergnídeos grasnavam animados diante do banquete que Jim e seus Saqueadores tinham posto à frente deles. Jim sequer franziu o rosto de nojo. Simplesmente segurou Kerrigan e voltou a correr direto para o ponto de encontro.

Seria hipocrisia condenar os zergs por se voltarem uns contra os outros. Pelo menos tinham uma desculpa. Antes, eram completamente dominados pela Supermente e, depois, pela Rainha das Lâminas, mas agora não passavam de feras estúpidas. Que desculpa os humanos tinham para fazer a mesma coisa?

Mengsk virara as costas para Kerrigan sem pestanejar, abandonando-a a um destino que, ele esperava, seria terrível e brutal. Tychus pelo menos pareceu lamentar por um instante aquilo que via como uma necessidade: *"É mesmo uma pena"*, murmurara.

Antes de tentar apertar o gatilho.

Antes de escolher executar uma mulher indefesa e traumatizada na frente do homem que a amava.

Que ele fosse para o inferno.

Já estava virando uma rotina implacável: um, dois ou vinte zergs apareciam do nada. Jim dava ordens. Os Saqueadores atiravam, e os zergs caíam, às vezes rápido, às vezes não. E quando havia certa quantidade morta, como se houvesse um número exato que os Saqueadores desconheciam, os zergs paravam de caçar os humanos e começavam a devorar seus semelhantes.

Ele se perguntou se os soldados ressentiam-se do fato de que seu líder, que escolhera colocar suas vidas em risco, estava parado segurando Sarah Kerrigan, a antiga Rainha das Lâminas, a responsável pela morte de tantos, enquanto eles lutavam para proteger todos. Jim se deu conta, com uma sensação ruim, de que não importava o quanto você achava

que conhecia uma pessoa: você não a conhecia de fato. Não tinha como. Somente os protoss podiam conhecer alguém completamente, conectando suas mentes e essências no grande espaço de conexão psíquica que chamavam de Khala. E até mesmo alguns de sua própria raça, os templários das trevas, haviam escolhido não se revelar em demasia.

Estou voando às cegas, pensou Jim enquanto corria, tentando avançar o máximo possível sem sacudir Sarah demais. *Todos nós. Todo homem, toda mulher. Estamos todos voando às cegas e, na verdade, nunca sabemos de merda nenhuma sobre corações e mentes que não sejam os nossos.*

— Senhor! — gritou Fraser. — Veja!

Mortificado, Jim se deu conta de que estivera tão perdido em pensamentos que não tinha visto o pontinho no céu, crescendo mais e mais. Suas formas foram ficando mais definidas, até que ele pôde identificar, com alegria, a silhueta do módulo de transporte *Esplendor*. Era a coisa mais bela que já tinha visto… à exceção do olhar que Sarah lhe dirigira enquanto a carregava.

Mas, no momento em que os soldados fatigados soltavam gritos de felicidade, outro som pôde ser ouvido: uma espécie de zumbido. Jim praguejou. A *Esplendor*, como todo módulo de transporte, não tinha armas e não poderia aterrissar para o resgate enquanto a equipe de Jim não liberasse a área.

— Atirem à vontade! — ordenou Jim. — Não vou deixar uns zergzinhos de merda nos atrapalharem!

Os soldados assentiram e começaram a atirar nas criaturas com ainda mais intensidade do que antes. Pedaços de zergs voavam para todo lado, e desta vez os Saqueadores não pouparam nem os que paravam para comer. Jim e os soldados continuaram avançando passo a passo, com dificuldade, patinando em sangue e gosma. E finalmente, graças aos céus, a Esplendor pousou no terreno rochoso, mas praticamente plano.

A rampa desceu e o piloto, Wil Merrick, gesticulou furioso.

— Depressa! Tem um caminhão deles vindo para cá!

— Algum sinal da outra equipe?

— Nada — disse Merrick. Então seus olhos bateram na figura envolta no cobertor. — Isso aí é ela?

— Sim.

— Está em choque — completou Preston. Ela tomou o precioso fardo de Jim, erguendo Sarah com facilidade, graças ao traje médico. Jim não queria soltá-la, mas ela precisava mais das habilidades dos médicos do que das dele. Entregou-a a Preston, sentindo um súbito desamparo no coração, e observou a médica levá-la para dentro. Kerrigan foi colocada confortavelmente em um assento e logo recebeu um soro intravenoso e (assim pareceu a Jim) mais uns seis mil tubos e monitores portáteis. Algumas palavras, numa súplica mansa, saíram da boca de Jim involuntariamente:

— Peguem leve com ela.

Não deixou de perceber a ironia: pedir que fossem gentis com alguém que assassinara bilhões era um pedido e tanto. Mas Preston entendeu, acenando tacitamente enquanto procurava salvar a vida de Kerrigan. Sarah não deu nenhum sinal de estar minimamente consciente do que se passava.

Aguente firme, Sarah. Você é forte, vai sobreviver. Não permita que seja tarde demais. Não depois disso tudo…

— Caramba, senhor, temos que andar logo! — gritou o piloto. — Tem mais um monte de zergs vindo.

— De que tipo?

— Tivemos de escapar de uma porrada de mutaliscas só para chegar aqui, senhor — respondeu Merrick. — Quando entramos na atmosfera, elas saíram perseguindo outra nave, mas os sensores indicam que tem um exército de zergnídeos e hidraliscas querendo terminar o serviço.

Jim olhou Sarah de relance. Queria desesperadamente tirá-la dali, afastá-la do perigo, levá-la para a segurança da enfermaria da *Hipérion*, mas não podia abandonar os homens que arriscaram tudo para salvá-la.

— Não vamos deixar os zergs fazerem picadinho dos meus soldados, nem destruírem o artefato! — retrucou Jim. — Tentem manter Sarah o

mais estável possível. É obrigatório que ela sobreviva. Se eu der ordem para você ir embora e me deixar para trás, você vai, entendeu?

— Perfeitamente, senhor.

Jim dirigiu o olhar para Sarah novamente. Sua pele tinha um tom estranho por conta da iluminação artificial. Depois, ele saltou para fora do módulo. As portas se fecharam.

Os Saqueadores se juntaram a Jim e lhe deram um rifle gauss. Embora tivesse saboreado cada instante em que teve Sarah nos braços novamente, ele estava muito feliz por poder pegar um rifle e assumir um papel ativo na luta mais uma vez.

Já dava para ouvir os zergs se aproximando e a terra tremendo sob a força do ataque. Com um sorrisinho, Raynor ergueu o rifle, apontou-o para a nuvem de poeira cinza que se aproximava e começou a atirar.

CAPÍTULO DOIS

Na suntuosa ponte da *Bucéfalo*, Valerian Mengsk, Herdeiro Legítimo da Supremacia Terrana, tirou a rolha de um raro vinho do porto de safra antiga, encheu uma pequena taça e olhou pela enorme escotilha que ocupava a parede inteira.

O feio planeta Char, avermelhado e tristonho, tomava a maior parte da vista. Lá, uma batalha estava sendo travada. Uma batalha cujo resultado era de vital importância para Valerian. Naquele mundo vulcânico e inóspito, ou Sarah Kerrigan estava renascendo, ou a Rainha das Lâminas estava massacrando os que tinham ido resgatar sua humanidade perdida.

Acima, nas estrelas, também havia uma batalha em andamento. Os zergs estavam descontrolados, o que era bom e ruim ao mesmo tempo. Era bom porque seus ataques não tinham estratégia nenhuma, e ruim porque eram aleatórios, mas brutais. As naves de Valerian estavam envolvidas. Ele vira a destruição de ao menos onze dos vinte e cinco cruzadores de batalha que levara para a luta. Até a gloriosa *Bucéfalo* estava sendo atacada.

Tinham havido, e ainda haviam, tantos "ses". *Se* Raynor conseguisse achar Kerrigan. *Se* a equipe dele pudesse posicionar o artefato perto o

suficiente para ele funcionar. *Se* o artefato funcionasse *mesmo*. Valerian estava confiante de que funcionaria, mas é claro que, como diria um antigo e sábio adágio: "O homem faz planos e Deus ri". Felizmente, parecia que até ali a aposta tinha dado certo, se é que se podia deduzir alguma coisa a partir do comportamento errático dos zergs.

Ainda assim, ele conteve seu ânimo, lembrando-se sempre dos "ses" que restavam. Se, se, se… *se* Raynor sobrevivesse por tempo suficiente para levar Kerrigan a um lugar seguro… *se* ele concordasse em entregá-la a Valerian...

Só então o Herdeiro Legítimo poderia comemorar de verdade.

Já se preparando para o momento, Valerian reunira um grupo de médicos e cientistas. É verdade que era somente uma equipe provisória até que Kerrigan fosse levada a instalações mais adequadas, mas não deixava de ser uma bela seleção de especialistas. Eles estavam à espera, quase tão empolgados quanto ele, prontos para começar a examinar a moça assim que chegasse. Raynor não era bobo. O ex-criminoso já devia saber que esses homens e mulheres estavam muito acima de quaisquer médicos ou cientistas que tinha a bordo da *Hipérion*. Valerian esperava que, no fim das contas, a preocupação do homem por sua amada vencesse e Raynor optasse pelo melhor tratamento possível para Sarah.

Com um olhar pensativo, Valerian agitou o líquido cor de âmbar no copo e tomou um gole da bebida quente, esticando a língua para secar uma gota dos lábios.

O poder que logo seria seu… Poder para finalmente provar ao seu pai, Arcturus Mengsk, que era tão forte quanto ele — e um homem melhor. Ainda mais importante para Valerian, porém, era o conhecimento que Kerrigan tinha armazenado dentro da mente. Pelo menos, era o que ele esperava: que ela ainda tivesse o conhecimento. Podia ser que não se lembrasse de ter sido transformada em um monstro — a gloriosa e aterrorizante Rainha das Lâminas, senhora dos zergs. Podia até ser que sua mente tivesse sido completamente destruída pela transformação.

Ele lamentaria muito se isso tivesse acontecido. Mais do que poder e

riqueza, Valerian era um entusiasta do conhecimento, e valorizava-o muito. Especialmente conhecimento ancestral. E certamente Kerrigan chegara a possuí-lo.

A música estridente que vinha da vitrola antiga evoluiu num crescendo e depois parou. O ruído abafado de algo arranhando invadiu o cômodo. Valerian estendeu a mão de unhas bem-feitas, levantou a agulha e começou a tocar o disco de novo. Instrumentos velhos começaram a soar novamente, e uma voz humana feminina, cuja dona tinha morrido fazia séculos, começou a cantar.

Claro que o conhecimento poderia ser usado em proveito próprio. Mas, assim como a ópera que Valerian escutava sem prestar muita atenção, era algo belo e precioso, que tinha valor simplesmente pelo que era. Simplesmente por existir.

Tomou outro gole do porto e ponderou sobre o poder de uma coisa chamada "amor". Valerian amara sua falecida mãe, mas, fora isso, tinha pouca familiaridade com esse sentimento. Já sabia como era sentir respeito e afeição pelos outros, mas nunca esteve numa situação que pudesse chamar de "estar amando". Esperava amar, um dia. Sendo um homem que ansiava por conhecer todas as coisas, queria experimentar aquela força tão grande. Várias vezes, testemunhou o que ela podia fazer. O amor tinha transformado uma certa R. M. Dahl, uma assassina extremamente eficiente e egoísta, em uma mulher que estava disposta a matar — e morrer — não apenas pelo homem por quem se apaixonara, mas também pelos ideais por ele abraçados.

E aquele homem, professor Jacob Jefferson Ramsey, não só correspondera a esse amor, como também aprendera a compreender, admirar e, sim, amar toda uma espécie alienígena. Valerian admitiu, de livre e espontânea vontade, que não tinha ficado indiferente à experiência de conhecer essas duas pessoas. Ela o fez lamentar ainda mais o que acabaria fazendo com Jake depois.

Outro homem que tinha um amor profundo no coração fizera por Valerian o que talvez fosse o maior serviço já prestado. O príncipe de cabelos claros sabia muito bem que Jim Raynor era a única razão pela

qual Sarah Kerrigan estava viva agora. Raynor a amava, independentemente do que ela havia se tornado, independentemente das atrocidades que cometera. Amava-a o suficiente para arriscar a própria vida e a de outras pessoas, o suficiente para ir direto às entranhas do covil do monstro sem saber se encontraria sua morte ou sua amada.

Tudo isso era incrível, realmente incrível. Valerian agitou o resto de vinho e sorriu ligeiramente. Ergueu a taça e declarou, com sua voz rica e agradável: *"Pois bem, ao amor"*, e sorveu as últimas gotas.

Lisle dissera a Jim que os dois estavam a caminho levando o artefato. Parecia a Raynor que quatro séculos tinham se passado desde então.

Nesses quatro séculos — na verdade, uns quatro minutos, Jim e sua equipe empilharam uma quantidade impressionante de corpos de zergs, mas a pilha diminuiu um pouco quando duas hidraliscas atacaram os terranos. Os Saqueadores de Jim transformaram uma delas em uma sopa magenta cheia de pedaços. A outra empalou um cadáver de zergnídeo com seus braços de foice e recuou.

Os Saqueadores soltaram gritos de alegria quando a enorme criatura se afastou com seu prêmio, sem se darem ao trabalho de desperdiçar munição.

— A solução para acabar com os zergs, afinal. — disse Fraser. — Cortar a cabeça e deixar que se alimentem dos restos um do outro.

Jim lançou-lhe um olhar rápido, mas não havia malícia no comentário. E era verdade. A Rainha das Lâminas se fora, embora a humana que havia dado origem a ela estivesse — ao menos ele esperava — dentro do módulo de transporte.

Houve um clique dentro do ouvido de Jim.

— Estamos a um quilômetro daí — disse Lisle. — Lamento, chefe. Esse brinquedo xel'naga está nos atrasando um pouco. E tivemos que dar cabo de uns cães sarnentos também.

Jim não conteve um sorriso ao ouvir Lisle fazer pouco do que ele sabia muito bem ser uma situação de vida ou morte.

— Entendido — respondeu, dando um tom animado à sua própria

voz. O negócio era manter o moral elevado. Então apontou para dois homens. — Fraser e Rolfsen, vocês dois vão na frente e se encontram com eles. Abram caminho. Temos muitos lanchinhos aqui para a próxima leva. Já eles não têm nada.

— Sim, senhor — falou Fraser, e partiu com Rolfsen.

— Senhor. — Era a voz do piloto no ouvido de Jim. — Estou recebendo informes de que há várias mutaliscas se aglomerando entre nós e a frota, lá em cima.

O tom da voz do homem — cuidadosamente impostada, neutra demais — revelou a Jim tudo de que precisava saber.

— Kerrigan ainda está inconsciente — disse Jim. — Não tem como ela estar controlando as mutaliscas.

— Se o senhor diz… Mas o fato é que elas *estão* se juntando. Pode ser que estejam nos seguindo. Não dá para saber ao certo.

— Elas podem ter decidido que gostam de andar juntas — retrucou Jim. — A não ser que você me diga que sabe exatamente como os zergs se comportam quando não estão recebendo ordens, vamos partir do pressuposto de que isso não passa de uma coincidência. — Ele se deu conta de que pareceu irritado e na defensiva, mas não pôde evitar. Sabia que Sarah não estava controlando os zergs. Sabia de uma forma que jamais conseguiria explicar.

— Sim, senhor.

A poeira anunciava que algo estava se aproximando por terra. Jim não conseguia calcular a distância. Levantou a arma, mas sentiu uma pontada na nuca — o instinto de um homem tão acostumado a lutar que às vezes o corpo era mais sábio do que a cabeça.

Não atirou. Dali a poucos segundos, viu claramente que a poeira não tinha sido levantada por uma horda de monstros vorazes, mas por Lisle, Haynes, Fraser e Rolfsen, que se aproximavam o mais rápido que podiam. Carregavam a cápsula protetora que guardava o artefato alienígena luminoso.

Houve um clamor de alegria e a rampa do módulo de transporte foi baixada. Sorrindo e cobertos de poeira cinza, os quatro Saqueadores

colocaram o artefato de valor inestimável na nave. Jim percorreu com os olhos o interior do módulo e achou Sarah, ainda inconsciente, ainda respirando, parecendo ainda menos humana com toda aquela aparelhagem conectada do que quando a encontrara na caverna.

Olhou para trás e soltou um palavrão. Outra nuvem de poeira, e desta vez ele conseguiu ver as silhuetas grotescas.

— Mais convidados para a festa. Parece que seguiram o rastro do módulo. — Ele ergueu o rifle e mirou.

— Senhor, temos que ir! — gritou Rolfsen.

Jim nem gastou fôlego respondendo. Eles tinham que decolar, mas teriam mais chances de sucesso sem um monte de zergs pulando para cima da nave. Jim começou a massacrar os que se aproximavam, sem sentir nem remorso nem contentamento, depois entrou na nave e sentou-se desajeitadamente ao lado de Kerrigan. Assim que as portas se fecharam, os passageiros afivelaram os cintos de segurança e o módulo alçou voo.

Todos levantaram as viseiras. O ar reciclado nunca cheirara tão bem. Respirando aliviado, Jim se surpreendeu por estar pensando não na fuga — ainda em andamento — e não em Sarah, mas em Tychus.

Vou ficar preso nessa armadura até pagar todas as minhas dívidas.

Tychus Findlay carregara sua própria prisão consigo, vivera e morrera nela. Se ao menos tivesse havido outra saída...

Jim afastou esses pensamentos e voltou sua atenção para Kerrigan. Seu corpo estava preso pelos mesmos cintos de segurança que prendiam a todos, e seus olhos estavam fechados. A cabeça pendia, e o estranho cabelo — se é que podia ser chamado assim — mexia-se não por vontade própria, mas por causa do movimento da nave. Preston tinha tido o cuidado de envolvê-la bem no cobertor, guardando sua nudez. Não que Sarah fosse uma flor delicada e tímida quando se tratava disso.

— Como ela está? — perguntou Jim.

Preston, sentada do outro lado de Kerrigan, levantou os olhos do registro que lia.

— Não dá para saber agora. Consegui estabilizá-la, e ela parece bem

humana até onde eu pude ver. Mas precisa de cuidados mais intensos do que podemos oferecer aqui.

— Que mais?

Lily hesitou.

— Acho que ela precisa de cuidados mais especializados do que nós podemos conseguir na *Hipérion* também.

— A *Hipérion* era a nau capitânia de Mengsk. As instalações são excelentes. O que você está querendo dizer, exatamente?

Ela olhou diretamente para ele.

— Eu quero dizer que não tenho certeza do que estamos enfrentando aqui, Jim. Temos suprimentos de primeira, mas, droga, eu não sou uma médica de primeira! E muito menos uma especialista em zergs.

— Ela não é uma zerg!

Lily deu de ombros.

— Já eu não tenho tanta certeza — respondeu ela, baixinho. — Ainda não. — E curvou a cabeça de novo sobre os registros.

Jim ficou parado por alguns instantes, pensando, depois ativou o sistema de liberação da luva e a retirou. Estendeu o braço e pôs a mão de Kerrigan na sua, com cuidado para não mexer nos inúmeros tubos que estavam presos a várias partes do seu corpo.

Calor humano. Súbito, os olhos dele começaram a arder e piscaram. Não esperava que essa sensação o comovesse tanto. Fitou a mão dela como se nunca a tivesse visto antes, sentindo a força que continha, examinando as unhas estranhamente longas que haviam sido garras, e relembrou a primeira vez que aqueles dedos hábeis tinham se fechado em torno dos seus.

Certa vez, ela lhe contara que mantinha as unhas curtas porque era mais prático, e que prendia o cabelo num rabo de cavalo para não atrapalhar. E contara também a razão pela qual se mantinha sempre em forma e tinha construído ao redor de si uma muralha de um quilômetro de espessura.

Praticidade. Algo típico de uma guerreira e assassina.

Jim queria levar a mão inerte ao peito ou aos lábios dele, mas não fez

nenhuma das duas coisas. Simplesmente ficou relembrando.

Houve um súbito impacto e a nave deu um solavanco. Se Kerrigan não estivesse bem amarrada, teria saído voando. Jim sabia, claro, o que tinha acontecido. Rapidamente baixou a viseira e conectou-se à entrada do módulo de transporte. Os arredores da nave começaram a aparecer no visor que tinha acoplado ao capacete.

Mutaliscas.

Elas sempre foram sanguinárias nos ataques. E, agora que a rainha não estava mais no controle, Jim imaginava que elas deviam estar ainda mais insanas do que os zergnídeos. Duas delas se concentraram somente no módulo, esquecendo tudo o mais, inclusive as próprias vidas. As feras horripilantes batiam suas asas de aparência delicada (que eram inúteis no espaço, de modo que Jim concluiu que se tratava de algum reflexo animal) e cuspiam a peste morfética — que devorava e destroçava tudo o que se pudesse imaginar — na direção do módulo. Era óbvio que uma delas tinha atingido o casco.

A nave mergulhou tão rápido que o estômago de Jim revirou. A cabeça de Kerrigan pendeu para frente. O resto deles estava protegido do tranco pelas armaduras, mas não se podia fazer nada por ela no momento. Jim sabia que era uma luta pela sobrevivência, e as únicas coisas que poderiam salvá-los eram a habilidade do piloto e um resgate rápido que chegasse antes de a peste morfética destruir a nave.

O módulo manobrou tão rápido quanto mergulhara, depois girou e desceu novamente. Pelo visor do capacete, Jim percebeu o quanto a tática era brilhante: as mutaliscas acabaram ficando de frente uma para a outra e, inadvertidamente, se atacaram. Agitavam as cabeças cheias de olhos, sem dúvida gritando de agonia, enquanto seu próprio sangue ácido corroía suas carapaças. Jim quase desejou poder ouvi-las, mas no espaço era impossível.

Duas a menos, mas era impossível saber quantas havia. Jim pensou mais uma vez nos pedaços do cruzador de batalha que choveram sobre Char como meteoros.

— Socorro, socorro! Aqui é o módulo de transporte *Esplendor*, da

Hipérion, buscando abrigo imediato. Estamos sob o ataque cerrado das mutaliscas e trazemos o comandante e Kerrigan. Repetindo, precisamos de ajuda imediatamente!

— *Bucéfalo* na escuta. Qual é a sua posição, *Esplendor*?

— Não — disse Jim secamente, colocando as mãos em concha para falar somente ao piloto. — Para lá, não. Não vou permitir que ele fique com ela.

A nave deu mais um solavanco.

— Senhor — gritou Merrick —, acho que não temos escolha! Aquela última mutalisca nos acertou em cheio. Temos mais ou menos sete minutos antes de a peste penetrar o casco!

Jim ficou devastado. Valerian não iria enxergar Sarah como uma pessoa. Ele a via apenas como um meio para alcançar seu objetivo — uma forma de ofuscar o papai, de obter autoafirmação. Ela era só um instrumento, nada mais. Raynor preferia viver no inferno a deixar aquele garoto mimado pôr as mãos em Kerrigan.

As palavras da médica lhe vieram de novo à mente. E se a *Hipérion* não tivesse equipamento para tratar Sarah da forma realmente necessária? E se ele estivesse negando a Sarah a chance de se recuperar completamente?

— Senhor, não vamos sobreviver a outro ataque e detectamos mais um monte daquelas filhas de uma égua nos sensores — advertiu o piloto.

— Merda — praguejou Jim. — Raynor para *Bucéfalo*. Mande seus rapazes tirarem esses zergs da nossa cola. Estamos chegando.

— Entendido, Sr. Raynor. Vamos interceptar assim que pudermos.

Escolhas. Jim torcia para não se arrepender desta.

Ele desligou o intercomunicador e se recostou no assento, planejando ficar com Sarah até chegarem ao hangar da *Bucéfalo*. Então, talvez ele sacasse o rifle para garantir que o comitê de boas-vindas teria realmente essa intenção. Para sua surpresa, ela estava acordada… ao menos em parte.

— Sarah — disse ele gentilmente, pegando sua mão de novo.

Preston respondeu num tom baixo:

— Ela está desmaiando e despertando o tempo todo. Não sei o quanto ela lembra agora.

Jim fez sinal de compreensão e voltou sua atenção para a amada.

— Oi, amor — disse com a voz mais suave possível, incapaz de esconder um tremor de emoção.

Os olhos verdes se arregalaram, mas Jim não sabia se estavam voltados para ele ou para alguma coisa que só existia na mente dela. Sarah fez movimentos como os de quem nada num pântano, depois se encolheu repentinamente e soltou um urro animalesco.

Jim sentiu um aperto monstruoso no coração. Era óbvio que ela estava com medo. Nunca antes, na vida adulta, Sarah tinha estado tão vulnerável: nua, fraca e indefesa diante de um homem que um dia a amara, mas que também havia jurado matá-la. Ele se perguntou se ela estava lembrada da promessa e se estava feliz ou assustada por ter sido encontrada justamente por ele.

— Tente acalmá-la, Jim — disse Preston. Os Saqueadores observavam atentamente. Dava apenas para supor o que estava passando pela cabeça deles. — Os sinais vitais dela estão dando picos!

— Sarah, meu bem — prosseguiu Jim, ainda com a voz suave e calma —, prometo que ninguém vai machucar você. Nem eu nem ninguém, entendeu? Palavra. Eu prometo. Prometo!

Seus esforços já eram débeis, e então Sarah se aquietou e olhou para Jim. Seu rosto era tão familiar, tão dela, mesmo emoldurado por aquela massa de estranhos tentáculos que formava seu cabelo.

Sarah.

Ela assentiu e fechou os olhos, com uma confiança quase infantil, tomando a palavra dele como verdade.

Sarah. Sarah. Droga… você vai ficar bem. Vou fazer com que você fique boa. Vou transformar você em Sarah de novo. Nem que custe até a última gota de sangue das minhas veias. Vou cuidar de você.

— Ela perdeu a consciência — disse a médica.

— Se não for fazer mal a ela, tente mantê-la dormindo — tornou Jim. — É melhor que ela não veja o que está para acontecer.

CAPÍTULO TRÊS

Valerian dera ordens para que toda a comunicação entre as várias aeronaves envolvidas no combate — inclusive entre os cruzadores de batalha e Miragens que não os seus — fosse monitorada, se possível. Ele estava terminando de comer um pedacinho de um perfeito chocolate amargo, com os olhos vidrados na luta das naves em sua suíte particular, quando chegou uma mensagem da ponte.

— Senhor — disse Everett Vaughn, o capitão da *Bucéfalo* —, acho que o senhor devia ouvir isso…

Valerian voltou-se e assentiu, deixando a guloseima dissolver-se na língua com um sabor divino. Mas nem mesmo o chocolate podia rivalizar com a doçura da sensação de triunfo que o acometeu logo depois de ouvir as seguintes palavras:

— Socorro, socorro! Aqui é o módulo de transporte *Esplendor*, da *Hipérion*, buscando abrigo imediato. Estamos sob o ataque cerrado das mutaliscas e trazemos o comandante e Kerrigan. Repetindo, precisamos de ajuda imediatamente!

— Traga-os para cá! — gritou Valerian. Ele não conseguia parar de sorrir. Como Jake Ramsey previra, o artefato dos xel'naga tinha, nas palavras do arqueólogo, "funcionado tal como desejado". Ou, pelo

menos, da forma que Valerian desejava. E agora tanto Raynor quanto Kerrigan estavam indo direto para suas mãos.

— *Bucéfalo* na escuta. Qual é a sua posição, *Esplendor*? — perguntou Vaughn.

Houve uma longa pausa, e o sorriso de Valerian apagou-se ligeiramente. Ele não queria ter que tomar a nave de Raynor à força, mas…

— Raynor para *Bucéfalo*. Mande seus rapazes tirarem esses zergs da nossa cola. Estamos chegando.

— Entendido, Sr. Raynor. — A voz de Vaughn estava calma e impassível. — Vamos interceptar assim que pudermos.

O sorriso de Valerian voltou, ainda maior. Era um dia histórico para o império Mengsk, pois a história o registraria como o dia em que o poder começou a passar do pai para o filho.

— Capitão Vaughn, vou recebê-los no hangar — disse, saindo tão rápido que sua capa vermelha se enfunou às suas costas.

Jim manteve-se a postos de armadura e rifle nas mãos junto a quatro homens enquanto o módulo de transporte lentamente pousava no hangar. Ele relembrou a última vez que esteve a bordo da *Bucéfalo*. As coisas eram muito diferentes. Na ocasião, Tychus estava junto, e ele embarcara na nau capitânia de Mengsk com a intenção de fazer justiça. Entraram pelos tubos do hangar, abrindo caminho nave adentro até encontrarem não Arcturus Mengsk, como esperavam, mas o filho do homem, Valerian. Pensando bem, desta vez não ia ser muito diferente.

Ele não se importava com o que lhe iria acontecer: estava determinado a meter um projétil na cabeça aristocrática de Valerian se o homem dissesse ou fizesse qualquer coisa de que Raynor não gostasse.

— Ele chegou, senhor — disse o piloto. Jim olhou pelo visor acoplado ao capacete e apertou os olhos.

Na tela, Valerian parecia arrogante, aristocrático, cheio de si. Mas não parecia estar planejando nada estúpido. Havia alguns guardas, mas não mais que o esperado, e nenhum deles parecia estar interessado em entrar

num combate.

Os segundos passavam. Valerian olhou para o módulo, parecendo encarar Jim diretamente; ele cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha.

— Sr. Raynor, não lhe dei motivo algum para desconfiar de mim. Fui sincero quando falei das minhas intenções, e pode acreditar em mim quando digo que o tratamento de Sarah Kerrigan é algo de importância vital para mim.

Ah, claro que Jim acreditava nisso. Mas também acreditava que Valerian seria perfeitamente capaz de matá-lo no ato e raptar Kerrigan para satisfazer seus propósitos.

Foi Sarah quem resolveu a questão. Jim ouviu um discreto gemido e estremeceu. Era aquele velho clichê: onde havia vida, havia esperança, e Sarah estava viva. Mas poderia não continuar se ele ficasse ali parado por mais tempo.

— Abra as portas — disse, e levantou o visor.

A rampa foi baixada. Valerian arregalou os olhos ligeiramente ao ver Jim e quatro Saqueadores vestindo armadura dos pés à cabeça com as armas apontadas para ele. Os soldados de Valerian, por sua vez, assumiram uma postura de alerta. Ele ergueu a mão com elegância para acalmar a situação.

— Baixem suas armas, cavalheiros. Essas não são as boas-vindas adequadas ao Sr. Raynor.

Os fuzileiros de Valerian obedeceram. Jim fez sinal para os seus homens e deu um passo à frente. Com o traje, ele ficava bem mais alto do que Valerian, mas, para fazer justiça ao rapaz, o Herdeiro Legítimo não parecia estar nem um pouco intimidado.

— Meus parabéns, Sr. Raynor. Onde está a estrela do dia?

Ela estava descendo a rampa do módulo de transporte em uma maca naquele exato instante. Rolfsen estava empurrando, enquanto Preston segurava o soro intravenoso numa posição mais alta. Sarah estava inconsciente. Sua cabeça balançava de um lado para o outro, deixando Jim extremamente apreensivo.

— Aí está ela — sussurrou Valerian, andando na direção de Kerrigan.

Seus olhos estavam fixos na figura abatida que mal respirava.

— Espantoso, simplesmente espantoso — prosseguiu, meneando a cabeça. — Ela parece de fato humana… a não ser pelo cabelo. — Valerian esticou a mão para tocar uma das estranhas protuberâncias.

A luva metálica de Jim agiu depressa e segurou firme — mas não o suficiente para machucar — o braço do Herdeiro Legítimo. No mesmo instante, ouviu-se o clangor dos rifles sendo apontados pelos soldados dos dois lados.

— Ela não é um troféu — disse Jim secamente.

— Não falei isso. — Valerian estava incrivelmente calmo, mas seu olhar cinzento alternou de forma expressiva entre seu próprio braço preso e o rosto de Jim. Uma tempestade estava se formando nas profundezas daquela tranquilidade. — Me solte, Sr. Raynor.

Jim fez o que ele pediu.

— Ela está doente — disse ele. — Minha médica disse que precisa de cuidados. Agora.

— E ela terá — respondeu Valerian. Havia um tom contundente em sua voz. Ao seu sinal, vários homens de jaleco branco se apresentaram e pegaram a maca com uma convincente demonstração de gentileza. — Vamos cuidar dela aqui da melhor forma que pudermos, depois vamos transferi-la para uma das instalações da Fundação Moebius. Temos um laboratório completo lá. Como você sabe, nosso Dr. Emil Narud é especialista em fisiologia zerg, talvez *o* especialista. Vamos poder fazer todo tipo de testes…

— Ela também não é cobaia de laboratório, cacete! — gritou Jim.

— Nós não *sabemos* o que ela é, você ainda não entendeu isso? — redarguiu Valerian, mostrando que sua paciência claramente estava se evaporando. — E, enquanto não soubermos, também não saberemos como ajudá-la! Você arriscou tudo para trazê-la de volta e agora não quer fazer o que é melhor para ela simplesmente porque não quer admitir que talvez ela não seja tão humana quanto você deseja.

Uma fúria totalmente desproporcional ao comentário invadiu Jim.

— Escute aqui, seu arrogantezinho de…

A frase foi abruptamente interrompida pela sirene ensurdecedora de um alerta vermelho.

— Ponte para o Príncipe Valerian!

— Valerian na escuta. — Ele também abandonara a discussão. — Qual é o…

Ele voltou-se para as enormes escotilhas, e a pergunta se perdeu no ar.

Dezenas de naves tinham aparecido sem aviso. Raynor estava de queixo caído diante do restante da frota da Supremacia. Valerian também olhava com a boca entreaberta.

Jim voltou a si mais rápido, virando-se para Valerian.

— Seu filho da mãe traiçoeiro! — E preparou o punho para acertar um soco bem dado no queixo do Herdeiro Legítimo da Supremacia Terrana, sem se importar com as consequências.

Para a surpresa de Jim, Valerian correu para suas costas e gritou:

— Não atire!

Raynor se virou e viu o príncipe com uma arma que tirara sabia-se lá de onde. Estava apontada para Jim, mas Valerian não atirou.

— Você acha que eu armei isso? — sibilou Valerian. Sua elegância tinha sumido, e Jim se deu conta de que, apesar de ser diferente do pai, o rapaz podia ser tão perigoso e mortal quanto ele. Toda a sua elegância se transformara em ferocidade: a elegância da selva, não das salas de reunião. — Acha que eu quero entregar você e Kerrigan para *ele*?

Não. Claro que não queria. Valerian queria ganhar reconhecimento usando os dois, e não entregando-os ao pai.

— Olá, filho. Olá, Jim — disse uma voz familiar até demais. Jim nem precisava voltar-se para a tela da parede do hangar para saber que Arcturus Mengsk estava sorrindo maliciosamente, já prevendo seu triunfo. Jim lembrou-se daquele terrível momento em que, logo antes de Tychus apontar a arma para Sarah, eles ouviram a voz de Mengsk vinda de dentro do capacete de Tychus: *"Sabe quais são as ordens, Sr. Findlay. Execute-as"*.

"Tychus… o que foi que você fez?"

"Eu fiz um pacto com o demônio, Jimmy. Ela morre… e eu fico livre."

Nesse instante, Jim repentinamente entendeu como foi que Mengsk conseguira falar com Tychus pelo intercomunicador.

O desgraçado estivera esperando ali o tempo todo.

À espreita nos limites da órbita, calculadamente evitando que fosse detectado. Mengsk deixara que o filho fizesse todo o trabalho e assumisse todos os riscos, usando Tychus para se livrar de Kerrigan e aparecendo agora para reivindicar o crédito e o prêmio.

Uma ova, pensou Jim e, para sua surpresa, viu que seus pensamentos encontravam reflexo no rosto de Valerian Mengsk.

— Você está com uma coisa que eu quero, filho — disse Arcturus, quase com tédio.

Valerian se recompôs, baixou a arma e virou-se para a tela.

— Ao vencedor, os espólios, pai — retrucou, com uma calma que espantou Raynor. — Foi você quem me ensinou isso.

— Você ainda não é o vencedor — retorquiu Arcturus. — Eu preferiria não atirar em você. Dê-me o que restou de Kerrigan ou mate você mesmo essa vagabunda. Entregue o criminoso, e vamos dar juntos as boas-novas de que a ameaça zerg foi debelada e a Supremacia está a salvo graças a nós. Todo mundo fica feliz.

Valerian meneou a cabeça loira.

— Não posso fazer isso, pai.

O sorriso malicioso adquiriu feições de sarcasmo.

— Você é mole demais, Valerian.

— Não é ser mole, pai, é ser sábio. Temos uma chance única de estudá-la. Podemos aprender coisas sobre os zergs que nos permitirão derrotá-los de uma vez por todas. Você não acredita que eles vão ficar sem comando para sempre, acredita? Quando a Supermente foi destruída, eles acabaram fazendo de Kerrigan a substituta. E vão substituí-la por outro.

Aquele pensamento aterrorizante não passara pela cabeça de Raynor. Ele olhou para a maca de Kerrigan. Quando o alerta vermelho soara, os cientistas tinham ficado estáticos, esperando ordens. Segundos preciosos

corriam enquanto pai e filho discutiam. Seu olhar encontrou-se com o de Valerian e Jim fez um sinal na direção de Kerrigan. Valerian assentiu de modo quase imperceptível, e os cientistas saíram imediatamente.

Jim queria ir com eles, porém era mais importante saber se Valerian continuaria mantendo sua posição.

— Eu já sabia tudo desse seu planinho, filho, e é perda de tempo. Kerrigan é uma cadela com raiva; precisa ser sacrificada.

Jim não conseguiu se conter.

— Assim como todo mundo que discorda de você, não é, Arcturus? É bem a sua cara mandar um condenado experiente meter bala na cabeça de uma mulher nua e indefesa.

Arcturus deu uma risada.

— Ah, Raynor, você não passa de um tolo apaixonado. Desde o dia em que saiu da barriga da mãe, Sarah Kerrigan já não era indefesa, e você sabe disso.

Então Valerian disse algo que pegou tanto Jim quanto Arcturus desprevenidos.

— Ela é mais do que um fantasma ou um zerg… Ela é a concretização de uma profecia!

Jim ficou pasmo. Como Valerian sabia disso?

Ele mesmo não teria sabido se o seu velho amigo Zeratul, prelado dos Templários das Trevas, não tivesse corrido grandes riscos para dar-lhe um cristal que revelava o encontro de Zeratul com Kerrigan.

Eles estavam voltando. Os xel'naga estavam voltando. O que Zeratul dissera, mesmo? *"Você terá a vida dela em suas mãos. E, embora a justiça exija que ela morra pelos crimes que cometeu, Sarah é a única que pode nos salvar."*

Se Zeratul acreditava nisso, Jim também iria acreditar. E parecia que Valerian também.

Arcturus Mengsk franziu o cenho.

— Que bobagem é essa que você está dizendo?

— Não estive ocioso, pai. Nos últimos anos, aprendi muitas coisas. Os protoss são uma raça ancestral e acreditam que seus criadores, os xel'naga, os mesmos seres que confeccionaram esses artefatos que eu

estive coletando e transformaram Kerrigan novamente em humana, estão voltando. E parece que Sarah Kerrigan pode ser a nossa única esperança quando isso acontecer.

— E você acredita nisso? — A voz de Arcturus Mengsk era um misto de incredulidade e desprezo.

— Não importa se eu acredito ou não. A profecia existe e é importante. É importante demais para nós agirmos impulsivamente antes de sabermos mais. Podemos estar selando nosso destino se matarmos Kerrigan agora.

— O único destino que me interessa é o que eu crio, garoto. E também devia ser o único pelo qual você se interessa. Caso não tenha percebido, somos humanos (não protoss, nem zergs) e tudo o que aqueles místicos de pele encaroçada disseram provavelmente não passa de poeira cósmica e fantasia, e não são fatos concretos. Agora, seja um bom filho. Mate essa aberração, essa mulher que é a pior inimiga do seu pai, sem falar da humanidade inteira. Ou entregue-a a mim, e deixe o papai fazer o trabalho sujo.

— Valerian, você não pode…

Valerian ergueu a mão, silenciando Raynor. Ele desviou o olhar por um instante, depois voltou a fitar Arcturus.

— Não, pai. Não posso e não vou obedecer a uma ordem que eu considero insensata e potencialmente devastadora.

— Insensato e potencialmente devastador é salvar alguém que cometeu assassinato em massa! Estamos falando de bilhões de mortos, Valerian! Você está escolhendo ficar do lado da cadela zerg e do traidor Raynor em vez de apoiar o seu próprio *pai*?

— O que eu escolho — respondeu Valerian, erguendo a voz cada vez mais — é não sacrificar esse setor em função da imprudência e da vingança pessoal do meu pai. E nós dois sabemos que é disso que se trata. Não estou perdoando o que ela fez… estou querendo que você reconheça o que *você* fez. — Ele deu um passo à frente, cerrando os punhos. — Você ainda pode escolher ficar do meu lado, pai. Esqueça sua vingança. Veja com os olhos de um verdadeiro líder tudo o que está em

jogo aqui… tudo o que você está colocando em risco com suas motivações egoístas! — Ele forçou-se a abrir as mãos e estendeu uma delas, em súplica. — Vamos estudar a profecia juntos e nos preparar para a chegada dos xel'naga, caso ela se concretize!

Mesmo na tela, via-se que os olhos do imperador pareciam estar mais frios e implacáveis do que nunca.

— Se você não vai entregá-la a mim — respondeu Arcturus num tom baixo —, pode ter certeza de que eu vou tomá-la à força. Não vou deixar que ninguém, nem mesmo você, fique no meu caminho.

A imagem desapareceu. Valerian ficou imóvel mais um instante, então lentamente baixou a mão.

— Valerian… — disse Jim.

A cabeça dourada do príncipe se virou.

— Vá para a enfermaria. É onde você deveria estar. O que quer que Kerrigan tenha feito… pelo amor de tudo o que há de mais sagrado, belo e verdadeiro, cuide dela, Jim.

E naquele momento, a *Bucéfalo*, nau capitânia da Supremacia, que levava o Herdeiro Legítimo, foi atacada pelo seu próprio imperador.

CAPÍTULO QUATRO

Matt Horner ponderava sombriamente, estirado em sua cadeira: *Eu sabia. Eu sabia que esse dia chegaria*.

O dia em que Arcturus Mengsk encontraria o grupo "terrorista" conhecido como Saqueadores de Raynor e faria a embarcação que fora sua nau capitânia sofrer toda a fúria da Supremacia.

Com o calmo equilíbrio que era parte arraigada de sua natureza, Matt percebeu imediatamente que apenas *metade* da frota da Supremacia avançava em direção a eles. A outra metade — originalmente vinte e cinco, e agora um total de quatorze cruzadores de batalha e seus contingentes de Miragens, módulos de transporte etc. — estava sob o controle do outro Mengsk, e disparando contra as naves do pai. Valerian conectara a *Hipérion* ao canal de comunicação em que Mengsk pai conversava com o filho, de forma que Matt sabia qual Mengsk ele deveria atacar. Seu amigo e comandante James Raynor também permanecia a bordo da *Bucéfalo*.

De todo modo, aquela situação não era nem um pouco agradável, e Matt não tinha certeza de que conseguiriam escapar dessa vez. O imperador parecia bastante capaz de abrir mão do amor pela família quando seus desejos eram frustrados, e agora ele atacava

implacavelmente as embarcações que estavam sob o comando do filho.

Até o momento, aquela era a única vantagem, se é que poderia ser chamada assim. A tela estava tomada por imagens do horrendo planeta vermelho-alaranjado Char e de terríveis explosões de fogo conforme as naves eram atingidas. Era uma guerra de titãs, uma briga de cruzadores de batalha; certamente haveria uma grande carnificina. Os grandiosos cruzadores se moviam mais lentamente que os Miragens, alvejando e sendo alvejadas, e o espetáculo era horrivelmente impressionante.

— E eu pensava que os zergs seriam nossa maior preocupação — murmurou Matt para si mesmo. Então, disse mais alto: — Foque a imagem na *Bucéfalo*.

— Pronto, senhor — respondeu Marcus Cade, o navegador.

A imagem na tela mudou e o cruzador de batalha classe *Górgona* apareceu. A nave já sofrera alguns danos, mas estava batendo tanto quanto apanhava. Matt sabia que, sendo a nau capitânia da frota de Mengsk, o cruzador tinha as defesas e o arsenal mais avançado, e era a maior nave que a humanidade jamais vira. Enquanto Horner observava, a *Bucéfalo* atirava com o canhão Yamato. A pequena e concentrada explosão nuclear atingiu o alvo com resultados devastadores. O cruzador de batalha classe *Beemote*, mais antigo e não tão bem equipado, não teve a menor chance. Uma bola de fogo brotou em seu casco, a nave desacelerou e começou a flutuar à deriva. Ela e as seis mil pessoas que a ocupavam não mais representavam uma ameaça.

Entretanto, outras duas naves classe *Minotauro* acercavam-se deles. Enquanto a *Hipérion* se aproximava, Horner viu um campo verde envolver a *Bucéfalo*. O cruzador estava ativando a matriz de defesa e, com alguma sorte, suportaria até o momento em que a *Hipérion* estivesse dentro do alcance de tiro.

Houve um borrão repentino do lado de fora.

Zergs.

As mutaliscas moviam-se desorganizadamente, mas continuavam ferozes como nunca, e Matt deu ordem para atirar. Cada segundo que perdiam estourando os zergs, que mergulhavam em ataques suicidas, era

mais um segundo de perigo para a nave que abrigava Jim e outros Saqueadores.

— Destruam os zergs, cada um deles que entrar em nossa linha de fogo — ordenou Matt. — E mantenham a *Bucéfalo* sob observação em outra tela. Nós vamos... — Ele hesitou. — Suspenda essa ordem.

— Senhor? — perguntou Marcus Cade.

— Atirem na direção dos zergs, mas não atirem *neles*. Façam com que sua atenção esteja focada exclusivamente na *Hipérion*. Afastem-nos das naves da Supremacia e façam com que nos persigam.

Cade ficou confuso, mas obedeceu.

— Mais duas naves da frota de Valerian estão se movendo para uma interceptação. Ele só tem quatorze das vinte e cinco agora, e várias delas estão em condições muito ruins.

— Entendido — disse Matt. — Vamos continuar seguindo na direção deles.

Com um bando de zergs enfurecidos em nossa cola, pensou, e se permitiu um sorriso discreto.

A *Bucéfalo* sacudiu levemente ao sofrer os ataques vindos do lado de fora. Jim não perdeu tempo se preocupando. Não havia nada que pudesse fazer por sua nave ou pela de Valerian. Eles sairiam — ou não — daquela enrascada sem sua ajuda.

Mas havia uma pessoa que ele poderia ajudar. Talvez.

A enfermaria da *Bucéfalo* se assemelhava à da *Hipérion*, mas parecia superior aos olhos destreinados de Jim. Era grande, quase cavernosa, e sua frieza sugeria eficiência asséptica.

Finalmente, Sarah estava em uma cama hospitalar adequada. Diversos tubos estavam conectados às suas veias e um painel acima de sua cabeça exibia informações em caracteres eletrônicos dourados. Jim podia ler as palavras, mas a maioria delas estava além de sua compreensão. Os três médicos e o cientista, entretanto, pareciam dar enorme importância às leituras.

Jim, agora sem o traje, estava em uma cadeira ao lado de Sarah. Ele

tomou a mão dela nas suas.

— Eu sei que esses caras parecem assustadores — sussurrou ele —, mas você está segura agora. Todos aqui vão tentar te ajudar. E, se eles fracassarem, eu mesmo chutarei eles pra fora por uma escotilha.

Por um longo momento, ele pensou que ela ainda estava adormecida. Então, seus olhos tremeram, se abriram e Sarah piscou algumas vezes. Ela olhou ao redor e seus olhos encontraram os de Jim.

— ... Jim?

— Estou aqui, amor — disse ele, sorrindo.

Sarah também começou a sorrir, mas então Jim adivinhou, pela expressão dela, que as lembranças do que ocorrera tinham retornado. O sorriso congelou e tornou-se uma careta. Ela fechou os olhos e se virou para o outro lado.

— O que quer que você tenha feito — murmurou ela —, queria que não tivesse.

Jim tomou fôlego por um instante, mas manteve a voz calma.

— Você não quer isso realmente — falou. — Deixe que façam o trabalho deles. Não se preocupe.

— Não me *preocupar*? — Sarah voltou a cabeça e o fitou fixamente. Seus lábios se crisparam e sua voz se elevou na última palavra. Aquele tom fez os médicos esquecerem os números que pareciam fasciná-los e voltarem os olhos para a paciente. — Como você pode dizer isso? Jim, eu sei o que eu fiz. Eu me lembro. Bilhões de mortos... por *minha* causa!

— Não foi você — asseverou Jim. — Foi a Rainha das Lâminas. Foi aquilo no que eles transformaram você. Mas você voltou a ser a Sarah de sempre. E nós estamos juntos agora. Então não fale mais nada, meu bem.

Ele evitara tocar os estranhos tentáculos que adornavam a cabeça de Sarah em vez de cabelos. Todo o resto era tão humano, tão como a mulher de quem se lembrava, mas aquilo... Agora ele os tocava, entretanto, mantendo os dedos entrelaçados aos dela enquanto esticava a outra mão e acariciava gentilmente as protuberâncias espinhosas. Ele se preparou para o contato. Para sua surpresa, elas eram cálidas ao toque, como pele. Como a pele de Sarah. E quaisquer incertezas que ele ainda

pudesse ter quanto a amá-la — incertezas que ele reprimira tão profundamente que não se dera conta delas até então — esvaíram-se como um sonho ruim.

Mas o toque não a reconfortou. Ela virou a cabeça, tentando se afastar. Jim respeitou o desejo de Sarah e retirou a mão.

— Não importa. Sarah Kerrigan, Rainha das Lâminas... você não entende — murmurou. — Talvez você nunca seja capaz de entender. Eu sempre destruí as coisas ao meu redor. Tudo o que eu toco, tudo com que me importo... foi por isso que me escolheram, Jim. *Justamente* porque eu destruo as coisas ao meu redor.

Ela cerrou os olhos e adormeceu. Jim recostou-se na cadeira, tentando compreender o que ela falara. Quanto daquilo era real e quanto era apenas uma expressão da dor que sentia?

A despeito do que ele dissera — do que ele teimava em dizer a si mesmo —, a dúvida persistia: quanto do massacre de bilhões de pessoas fora obra da Rainha das Lâminas... e quanto fora de Sarah Kerrigan?

Era a coisa mais bonita do mundo, *do mundo inteiro*. Sarah a capturara e estava indo mostrar para a mamãe e o papai.

As pequenas pernas da menina a impulsionavam pelos campos de flores amarelas, cujas corolas se voltavam para o Sol. Ela tinha a coisa mais bela do mundo em suas mãos. Sarah podia senti-la adejar; ela estava assustada, mas Sarah a libertaria depois que a tivesse mostrado a seus pais.

— Sarah Louise Kerrigan!

Os passos de Sarah desaceleraram. Tardiamente, ao fitar os pais no alpendre (papai conferia o relógio de bolso e mamãe franzia a cara), lembrou-se de que iriam à cidade naquele dia.

— Desculpa. Eu me esqueci — falou. Seu amplo sorriso voltou enquanto estendia as mãos ainda juntas. — Mas olha o que eu...

— Olhe o seu cabelo! — vociferou a mãe, exasperada. Ela começou a arrancar as pétalas de flor dos cabelos ruivos de Sarah na tentativa de transformar aquela crina selvagem em um rabo de cavalo apresentável.

— Quando é que você vai tomar jeito? Está coberta de imundícies e não temos tempo para te lavar, temos?

— Bom — disse o papai —, vocês duas têm que se apressar.

— Eu queria uma menina comportada, que gostasse de manter uma boa aparência! Em vez dessa...

As palavras doíam, mas Sarah já as ouvira antes. Tudo estava bem. Mamãe ficaria tão atônita e admirada quanto Sarah ao ver o que ela encontrara. A voz de sua mãe esvaneceu, tornando-se um zumbido zangado, e Sarah abriu as mãos, expectante.

Estava morta. A coisa mais bela no mundo estava morta.

E Sarah a matara.

— Ah, veja o que você fez, Sarah! Você esmagou o bicho e sujou as mãos...

Sarah gritou.

Ela gritou, furiosa por causa das palavras da mãe. Ela gritou, horrorizada com a morte, causada literalmente por suas próprias mãozinhas, e pela culpa, pois sussurrara promessas de segurança à frágil criatura.

Havia vermelho por toda parte.

Quente e úmido, espirrando em seu rosto, nas tábuas do alpendre, na cadeira de balanço; o sangue se movia devagar demais para ser real e de forma onírica demais para ser tão terrível.

Vagamente, Sarah ouvia o pai gritar de maneira incoerente, mas era como tentar escutar quando se está debaixo d'água — um som surdo e indistinto e distante, bem distante. Ela estava paralisada pela visão da cabeça de sua mãe — bem, o lugar onde a cabeça da mãe costumava ficar. Pois não havia mais nada lá além de parte de uma mandíbula e pedacinhos de ossos, sangue e cérebro.

O corpo desmoronou como uma marionete cujos fios fossem cortados repentinamente. E, com impiedosa brusquidão, o estranho estado de sonho se esvaiu e tudo entrou em foco nítido e brutal. Sarah compreendeu o que seu pai não cessava de gritar.

— A cabeça dela foi arrancada... a cabeça dela foi arrancada...!

— O que cacete está acontecendo com ela? — gritou Jim.

Sarah ficara rígida como uma prancha. Seus olhos verdes arregalaram-se fitando algo que Jim não podia ver, mas o horror neles o dilacerava. O Dr. Frederick se aproximou, pálido de preocupação, e averiguou o estado de Sarah.

— Era pra ela estar bem. Ela não teve reação adversa aos medicamentos... — Frederick só faltou dizer "eu não sei", mas não havia necessidade.

Sarah arquejou bruscamente e começou a se debater. Jim não gostara da ideia de mantê-la presa à cama, mas, naquele momento, ficou aliviado por não haverem dado atenção aos seus protestos. Sarah foi impedida não apenas de machucar outras pessoas, mas também a si mesma.

Valerian se postava de pé na ponte de comando. Ele tinha os punhos cerrados e os olhos cinzentos estavam duros como novoaço enquanto assistia ao desenrolar da batalha.

Ele pensava que deveria ter previsto aquilo. Valerian não imaginara estar iludido por ideais quanto à natureza de Arcturus, mas aparentemente o filho não esperara que o pai fosse tão longe. Havia entre quatro e seis mil pessoas a bordo de cada cruzador de batalha. As vidas dos outros nada significavam para seu pai.

Nem mesmo a de seu filho.

As coisas não iam bem. Quatro dos quatorze cruzadores de batalha restantes de Valerian — *Eneias*, *Anfitrite*, *Métis* e *Meléagro* — flutuavam inertes no espaço. As outras naves estavam severamente danificadas. Destroços do tamanho de subúrbios giravam e flutuavam, interferindo nos ataques. Por vezes, um repentino e penetrante fulgor eclodia quando escombros se aproximavam da atmosfera e pegavam fogo. Os outros dez cruzadores de batalha prosseguiam com o ataque e uma das naves de Arcturus foi eliminada por uma investida bem coordenada de *Antígona* e *Eos*. As naves flanquearam o inimigo e, apesar dos valentes esforços, o cruzador de batalha fora destruído. Valerian agradeceu em silêncio aos homens e às mulheres a bordo de todas as suas naves por não terem

fugido em segurança para o lado do inimigo. Poucos os teriam culpado — Valerian com certeza não os culparia.

Ele fora um tolo por não ter se preparado para aquela contingência. Arcturus outrora dissera: "*Você ainda tem muito a aprender*". E o desgraçado estava certo.

— Senhor, a *Hipérion* está se aproximando de nós — disse o Capitão Everett Vaughn. Jovem, porém já grisalho, ele se saíra surpreendentemente bem com os acontecimentos dos últimos dias em seu primeiro comando. — Eu acabei de receber uma mensagem do Capitão Horner. Ele diz... — Vaughn pareceu ligeiramente confuso. — Ele diz para termos cuidado com cães vira-latas.

— O quê?

A *Hipérion* entrou vagarosamente no campo de visão e, então, Valerian compreendeu. Um lento sorriso lhe cruzou os lábios e ele recordou uma passagem de um dramaturgo cujos trabalhos eram ainda mais antigos que a ópera que ele escutara antes: *"Grite 'Massacre!' e solte os cães da guerra."*

A *Hipérion* estava coberta de zergs.

Alguns a atacavam diretamente; outros voavam fervorosamente em seu rastro. Eles zumbiam como abelhas, porém tinham ainda menos consciência que elas. E a *Hipérion* estava em rota de colisão com a *Estrela Branca* — a nave que transportava Arcturus Mengsk.

— Eles... eles não vão tentar bater nela, vão? — perguntou Vaughn.

Valerian meneou a cabeça, incapaz de responder. Raynor e seus Saqueadores eram completamente imprevisíveis. O príncipe não acreditava que o jovem rapaz que capitaneava a *Hipérion* estivesse disposto a destruir tudo e todos a bordo por causa de Raynor e Kerrigan — mas ele não podia ter certeza. E aquele elemento caótico dava aos Saqueadores uma enorme vantagem.

Pois, se Valerian não sabia o que Horner faria, então Arcturus certamente não o saberia também.

As duas poderosas naves, a *Hipérion* e a *Estrela Branca*, aproximavam-se uma da outra. Valerian franziu o cenho. A *Hipérion* fora remendada e

turbinada até onde fora possível, e assim poderia — ao menos teoricamente — aguentar, por algum tempo, os ataques da rival mais nova, a *Estrela Branca*. Ainda assim, era a que tinha mais a perder. Ele estava contente por Raynor não assistir àquilo; de alguma forma, Valerian não achava que ele, mesmo sendo o fora da lei que era e odiando Arcturus Mengsk como odiava, seria capaz de explodir sua própria nave e todos a bordo dela em um ataque que poderia até mesmo não funcionar.

— Senhor, eles com certeza estão em rota de interceptação — disse Vaughn.

— Isso eu posso ver, Capitão, obrigado — respondeu Valerian friamente, incapaz de desviar os olhos do desastre iminente.

A investida da *Estrela Branca* à *Hipérion* foi violenta. Miragens mergulhavam como um enxame de marimbondos furiosos metralhando tudo em seu caminho. A *Estrela Branca* disparou o canhão Yamato, e Valerian estreitou os olhos, ofuscado pelo clarão. Mas a sorte estava com *Hipérion*; a nave estava em manobra quando o canhão disparou e o golpe a atingiu de raspão. Ainda assim, o estrago foi grande. Estranhamente, a *Hipérion* não contra-atacou; apenas prosseguiu.

— Suicídio — murmurou Valerian. Mas... aquilo não fazia sentido...

Então ele deu uma gargalhada sonora que denotava deleite e admiração. Pois, embora a *Hipérion* tivesse de fato sofrido os danos de um disparo de raspão, o ataque também servira para enfurecer os zergs. *Todos* os zergs — dúzias, naquele momento — começaram a mergulhar em direção à *Estrela Branca*.

— *Hipérion* chamando *Bucéfalo*... prossigam para espaço livre, coordenadas quatro um sete, marco oito.

— Aqui é Valerian — disse ele, antecipando a resposta padrão. — Notificarei minha frota. — Ele se voltou para Vaughn. — Você ouviu o cavalheiro. Encaminhe a mensagem e certifique-se de usar o nível três de encriptação. Não quero correr o risco de meu pai saber.

— Sim, senhor.

Valerian voltou a atenção para a batalha encarniçada. As naves

pareciam estar à distância do toque e ele sentiu a *Bucéfalo* sacudir ao ser atingida.

— Recebemos confirmação, senhor. *Eos*, *Pátroclo*, *Héracles* e *Antígona* relatam diferentes graus de avaria, mas se esforçarão para chegar ao local. O restante da frota perdeu os motores, estão todos parados.

Valerian meneou a cabeça. Ele não estava surpreso, considerando o que Arcturus estava fazendo. Mas seu pai iria se arrepender por cada vida perdida. Aquilo não deveria ter acontecido. Tudo ia tão bem... mas aquela era uma lição que ele aprendera bem cedo. As coisas podem mudar em questão de segundos, e raramente para melhor. Tratava-se, então, de uma guerra entre pai e filho, e milhares de pessoas seriam pegas no fogo cruzado. Tal era a natureza da situação.

Os zergs ainda atacavam a *Estrela Branca*, indiferentes a quantos estavam morrendo, e Valerian e seus soldados ganhavam precioso tempo. A *Bucéfalo* e suas outras naves começaram a girar lentamente, seguindo para as coordenadas que Horner lhes dera. Mas iam devagar demais... Valerian cerrou a mandíbula quando viu uma rajada forte quase atingir a *Eos*.

Quatro. De vinte e cinco... Bem, então seriam quatro. Ele sabia que o piloto estava manobrando a *Bucéfalo*, bastante danificada, à velocidade máxima, mas séculos pareceram se passar até que Valerian pudesse começar a ver estrelas e o espaço livre nos visores em vez de Char, zergs e explosões. À frente, a *Hipérion* esperava por eles, bastante danificada, mas inabalável.

— *Bucéfalo*, onde estão vocês? — inquiriu a voz de Horner.

— Estamos a caminho. Quatro outros cruzadores estão vindo conosco.

— Acho bom eles chegarem logo. Não temos tempo a perder. Parece que sua ausência foi notada.

— Mostre a retaguarda — vociferou Valerian, fixando o olhar no visor. Como era de se esperar, várias das naves de seu pai também começavam a se virar para iniciar a perseguição. Valerian viu suas quatro embarcações tentando segui-lo. Enquanto isso, a frota do imperador

abriu fogo e a *Eos*, já danificada, parou bruscamente e ficou à deriva.

Três.

— Vamos lá... — murmurou Valerian. Ele sentiu suor porejando na testa e censurou-se. Orgulhava-se de sua conduta estável e controlada, mas nunca antes estivera naquela situação.

— Senhor, estamos recebendo uma mensagem da *Estrela Branca* — relatou Vaughn.

Aquilo surpreendeu Valerian. Por um instante, ele cogitou ignorar o pai. O príncipe não estava disposto a aturar mais ameaças ou impropérios. Mas e se Arcturus tivesse mudado seus planos?

Improvável. Sinceramente, impossível. Mas Valerian nunca teria certeza, a não ser que ouvisse.

— Senhor?

— Ponha-o na linha — disse Valerian, e se aproximou do console, satisfeito por sua voz não refletir a agitação que sentia.

A imagem do pai apareceu diante dele.

— Como você é meu filho, e pelo menos até hoje, meu herdeiro, farei algo que nunca fiz por alguém contra quem lutei. Eu engolirei meu orgulho.

Um raio de esperança mesclada a alegria e medo passou por Valerian feito um jorro de adrenalina. *Será possível?*

— Pedirei pela última vez que reconsidere. Você está com o inimigo em sua nave, rapaz. Podemos matá-los juntos. Eu até dividirei o crédito com você. Eu prometo. Não jogue fora sua vida e as de sua tripulação em prol de uma empreitada inútil...

Não. Valerian estava certo em seu primeiro impulso.

Ele respondeu com o coração pesado, melancólico e resignado.

— Você já matou milhares de pessoas, pai. O mínimo que posso fazer por aqueles que perderam suas vidas me defendendo é lutar por aquilo em que acredito. E, se há algo em que eu *não* acredito... é em você e suas *promessas*.

Ele desligou o console com força e a imagem desapareceu. Uma luz começou a piscar quase imediatamente, indicando que Arcturus queria

dar a última palavra, mas Valerian já ouvira o bastante.

Atrás dele, a *Estrela Branca*, depois de ter se livrado da maioria dos zergs, rodeava-os lentamente para disparar contra uma das naves que seguia a *Bucéfalo*. Ela atingiu a *Pátroclo* em cheio, fazendo brotar mais morte vermelho-alaranjada.

Dois cruzadores de batalha, então.

Dois dos vinte e cinco que acompanharam Valerian conseguiriam saltar com ele. Os capitães das naves incapacitadas que foram deixadas para trás poderiam ou não se render a Arcturus; o imperador poderia ou não aceitar a rendição. De todo modo, a situação já não estava mais nas mãos de Valerian. O príncipe tomara sua decisão e, a despeito das perdas que se multiplicavam a cada segundo, tinha certeza de que fizera a escolha certa. Na enfermaria, ele tinha Sarah Kerrigan — chave para a profecia sobre o retorno dos xel'nagas. Ele não poderia colocar isso em risco — e não o faria.

— Senhor, a *Estrela Branca* está entrando em linha de tiro — disse Vaughn.

— Prossiga com a transdobra — respondeu Valerian.

CAPÍTULO CINCO

Eles vieram; tantos, incontáveis, e todos se lançavam em sua direção. Ela sentiu o bafo quente e a baba em seu rosto, viu fileiras de dentes e o tremular de membros afiados. Ela lutara até sua arma descarregar; foi quando percebeu que nenhuma equipe de resgate estava a caminho, que não receberia qualquer tipo de ajuda. Ela esperava a morte e, em vez disso...

Escuridão... prisão, incapacidade de seguir em direção à liberdade. Mas algo se movia. Dentro de seu corpo, ossos e músculos e tendões se enrolavam, contorciam, se reconstituíam... era pura agonia. Outras mentes tangeram seus pensamentos enquanto ela era reconstruída.

Poder. Tanta força, tantas vidas atreladas à dela, tanto amor...

Amor...

Ela conhecera o amor antes que eles se unissem a ela. Experimentara-o como a simples humana que fora, deitada tranquilamente nos braços de um homem forte, porém gentil, desgastado pelo tempo e com o rosto malcuidado.

James Raynor. Delegado, fora da lei, pai, viúvo. Amante.

Jim...

O breve cessar da dor se esvaiu. Imagens de carnificinas tomaram seu

lugar. De incontáveis zergs enxameando por incontáveis planetas, infestando qualquer ser vivo em seu caminho, inclusive ela, inclusive...

Ela podia sentir as asas ósseas se flexionando e esticando, cada extremidade afiada como uma adaga. Sua cabeça pendia, adornada não com fios de cabelo, mas com algo mais pesado, e que se movia por vontade própria. Seus olhos podiam enxergar mais longe que jamais antes enxergaram; sua mente se abrira...

... *fora esticada*...

... para acomodar muito *mais* do que ela fora capaz de processar, mesmo com seu treinamento de fantasma. Para saber, sentir e usar um poder inimaginável.

Para matar vidas inumeráveis.

Quantas?

Mares de rostos. Mas um deles se gravara em seu cérebro. Kerrigan nunca a conhecera, mas a vira morrer através dos olhos de seus zergs.

Ela assistira a uma mãe em prantos lutar para salvar a filha de uma tragédia inevitável...

Sim, Sarah matara antes. Mas, a cada vez que tirava a vida de uma pessoa, perdia também uma parte de si. Ela se lembrou de ter feito uma dança da morte, que o jornalista Mike Liberty fora obrigado a presenciar. Aparecendo e desaparecendo, empalando aqui, quebrando um pescoço mais adiante, disparando com sua arma, parecendo estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Rostos destruídos, troncos dilacerados. Ela deixara um rastro de morte como se fossem migalhas de pão para Liberty seguir. E, finalmente, ele a encontrara ajoelhada de exaustão.

— Waffles — murmurou.

— O que foi, querida? Está ficando com fome?

Uma voz do passado. Uma voz que, outrora, dissera palavras doces e que ameaçara matá-la em outra ocasião. Tinha que ser do passado, pois ele não poderia estar ali naquele momento...

Waffles. Um dos técnicos que foram mortos durante aquela *danse macabre* morrera desejando ter comido os waffles oferecidos no desjejum daquela manhã.

Eu sou uma destruidora das coisas ao meu redor.

De repente, os corpos se elevaram e suas faces estavam apodrecendo ou ensanguentadas ou desfiguradas. Não eram apenas os corpos daquele dia, mas de todos os dias em que ela matara, enquanto humana e enquanto Rainha das Lâminas. Todos os homens, mulheres e crianças que pereceram desde o momento em que ela se tornou uma agente fantasma e depois a rainha dos zergs — a *mãe* dos zergs — levantavam mãos cobertas de sangue para ela; alguns imploravam para que ela devolvesse aquilo que lhes arrancara, outros queriam se vingar por vidas que terminaram cedo demais.

Eles compunham um mar de carne retalhada e sangrenta. Ela observava aturdida enquanto eles inundavam seu campo visual e o espaço além. Dezenas... centenas... milhares... milhões... bilhões...

... e duas — mãe e filha...

Seus gritos de agonia e fúria e medo encheram sua garganta e Sarah Kerrigan deu voz a todos eles.

Os gritos fizeram o cabelo de Jim se eriçar. O belo rosto de Sarah estava contorcido em um ricto de puro terror e tormento, sua boca escancarada e todos os sons de tristeza e fúria transbordando dela.

— Sarah! — gritou Jim, e então a segurou pelos ombros e a sacudiu, primeiro gentilmente, depois com mais firmeza. — Você está salva! Está tudo bem!

Os gritos se transformaram em lamúrias, depois em um soluçar leve tão perdido e desesperador que Jim sentiu que começava a chorar.

— Fale com ela — vociferou Frederick. — Suas ondas cerebrais indicam que ela pode nos ouvir; ela simplesmente não está deixando que nada disso chegue até ela.

Jim contemplou a mulher deitada na cama e fez uma prece em silêncio a qualquer divindade, real ou imaginária, que pudesse estar ouvindo.

— Sarah, meu bem, você se lembra do quanto me odiava quando nos conhecemos?

Mais soluços. Não havia sinais de que ela o compreendera. Jim voltou os olhos para o médico, que acenou para que ele continuasse.

— Você era uma coisa de louco, meu bem. Estava linda. E meus pensamentos me traíram naquela ocasião, não foi?

2500

Antiga Prime. Não era o primeiro mundo a que Sarah Kerrigan, antiga agente fantasma e atual segunda em comando do grupo rebelde liderado por Arcturus Mengsk, fora designada; tampouco era provável que fosse o último. O planeta em si era pior que alguns, melhor que outros. Árido, seco, amarronzado. Sabia-se que seus habitantes não simpatizavam muito com a Confederação dos Humanos. Mengsk acreditava que, com um pouco de incentivo, eles se insurgiriam novamente e tomariam seu mundo das garras da tirana Confederação, reivindicando-o para si. E para seu libertador, Arcturus Mengsk, é claro.

Então, Sarah fora enviada para assegurar que tudo estava se encaminhando para a derrubada do poder. Sua missão de reconhecimento gerou bons frutos. As informações iniciais revelaram que o problema principal era causado por um destacamento da Confederação. Era um Esquadrão Alfa, mas ainda assim era um único destacamento. Não tardou até Kerrigan descobrir que o General Edmund Duke, comandante do Esquadrão Alfa e do cruzador de batalha *Norad II*, não se encontrava em parte alguma.

Mengsk parecera satisfeito com o relatório e lhe dissera para aguardar em breve a chegada de um módulo de transporte comandado pelo "garoto novo", antigo delegado e atual capitão James Raynor.

Ela chegara ao ponto de encontro e observou os passageiros saindo do módulo de transporte. Mike Liberty ainda se movia desajeitadamente na armadura e eles começaram a estabelecer o perímetro. Ela decidiu permanecer camuflada, pois queria formar sua própria opinião sobre o

tal Raynor. Parte de seu treinamento incluía avaliar o inimigo e, naqueles tempos, todos poderiam ser um inimigo em potencial — até mesmo os que alegavam estar trabalhando para Mengsk.

Raynor era alto, robusto, porém sem músculos em demasia, e seus olhos negros eram rodeados por rugas profundas. Ele conversava amistosamente com os outros e dava tapinhas nas costas de um deles. Sim, ela pensou. *Ele aparenta ser exatamente o que era até então — um delegado em um planeta no meio do nada*. Mas havia algo a seu respeito... a linha do queixo, a agudeza em seus olhos. James Raynor podia ser de um mundo no meio do nada, mas não era um bronco.

Satisfeita com sua avaliação e ciente de que cada segundo contava, Sarah avançou, removeu seu capacete para refrescar a cabeça e desativou a camuflagem.

Liberty soltou um sorriso irônico ao reconhecê-la, mas ela estava sem tempo para amenidades. Ela se encaminhou até Raynor e o saudou.

— Capitão Raynor — começou. Ele se virou e levantou uma sobrancelha. — Terminei de patrulhar a área e...

Ela estava acostumada ao fato de homens a considerarem atraente. Sarah geralmente respondia com o equivalente telepático de um revirar de olhos e prosseguia com a conversa. Mas aquele homem... as coisas que ele queria fazer com ela... Imagens das mãos dele sobre ela, de seus lábios apertando os dela, as pernas dela entrelaçando-o...

— Seu *porco*!

As imagens na cabeça dele eram fortes, vívidas e... atraentes. Ela se surpreendeu com sua própria reação e transformou-a em raiva.

Os olhos de Jim se arregalaram.

— Hein?! Eu ainda nem tinha falado nada!

Sarah lhe deu crédito por não negar, mas estava furiosa demais para admitir. Além do mais, por que deveria? Ele *era* um porco!

— Sim, mas você estava *pensando* — retrucou. Ela se perguntou por que se sentia tão ofendida. Jim não era o primeiro homem a imaginar aquelas coisas. Em sua primeira impressão, Sarah pensou que ele possuía uma essência de bondade e decência. Claramente, ela se enganara. Ele

era como todos os outros.

Um porco.

— Ah, sim, você é telepata — disse ele, dando à palavra... um certo tom indefinido. Havia muitas emoções povoando sua mente e ela não quis tentar decifrá-las. Pelo menos, ele teve a elegância de parecer envergonhado. — Olha, vamos direto ao que nos traz aqui, ok?

— Certo. — Ela respondeu friamente, ainda se perguntando por que estava tão irritada. Como tinha prática, ela se recuperou rapidamente, embora ainda incomodada, e informou Liberty e Raynor sobre a situação. Quando Jim fez um comentário sarcástico sobre as habilidades de Sarah, ela quase mordeu a isca, mas controlou sua raiva. Mais importante que aquilo era o fato de que ela observara outra coisa na missão de reconhecimento: os terranos não estavam sozinhos em Antiga Prime.

— Droga! — exclamou Jim. — Confederados *e* zergs. Eles parecem estar sempre juntos. *Ok*, vamos nessa.

2504

A boca de Jim estava seca de tanto falar, de tanto descrever à atormentada Sarah o momento de suas vidas que agora parecia muito simples, quase doce. Ele sabia que a *Bucéfalo* estivera em combate; mesmo na enfermaria, resguardada no interior da nave, eles puderam sentir. Ele sentira a nave ser atingida. Tudo acontecera enquanto ele falava.

Mas Raynor estava onde ele era mais útil. Conforme falava, o corpo tenso de Kerrigan relaxou ligeiramente. Depois de algum tempo, o coração de Jim palpitou quando algo vagamente semelhante ao velho sorriso de Sarah adejou em seus lábios carnudos. A respiração de Kerrigan abrandou e o médico veio averiguar seu estado.

— Ela está dormindo — disse Frederick. — Ela não está inconsciente... apenas dormindo. — Jim soltou um suspiro de alívio e recostou-se na cadeira, sem largar da mão de Sarah. — Eu não pude

deixar de ouvir — continuou. — O que diabos você estava imaginando quando a viu?

— Onde eu fui criado, rapaz, um cavalheiro não conta esse tipo de coisa — retrucou Jim, enquanto procurava forças para mostrar um sorriso cansado ao médico. — Mas aposto que você poderia adivinhar.

Naquele instante, ouviu-se um assobio agudo.

— Sr. Raynor, aqui é Valerian. Por favor, responda.

Jim se levantou, dirigiu-se até o console e apertou um botão.

— Aqui é Raynor. Pelo visto, você e Matt se saíram bem; ou não estaríamos tendo esta conversa.

— Correto. Mas fugir da frota do meu pai custou caro. — A voz transmitia um remorso genuíno. — Eu gostaria de me encontrar com o senhor e com o Sr. Horner a bordo da *Hipérion*. Temos muito a discutir.

Clique. Claramente, aquilo não fora um pedido, e Jim estava ciente disso. Mas não era um problema para ele — provava que ele não era um prisioneiro confinado à enfermaria com Sarah. Ele não queria deixá-la, mas ela parecia estável e em boas mãos. Jim a contemplou por mais um momento, depois desviou os olhos para o médico.

— Cuide dela — disse. — Cuide *bem* dela.

Jim dera tanto para encontrá-la. Para salvá-la. Ele se voltara contra Tychus por ela. Não podia perdê-la.

Quando Raynor e Valerian adentraram a ponte de comando, Matt, que conversava com Rory Swann, o engenheiro chefe da *Hipérion*, pareceu aliviado.

— É bom revê-lo, senhor — disse Horner. Ele meneou friamente a cabeça para Valerian, por educação, e dirigiu a maior parte de sua atenção a Raynor.

— Pode falar — pediu Raynor.

Matt acatou a ordem e descreveu a batalha de forma rápida e concisa. Jim observava Valerian com atenção enquanto escutava. Valerian ainda possuía a mesma expressão familiar e tranquila, mas parecia diminuído por tudo o que sucedera. Podia-se perceber uma centelha de dor em seu

belo rosto quando Matt revelou a Raynor que apenas dois outros cruzadores de batalha além da *Bucéfalo* se salvaram. Raynor não disse nada; apenas acenou com a cabeça para demonstrar que compreendia. Mengsk era impiedoso, mas não idiota. Se precisasse das naves incapacitadas e da tripulação a bordo, então ele os pouparia. Caso contrário...

— Bem, "Júnior" — disse Jim a Valerian, aparentando mais casualidade que empatia —, você encontrou os artefatos, os reuniu e eles funcionaram. Parece que Sarah voltou a ser humana. O próximo passo era levá-la a alguma instalação da Fundação Moebius para que seus cientistas a examinem.

Valerian precisou de meio segundo a mais do que deveria para responder, e Raynor viu o quão perturbado ele realmente estava.

— Hum? Ah, sim. O Dr. Emil Narud será uma ajuda valiosíssima na atual conjuntura.

— Você sabe que temos um cientista aqui, certo? — acrescentou Horner. — Um cientista *bom*. Egon Stetmann. Pode ser que não precisemos de Narud.

As sobrancelhas douradas de Valerian se juntaram.

— Eu não conheço esse Dr. Stetmann, mas garanto que não há na galáxia alguém que entenda tão bem de fisiologia zerg como o Dr. Narud. Seria tolice não contatá-lo o mais rápido possível.

— Vejamos o que Stetmann tem a dizer antes de tomarmos uma decisão — disse Jim. Ele mexeu no controlador e o rosto ávido e anguloso de Egon apareceu. — Egon, como está o laboratório?

— Um pouco bagunçado, mas nada que não possamos arrumar — respondeu. — Qual é o plano?

— Bem, ainda estamos decidindo — confessou Jim. — Você deve ter ouvido que os artefatos dos xel'nagas funcionaram.

O semblante de Stetmann se iluminou.

— Ah, sim, ouvi! Isso é fantástico! E tão empolgante! Quando tivermos a chance de estudá-los melhor e, é claro, de conversar com a Rai... quero dizer, com Kerrigan, é claro... isso vai beneficiar tanto a

ciência que...

— É sobre isso que quero falar com você — interrompeu Jim. Se deixasse, Egon tagarelaria por horas. — Nosso plano original era levá-la à Fundação Moebius de Valerian. Mas o pai dele dificultou essa tarefa consideravelmente.

Egon franziu o cenho.

— Ah, certo... Entendo como isso pode ser um problema. É ruim.

— Você não acha que dá conta? Kerrigan é humana, mas — ele fez uma careta, pois odiava admitir — não totalmente. Ela vai precisar de cuidados, de monitoramento e de exames para que saibamos a melhor maneira de tratá-la.

O rosto de Egon desbotou visivelmente.

— Eu? — Sua voz jovial subiu um tom, como um guincho. — Senhor... eu não acho que seja uma boa ideia. Digo, eu entendo um pouco sobre os zergs, mas...

— Você entende pra caramba, Egon.

— Bem, embora isso seja verdade... bem, isso está bem fora da minha alçada. Obviamente, se não tivermos outra opção, farei o melhor que puder, mas... senhor, eu odiaria perdê-la. E não só porque o senhor viria atrás de mim mais furibundo que um zerg. Eu não sei se seria capaz de lidar com, hum, emergências que podem surgir.

Considerando que Egon tendia a exagerar um tanto as suas capacidades, Jim acreditou nele ao perceber a incerteza — e o desconforto — aparentes no jovem cientista.

Além do mais, ele estava certo. Jim *iria* atrás dele como um enxame de zergs se alguma coisa acontecesse com Sarah.

— Então acho que faremos outra visita a Narud — concluiu. Não fazia muito tempo desde que os Saqueadores tinham salvado Emil Narud e muitos de sua equipe da Rainha das Lâminas. Jim não gostava dele antes, e agora, gostava ainda menos.

— Eu sei que é difícil para o senhor, Sr. Raynor, mas eu garanto que Sarah não poderia estar em melhores mãos. Nós...

— Capitão Horner! — gritou Cade. — Naves se aproximando! A

Supremacia nos encontrou!

CAPÍTULO SEIS

Jim soltou um xingamento que teria deixado até Tychus Findlay sem graça.

— Como foi que eles conseguiram nos rastrear?

— Não faço ideia, senhor — respondeu Cade. Ele parecia tão frustrado quanto os outros. — O capitão Horner nos deu instruções específicas para um salto coordenado e criptografado. Não tem como o Mengsk ter decifrado a criptografia tão rápido!

Matt não perdeu nem um segundo procurando desculpas. Voltou para seu posto de capitão e começou a dar ordens.

— Estações de batalha! Levantar escudos!

Jim correu até Valerian, aproximando o rosto a um centímetro do rosto do príncipe.

— Você tem alguma coisa para me dizer?

Os olhos de Valerian se estreitaram. Ele colocou uma das mãos no peito de Jim e o empurrou com firmeza.

— Não — respondeu. — E não gosto de ser acusado.

— Nós estamos sendo seguidos. E a *Hipérion* com certeza não está atraindo eles.

— Eu também não estou! — rebateu Valerian. — Perdi vários

cruzadores cheios de tripulantes, Raynor, só para poder me aliar a você e...

— Jim — interrompeu a voz rouca de Swann —, ele parece estar limpo nessa. É um idiota, mas está limpo.

— O que você quer dizer?

As telas se encheram de fogo e a *Hipérion* balançou. De repente, Valerian disse:

— Preciso retornar à minha nave!

— Não antes que eu ouça o que Rory tem a dizer — declarou Jim. Ele também estava ansioso para voltar à *Bucéfalo*, se juntar a Kerrigan, descobrir o que estava acontecendo e acabar com tudo. Quanto mais fossem atrasados pelo Mengsk pai, mais tempo levariam para cuidar de Sarah.

Rory olhou para Valerian, mas dirigiu-se a Jim.

— Quando você... "requisitou" a *Hipérion* de Mengsk, encontrou um monte de rastreadores e gravadores a bordo que precisaram ser arrancados, lembra? Pelo que você me disse, levou um bom tempo para dar um jeito na coisa toda. Aposto que a *Bucéfalo* tem a mesma quantidade de escutas; ela também já foi a nau capitânia de Mengsk. Nós estamos em vantagem dessa vez, porque você deve se lembrar de onde encontrou os aparelhos na *Hipérion*. Tenho certeza de que Arcturus simplesmente mandou colocar as escutas seguindo o mesmo padrão.

Jim franziu o cenho, mas concordou.

— É, é a explicação mais provável.

— Vou levar uma parte da minha tripulação para a *Bucéfalo* e começar a fuçar. — Ele olhou Valerian de soslaio. — Nós estamos muito mais acostumados a correr e fugir do que você, príncipe encantado.

— Swann consegue fazer milagres com naves — comentou Jim, batendo no ombro do amigo.

Valerian fez um som de reprovação ao imaginar aquele homem rude fuçando sua nave querida.

— Que seja, então — consentiu, como se tivesse alguma escolha. — Levando em conta o quanto você se saiu bem na hora de enganar o meu

pai, eu diria que sabe uma coisinha ou outra. — Ele deu um sorriso que pareceu realmente genuíno. — Qualquer ajuda que puderem oferecer, aceitarei de bom grado. Mas, por favor, vamos logo. Homens e mulheres sob meu comando estão sendo atacados. Eu quero ficar ao lado deles.

— Eu chego lá num piscar de olhos — respondeu Rory.

Annabelle Thatcher estava trabalhando dobrado, assim como todo o resto do pessoal. Descobrira que ser um dos Saqueadores de Raynor consistia em horas de puro tédio ajudando seu chefe, Swann, a consertar a *Hipérion* ou cumprindo intermináveis tarefas de manutenção, e horas menos tediosas passadas no bar com os amigos, bebendo os *mai tais* magníficos do Cooper. Havia também os minutos de terror intenso.

Nos últimos tempos, esses minutos pareciam durar cada vez mais. As coisas aconteciam tão rápido que, na metade das vezes em que entravam em batalha, Annabelle e muitos outros não sabiam exatamente quem estava lutando contra quem.

Primeiro, houve toda a história de ir a Char e dezergnificar Kerrigan. Aquela decisão deixara uma parte da tripulação bem nervosa, a ponto de se opor a Raynor abertamente. Para alguns como Milo Kachinsky, o mais ruidoso dos dissidentes, parecia que Raynor estava se aliando à Supremacia. Até Annabelle cogitara isso.

Tychus Findlay, que, para Annabelle, parecia assustador mesmo se estivesse sem armadura e dormindo feito pedra, atiçara as brasas. Começara a falar sobre os problemas de Raynor com bebida — algo que preocupara muito a própria Annabelle — e dissera abertamente que Jim não pensaria duas vezes se tivesse que fugir do perigo e deixar a tripulação para trás.

Nisso, Annabelle nunca acreditara. Raynor havia chegado, apagado o charuto em Tychus e começado uma boa e velha briga de bar. Apesar da vantagem aparente de estar em uma armadura completa, Tychus levara uma surra na frente de todo mundo. Até Milo, ao ver a cena, dissera: "*Esse* é o comandante que eu esperava."

Depois de chegarem à órbita ao redor de Char e tentarem resgatar

Kerrigan, as coisas aconteceram tão rápido e de forma tão violenta que Annabelle não entendera quase nada. Horner anunciara que o resgate de Kerrigan, agora em forma humana, havia sido bem-sucedido. Então, de repente, Arcturus Mengsk aparecera. Ninguém sabia o que estava acontecendo, só sabiam que estavam em perigo de novo, e todos se concentraram em seguir ordens e disparar onde ordenassem.

Cumprindo mais ordens, eles haviam saltado e estavam em... bem, Annabelle não fazia a menor ideia de onde estavam. Parecia-lhe que tiveram uns seis nanossegundos para respirar aliviados antes que Mengsk conseguisse encontrá-los e os atacasse pela segunda vez.

— Os ímpios não têm paz — murmurou seu amigo Earl. Assim como Annabelle e o resto do pessoal da engenharia, ele estava sujo e cansado.

— Se você está dizendo... — respondeu Annabelle. A nave sacudiu suavemente, ocultando a verdadeira fúria da batalha que ocorria lá fora.

— Calem a boca e venham comigo — ordenou Rory, entrando de supetão na engenharia. Em geral, Swann era um cara simples e gentil, mas tinha um temperamento explosivo, e a equipe sabia que era melhor não mexer com ele quando estava de mau humor. Earl e Annabelle trocaram olhares e deram de ombros, mas obedeceram. Apanharam os kits de ferramentas e apertaram o passo para acompanhar o chefe pelos corredores amplos e acarpetados da antiga nau capitânia de Mengsk.

— Senhor — disse Annabelle —, para onde estamos indo?

— Para a *Bucéfalo* — respondeu Swann, curto e grosso. Ele começou a andar mais rápido, e os dois o imitaram. — Vocês provavelmente nem sabem disso, mas, na última batalha e nessa agora, o papai estava lutando contra o filhinho, além de lutar contra nós.

Annabelle arregalou os olhos.

— Não sabíamos, não. Lá na engenharia, só tentamos manter a *Hipérion* inteira enquanto os zergs e os cruzadores da Supremacia atacavam por todos os lados.

— O "Júnior" e algumas naves dele vieram para cá conosco. Mas, quinze minutos depois que saltamos, Mengsk nos achou. Por isso, agora nós vamos dar uma passada na nave do rapazinho de ouro para procurar

transmissores e outras tecnologias que o pai dele pode ter plantado por lá.

— Porque se não fizermos isso, Mengsk vai conseguir nos seguir aonde quer que a gente vá — concluiu Annabelle. — Nossa, onde foi que já ouvi isso antes...

Ela estava a bordo quando Raynor tomou a *Hipérion*, e lembrava-se de ter varrido a nave toda à procura de escutas. Não estava nem um pouco ansiosa para fazer tudo aquilo de novo, mas era bem melhor do que ser caçada e atacada pelo imperador. Eles correram pelos tubos de acoplagem e entraram na *Bucéfalo*.

— Primeiro — disse Rory —, engenharia.

Valerian estava na ponte. Não se sentia tão furioso e impotente desde que ele e sua mãe foram forçados a se esconder dos assassinos da Confederação. Embora não o demonstrasse, estava muito perturbado com a traição do pai. Ainda não conseguia entender a decisão de Arcturus. Era limitada e idiota — duas características que ele nunca esperara do pai, mas era obrigado a ver agora.

Também estava lutando contra outro sentimento incomum: culpa. Ordenara a seus soldados que abrissem fogo contra o imperador e, em seguida, pedira-lhes que escolhessem o seu lado, e não o de Arcturus, o que equivalia a cortar todos os laços. Era bem verdade que alguns dos que serviam nos cruzadores de batalha eram "ressocializados", ou seja, fuzileiros que tiveram as memórias alteradas para se tornarem totalmente obedientes. Mas mesmo assim eram pessoas, e não máquinas como as adjutoras, interfaces de computadores humanoides. E muitos dos que estavam sob seu comando ainda tinham controle de suas próprias mentes e haviam feito a escolha consciente de seguir o Herdeiro Legítimo; não estavam simplesmente seguindo ordens.

Muitos desses homens e mulheres perderam a vida por escolhê-lo. E mais deles morreriam, porque seu pai fora astuto o suficiente para plantar rastreadores na *Bucéfalo*. De repente, ele se deu conta de que seus punhos haviam se cerrado e forçou-os a se abrirem.

Apertou os lábios e observou com um prazer mórbido que, se o número de naves de sua frota diminuíra, o mesmo acontecera à do pai. Não era uma batalha equilibrada, mas o quadro não era tão desesperador quanto poderia ter sido. Tanto ele quanto o pai haviam trazido vinte e cinco naves para a batalha, fora a *Estrela Branca*, a *Bucéfalo* e a *Hipérion*. Não precisava ditar ordens para o capitão; Everett Vaughn sabia muito bem o que tinha que fazer, e Valerian era sensato o bastante para perceber os benefícios de encontrar os melhores profissionais para cada posto e deixá-los trabalhar.

Seus punhos ainda se fechavam sozinhos cada vez que uma das naves era atingida. Uma em particular, a *Antígona*, parecia ser o alvo preferido, só perdendo para a *Bucéfalo*. Das duas naves que conseguiram escapar da batalha anterior, fora a que recebera mais danos. Mengsk obviamente pretendia inutilizá-la de uma vez por todas e torná-la inofensiva, ao mesmo tempo que continuava atacando a *Bucéfalo*.

Vaughn olhou para Valerian e disse:

— Senhor, estamos recebendo uma transmissão da *Estrela Branca*.

— Ignore-a. Meu pai não tem nada a dizer que possa me interessar.

— ... Sim, senhor.

Havia, porém, alguém com quem ele de fato queria falar. Caminhou até uma das anteparas e pressionou o intercomunicador.

— Valerian para Swann. Como está indo a operação?

— Eu iria mais rápido se não precisasse ficar ouvindo a sua matraca — reclamou o engenheiro. — Estamos indo o mais rápido possível, garoto. Lembre-se de que não é só você e a sua navezinha que estão levando chumbo.

— É claro.

— Mas já encontramos três escutas. Vamos subir para verificar a ponte logo, logo.

— Confesso que não esperava ver três Saqueadores de Raynor na ponte da *Bucéfalo* bem no meio de uma batalha — respondeu Valerian. No mesmo instante, as escotilhas explodiram em laranja e a *Bucéfalo* tremeu.

— Relatórios de dano chegando dos níveis quatro e sete, seis fatalidades — relatou Vaughn.

— Quanto mais rápido fizermos a limpa, mais rápido poderemos saltar novamente — interrompeu Swann.

— Senhor — disse Vaughn, voltando-se para Valerian —, recebi uma mensagem da *Héracles* e da *Antígona*. Eles estão sofrendo muitos danos e não sabem se vão poder fazer um novo salto se não realizarem alguns reparos.

Valerian franziu o cenho.

— Entre em contato com Raynor — disse. O rosto de Raynor apareceu na tela.

— Como estão as coisas por aí, Valerian?

— Swann parece estar mesmo fazendo milagres, mas não rápido o suficiente — respondeu Valerian. — Minhas outras naves podem não conseguir saltar se esperarmos mais tempo.

— Bom, é inútil fazer isso agora se vamos precisar saltar de novo logo depois.

Os olhos de Valerian estavam fixos na batalha, não em Raynor. As duas naves ainda estavam lutando, mas a *Antígona* estava visivelmente em más condições, e a *Héracles* não ficava muito atrás.

— Precisamos saltar agora. Eu vou ganhar tempo para que Swann e sua equipe continuem trabalhando.

— Mas eles vão nos encontrar...

— Eu não me importo! — gritou Valerian, virando-se para encarar o holograma de Raynor. — Nós vamos saltar quantas vezes forem necessárias para salvar a minha tripulação, Raynor. E se você não entende o que quero dizer, então eu o julguei muito mal.

Raynor fechou o rosto. Valerian não precisava de telepatia para saber o que ele estava pensando. Sem dúvida estava se perguntando se era só uma pose nobre que Valerian estava encenando ou se o filho realmente era um homem melhor do que o pai.

— Eu entendo você — disse Raynor, por fim, e virou-se. — Matt, arrume novas coordenadas para o salto. Mesmo se só nos der dez ou

quinze minutos, vai valer a pena.

Valerian fechou os olhos, aliviado.

— Obrigado, Sr. Raynor. — Ele desligou a imagem. — Aqui é o Príncipe Valerian para *Antígona* e *Héracles*. Vamos receber coordenadas para o salto da *Hipérion* em breve. Esperem o sinal do capitão Horner para partirmos.

Os próximos minutos duraram uma eternidade. Valerian lutou contra a vontade de andar de um lado para outro e, em vez disso, procurou respirar de forma ritmada para se acalmar; era uma arte antiga. A *Estrela Branca* estava sendo atacada incansavelmente e estava sofrendo danos. Mas não o suficiente, nem rápido o bastante.

Vamos lá, vamos lá...

— Recebendo transmissão da *Hipérion*, senhor. Estão enviando as coordenadas para o salto. Mandam que a gente se prepare para saltar em menos de dois minutos.

Por um breve e horrível segundo, Valerian se perguntou se as transmissões também estariam sendo monitoradas. Mas logo concluiu que não. Porque se estivessem, Mengsk e sua frota teriam chegado em muito menos de quinze minutos. Era um pequeno consolo.

— Transmita para *Héracles* e *Antígona* — ordenou Valerian. — Diga que abram um canal para receber o sinal do Horner. Nós...

Ele precisou fechar os olhos por causa do clarão na tela. Ao abrir os olhos novamente, presenciou o horror. A *Antígona* recebera o golpe final. As chamas, alimentadas pela atmosfera da nave, ainda brilhavam intensamente. Uma torrente de estilhaços e corpos vazava pelo grande buraco no casco da nave. Diante de seus olhos, houve mais um disparo, e a nave se partiu em duas.

A *Antígona* e todas as almas a bordo estavam perdidas.

— Horner para frota. Preparem-se para saltar quando eu der o sinal. Três... dois... um... *agora!*

A *Bucéfalo* e a outra nave da "frota" foram tudo o que acompanhou *Hipérion* em sua fuga para o próximo ponto de repouso.

Fúria queimava na garganta de Valerian. Ele pressionou um botão.

— Tenho certeza de que você viu isso, Raynor.

— Sim, eu vi, e sinto muito. — A voz de Raynor estava carregada de verdadeira compaixão.

— Não podemos nos dar o luxo de perder mais naves e homens.

— Concordo, mas tenho certeza de que Swann e sua equipe estão trabalhando o mais rápido possível. A julgar pela última vez, nós temos mais ou menos quinze minutos ou menos até que seu pai nos encontre de novo, supondo que Swann ainda não tenha encontrado todas as escutas. Parece que ele ainda não chegou à ponte.

Valerian ficou sério.

— Não, ainda não.

— Então venha para cá enquanto ele faz o que tem que fazer aí. Eu andei conversando um pouco com o Matt, parece que talvez tenhamos um bom lugar para nos escondermos por um tempinho quando nos livrarmos das escutas.

CAPÍTULO SETE

Jim observou Valerian avançar pela ponte. O homem sabia fazer uma entrada triunfal, isso era inegável. Comparado à própria tripulação, suja e amarrotada, até parecia brilhar. Também era inegável que os últimos eventos tinham apagado um pouco desse brilho. Jim notou que, por mais jovem que Valerian fosse, rugas começavam a aparecer em sua testa, e sua postura já não era tão altiva e orgulhosa quanto antes. Jim achava que isso deveria de alguma maneira deixá-lo satisfeito, mas, para sua própria surpresa, tristeza foi o que sentiu.

Horner, que parecia cada vez mais desconfortável, suspirou e cruzou os braços nervosamente quando Valerian caminhou em sua direção, como se estivesse a ponto de cutucar uma hidralisca. O príncipe levantou a sobrancelha loira e esperou.

— Primeiro, Alteza — começou Horner —, gostaria de dizer que sinto muito pela perda da *Antígona*. Se tivéssemos saltado um minuto antes, ela teria escapado. Quero que saiba que agi o mais rápido que pude.

A frieza nos olhos cinzentos de Valerian suavizou sutilmente.

— Obrigado — respondeu. — Qualquer ideia para impedir a perda de mais vidas e levar Sarah Kerrigan para um lugar onde possa receber cuidados apropriados será bem-vinda.

— Bom... Na verdade acho que tenho uma solução — declarou Horner.

— Fala logo, rapaz! — A voz de Swann estalou, e Jim divertiu-se com o susto de Valerian. O Herdeiro Legítimo sorriu sem graça quando se deu conta de que Swann estava participando da conversa pelo rádio.

— Eu não sei se é uma *boa* solução — prosseguiu Horner. — Na verdade, quanto mais penso sobre ela...

— Matt, desembucha — interrompeu Jim. — É uma ordem.

Matt assentiu.

— Sim, senhor. Bem, eu estava pensando em nos escondermos no Porto do Enforcado por um tempo.

— Porto do Enforcado? — gritou Valerian, incrédulo. — Está ficando louco, Sr. Horner? Aquele lugar está cheio de patifes! Os piratas vão estar na nossa cola no momento em que sairmos da transdobra!

Mas Jim acenava positivamente, concordando. Ele sabia o que Matt estava pensando:

— Seu paizinho não poderá simplesmente arrastar o arsenal pesado para lá e forçar você a ir para o quarto sem jantar, Valerian — explicou. — A Supremacia não tem nenhum controle sobre aquela área. Arcturus precisaria preparar uma invasão planetária antes de sequer pensar em nos encontrar, e ele não está preparado para isso. Talvez no futuro, mas não agora.

Valerian recuperou-se do choque e agora parecia pensativo:

— Isso é verdade — finalmente concordou. — Ele perdeu a *Bucéfalo* e outros dois cruzadores de batalha que saltaram comigo. Também não faço ideia da condição em que estão os que *não* conseguiram fazer o salto. Mas ainda assim, como iremos impedir que os honrados cidadãos do buraco mais sujo da galáxia nos ataquem e pilhem nossas naves?

— Isso não vai acontecer — disse Jim, sorrindo e dando um tapinha no ombro de Horner. — Em algum lugar daquele bueiro tem um trunfo guardado para nós. Não é, *Matthew*?

Horner chegou a corar.

— Eu, hum... tenho um contato lá, sim. Alguém que poderia nos dar

abrigo, pelo menos por um tempo.

A voz de Swann estalou pelo rádio outra vez:

— Você é um doido varrido, Horner! Mira Han? Aquela mulher é uma mercenária imunda!

— Vai com calma, Swann — disse Jim. — Olha como fala. Você está falando da espo...

— Não precisa entrar em detalhes, obrigado — interrompeu Matt abruptamente.

Valerian virou-se para ele com as sobrancelhas arqueadas. Horner não olhou o príncipe nos olhos, abanando rapidamente uma das mãos:

— É uma… longa história.

— Que estou certo de que vale a pena ouvir — murmurou Valerian, que mesmo obviamente intrigado, retornou logo em seguida ao assunto em questão. — Então essa Mira Han estaria disposta a espantar os piratas e ladrões do Porto do Enforcado, que espantam até as forças da Supremacia, só por sua causa?

— É um tiro no escuro, mas existe uma possibilidade de eu conseguir convencê-la.

— Bem, tudo o que eu sei é que o *Matthew* tem um jeitinho todo especial com ela — declarou Raynor. — Vamos lá, Swann, você tem ideia melhor?

— Com a Supremacia na nossa cola toda vez que tentamos assoar o nariz? Claro que não. E você sabe o quanto odeio ter que admitir isso. Como vai entrar em contato com ela, Horner?

— Eu sei de um jeito.

Valerian deu um passo à frente.

— Sr. Horner, apesar de apreciar sua disposição em fazer algo que claramente não gosta para me ajudar…

— Com todo o respeito, não estou fazendo isso por você. Estou fazendo pelos Saqueadores. — A voz de Matt era fria como gelo.

— Entendi o recado. Porém, considerando o risco, ainda quero saber como entrará em contato com ela.

Horner olhou para Raynor e o viu balançar a cabeça em acordo com o

príncipe, afinal, ele também estava curioso. Matt baixou a cabeça, derrotado:

— Ela me envia informações regularmente, dizendo quais são os canais seguros caso eu queira falar com ela. Esta será a primeira vez.

— Ah, pobre Mira — disse Jim. — Acho que vou te dar uma folga enquanto estivermos lá.

— Por favor, senhor — disse Matt, preocupado —, prefiro fazer hora extra.

— Bem, então é melhor você entrar em contato com essa… pessoa — disse Swann, claramente irritado com o palavrório desnecessário. — E é melhor eu terminar meu serviço na ponte. Avisem se precisarem de mim. Alguém aqui precisa trabalhar; esses trecos não vão se desativar sozinhos. — Um clique decisivo encerrou a comunicação.

— Como sempre, Swann está certo — concordou Raynor. — Estamos perdendo tempo batendo boca. Valerian, é melhor voltar para a ponte. Temos só mais alguns minutos antes do seu pai chegar.

— Uma reunião um tanto indesejável — respondeu Valerian.

— Na verdade — disse Horner —, tenho uma ideia sobre isso também.

Earl e Annabelle ouviam calados a conversa do chefe com Raynor, Horner e Valerian. Quando as palavras "*Porto do Enforcado*" foram mencionadas, Annabelle fechou o semblante e viu Earl fazer o mesmo. A expressão de Swann era ainda mais sombria, uma nuvem negra e tempestuosa em um céu que passava o ano inteiro ensolarado. O Porto do Enforcado era um lugar do qual se devia manter distância. Mas como diz o ditado, em tempestade qualquer porto serve, e se Mira Han podia manter a Supremacia fora de seus calcanhares por tempo suficiente para fazerem reparos, o risco valia a pena.

E claro, eles teriam que encontrar todos os dispositivos de rastreamento antes de poderem saltar para lá. Se Arcturus e o resto da frota da Supremacia se materializassem antes que a *Hipérion*, a *Héracles* e a *Bucéfalo* pudessem fugir, Annabelle sabia que todo o planejamento não

serviria de nada. Earl era especialista em nanotecnologia, sabia onde instalar aquelas coisas, e justamente por isso tinha alguma noção de onde outros poderiam tê-las instalado. Coordenando-se com Annabelle, que se lembrou de onde estavam muitos dos rastreadores na *Hipérion*, e com Swann, dotado de um vasto conhecimento e de uma intuição afiada, o trabalho andou consideravelmente rápido, mas não o bastante. De modo geral, e demonstrando uma óbvia falta de criatividade, rastreadores e gravadores eram sempre plantados nos mesmos lugares: ponte, cabine do capitão ou dos passageiros, sala de engenharia... nunca em pontos aleatórios ou inusitados da nave.

Podia-se dizer que a ponte da *Hipérion* era suntuosa, mas a da *Bucéfalo* era um exagero. Aberta, arejada, mais parecia um iate de luxo que uma nave de batalha. Enquanto os Saqueadores do Raynor não tinham nada que sequer lembrasse um uniforme e muitas vezes ostentassem uma aparência desalinhada e com a barba por fazer, os homens e as mulheres aqui estavam todos impecáveis. Os uniformes não apresentavam um vinco fora do lugar, e as vozes denunciavam riqueza e educação. Annabelle, mesmo tendo tomado um banho sônico e vestido roupas limpas pela manhã, sentiu que cheirava mal assim que se postou ao lado de um dos navegadores. O jovem moreno, cabelos e olhos escuros, dotado de uma beleza opressora, a encarou, inquisitivo.

— Eu, hum, preciso olhar aí embaixo — disse Annabelle pelos cantos de um sorrisinho tímido. — Ver se tem escutas, sabe como é.

— Sim, claro. — Imediatamente o navegador se levantou para permitir que ela se enfiasse embaixo do console. Dedos ágeis e sensíveis, a despeito dos calos resultantes de muito trabalho pesado, deslizavam pelas superfícies frias de plástico e metal, e a jovem sorriu de satisfação quando tocou um pequeno disco ovalado oculto nas sombras.

— Achei um! — gritou para Rory.

Rápida e eficiente, ela estendeu o braço para pegar uma pequena ferramenta com a ponta brilhante. Era preciso ter mãos firmes para desprender o rastreador, uma vez que ele era projetado para se quebrar se removido inabilmente; se isso acontecesse, ele continuaria trabalhando

sem maneira de parar.

Subitamente, as sirenes de alarme soaram. Annabelle tomou um susto, mas manteve as mãos firmes. Ouviu Rory xingar baixinho:

— Não é que o maldito do Arcturus chegou bem na hora?

— Merda — impacientou-se Annabelle, perguntando-se brevemente se o oficial bonitão tinha escutado e, em caso positivo, o que diria sobre seu linguajar; mas então se concentrou na tarefa. Ao morder o lábio, a jovem sentiu o gosto salgado do próprio suor, enquanto decidia se continuava tentando remover a escuta ou se esperava até que a batalha chegasse ao fim.

Sem aviso, um par de botas parou a três centímetros de seu quadril, competindo pelo pequeno espaço abaixo do console que, mesmo encolhida, ela já ocupava quase completamente. O navegador tinha tomado a decisão por ela: ele ficaria na estação de trabalho, e ela, presa. Resignando-se, a jovem voltou a se concentrar na tarefa.

— Contate a *Estrela Branca* — disse Valerian.

Annabelle fez uma pausa. Ele estava tentando ganhar tempo ou se rendendo?

— Ora, ora, ora. *Agora* você quer falar comigo, não é mesmo? — irrompeu a voz de Arcturus Mengsk.

Embaixo do console, Annabelle se encolheu um pouco ao ouvi-la, sabendo que a imagem do imperador estava a apenas alguns centímetros dela.

— Sim, eu quero — respondeu Valerian. — Pai, isso é loucura. Você está jogando vidas fora para caçar uma mulher que nem existe mais.

— Enquanto ela respirar, existe. Ela é um perigo tanto como Rainha das Lâminas quanto como Sarah Kerrigan. Se você não estivesse tão embasbacado por profecias alienígenas infantis, veria que ela é um perigo para todos à sua volta, inclusive você.

— Não, Pai. A melhor maneira de se livrar de um inimigo é torná-lo seu aliado.

Arcturus explodiu em gargalhadas.

— Aquela cadela é incapaz de amizade. Mesmo antes de pôr minhas

mãos nela, já era um caos ambulante, e é isso que sempre será. Você deveria ter permitido que Tychus completasse a missão que recebeu.

Annabelle ficou surpresa. Pensando agora, ela não ouvira nada sobre Tychus ter voltado com os outros, e ele não era exatamente discreto. O tempo que passara enfurnada na sala de engenharia fazia com que muitos boatos não chegassem até ela. Teria Tychus sido contratado para matar…

— Seu fantoche está morto, Pai. O senhor falhou. E falhará sempre, pois não consegue ver…

— Basta! É sua última chance, Valerian. Renda-se, entregue Kerrigan e Raynor, e poderemos esquecer tudo isso.

— Eu desafiarei o senhor até meu último suspiro, Pai.

— Isso pode ser providenciado — retrucou Arcturus. — Tentei ser razoável, mas…

Outra voz intrometeu-se abruptamente:

— Senhor, aqui é o capitão Roger Merriman, da *Héracles*. Sinto muito em informar que estou descumprindo suas ordens.

— O quê? — A voz de Valerian subiu vários tons, tornando-se quase um ganido.

— Ha! — Arcturus soou triunfante. — Viu, filho? Sua gente já está passando para o lado vencedor.

— Não, Imperador Arcturus. Juramos servir ao Príncipe Valerian com nossas vidas. Sabemos que plantou dispositivos de rastreamento nesta nave, e que é por isso que consegue nos seguir mesmo após os saltos. Esta nave provavelmente está muito danificada para um salto, mas podemos dar ao Herdeiro Legítimo algum tempo.

— Não — gritou Valerian, notando o que acontecia ao mesmo tempo que Annabelle, que apertou os olhos, aterrorizada. — Eu o proíbo! Dispare contra a *Estrela Branca*! Se a incapacitarmos poderemos todos…

— Não, senhor — prosseguiu a voz de Merriman. — É o único jeito. Faça com que nossas famílias recebam nossas lembranças.

Annabelle agarrou os joelhos, tentando impedi-los de tremer, enquanto lágrimas marejavam seus olhos. Quase seis mil pessoas

estavam prestes a dar a vida por Valerian, por Raynor, pela esperança que Kerrigan significava.

— Senhor, a *Héracles* está se aproximando da *Estrela Branca* a toda velocidade — disse alguém. — Tempo para o impacto… sete segundos.

Instintivamente, e indiferente a como seu ato seria interpretado, Annabelle esticou a mão e tocou a perna do navegador, desesperada por contato humano. Ela esperava que o oficial fosse dar um pulo para trás, mas, em vez disso, ele segurou a mão dela entre as dele; mesmo sem saberem os nomes um do outro, seus dedos entrelaçaram-se e apertaram-se sem que uma palavra fosse dita.

Mesmo debaixo do console, Annabelle podia ver os clarões que sinalizavam o destino da investida suicida. Depois de uma longa pausa, que durou uma eternidade, Valerian suspirou e disse:

— Parece que funcionou. A *Estrela Branca* está sofrendo sérias avarias.

— Cacete, Valerian, você teria dado um excelente ator — disse a voz familiar de Raynor. — Ele mordeu a isca, a linha, e, se não tiver cuidado, vai se engasgar com a vara.

— Como estão meus homens?

— Estão se integrando até bem demais: até agora nenhuma briga. Vai ficar um pouco apertado com três mil bocas a mais para alimentar, mas vamos dar um jeito.

— O quê? — As palavras saltaram da boca de Annabelle antes que ela pudesse impedi-las, e o navegador afastou a cadeira para vê-la. Alguns segundos depois foi o rosto de Valerian que apareceu, o pequeno rabo de cavalo caindo pelo ombro com o movimento.

— Ah, Srta. Annabelle — disse o príncipe —, temo que não a tenhamos informado. Minhas mais sinceras desculpas.

Ela piscou, olhando para Valerian e o navegador, que a encaravam com serenidade.

— E-era um truque?

— Um que funcionou — respondeu Valerian. — Tivemos tempo apenas de transferir a tripulação da *Héracles*, que infelizmente já havia sofrido numerosas perdas, para a *Hipérion* e a *Bucéfalo*. Fizemos com que

o capitão falasse dos meus aposentos pessoais, ameaçando usar a *Héracles* num ataque suicida enquanto a adjutora a guiava direto para a *Estrela Branca*. Arcturus nos deixará em paz por algum tempo, mesmo que eventualmente venha a descobrir onde estamos. A *Héracles* estava em péssimas condições, mas a tripulação está perfeitamente bem.

— Oh — foi tudo o que Annabelle conseguiu dizer, e bem baixinho. A jovem enxugou os olhos ainda repletos de lágrimas e sentiu as bochechas corarem. — Me sinto uma idiota — resmungou.

O navegador apertou sua mão, que ainda estava entre as dele.

— Não — disse. — A verdade é que esses homens e mulheres *realmente* dariam a vida por Valerian, apenas não tiveram que fazê-lo. Se você acreditou, Arcturus provavelmente fez o mesmo.

O príncipe assentiu, satisfeito por Annabelle estar bem.

— Por favor, prossiga com sua tarefa, senhorita. Mal acredito que esteja dizendo isto, mas quanto mais cedo chegarmos ao Porto do Enforcado, melhor.

Ela concordou e puxou a mão de volta, mas o oficial a reteve um instante antes de soltá-la. Falando o mais baixo que conseguia, Annabelle perguntou:

— Por que você fez… aquilo? — E apontou para a mão. — Você sabia que era um truque.

Ele sorriu gentilmente, fitando-a com os olhos escuros e cheios de tranquilidade:

— Porque *você* não sabia.

Sarah não parecia melhor quando Jim retornou à *Bucéfalo*. Ele sabia que não deveria esperar que ela melhorasse, mas todos os tubos e tralhas aos quais ela estava conectada o fizeram achar que seria o caso. Frederick cumprimentou-o com a cabeça ao entrar.

— Está apagada, mas estável.

— Certo. Vou me sentar com ela por um instante.

— Fique à vontade.

Jim estremeceu quando a cadeira fez um ruído estridente, mas Sarah

nem se mexeu; ela estava mesmo *apagada*. Ele segurou a mão dela outra vez, lembrando-se de ter ouvido que mesmo em coma ainda era possível perceber essas coisas. O que lhe restava era esperança de que fosse verdade.

De olhos fechados, ele repassou mentalmente as últimas horas. Sua confiança em Valerian crescia, ainda que de maneira relutante, pois até agora o garoto mantivera integralmente a palavra. Matt sugerira o plano de lançar a *Héracles*, já danificada, contra a *Estrela Branca*. Primeiro tinham pensado que seria necessário manter uma tripulação reduzida na nave, mas para a surpresa de Jim e Matt, Valerian recusara-se categoricamente a aceitar.

"Já perdi muita gente leal hoje. Meu pai pode passar por cima dos seguidores como se fossem capachos, mas eu não. Se não pudermos salvar as naves, salvaremos as tripulações, ou eu não darei a ordem", disse.

Então, a despeito das dificuldades, decidiram pela evacuação em massa e programaram a adjutora para um último voo suicida com a nave vazia, na esperança de que isso fosse também a ruína da *Estrela Branca* e de Arcturus Mengsk.

Mas àquela altura Jim já abandonara esperanças vãs. Mesmo que a nave não sobrevivesse, Mengsk sobreviveria. O homem era como uma barata: uma criatura nojenta, mas dotada de uma imensa capacidade de sobrevivência. Ele apareceria de novo, Jim tinha certeza. A questão era quando, onde e como.

Era impossível acreditar que ele mesmo um dia tivesse sido um ardente seguidor do Imperador. Aos poucos ele se desiludira com o terrorista — e aliado — que Mengsk fora, que dizia tudo o que ele queria ouvir; mas Jim Raynor não esperara ser traído nem nos momentos de maior raiva ou de maior suspeita.

Nem Sarah, que agora jazia com a alma despedaçada.

Desde a tomada de Antiga Prime pelos zergs, Sarah ainda não tinha recuperado a cor natural do rosto, nem perdera as marcas escuras em volta dos olhos. Ela e Jim, depois do primeiro café juntos, passaram a andar sempre juntos. Algo parecia tirar as energias dela, algo maior que exaustão física, mas Jim não queria pressioná-la. Ambos sabiam que o futuro era sombrio, mas depois que Sarah teve as forças exauridas ao implantar o emissor psi, ambos preferiam simplesmente fechar os olhos para o porvir e desfrutar ao máximo do que o momento permitia.

Os dois foram convocados ao escritório de Mengsk; era a primeira vez que o encontravam depois de Antiga Prime. Ele parecia tranquilo, descansado, e os recebeu com entusiasmo, empurrando-lhes taças de licor. Kerrigan a princípio recusou, mas Arcturus insistiu com um sorriso gentil, e quando Arcturus Mengsk insiste, poucos resistem. O homem apontou para um par de cadeiras, onde ambos se sentaram.

— Onde está Mike? — perguntou Sarah.

O repórter Michael Liberty, aparentemente um animal de estimação especial para Arcturus, tornara-se um amigo para Kerrigan e Raynor, que se divertia pensando que se Mike era um animal de estimação, provavelmente era um desses cães que vez ou outra rosnam para o dono.

— Normalmente gosto de conversar com vocês três — disse Mengsk enquanto girava a taça —, mas a devoção de Liberty é… digamos, condicional. Depois dos acontecimentos recentes, fiz questão de ter alguns momentos com aqueles que considero mais... digamos, *sintonizados* com meus ideais. Eu queria agradecê-los. Aos dois. Há coisas se aproximando no horizonte e… Bem, ninguém sabe exatamente quando chegará sua hora. Mais do que nunca, é importante que permaneçamos juntos. Que trabalhemos juntos pela liberdade e progresso da humanidade, como vocês dois têm feito.

Ele sorriu, revelando um sorriso branquíssimo por trás da barba grisalha cuidadosamente aparada.

— Também quero dizer que meu coração se alegra ao vê-los se dando tão bem.

Jim se achava um cínico calejado, mas ao ouvir as palavras de

Mengsk, sentiu o rosto corar. Não que Kerrigan já não soubesse o que ele pensava, mesmo sem o enrubescimento delator.

Ela também fitou o horizonte por um instante, depois voltou a mirar Jim calmamente.

— Acho que fizemos julgamentos precipitados um do outro — disse Sarah. — Estou feliz que Jim esteja conosco.

— Com a cooperação de ambos, podemos alcançar nossos objetivos. Sei que podemos — disse Mengsk, e sua voz parecia sincera. — Imaginem: criar um mundo melhor sem a Confederação. Derrubar aquele sistema brutal e antiquado. Essa é uma missão tão pura que qualquer anjo a realizaria de bom grado. Vocês dois são meus melhores soldados, meus anjos.

Jim irrompeu em gargalhadas ao ouvir aquilo, então recompôs-se, coçando o pescoço.

— Já me chamaram de tudo nessa vida, Arcturus, mas anjo é a primeira vez.

Mengsk riu por entre os dentes e bebericou da taça.

— Às vezes só os outros podem ver o que realmente habita o coração de um homem. Eu sou um excelente juiz de caráter, Jim Raynor. Foi o que me levou tão longe nessa missão de finalmente livrar este setor da Confederação e estabelecer algo justo e duradouro. Você, meu amigo, tem os ideais de um anjo. E você, Sarah — a voz dele encheu-se de calor e afeto ao brindar com ela —, você é meu anjo vingador.

Kerrigan baixou os olhos. Raynor não precisava de poderes telepáticos para sentir a dor dela. Mas Sarah não protestou. Todos ali sabiam que era verdade.

Jim não conseguiu controlar seu ímpeto:

— Você está certo numa coisa — disse, deleitando-se com o gole do licor que queimava garganta abaixo. — Alguém precisa impedi-los. Isso é um fato. Se existe vida depois da morte, esses calhordas vão queimar no inferno. As políticas que eles criam só servem para encher os bolsos deles e nada mais, e isso custa vidas. Vidas de gente boa, decente, que só quer ganhar a vida honestamente. Gente que confiou porque… porque tinha

mesmo que confiar, cacete. Confiar que o governo daria comida boa e não veneno. Confiar que se entrassem numa guerra começada pelo governo, para lutar e talvez morrer, eles seriam honrados se morressem, e bem cuidados se voltassem para casa. Confiar que os líderes davam a mínima para eles.

Sua voz saía trêmula, mas ele não se importava. Sarah e Mengsk o encaravam com os olhos arregalados, esquecidos das taças em suas mãos.

— Vocês também veem. — Raynor dirigiu-se aos dois. — Mengsk, eles o chamam de terrorista, mas se fizer o que diz que vai fazer, você é nada menos que um herói. A história vai olhar para trás e ver você, ver a gente. Todo mundo vai ver o que fizemos e, diabo, vai ver por que fizemos, e aí nós não seremos mais os terroristas.

Mengsk estendeu a mão, e Raynor a apertou com força.

2504

Eu confiei em você, seu filho da puta, pensou Raynor. Confiara em Mengsk.

Confiara em Tychus.

Seus olhos fitaram a própria mão segurando a de Sarah, e ele encheu-se de remorso quando percebeu que quase a esmagava, afrouxando os dedos num impulso.

Sarah também tinha confiado.

Tinha.

Algum tempo atrás, Jim costumava carregar consigo uma bala especial com a palavra *Justiça* escrita. Agora ele teria que arrumar outra, pois a original tinha estourado os miolos de Tychus Findlay. E mesmo engolindo em seco com a lembrança, ele percebeu uma coisa.

Tychus, talvez isso não tenha sido mesmo sua culpa. Eu sei o que Mengsk consegue fazer às pessoas. Eu sei como ele consegue entrar na sua cabeça e invadir seu cérebro… fazer você pensar que está fazendo a coisa certa. Talvez…

talvez você pensasse mesmo que estava.

Tal pai, tal filho?, irrompeu outro pensamento. *Quanto dá pra confiar naquele mauricinho? Até agora ele manteve a palavra. Até agora. Mas Mengsk também estava lá no começo. Assim como Tychus. Mengsk a arrancou de mim uma vez, e Tychus quase conseguiu de novo. Não posso deixar que a levem mais uma vez. Não posso.*

Não vou.

CAPÍTULO OITO

— Matthew!

A voz ronronava calorosa e suave, marcada pelo sotaque — a voz de uma criatura sexual. A mulher que falava tinha cabelos cor de algodão-doce, mas o resto dela não era nem um pouco macio ou maleável. Um dos olhos faiscava por baixo de uma mecha do cabelo extravagante, enquanto o outro, cibernético, emitia um brilho vermelho, rodeado de minúsculas cicatrizes. O equipamento de proteção cobria a maior parte de seu corpo, deixando entrever apenas algumas curvas. Mira Han era um poço de contradições.

"Matthew" sorriu sem vontade para a imagem na tela.

— Olá, Mira. Obrigado por aceitar nos ajudar.

— Estou mais que satisfeita em poder ajudar meu querido, amado marido — disse ela, divertindo-se com o óbvio desconforto de Horner. Então, assumindo um tom de seriedade, completou: — Pelo menos por enquanto.

Matt franziu a testa:

— "Por enquanto"?

— Mas é claro. Não posso pôr minha gente em risco por tempo demais, não é? Você faria o mesmo.

Matt supôs que sim e, suspirando, disse:

— Certo. Quanto tempo é "por enquanto" na escala Mira Han?

— Até quando eu disser. Nem morta vou lutar com a Supremacia por você, Matthew. Se eles aparecerem, você, James e seu novo amigo estarão por conta própria. Mas — a mulher encolheu os ombros —, é claro que conheço muitos esconderijos por aqui; se quiser esconder algo, ninguém vai encontrar.

Raynor estava tão perdido em pensamentos que só voltou a si ao sentir a mão de Sarah apertar a sua, quase sem forças. Ele olhou para ela rapidamente e viu suas pálpebras se abrindo.

— Oi, oi — disse.

— Olá — murmurou ela, dando um sorriso discreto. — Esse médico não consegue fazer o laboratório parar de girar ou sou eu?

— Nenhum dos dois. Nós fomos atacados, querida.

— Por quem? Zergs? Protoss? A Supremacia? O Bob, do fim do corredor?

Jim tentou sem sucesso não se sentir feliz com aquelas tentativas fracas e forçadas de fazer piada. Pelo menos isso era um sinal de que ainda restava algo da personalidade de Sarah. A felicidade diminuiu quando ele compreendeu que teria que contar e ela tudo o que acontecera.

— Supremacia — respondeu.

O sorriso suave nos lábios dela sumiu, dando lugar à tensão.

— Arcturus. — O nome irrompeu como um estilhaço de gelo.

— Sim. Ele não sabe perder.

— Ele não perdeu, Jim. Nunca vai perder. Vai viver mais que todos nós, e dançar em cima dos nossos túmulos.

Kerrigan virou o rosto e tentou soltar a mão que Jim segurava, mas ele não permitiu.

— Ei, ei, ei, calma aí. Você ainda não ouviu tudo.

— Nem quero — retrucou ela.

— Acho que quer, sim — respondeu Jim. — Acabamos de dar uma

surra nele que vai ser difícil esquecer. Ele deve estar na ponte daquela nova nau capitânia, emburrado e lambendo as feridas.

— Seu aliado… Foi ele quem… — Sarah ergueu a outra mão e apontou para o próprio corpo.

— Sim. O filho de Mengsk. Ainda não confio nele, mas até agora cumpriu tudo o que prometeu. Além disso, o próprio pai tentou matá-lo. Isso só pode ser um bom sinal.

O rosto de Kerrigan se contorceu enquanto ela tentava processar o que Jim dizia em meio à névoa causada pelas drogas.

— Mengsk tentou matar o filho?

— Exatamente. E chegou perto de matar todos nós. Valerian perdeu vinte e cinco cruzadores de batalha por causa da decisão de trazer você de volta pra mim.

Sarah esmoreceu e fechou os olhos. Jim praguejou em pensamento. Obviamente ele falara demais.

— Ele não me trouxe para você, Jim — disse Sarah, sua voz sem tom algum. — Ele me trouxe para me usar.

Pelo canto dos olhos, Raynor viu algo se mover. O médico gesticulava e sacudia a cabeça, acenando para que ele mudasse a direção da conversa. Jim fez uma careta e sacudiu a cabeça negativamente. Ele nunca mentira para Sarah, e não começaria agora. A conversa que tivera com Valerian sobre o mesmo assunto passou por sua mente.

"Eu quero mais", disse Valerian. *"Para provar que serei um imperador melhor, um homem melhor."*

"Isso não vai ser difícil", foi a resposta que Jim lembrou-se de ter dado.

"Se conseguir recuperar a maior assassina em massa da história, torná-la humana de novo, com o famoso fora da lei Jim Raynor ao meu lado — isso é toda a prova de que preciso."

"Então eu sou só uma engrenagem da sua máquina?"

"Se chegar aonde quer, isso faz diferença?"

"Acho que não."

— Sabe, eu também pensei isso — disse Raynor. — E talvez ainda seja verdade. Sem dúvida ajudar você, e a mim também, vai ser como mais

uma medalha no uniforme do "Júnior", mas isso não importa. Você está aqui, Sarah, e ele pode ajudar você. Vamos descobrir…

— Que ainda sou um monstro? — Sarah puxou a mão bruscamente e agarrou uma das gavinhas serpeantes que agora eram os seus cabelos. — *Isso* parece humano para você? Escapei da morte que Arcturus planejou só para me tornar rainha dos zergs. Infestada. Reconstruída célula por célula. E aí você me traz de volta para me entregar pro *filho* dele? Por que não me matou quando teve a chance, Jim? Por quê? Você prometeu…

Muito tempo atrás Jim prometera que, se fosse preciso, a mataria; que faria qualquer coisa para impedi-la de continuar com a matança à frente do Enxame.

Kerrigan subitamente jogou a cabeça para trás e gritou. Não um grito de dor, ou de pavor; um grito de fúria, aflição e desespero. Seu corpo arqueou, tentando livrar-se das amarras que a prendiam na cama, tentando se atirar em Jim. Ele segurou os braços dela tempo suficiente para que o médico injetasse alguma coisa em suas veias. Três segundos depois ela desfaleceu, e Raynor a segurou. Gentilmente ele a deitou na cama, e só então percebeu que lágrimas escorriam dos olhos agora cerrados e tranquilos.

— Eu tentei avisar — resmungou Frederick. — É melhor você sair.

Jim assentiu, mas antes de sair, tocou a mão de Sarah uma última vez.

— E talvez seja melhor não voltar — disse o médico ainda de costas, quando Raynor passava pela porta. — Sei que gosta dela, mas sua presença a deixa nervosa.

Jim sentiu o sangue o ferver e virou-se lentamente:

— Quero ver você tentar me impedir de entrar.

— Podemos considerar ordem médica. A saúde da paciente é o principal.

Com três passadas longas, Jim Raynor diminuiu consideravelmente a distância entre os dois:

— Você não sabe *nada* sobre Sarah Kerrigan — vociferou. — Eu movi mundos e fundos pra ter ela aqui, e tenho certeza de que minha presença ajuda. Você mesmo disse.

— Eu achava que sim, até ela…

— Não sou eu quem deixa ela nervosa — interrompeu Raynor. —, são as coisas que tenho que contar sobre o mundo pra onde ela vai voltar logo, logo. Foi seu chefe quem quis trazê-la de volta. Muito bem, ela voltou, e só tem uma boia de salvação. — Jim Raynor bateu com força no peito — Eu! E eu não vou deixar ela sozinha. Ela já foi traída uma vez, e já foi o bastante. Só sobre meu cadáver ela vai passar por isso de novo.

Frederick observou em silêncio o fora da lei deixar a enfermaria.

Valerian não conseguiu esconder a surpresa na voz.

— Vamos fazer *o quê*?

— Vamos nos esconder em um ferro-velho — disse a imagem de Matt Horner na tela.

— Isso eu ouvi, mas não pode estar certo.

Matt deixou escapar um sorrisinho:

— Você nunca esteve no Porto do Enforcado, não é?

— Claro que não! — respondeu Valerian. — Perambular num planeta cheio de assassinos, brutamontes e ladrões aparentemente não fez parte da minha educação.

— Vamos recuperar esse prejuízo.

— Que adorável.

— Enfim, se nunca esteve lá, você não sabe o que eu quero dizer com "ferro-velho". Há cidades inteiras lá construídas em meio ao ferro-velho. O Porto do Enforcado é basicamente isso. Pode confiar em mim: daria pra esconder a frota inteira da Supremacia lá se os responsáveis da área concordassem em fazer vista grossa. Dois cruzadores de batalha não vão ser problema.

Ao pisar fora da *Hipérion*, Raynor sumiu na névoa cinzenta que cobria a área, irritando os olhos e fazendo-os lacrimejar; era esse o "clima" do Porto do Enforcado. Ao observar o entorno, Jim lembrou-se de quando estivera ali anos atrás junto com Tychus Findlay. O lugar era praticamente o mesmo: uma imensa lata de lixo transformada em cidade.

Naves abandonadas tinham sido transformadas em abrigos, esconderijos e casas; as ruas, se é que se podiam chamar assim, não passavam de trilhas abertas entre os escombros. Mas pessoas viviam e morriam ali. Talvez até amassem e sonhassem.

Com um assassino atrás deles, Jim e Tychus foram forçados a pedir ajuda a um tal Scutter O'Banon, o homem que administrava o local. O'Banon não era flor que se cheirasse nem na opinião de Raynor, ele mesmo um fora da lei. Na época, Jim lembrou-se, a Rocha do Enforcado (como o planeta era conhecido então) era o lugar mais feio e desagradável que ele já tinha visto, e o tal O'Banon a pessoa mais terrível que ele já tivera o azar de encontrar.

No fim O'Banon arranjara asilo e trabalho para os dois. Jim tentou não pensar em si mesmo cruzando as "ruas" ao lado de Tychus, que exclamava satisfeito: *não dá nem pra tacar uma pedra na rua sem acertar uma prostituta!* E lembrou-se também de que na época ele achava que sabia o que era cansaço e desilusão com o mundo, que as coisas não poderiam ficar piores.

Mal sabia Jim Raynor que aquilo era só a ponta do iceberg.

Sinto sua falta, Tychus. Não do traidor que você se tornou… Mas do homem que você costumava ser. Diabo… Sinto falta do meu amigo.

Mas Tychus já era. O'Banon também, substituído por um Ethan Stewart, que por sua vez fora substituído por alguém que Raynor não conhecia. Provavelmente, quem quer que fosse o novo chefe daquela joça, Mira tinha influência sobre ele, ou não teria oferecido abrigo. Restava torcer para que a nova chefia tivesse um excelente sistema de segurança. De maneira geral os chefes do Porto do Enforcado não tinham uma expectativa de vida muito longa, e a última coisa de que Jim precisava agora era de uma briga pelo poder.

— Eu... creio que agora entendo o que o Sr. Horner quis dizer — disse Valerian com a voz pingando desgosto ao desembarcar da *Bucéfalo*.

— Isso aí — respondeu Jim, ainda fitando o vazio, perdido em lembranças. O cheiro de um charuto aceso chegou até ele, e por um instante feliz ele pensou que se virasse rápido o suficiente veria Tychus.

Não nesta vida. Jim girou nos calcanhares e, ao dar de cara com Horner e Valerian, sacudiu a cabeça, tentando afastar os pensamentos que o distraíam. O Herdeiro Legítimo da Supremacia já não usava o pomposo casaco militar, mas mesmo em mangas de camisa e calças simples, ainda parecia ter *"alvo"* escrito na testa.

— Precisamos dar um jeito em você, Valerian — disse Raynor, grato por poder deixar as lembranças de lado. — Sua aparência é chamativa demais.

Valerian abaixou a cabeça para olhar a própria camisa engomada, as calças passadas e as botas perfeitamente engraxadas.

— Ora, ora, vejam só. Três fofinhos para Mira — disse uma voz atrás deles. Ao se virar, os três viram uma mulher corpulenta sorrindo com as mãos na cintura. — Bom — acrescentou ela enquanto os olhos, o mecânico e o orgânico, perscrutavam o grupo —, dois fofinhos e um farrapo. James, você ainda não aprendeu a usar os chuveiros sônicos da sua adorável nave?

A "adorável nave", bem como a *Bucéfalo*, foram camufladas com tanta habilidade que as próprias tripulações não as reconheceriam. A equipe enviada mais cedo por Mira, trabalhando sob a atenta supervisão de Swann, obteve um excelente resultado removendo peças desnecessárias do exterior, acrescentando outras temporariamente e pintando os cascos, dando-lhes um aspecto gasto e enferrujado. Para completar a ilusão, uma pequena quantidade de sucata foi cuidadosamente espalhada sobre as naves, integrando-as perfeitamente ao ambiente; Jim podia jurar que viu pelo menos uma lágrima escorrer pelo rosto de Swann.

— Aprendi, sim, e até gosto — respondeu ele —, mas parece que eu atraio sujeira.

Mira fez uma careta de decepção e deu-lhe um pequeno empurrão de brincadeira.

— Muita gente poderia achar que isso foi um insulto — declarou. — Mas fique tranquilo, sei que não foi.

Ela fitou Valerian com seu olhar desconcertante.

— Me disseram que é pra chamar você de Sr. V. Tudo bem por mim.

Você parece bem mais alto do que na UNN.

— Ouço muito isso — respondeu Valerian. — Obrigado por nos dar abrigo. Sua gentileza não será esquecida.

— Agora vamos torcer pro seu papaizinho não descobrir e decidir não esquecer isso também — retrucou Mira.

Jim a conhecia bem o suficiente para reconhecer um aviso velado; ela sabia ser provocante quando queria, mas era perigosa o tempo todo. Ele sabia melhor que ninguém que Mira Han não deveria ser subestimada. Ela sorriu, deixando de lado a ameaça sutil.

— Também agradeço pela oportunidade de passar um tempo com meu querido Matthew.

Finalmente, Mira disparou na direção de Horner e, atirando-se em seus braços, beijou-o no rosto e entregou-lhe discretamente um pedaço de papel dobrado. Matt ficou imóvel, com a expressão de um prisioneiro prestes a ser executado — resignado, mas claramente desejando não estar ali.

Valerian sorria discretamente:

— Como foi que vocês se conheceram?

— Ah, vamos deixar isso pra lá — apressou-se Matt.

O sorriso de Mira alargou-se:

— Ele adora me provocar — disse ela, embora todos vissem que era ela quem provocava. — Não escreve, não liga… Mas o que importa é que estamos aqui, e vamos recuperar o tempo perdido. Não é, benzinho?

Matt assentiu sem entusiasmo. *Nunca vou me cansar disso*, pensou Jim, deleitando-se com a situação. Mira passava tão longe de uma donzela de coração partido quanto possível, e os dois eram marido e mulher só no nome. Mesmo assim a afeição que ela demonstrava por Matt com ações e palavras era obviamente real, mesmo que jocosa.

— Odeio interromper — disse Raynor —, mas acho que o Matt… Matthew!… avisou que estamos com uma mulher muito ferida. Ela precisa de cuidados médicos e um lugar calmo pra descansar e se recuperar.

Ainda escorada em Matt, Mira se virou e falou, agora com toda

seriedade:

— Ele avisou. E também ficou cheio de segredinhos sobre essa doença e sobre a identidade dessa… mulher.

No fim das contas, Mira Han era uma mercenária, e estava correndo um risco enorme para escondê-los. Matt, Raynor e Valerian decidiram que ela seria informada de algumas coisas, mas não de outras. Valerian concordou em revelar quem era: parecia justo que Mira conhecesse uma das principais razões pela qual a Supremacia estava atrás deles. Mas todos concordaram que revelar a identidade de Sarah Kerrigan seria assinar a sentença de morte dela, se não pelas mãos de Mira Han, pelas de um dos muitos que tinham contas a acertar com ela. Soldados, com sua lealdade enxertada biologicamente, eram uma coisa; os Saqueadores, cegamente devotados a Jim Raynor e suas escolhas, eram completamente confiáveis; mas Mira Han… Jim não confiava totalmente nela. Como Rainha das Lâminas, Kerrigan era quase imbatível. Mesmo como fantasma, Sarah Kerrigan era capaz de se defender mais do que bem. A mulher na enfermaria, por outro lado, estava fraca e vulnerável. Um tubo intravenoso apertado seria mais que suficiente para dar cabo dela. Era difícil, quase impossível pensar em Sarah daquele jeito, mas Jim sabia que, pela primeira vez, ela dependia totalmente dele, e Jim não a deixaria na mão.

— Todos nós temos segredos — disse Raynor.

— Madame — intrometeu-se Valerian com um sorriso encantador —, viemos até você em total boa-fé. Você poderia facilmente enviar uma mensagem à Supremacia e dizer ao meu pai que estamos todos aqui, se quisesse, mas Matthew nos assegurou de que podemos confiar em você. Por favor, você poderia nos fazer a mesma gentileza?

Mira Han permaneceu imóvel, observando Jim e Valerian com o inquietante olho cibernético. Horner completou:

— Mira, não podemos falar dela agora. Confie em mim, ok?

A expressão dura no rosto dela suavizou-se.

— Matthew, você é um homem bom, e minha nossa, como é raro ver homens bons por aí. Tudo bem. Por você não só vou esconder todos,

como também não vou fazer perguntas.

Jim sentiu um enorme alívio:

— Obrigado, Mira.

— Hummmm — emendou ela evasivamente —, posso arrumar um local seguro onde essa… mulher… pode receber tratamento. Também contatei alguns médicos, mas duvido que eles sejam mais capazes do que os que estão a bordo da sua nave, Sr. V. De qualquer maneira, estão à sua disposição. O lugar é isolado, tranquilo e muito seguro.

— Perfeito.

— Excelente. Enviarei alguém para buscá-los em uma hora. Enquanto isso, Matthew e eu precisamos resolver alguns… assuntos — disse Mira, enlaçando um dos braços no de Matt possessivamente.

Ele lançou um último olhar para Jim, que deu de ombros e respondeu apenas:

— Vai que é sua.

CAPÍTULO NOVE

Uma hora mais tarde, como Mira prometera, um pequeno levitraz veio buscar Jim e Sarah. Jim usava roupas discretas e amarrotadas — como era seu costume — e carregava Sarah enrolada em um cobertor, tomando cuidado para cobrir as estranhas gavinhas que pendiam da cabeça apoiada em seu ombro. A carcaça do levitraz parecia já ter vivido dias melhores, mas o interior era muito bem conservado, mostrando apenas algumas marcas de uso. Jim gentilmente acomodou Sarah num dos bancos e certificou-se de prender bem a coberta, especialmente em volta da cabeça. Ela estava acordada, mas ainda dopada pelos medicamentos.

— Aonde estamos indo? — perguntou Raynor ao piloto.

— Para fora da cidade. O refúgio é bem protegido. Você e sua amiga podem ficar despreocupados.

Jim cerrou os dentes. Uma ideia cruzou sua mente, mas ele fez questão de rechaçá-la. Não podia ser o mesmo lugar.

Em poucos instantes, a nave decolou e partiu, deixando para trás a cidade ferro-velho. Do ar, podiam-se ver os tons metálicos logo dando lugar ao verde da grama e ao marrom da terra, acompanhados de uma extensa faixa azul que sinalizava a existência de um lago. Como da última vez que estivera ali, Raynor ficou maravilhado — a impressão de

que o planeta inteiro era uma lata de lixo era falsa.

Jim Raynor arregalou os olhos assim que viu o edifício. A aparência já não era tão boa quanto ele se lembrava, mas com certeza…

— Esse não é a propriedade de Scutter O'Banon?

O pilotou soltou uma gargalhada.

— Claro. Como você sabe?

— Nós… Eu já estive aqui. Muito tempo atrás.

Os dois já tinham passado por problemas antes — afinal, quando é que não estavam em encrenca? —, mas Jim sabia que o homem que ele era então não sabia o quão sua vida era livre de problemas e fardos.

Incluindo o fardo de ter assassinado seu melhor amigo.

Ele começou a sentir que não deveria ter retornado. Um único fantasma o aguardava no Porto do Enforcado, mas já era mais que suficiente.

— Não parece tão diferente daqui de cima, mas lá embaixo você vai ver que muita coisa mudou... — disse o piloto, então completou — Mira não é o O'Banon.

— Agradeça a Deus por isso — concluiu Jim, rindo por entre os dentes e sacudindo a cabeça. Então Mira Han, dos cabelos de algodão doce, tinha tomado o poder depois que Ethan Stewart, sucessor de O'Banon, fora transformado em zerg. Raynor não fazia ideia de que ela tivesse tanta influência, e a julgar pelo modo como o piloto falou, era assim que Mira preferia. Subitamente ele se sentiu muito mais seguro e confiante nos cuidados que Sarah receberia.

A proteção do lugar ainda era a mesma, mas as piscinas estavam cheias de terra, e os jardins e pomares tinham sido abandonados, deixados para morrer. De cima, a mansão parecia a mesma, apesar de o gramado cuidadosamente aparado ter ficado no passado.

O campo de pouso ainda estava lá, e para a surpresa de Jim um carro já os aguardava; o mesmo modelo terrestre antiquado de sempre. Os cabelos rosa-shocking da motorista foram uma surpresa ainda maior.

Enquanto ele ajeitava Sarah e se sentava, Mira virou e sorriu.

— Você não esperava que fosse eu! — cantou.

— Não *mesmo*. — Jim ajeitou o cobertor em volta de Sarah novamente. Ela ainda estava sedada, mas o efeito das drogas logo passaria. — Não esperava nada disso. Você enganou todo mundo direitinho, Mira. Ou devo te chamar de Sra. Chefona?

— Não se você tem algum apreço por essa sua carcaça, James. — Sentado ao lado dela estava Matt, que quase parecia à vontade e satisfeito. Mira prosseguiu: — Você já esteve num veículo desses antes?

— Sim — respondeu Raynor. — Neste mesmo lugar.

— Ah, então você conheceu o finado Scutter. Talvez o falecido Ethan.

Mira, que não parava de surpreender Jim, dirigia o antiquado veículo com maestria, conduzindo-os suavemente por uma estrada comprida e bem pavimentada. As árvores pareciam as mesmas desde a última vez que Jim Raynor estivera ali; uns poucos anos, afinal, não fariam tanta diferença.

— Eu conheci O'Banon. Não que guarde boas lembranças… Na verdade, fico feliz por você ter tomado o lugar dele.

— Porque eu estou do seu lado?

— Sim — admitiu Raynor —, por isso e porque, francamente, você é uma pessoa muito melhor do que ele jamais poderia ser.

Os olhos dela buscaram os dele no retrovisor e os encontraram, sombrios.

— Obrigada, James.

Tentando dar à conversa um rumo mais ameno, Jim perguntou:

— Ei, e o Randall? Ainda está na área? — Phillip Randall era o mordomo de O'Banon. Elegante, altivo, cabelos grisalhos. Olhos azuis e profundos como o céu. Nada parecia surpreendê-lo; nem a aparência amarrotada de Jim e Tychus, nem a situação quando o amigo pediu que o mordomo lhe arranjasse umas mulheres. Daquela vez, Tychus estava brincando, mas Randall o levara bem a sério.

— Já ouvi muita coisa sobre Phillip Randall — disse Mira —, mas ele também já era. Você sabia que ele era um assassino?

Jim e Matt trocaram olhares. Subitamente a precisão com que Randall se movia e o olhar aguçado ganharam um novo significado na mente de

Jim Raynor. Uma frase dita por Scutter O'Banon num acesso de fúria pipocou em sua mente: *Cacete, seus putos, vocês têm sorte do Randall estar de folga hoje, ou estariam estripados feito porcos no chão a essa altura*. Jim sentiu um sobressalto; na época ele achara que era uma piada.

— Hum, não, não fui informado disso. Achava que ele era apenas um mordomo *muito* competente.

— Bem, isso também. Aqui haverá médicos para ajudar a cuidar da sua… mulher… Mas vocês vão ter que cozinhar e cuidar da limpeza.

O carro encostou em frente à mansão. Jim surpreendeu-se com a acuidade das lembranças que tinha do lugar. Kerrigan, ainda zonza, ia em seus braços enquanto ele era guiado por Mira Han até a entrada. Ela digitou um código e as imensas portas se abriram.

Do lado de dentro, a realidade era bem diferente da memória de Jim. No tempo de Scutter, o piso de madeira antiga estava sempre brilhando e cuidadosamente encerado, e as paredes eram cobertas por troféus de caça. Agora havia um ar de, se não ruína, ao menos negligência. A maior parte dos bibelôs que adornavam o ambiente — antiguidades de valor inestimável, mas nada mais que futilidades dispensáveis para Jim — não estava mais lá. Nem as cabeças de animais, o que era uma melhoria significativa.

— Eu não vivo aqui — disse Mira. — É só um lugar para as pessoas se esconderem quando precisam.

Pensar na preciosa mansão de Scutter O'Banon transformada em esconderijo fez com que Jim sacudisse a cabeça. Era maravilhoso.

A madeira velha rangeu sob os pés deles enquanto cruzavam a sala e subiam por uma escadaria curva. No andar superior, Jim sentiu um sobressalto — ele e Kerrigan ficariam no mesmo quarto em que Tychus ficara.

Pela segunda vez ele desejou não ter vindo.

Mira enfiou a mão num dos bolsos do colete e tirou uma chave. O quarto era espaçoso, exatamente como ele se lembrava; mas como em todos os cômodos por onde passaram, a maior parte da decoração já fora vendida. A luz entrava pela janela, agradável como sempre, e a cama

ainda era a mesma: enorme, ostentando um suntuoso dossel e muito confortável, ou assim Jim esperava.

Assim, de súbito já não importava a Jim que aquele quarto também servira de refúgio para Findlay. Era um lugar seguro para a mulher que amava; um lugar onde ela poderia descansar e, se tudo desse certo, se recuperar. Jim percebeu que os criados-mudos dos quais se lembrava tinham sido trocados por mesas médicas portáteis.

Dois homens vestidos de branco entraram com a expressão de superioridade típica de alguns profissionais da área médica. Ajeitando Sarah nos braços, Raynor disse:

— Imagino que possa confiar na confidencialidade entre médico e paciente, certo?

Os médicos se entreolharam. Um adiantou-se em responder:

— Trabalhamos para Mira Han, mas nosso principal compromisso é com o paciente.

— Isso é um sim? — Jim queria ouvir da boca deles. Sarah era importante demais.

— Sim — respondeu o outro. — Também quer por escrito? — completou sarcasticamente.

— Na verdade, seria ótimo — respondeu Jim enquanto caminhava até a cama e deitava Sarah com todo o cuidado.

Matt parecia um pouco preocupado. A brusquidão de Jim poderia ofender Mira. Mas, em vez disso, ela gargalhou.

— Ah, James, sua rudez é adorável. É uma razão pelas quais sou sua fã. Sei sempre exatamente o que esperar de você.

— É assim que pretendo manter as coisas — respondeu ele com um sorriso genuíno. — Fico realmente agradecido pelo que está fazendo.

— Eu sei. Espero que Matthew e o encantador Sr. V também fiquem. Bem, agora vou deixar você e sua amiguinha com os médicos. Espero que eles possam ajudá-la. Se precisar de algo, fale comigo por meio de Matthew. — E, virando-se para o marido, prosseguiu: — Quer vir numa viagem *bem* longa comigo? Ainda temos alguns lugares bonitos e mais discretos por aqui, sabe.

— Não temos que nos encontrar com o Sr. V? — respondeu Matt rapidamente. — Você prometeu disponibilizar um canal seguro para ele.

— Ah, sim, prometi. Hum, talvez ele esteja um pouco nervoso a essa altura. Sim, vamos cuidar dele antes. *Depois* damos nossa voltinha.

Após enlaçar o braço no dele com firmeza, Mira saiu do quarto arrastando Horner. Os médicos voltaram as atenções para Sarah. Um deles fez menção de desenrolar o cobertor, mas Jim agarrou-o pelo pulso:

— Lembre-se da sua promessa. Confidencialidade.

— Claro — retrucou o médico, um tanto irritado.

Jim soltou sua mão, afastou-se e viu o homem se surpreender quando os cachos de aparência artrópode se revelaram por baixo do cobertor. Os dois médicos o encararam.

— Sim, é ela — anunciou Jim.

— Você trouxe a Rainha das Lâminas pra cá? — disse um dos médicos, em choque.

— Não. Eu trouxe Sarah Kerrigan. E vocês vão dar a ela os melhores cuidados que já deram a alguém.

Não pela primeira vez, Jim estremeceu ao ver Sarah tão fraca. Ele sempre se lembrara dela como uma mulher forte, poderosa, fosse como ela mesma ou sob a alcunha de Rainha das Lâminas. Vê-la em ação era assistir a um balé de armas, músculos e mente; um poema de violência precisa, objetiva. Ela fora treinada para matar, mas ele sabia o quanto aquilo a atormentava. Quando ela podia cumprir seus objetivos sem se tornar um anjo da morte, era esse o caminho que escolhia. Jim compreendia perfeitamente. Ele fizera a mesma escolha. Aquilo era algo que Mengsk jamais compreendera.

Talvez por isso Jim e ela funcionassem tão bem juntos — dois matadores que odiavam matar.

2500

Enquanto se aproximavam da única lua de G-2275, um imenso gigante gasoso, Jim perguntou:

— Não tem nada que indique que alguém more aqui, tem?

Sarah lançou-lhe um olhar divertido.

— Era o que dizia o relatório, Jim.

— Eu sei disso, mas é diferente quando você vê com os próprios olhos.

Ela arqueou uma das sobrancelhas vermelhas e virou-se para a tela, que mostrava uma lua absolutamente banal, orbitando um planeta banal. Não havia qualquer indicação de que um dos maiores polos tecnológicos da Confederação estivesse sob sua superfície.

Sarah tinha repassado todas as informações sobre o lugar com Raynor, Mengsk e Mike Liberty mais cedo. Depois da vitória em Antiga Prime, Mengsk estava eufórico com seu novo brinquedo; o emissor psi permitira que os rebeldes e a maior parte da população civil fugissem com os Filhos de Korhal. Os confederados que sobreviveram ao ataque zerg pereceram em seguida, durante a limpeza promovida pelos protoss. Mas novos relatórios informavam que os golias, *mechs* andarilhos de quatro metros de altura que transformavam homens em gigantes aterradores, estavam sendo adaptados e aprimorados.

Depois de declarar abertamente que não tinha nenhum interesse em se incumbir novamente do emissor psi, por mais bem-sucedida que tivesse sido, Kerrigan conseguiu convencer Mengsk de que obter os planos dos golias aprimorados era um caminho muito mais viável, de resultados mais amplos e de igual eficiência tática, com o que ele por fim concordou. A vantagem que os golias davam à Confederação podia parecer irrisória a curto prazo, mas era letal.

Sarah sabia até os lugares mais prováveis onde os tais planos poderiam estar.

— Já estive lá, mais ou menos um ano atrás — disse ela.

— Fazendo o quê? — perguntou Jim sem pensar, e logo em seguida sentiu-se mal diante da resposta, um olhar fulminante que dizia: *o que você acha?*

Kerrigan prosseguiu.

— Eles mudam os códigos de segurança religiosamente, claro, mas usam um algoritmo específico para gerá-los. É complicado, mas eu sei de cabeça. Podemos passar por ele sem problemas.

— Isso soa idiota — disparou Mike enquanto coçava o queixo pensativamente. — Quem aprender essa fórmula pode entrar lá quando bem entender.

— Não subestime a arrogância dos que julgam estar acima de falhas, Mike — replicou Mengsk. — Estão todos provavelmente ocupados demais dando tapinhas uns nas costas dos outros para poderem pensar sobre perigos reais e iminentes.

— E não subestime a engenhosidade dos tolos — ironizou Jim. Sarah sorriu maliciosamente, como ele esperava. Jim continuou:

— Então, Sarah, você já realizou uma, ahm, missão lá. Acha que eles deram um trato na segurança?

— Sem dúvida — respondeu Kerrigan —, mas os perfis psicológicos deles indicam que não mudaram o algoritmo. Contudo, é muito provável que tenham solicitado mais soldados que os que estavam lá para me impedir da última vez.

Como sempre, ela estava certa em todos os itens. Os desgraçados arrogantes nem se incomodaram em trocar o algoritmo. Obter a permissão para chegar às docas foi como tirar doce de criança e, uma vez lá, o fora da lei e a fantasma passaram facilmente pela equipe de serviço no atracadouro e pelos dois soldados que, de extremamente entediados, em um segundo passaram a extremamente mortos.

A dança de verdade teve início logo em seguida.

Havia soldados que tinham de ser neutralizados. Se fossem ressocializados, e provavelmente eram, não parariam de lutar até estarem mortos. Sarah e Jim perceberam isso e, sem dizer uma palavra, deram início à matança em perfeita sincronia. Apesar de sombria, essa parte da dança era tão bela quanto as outras.

Por terem usado um código válido, sua chegada não disparou alarmes. Sarah se lembrava da planta da estação, e por isso foi na frente,

o corpo curvilíneo e os belos cabelos ruivos desaparecendo no ar, esvanecendo e transformando-se em uma arma invisível. Jim esperou que ela sumisse e, depois de contar até cinco, disparou contra a primeira soldado mais à frente. Ela caiu, mas seus dois companheiros revidaram. Um ergueu uma das mãos e abriu a boca para falar.

Ele morreu antes de proferir uma sílaba. Sarah o atacou pelas costas e um buraco apareceu no peitoral do traje de combate. O soldado que restava começou a se virar, mas foi arremessado pelo corredor, chocando-se contra um anteparo. De costas, debatendo-se como uma tartaruga, o soldado esforçava-se para levantar. Sarah materializou-se em seguida e deu fim aos esforços do soldado, sua silhueta azul e branca numa postura tensa e firme, uma mecha de cabelo caindo-lhe sobre os olhos. Ela era mesmo uma arma letal, capaz de liquidar vários oponentes de uma só vez e silenciá-los piedosa e letalmente.

Seus olhos se entrecruzaram e algo se transmitiu entre eles. Um tipo de aquiescência, cumplicidade; o reconhecimento de terem habilidades aguçadas, nervos de aço e um profundo pesar por tudo aquilo ser necessário.

Não foi difícil encontrar quem tivesse informações sobre os planos de aprimoramento dos golias. Bastou Sarah ler alguns pensamentos e os dois concluíram a missão, deixando para trás a equipe de quatorze pessoas: espancadas, inconscientes — mas vivas. Mengsk estava mais que satisfeito, claro, e os golias da rebelião foram aprimorados. O rumo do jogo fora mudado novamente.

Mudado pelas mãos de Sarah Kerrigan, a fantasma. A arma que chorava.

2504

No bar da *Hipérion*, apoiado no balcão do bar, Valerian divertia-se com as interessantes circunstâncias que o levaram até aquele exato ponto do

universo. Seu pai não reconheceria nada ali, e isso o fez sorrir para o *mai tai* à sua frente. O ar estava denso, tomado pela fumaça e pela música baixa que vinha de um dispositivo pendurado no teto, a que ele tinha ouvido se referirem como *jukebox*. O objeto parecia recondicionado, ainda exibindo marcas de vários danos sofridos, e o sorriso de Valerian coloriu-se de ironia quando o cantor melodiou sobre "mentes desconfiadas".

— Tinha o dobro de músicas antes de Tychus Findlay quebrá-la — disse Cooper, o barman.

Valerian fez uma careta. Findlay. Ele concordava com o que Jim fizera, mas sabia que fora difícil para ele.

— O *mai tai* não está como o senhor gosta? — perguntou Cooper, claramente preocupado com a expressão de Valerian.

— Está excelente. Na verdade, se o resto dos seus drinques for tão bom quanto esse, é meu dever dizer que seus talentos estão sendo desperdiçados aqui.

O homem de cabelos negros, olhos azuis e comportamento amigável soltou uma risada enquanto sacudia com vigor a coqueteleira.

— Que nada — disse o barman. — Eu gosto daqui. Estou com os Saqueadores faz um tempo. Eles lutam com raça e arriscam tudo. O mínimo que merecem são uns bons drinques no fim do dia.

— Ou no começo.

— O senhor pode até não acreditar, mas não temos muitos beberrões por aqui. — Cooper serviu a bebida e a estendeu para uma jovem. Valerian a reconheceu de imediato, e também o cavalheiro que a acompanhava:

— Senhorita Annabelle — disse a ela. — E Tenente Rawlins. Você não está de serviço? — completou, dirigindo-se ao homem.

— Senhor, minha função é de navegador, e no momento estamos atracados. O Capitão Vaughn permitiu que eu pagasse um drinque à dama. É o mínimo que podemos fazer para nos desculpar pela peça que pregamos nela.

Valerian sorriu para a jovem.

— Concordo. E obrigado. Sua equipe fez um excelente trabalho

mesmo sob extrema pressão. Acho que a *Bucéfalo* não estaria aqui se não fosse por vocês.

As maçãs do rosto de Annabelle coraram.

— Obrigada. Estou apenas fazendo meu trabalho.

— Começo a compreender por que os Saqueadores do Raynor causaram tantas dificuldades ao meu pai.

— Fazemos tudo ao nosso alcance para sermos uma pedra no sapato dele — respondeu Annabelle, voltando-se em seguida para o navegador que a acompanhava. — Obrigada pela bebida, Travis. Venha comigo. Sei qual é a melhor mesa.

— Quero saber mais sobre suas ideias para os módulos de transporte — disse Travis. O navegador não entendia quase nada de engenharia, mas havia soado genuinamente interessado. Valerian sorriu discretamente.

— É justamente por isso — apontou Cooper, observando o par se afastar —, que faço o que faço. Agora, uma pergunta ao senhor: por que está aqui e não na sua nave?

— Não sei precisar a razão — respondeu Valerian. — Suponho que como unimos forças para lutar contra meu pai, eu queira saber mais sobre as pessoas com quem estou trabalhando.

— Faz sentido. Talvez para conseguir alguma informação a mais também, não?

Valerian rapidamente o encarou, dirigindo-lhe um olhar cáustico, mas Cooper apenas sorriu e começou a ensaboar alguns copos.

— Ora, vamos lá. *Todo mundo* conversa com o barman. O senhor tem perguntas, eu tenho respostas. Mas eu também tenho perguntas. Quer fazer negócio?

— Parece justo. Mas você deve saber que há coisas sobre as quais não posso falar.

— Claro. — Cooper deu de ombros. — Também é assim com Matt e Jim. O senhor começa.

— Certo. Qual a sua opinião sobre o Sr. Raynor?

— Eu não estaria aqui se não fosse por respeito — respondeu Cooper.

— Estão pagando muito dinheiro para quem entregá-lo.

— Então você não tem nada de ruim a dizer sobre ele?

— Não foi o que eu disse. — O barman agora secava os copos. — Claro que em alguns momentos tive dúvidas. Por exemplo, quando ele começou a se aproximar daquele protoss, Zeratul. E por algum tempo eu também achei que a bebida estava começando a afetar ele.

— O que o fez mudar de ideia?

— Eu não mudei de ideia sobre os protoss. Já viu algum pessoalmente?

— Sim.

— Medonhos, não? — Cooper fez uma careta. — Sem boca, aquele jeito de andar esquisito, essa coisa de ler mentes… Peço desculpas se o senhor gosta deles como Jim, mas eu prefiro nunca mais ver um, se puder. Sobre a bebida, bom, Jim logo provou que tinha tudo sob controle. Ele vem de vez em quando para tomar alguma coisa, se divertir, mas eu parei de me preocupar. Ele sabe quais são as prioridades.

— E quais são?

Cooper sorriu maliciosamente:

— Ah-ah. Já respondi uma pergunta. Minha vez.

Valerian brindou, erguendo o copo meio cheio:

— Quando quiser.

— Todo mundo sabe que o senhor cortou relações com seu pai por causa de toda a história com Kerrigan. E agora? Não podemos nos esconder aqui pra sempre.

Valerian observou Cooper por um instante.

— Você não é de fazer rodeios...

— Não mesmo. Já tenho que aturar muita conversa fiada. Vou ser franco: a decisão do comandante de ir a Char deixou a tripulação insegura no começo. Findlay tentou abalar a confiança das pessoas nele.

— Por isso a jukebox arremessada.

— Exatamente. A história acabou com Tychus no chão, sem conseguir se levantar. O comandante disse que era escolha nossa continuar com ele ou cair fora… como sempre foi. Nenhum dos Saqueadores escolheu ir

embora, mas queremos saber pra que fizemos tudo aquilo, pois com certeza essa história não acabou quando Kerrigan voltou a ser humana. Se é que ela é humana. Há muitos boatos por aí.

Valerian tinha certeza de que havia, e se perguntou qual seria a ação mais segura. Rapidamente ele se decidiu: este grupo teria acesso às informações.

— Ela obviamente não se recuperou totalmente, ou você a teria visto andando por aí.

Os olhos azuis de Cooper transpareciam receio.

— Mas… ela está bem de forma geral? Quer dizer... ela não é uma criatura meio zerg que estão escondendo de nós, é?

O príncipe riu.

— Com certeza não. — Era a verdade. Kerrigan estava bem. Ou quase isso. — Mas o corpo dela sofreu muito. Ela precisa de ajuda, mais do que podemos dar na minha nave. É por isso que estamos aqui sob os cuidados de uma tal de Mira Han, para que Kerrigan possa ser tratada por pessoas realmente capazes de ajudá-la a terminar de se recuperar.

— A Fundação Moebius?

Valerian assentiu.

— Isso. A qualquer instante, ou pelo menos é o que espero, Mira vai entrar em contato para avisar que obteve um canal seguro para eu enviar uma mensagem. Cuidado nunca é demais.

Foi a vez de Cooper rir.

— Eu sei. Depois do Findlay, bom, eu não me surpreenderia se seu pai tivesse espiões aqui também. Tenha cuidado ao enviar essa mensagem. — Depois de enxugar o último copo, o barman sorriu para Valerian. — Odeio perder clientes.

— Você perdeu muitos — respondeu Valerian. O príncipe despejou um generoso amontoado de créditos no balcão. — Ainda verá muita gente minha aqui na *Hipérion*. Tivemos que dividir a tripulação da *Héracles* entre a *Bucéfalo* e a sua nave. Trate todos tão bem quanto tratou a mim.

Cooper juntou os créditos, satisfeito.

— Pode deixar, Sr. V. — disse, e apontou para a entrada. — Olha só quem acabou de chegar. Que surpresa ela ter tirado as garras… digo, as *mãos* dele.

O comentário não fora maldoso, e Valerian observou Matt Horner passar pela porta e se aproximar:

— Temos um problema.

— Vou preparar outro drinque — declarou Cooper.

Valerian ficou a postos.

— O que foi? Mira não conseguiu uma conexão segura?

— Bem, isso foi resolvido. O problema é que você precisa chegar até ela.

O Herdeiro Legítimo franziu a testa.

— Não compreendo…

— Vou explicar. — Matt se curvou e esfregou a palma da mão no chão. Óleo, poeira e outras manchas que Valerian nem quis saber o que eram a deixaram imunda. — Está vendo? — perguntou Matt, erguendo a mão.

Valerian fez uma careta.

— Sim, embora preferisse não ver.

Sem aviso, Matt esfregou a sujeira no rosto de Valerian.

— Isso é só pra começar — disse.

CAPÍTULO DEZ

Antes que Matt pudesse reagir, a mão de Valerian agarrou seu pulso e o torceu dolorosamente, forçando-o a dobrar os joelhos. O som de cadeiras sendo arrastadas às suas costas alertou Valerian de que os clientes do bar preparavam-se para vir em defesa do capitão Horner; ele então o soltou, mantendo o olhar fixo.

— Se tem um problema comigo, basta dizer — declarou com uma voz carregada de raiva.

— Não tenho — respondeu Matt, esfregando o pulso e encarando o príncipe com uma expressão levemente atônita. — Você é quem tem um problema. Você parece com… bom… com *você*. E se vai andar pelo Porto do Enforcado, quanto menos parecer *você*, melhor.

Valerian havia muito tempo aprendera a controlar a raiva. De vez em quando ela ressurgia, como agora, atacando rápida e certeira como uma víbora. Mas nunca durava muito tempo.

— Entendo. Você poderia ter dito. Evitado o sofrimento — disse Valerian, acenando com o queixo para o pulso de Matt.

— Não se preocupe com isso — resmungou o capitão da *Hipérion*. — Estou até surpreso de ver você agindo assim.

— Ah, você logo vai perceber que sou uma caixinha de surpresas —

respondeu Valerian, bebericando o segundo *mai tai*. — Enfim, ao trabalho. Por que precisamos ir caminhando?

— Mira disse que mesmo o lugar sendo um ferro-velho, a maioria das pessoas *anda* quando precisa chegar a algum lugar. Com os recentes ataques dos zergs, muitos estão passando por sérias dificuldades. Antes a maioria era de mercenários e criminosos, mas agora eles são principalmente refugiados. Não têm um tostão furado. Qualquer tipo de veículo ou nave vai atrair atenção.

Enquanto conversavam, Cooper trabalhava em silêncio na próxima rodada. Ao terminar, ele empurrou a bebida gentilmente na direção de Horner, que a recebeu com um aceno de cabeça, jogando alguns créditos no balcão.

— Muito bem — respondeu Valerian. — Vejo que é um fã de gim-tônica.

— Tônica e lima sintética — respondeu Horner. — Geralmente não bebo em serviço. Precisamos deixar você com a aparência da população local: miserável e maltrapilha. E o senhor vai me desculpar — o capitão tomou um gole —, mas isso vai ser um desafio desgraçado.

Valerian sorriu ligeiramente:

— Talvez seja mais fácil do que você imagina.

Depois de meia hora, Matt reuniu algumas roupas com a aparência gasta de que precisavam. Aparentemente pertenciam a alguém da equipe de Swann; alguém que, nas palavras do capitão Horner, "faz questão de sujar as mãos quando trabalha".

Valerian inspecionou as roupas, tentando não parecer muito ofendido pelo odor que as botas, calças, camisa e casaco remendados e manchados de óleo exalavam.

— Deve servir — balbuciou.

— Uma pena não termos um ou dois dias para deixar sua barba crescer — observou Matt. — Mas vai ter que ser desse jeito. Um pouco mais de sujeira na cara e no cabelo e pelo menos sua aparência vai ser convincente.

Horner tentava parecer concentrado na tarefa, mas era óbvio que se divertia ao pensar no Herdeiro Legítimo se arrastando pelas ruas do enorme ferro-velho fedendo como um refugiado. Valerian achava aquilo curioso, mas também um tanto irritante.

— Pelo menos a aparência convincente? — repetiu Valerian. — Parece que você não acha que consigo fazer isso, capitão Horner.

— Estou preocupado, admito. Um passo errado e estamos mortos. A casamata fica a cinco quilômetros daqui.

— Sua aparência não é exatamente um lixo também — apontou Valerian. — Talvez eu devesse estar preocupado com isso. Suponho que os soldados permanecerão a bordo da *Bucéfalo*.

— Exato, senhor. Os ressocializados não conseguirão reprimir a programação, o que os torna inadequados para missões secretas. Nem seus soldados serão capazes de ocultar que são militares.

— De fato.

— Podemos trazer um ou dois dos Saqueadores menos conhecidos para protegê-lo. Isto é — adicionou Matt —, considerando que confia em nós.

A irritação agora superava a curiosidade. Valerian encarou Horner.

— Você não gosta de mim — disparou. — E não confia em mim. Ainda assim, cá estou eu, pondo minha vida em suas mãos. Se vamos trabalhar juntos, capitão Horner, então, por favor, vamos trabalhar *juntos*, OK? Sua postura está começando a cansar.

Matt corou. O comentário de Valerian obviamente acertara em cheio.

— Está bem — respondeu o capitão.

— Além disso — Valerian virou-se para contemplar as roupas fedidas outra vez —, este servicinho vai afastar você de Mira Han um pouco. Achei que ficaria um pouco mais grato.

O gelo não se rompeu por completo, mas Matt precisou se segurar para não sorrir.

Assim que pisaram fora do abrigo improvisado que era, na verdade, um dos cruzadores de batalha mais notórios da galáxia, Valerian se

esforçou para segurar a tosse causada pelo espesso miasma. Horner o observava, especulando. Ele mesmo tendia a preferir o lado "limpo" das coisas, sobretudo em comparação aos outros Saqueadores, mas Valerian tinha sido um desafio. Salvo a reação inicial surpreendentemente rápida — e dolorosa —, o príncipe resignara-se à farsa. Olhando melhor agora, Matt se perguntou se o próprio pai o reconheceria.

Com os recursos disponíveis, havia pouco a fazer para disfarçar aquele perfil aristocrático além de esfregar sujeira nele. O que já haviam feito, por sinal. Valerian mastigava alguma coisa que tinha pegado com… alguém, e curvou-se para cuspir um fio do líquido de cor asquerosa:

— Espero que não manche os dentes — resmungou.

— Acho que só se você mascar sempre — disse Matt.

A cabeleira dourada fora desarrumada, e Valerian correu dedos besuntados de óleo por entre os fios. Ambos portavam pistolas; o príncipe quisera levar uma polida e brilhante, mas Matt a substituíra por uma de aparência mais gasta e comum, do paiol da *Hipérion*. Por um instante, enquanto se acostumava ao ar do lugar, Valerian permaneceu ereto como um poste, mas quando Matt fez menção de abrir a boca para comentar, o príncipe apoiou-se de lado, curvando-se um pouco e assumindo um ar desmazelado.

— Excelente — observou Matt.

Valerian comprimiu os lábios e aproximou perigosamente o dedo da narina.

— Tudo bem, não precisa ir tão longe — resmungou Matt, lutando pra conter uma risada. — Vamos. Precisamos ter cuidado. Mesmo vestidos assim, ainda estamos melhores que metade das pessoas daqui.

Os dois desceram pela "pilha de lixo" e saltaram para a pequena abertura abaixo que servia de corredor. Horner observou que as camadas de sucata assentavam-se umas sobre as outras quase como sedimento; destroços recentes simplesmente empilhavam-se e esmagavam as camadas de metal velhas. O capitão da *Hipérion* se pegou pensando sobre as naves em que pisava; desde quando estariam ali e o que teria

acontecido aos homens e mulheres que outrora desbravaram o espaço nelas?

As instruções de Mira, sussurradas ao pé do ouvido e seladas com um beijo, orientavam-nos a seguir para o norte, e foi o que fizeram. Matt estremeceu ligeiramente ao lembrar-se da cena e tentou se concentrar no trabalho.

Valerian seguia logo ao seu lado, gingando. O corredor estreito logo se transformou em uma área mais ampla, e Matt sacudiu a cabeça

— O lugar está praticamente tomado.

Valerian não respondeu, ocupado em esquadrinhar o lugar com olhos cinzentos. Dezenas de pessoas amontoavam-se em uma área pequena demais. Crianças, algumas quase nuas, corriam por todos os lados, sem supervisão, metendo-se em todos os cantos e saltando para cima e para baixo em pedaços de metal retorcido que um dia cruzaram as estrelas. Cores irradiavam pelo ambiente, nas roupas das pessoas e nos escombros. O olhar do príncipe acompanhou um menino franzino empenhado em raspar algo de uma grande placa de metal azul.

— O que ele está fazendo? — questionou Valerian, baixinho.

— Almoçando — respondeu Matt. E enquanto ele falava, o menino ergueu as mãos imundas e enfiou algo na boca.

Valerian virou o rosto, mas Matt o censurou.

— Não. Você não pode demonstrar fraqueza. E não se afeiçoe às crianças. A miséria é real, sim, mas aqui há muitas gangues. As crianças pequenas distraem você e as maiores vêm e depenam tudo o que você tem. Jim caiu nessa armadilha quando esteve aqui pela primeira vez.

— Eu compreendo — anuiu Valerian. Sua voz era resoluta, mas algum pesar era claramente perceptível.

Prosseguindo, os dois passaram pelo tropel de crianças que, ao vê-los, imediatamente se puseram de pé e estenderam mãos imundas, grudentas e suplicantes.

— Por favor, senhor! Por favor!

— Afastem-se! — rosnou Matt com uma fúria e um nojo que não sentia de fato, e em seguida empurrou o grupo de fedelhos com firmeza,

mas sem crueldade. Uma das crianças tropeçou e caiu. Mesmo sem se machucar, o menino encheu os pulmões de ar e soltou um grito de dor alto e estridente. O garoto era bom, até conseguiu espremer algumas lágrimas.

— O que tu tá fazendo com meu filho? — trovejou uma voz profunda e furiosa. As palavras saíam um pouco arrastadas, mas isso não as tornava menos sinistras. Matt estremeceu por dentro. Tinha começado. O homem era mais alto que ele e Valerian, e mesmo não tendo o mesmo porte de Tychus Findlay, ainda assim era um espécime imponente. Outra característica que compartilhava com Findlay era a cicatriz que lhe descia pelo lado do rosto, apesar de que neste caso parte do lábio fora arrancada. E ele não estava sozinho. Dois amigos, com aparências tão sórdidas quanto a dele, surgiram e avançaram na direção de Matt e Valerian.

— Dando um pouco de educação — retrucou Valerian antes que Matt pudesse tentar reverter a situação.

— Tu tá dizendo que meu filho é balcriado? — As palavras erradas não soavam nem um pouco engraçadas saindo daquela boca dilacerada.

— Exatamente. Mantenha o fedelho longe do nosso caminho.

Boca-rasgada fez uma careta, uma imagem aterrorizante.

— Cês não vão pra lugar nenhum. — Um punho enorme agarrou Valerian pela camisa e ergueu seus pés do chão. Pelo canto do olho Matt viu lâminas brilharem. Mas enquanto sacava a arma, *tudo* aconteceu.

Valerian se moveu tão rápido que Matt viu apenas um borrão. As mãos do príncipe agarraram o agressor pela camisa e, um segundo depois, ele estava de joelhos, uivando de dor. Seus companheiros avançaram ferozes, mas subitamente o Herdeiro Legítimo não estava mais lá, e sim atrás deles. Com um salto e um movimento no ar, Valerian chutou as costas largas dos homens e — assim pareceu — subiu por elas, parando apenas para bater as cabeças deles uma contra a outra antes de saltar e pousar agachado; na mão, uma faca que Matt nem sabia que ele trazia.

Os homens desabaram, não desacordados, mas definitivamente fora

de combate. Boca-rasgada vociferou e investiu outra vez. Valerian equilibrou-se na ponta dos pés e esperou até o último instante. Então saiu do caminho com um movimento ágil, e o impulso do brutamonte atirou o próprio com toda a força contra uma das paredes de metal; primeiro uma batida seca, seguida de um tilintar agudo e demorado.

A faca de Valerian prendeu a manga da camisa esfarrapada de Boca-rasgada no que parecia um velho colchão.

Boca-rasgada os encarou por um instante e gargalhou. Ele puxou a faca e se voltou, segurando-a na mão enorme.

— Errô — grunhiu.

Valerian sorriu tranquilamente.

— Não, não errei. Não tenho nenhuma intenção de privar uma criança do pai, mesmo que seja você. — Matt e Boca-rasgada perceberam ao mesmo tempo que Valerian ainda tinha outra faca. — Agora, você vai nos deixar passar ou vamos ter que continuar com esta luta até o óbvio final?

Os olhos suínos do homem passaram do rosto calmo de Valerian — *Caramba*, pensou Matt, *ele não está nem ofegando!* — para a faca, e depois para o rosto novamente. Depois de balbuciar algo, o homem largou a faca e caminhou até o filho.

Valerian assentiu, pegou a faca do chão e virou-se para Matt, que o encarou em silêncio por alguns instantes antes de continuarem. Ninguém os seguiu.

— Eu… não fazia ideia de que você podia fazer aquilo — observou Matt.

— Qual parte?

— Qualquer uma. *Todas*.

Valerian sorriu discretamente.

— Você achou que eu era um fracote livresco e efeminado, não é?

— Eu… — Matt não queria confirmar, mas também não queria mentir, então se esforçou para encontrar um meio-termo. — Digamos que eu não esperava que você conseguisse se sair tão bem sozinho contra três.

— Sozinho não — respondeu Valerian. — Eu vi a arma.

— Você estava se movendo rápido demais para eu conseguir atirar com segurança.

— Ora... e que tal um "desculpe por isso"?

Matt teve que rir.

— Acho que lhe devo desculpas.

— Na verdade, não. Você mal me conhece, Sr. Horner — continuou Valerian enquanto caminhavam. — Você me viu cortando fitas vermelhas na UNN e me ouviu falar entusiasticamente sobre artefatos antigos. Sabe que aprecio as artes e a boa vida, e não há cicatrizes visíveis em mim. O que você não sabe é que durante a maior parte da vida, *eu* era um segredo. Provavelmente passei mais tempo na companhia de militares que você. Talvez mais até que o Sr. Raynor. Treinei longa e duramente com armas antigas como espadas…

— … e facas.

— E facas — confirmou Valerian. — Domino três artes marciais.

— Conseguiria me matar com uma colher?

— Só amadores usam colheres. — Valerian permaneceu tão impassível que Matt se perguntou se ele falava sério. Os olhos dos dois homens se encontraram, e Horner viu júbilo nas profundezas cinzentas um segundo antes do príncipe virar o rosto. — Nunca me senti seguro, nem por um segundo em toda minha infância. Aprendi a estar em guarda o tempo todo, mesmo quando não era necessário. Escolhi lutar contra aqueles brutamontes ao invés de recuar porque os boatos se espalham rápido em lugares como esse. Duvido que alguém mais vá nos incomodar.

— Você atraiu atenção — disse Matt.

— Prefiro atrair atenção vivo que ser um morto ignorado. Como, aliás, deve ser a maioria dos que morrem aqui.

— Eu tentei preparar você.

— Sim, e eu estava preparado. É que… — Valerian tentou encontrar as palavras certas, mas aparentemente não conseguiu. — É obrigação do governo tomar conta do povo. Mas depois dos recentes ataques zergs…

Eles foram deixados aqui para apodrecer, Matt. Homens, mulheres, crianças… A Supremacia não moveu um dedo para ajudá-los.

— Bem, a Supremacia não é exatamente bem-vinda aqui.

— E ainda assim vi pessoas dividindo a comida, ao mesmo tempo que roubavam. Você reconheceu os pacotes?

— Hum… — titubeou Matt.

— Eu observo tudo — prosseguiu Valerian. — Preciso. Vi dois pacotes com a mesma insígnia que vi no traje de Mira. É o símbolo do grupo de mercenários dela. Eles estão levando comida para essas pessoas. Criminosos, assassinos e mercenários parecem ter corações mais decentes que o governo do meu pai.

Matt ficou em silêncio. Mira sempre parecera do tipo "cada um por si", mas ele acreditava em Valerian; a revelação o fez ver Mira Han com outros olhos. Além disso, ela tinha o próprio Herdeiro Legítimo nas mãos, sabendo que Arcturus pagaria uma excelente recompensa a quem quer que o entregasse.

Mas ela não o entregou.

Pelo menos não até agora. E Matt sabia, mesmo sem saber exatamente como, que ela não o faria.

— Me pergunto se deveríamos contar a ela sobre Sarah.

— Não — objetou o príncipe imediatamente. — Dezenas de milhares de pessoas aqui perderam tudo por causa da Rainha das Lâminas. Outros bilhões morreram. Se souberem que Mira está dando guarida para Kerrigan, nem toda a caridade do mundo vai salvar a vida de Sarah dos que querem se vingar. E as ruas estão cheias de gente querendo vingança. — Sua voz soava triste e amarga. — Não retribuirei a gentileza de Mira marcando um alvo nas costas dela.

Matt não respondeu, envergonhado por não ter pensado naquilo antes. Então ele parou.

— Espere — disse.

A conversa o absorvera de tal modo que ele pensou que talvez tivessem errado o caminho. Matt sacou apressado o mapa que Mira desenhara.

— Isso não pode estar certo — disse Valerian.

— Acho que... está, sim — respondeu Horner, apontando para um dos símbolos no mapa e depois para um assento de uma nave há muito destruída. Era o mesmo símbolo, provavelmente feito com uma faca. Valerian ergueu uma sobrancelha loura.

— Ainda bem que nenhum de nós é tão grande quanto Tychus era — salientou Matt, enfiando-se por uma passagem estreita logo abaixo dos símbolos.

CAPÍTULO ONZE

Jim ausentara-se por pouco tempo. Ele não queria deixar Sarah sozinha com estranhos, mas ele ainda era um ser vivo e seu corpo tinha necessidades que precisavam ser atendidas. Uma das mais importantes era sem dúvida comida. Seu estômago roncara tão alto que os dois médicos — Yeats e Becker — levantaram os olhos para ver de onde viera o estrondo.

Mira falara a verdade: ninguém iria cozinhar ou fazer faxina para ele. Enquanto vagava pela imensa cozinha atrás de comida fácil de preparar, Jim percebeu que sentia falta de Randall, o mordomo assassino; o homem era capaz de produzir uma obra-prima culinária com restos. Subitamente ele teve um flashback: ele e Tychus Findlay naquela mesma cozinha. Mesmo incomodados, os cozinheiros não reclamavam quando Tychus se servia direto de panelas ainda no fogo. Mais de uma vez os dois haviam cambaleado até a cozinha lá pelas tantas da madrugada procurando qualquer coisa para adiar a ressaca inevitável.

— Merda — praguejou Jim. — Quanto antes eu sair daqui, melhor.

Mesmo tendo ficado fora por pouco tempo, Jim percebeu que havia sido tempo demais. Assim que entrou no quarto com duas porções de macarrão instantâneo e molho, tirados do estoque de ração militar,

deparou-se com duas expressões contrastantes de profunda consternação — uma velha, enrugada e pálida; a outra negra como café e lisa como porcelana.

Sarah continuava deitada de olhos fechados, a respiração lenta e compassada, aparentemente indiferente aos tubos presos aos seus braços e peito.

— Como ela está? — questionou Jim em tom de preocupação.

— Nada bem — respondeu o médico mais velho, Yeats. — Houve um incidente ainda há pouco.

Jim sentiu o estômago revirar.

— Ela tentou puxar um dos… bem, nós chamamos de 'tentáculos' — completou Becker. — Houve uma ligeira escoriação na base, mas é um ferimento pequeno. Já demos um jeito.

Jim engoliu em seco.

— Entendo.

— E desde então ela se recusa a responder perguntas e insiste em agir como se não estivéssemos aqui.

— Ela está acordada? — perguntou Jim em voz baixa enquanto observava Kerrigan imóvel na cama.

— Sim — respondeu Yeats —, mas como Becker disse, está nos ignorando.

— Ela não vai me ignorar.

Jim passou por entre os médicos e aproximou-se de Sarah. Enquanto se sentava, ele arrastou os pés da cadeira, avisando sobre sua presença. A cabeça de Kerrigan estava virada para o outro lado e nem se moveu. De onde estava, ele podia ver o ferimento no tentáculo, já cuidadosamente envolvido em gaze.

— Oi, amor — disse Jim.

— Pare de olhar pra minha cabeça — respondeu Sarah sem se virar.

— Lendo meus pensamentos de novo?

— Não. Eu só conheço você. E sei que os médicos já contaram o que aconteceu.

— É, contaram sim. Você ficou bem irritada.

— Você nem faz ideia.

A voz dela soava ao mesmo tempo fria como gelo e consumida por um fogo. Mesmo tomada pela fúria, Kerrigan empenhava-se em manter o controle. Ele queria tocá-la, mas sabia que o gesto não seria bem-vindo. Em vez disso, continuou falando baixo:

— Sabe, você tem razão. Ninguém sabe o que se passa na cabeça das outras pessoas.

— Sabe, sim. Basta ser telepata.

Jim não conseguiu conter uma risada.

— É, você ganhou. Melhor dizer que *eu* não sei o que se passa na cabeça dos outros.

— Concordo. A conversa acabou?

— É o que você quer?

Silêncio. Kerrigan moveu uma das mãos como se fosse alisar um dos tentáculos. Jim sabia que o gesto não era inocente e agarrou-a pelo pulso, esperando impedir que ela se ferisse.

— Não há razão nenhuma pra você se machucar — disse. — Não vai trazer ninguém de volta. Além disso, não foi você. Foi a infestação. *Eles* transformaram você em rainha, Sarah. A culpa não foi sua. Não se esqueça disso nunca.

Preparado para outra explosão de raiva e violência, Jim se surpreendeu quando Sarah simplesmente relaxou a mão, deixando-o acomodá-la gentilmente de volta na cama.

— Não tenho tanta certeza — respondeu ela em voz baixa. — De nada.

Qualquer desconhecido se enganaria com a calma que transparecia em sua voz, mas Jim não acreditou nem por um segundo. Sarah ainda estava furiosa, fervendo por dentro, escondendo o que realmente sentia e guardando para si toda a pressão. Pressão que, sem uma válvula de escape, podia causar um grande estouro e problemas maiores ainda.

Inclinando-se, ele sussurrou perto do ouvido dela:

— Eu amo você, Sarah. Entendeu? Não importa o que aconteça.

2500

— Vamos tirar aquelas pessoas de lá, custe o que custar — disse Jim com firmeza. — Nossos agentes dizem que vários dos cientistas em Orna III não estão exatamente felizes com o que estão sendo obrigados a fazer.

—"Obrigados"? — interrogou o jovem primeiro-oficial da *Cormorão*, a nave na qual Jim e Sarah rumavam para as instalações científicas sobre as quais discutiam.

O garoto — o nome era Jack Horner ou algo assim — era a candura e a ingenuidade encarnadas. Jim reconhecia o olhar do oficial. Era o que via no espelho até pouco tempo atrás; mais precisamente até a Guerra de Corporações e uma traição mudarem tudo.

— Obrigados — retrucou Jim. — Não todos, é claro. Alguns provavelmente adoram o que estão fazendo, em nome da ciência e o escambau. Mas há outros lá que sentem tanto nojo do que acontece quanto nós. Vamos resgatar eles e também os… ahm… — Ele virou-se para Sarah, esperando que ela completasse.

— Cobaias experimentais — completou Sarah friamente. Jim deu de ombros. Ele esperava que ela dissesse "*pacientes*" ou coisa parecida.

— Se me permite, moça — interpelou Horner —, nós ouvimos muitos boatos. Não podem ser todos verdadeiros. — Sua assertividade não durou muito quanto ele notou o olhar de Sarah.

— Boatos? Você diz coisas como enxertos genéticos? Modificações cerebrais? Testes de doenças? Experimentos com telepatia? Sessões de tortura caso não haja colaboração? Esses rumores?

Horner lançou um olhar inquieto para a capitã, uma mulher negra e elegante chamada Sharyn Moore. Com um aceno de cabeça, a capitã o autorizou a falar o que quisesse.

— Sim — respondeu Horner, soando bem menos convicto.

— Ah, são todos verdadeiros.

Sarah não disse mais nada. A tripulação na ponte trocou olhares ansiosos e tensos.

— Os cientistas nessas instalações estão usando os próprios concidadãos em experimentos secretos — observou Jim. — Fazendo o que Sarah disse. É por isso que precisamos parar essa loucura.

— Como você vai saber quem quer ir embora? — questionou Horner.

— Eu não. Sarah vai. Nosso trabalho é levar os cientistas que ainda têm alguma consciência moral e as, hum… cobaias experimentais com segurança a bordo da *Cormorão*. Seu trabalho é ficar a postos pra ajudar e depois tirar a gente daqui.

— Vamos encher o lugar de explosivos — disse Kerrigan. — O tempo é crucial.

Jim surpreendeu-se, mas continuou agindo naturalmente. Sarah não dissera uma só palavra sobre explodir as instalações durante as sessões de instrução que tiveram com Mike e Mengsk a bordo da *Hipérion*. Seria bom ter uma palavrinha com ela em particular. Agora mesmo.

— Chegamos lá em três horas — disse. — Pessoal, fiquem prontos. Fui informado de que você é nosso principal contato, Jack.

— Hum, é Matt, senhor. Matt Horner.

— Matt? Pensei que fosse Jack.

Horner corou ligeiramente:

— Todo mundo pensa, senhor — disse, em tom de resignação. — E não, eu não fico pelos cantos comendo torta. E também… odeio ameixas.

É claro. Jim estava pensando na velha cantiga de roda sobre o "Pequeno Jack Horner". Ele desculpou-se, constrangido. Matt respondeu com uma expressão amigável e um sorriso discreto. De uma hora para outra, Raynor passou a gostar do primeiro-oficial.

— Você é nosso principal contato, Matt — repetiu, desta vez com mais seriedade. — Estamos contando com você. Não me deixe na mão.

Rapidamente, Matt empertigou-se e recompôs o olhar de seriedade.

— Não deixarei, senhor — respondeu. — Pode ter certeza. Com sua permissão, gostaria de revisar o plano mais uma vez.

— À vontade, rapaz.

Matt limpou a garganta.

— A senhorita Kerrigan falsificou documentos de admissão do

procurado terrorista James Raynor nestas instalações para fins de observação e pesquisa. A admissão do terrorista é secreta. Já recebemos confirmação do chefe dos cientistas para prosseguir. O Sr. Raynor será escoltado por uma fantasma, então não há necessidade de segurança reforçada.

O jovem primeiro-oficial fitou Kerrigan com uma sobrancelha levantada.

— Tudo perfeito até agora — disse ela. Matt continuou.

— A *Cormorão* tem permissão para permanecer em órbita até que a fantasma escoltando o Sr. Raynor se certifique de que todos os requerimentos para admissão foram atendidos, quando então ela retornará em segurança. Quando vocês tiverem atracado com o Sr. Raynor aparentemente bem preso, começaremos a guiá-los, graças às plantas das instalações que a Srta. Kerrigan conseguiu. Então...

Momentos depois, enquanto o clangor de suas botas metálicas ecoava no piso de metal da velha nave mercante, Jim perguntou:

— Quando você ia me contar sobre os explosivos?

Sarah não se virou para encará-lo.

— Eu ia contar exatamente quando contei, Jim.

— Por que Mengsk ordenou que isso fosse feito?

Então ela o mirou com olhos faiscantes.

— Ele não ordenou. Fui eu.

— O quê? — surpreendeu-se Jim.

— Como oficial de posto mais alto em campo, a decisão é minha.

— Essa é uma decisão grande pra cacete pra ser tomada sem passar pelo chefe antes.

— Arcturus não é meu dono! — redarguiu ela. Sua aspereza calou Jim, mas Sarah logo se acalmou. — Não podemos deixar ninguém botar a mão naqueles dados. — Ela tentava se manter firme, mas sua voz estremecia. — Eles não foram nem obtidos com motivações decentes, como curar doenças ou qualquer coisa remotamente humanitária. Foi tudo por meio de *tortura*, para desenvolverem torturas *ainda melhores*,

para transformar pessoas inocentes em monstros.

De súbito, Jim percebeu que aquilo não tinha nada a ver com a missão. Ou com as informações. Tudo dizia respeito a Sarah. Gentilmente, ele a deteu pelo braço. Ela se desvencilhou, mas parou, rilhando os dentes.

— Sarah, acrescentar o objetivo de armar explosivos torna a missão muito mais perigosa do que já é, tanto pra nós quanto para as pessoas que queremos salvar. — Jim falava em voz baixa. — Eu sei que você quer…

— Isso não tem nada a ver com vingança — interrompeu Kerrigan, lendo os pensamentos de Jim antes que ele pudesse expressá-los. — É justiça. Gente que faz o que *eles* fazem não pode continuar viva. O conhecimento que eles obtiveram fazendo… fazendo essas coisas… ninguém pode ter. Jim, eu sei sobre Johnny.

Jim empalideceu e deu um passo para trás.

— O que você sabe? Quem contou?

— Mike… não contou exatamente. Eu li os pensamentos dele.

— Entendo.

— Não, acho que você não entende. Eu… Ninguém nessa galáxia entende como você se sente melhor que eu. Seu filho passou por muito sofrimento, Jimmy. Eu sinto muito.

Raynor aquiesceu, engolindo em seco.

— Eu sempre me perguntei isso. Sarah… você não sabe o que fizeram com John, mas… por favor… me diga o que fizeram com você.

Ela arregalou os olhos numa expressão súplice.

— Não me peça isso.

— Não posso apoiar este plano a menos que consiga entender por que você quer tanto fazer isso.

Sarah desviou o olhar.

— Você vai me odiar se eu contar. É melhor que não saiba.

— Eu sempre fui um teimoso do cacete — disse ele, abrindo um sorriso desprovido de alegria. — E acho que não conseguiria odiar você nunca, Sarah.

Ela o encarou longamente, então começou a falar numa voz calma e distante.

— A Confederação deu início ao programa de fantasmas. Há tanto sangue nas mãos deles, Jim, eu não estou exagerando... Eu sei, tendo feito as coisas que fiz.

Jim Raynor pensou sobre seu filho e sua mãe — ele, levado e submetido a horrores parecidos com os que Jim logo compreenderia; ela, morta por um câncer causado pelo total e criminoso desinteresse do governo em providenciar comida segura para os famintos. A associação entre a Confederação e sangue derramado era natural para ele.

— Eu era só uma criança quando eles vieram, exatamente como Johnny. Eu não tinha controle nenhum sobre as minhas habilidades. Eles queriam saber o que eu conseguia fazer, queriam que eu exibisse minhas aptidões para que pudessem me analisar e me classificar, descobrir o melhor uso para mim. Ficava isolada o tempo todo, exceto quando me levavam para fazer mais testes. Até que um dia trouxeram companhia para mim: uma gatinha de pelo negro com a barriga e as patinhas brancas. Ela ficou comigo três semanas. Eu a chamei de "Botinha".

Jim não queria mais ouvir, mas sabia que não tinha escolha.

— Eles implantaram um tumor nela, um que a mataria lenta e dolorosamente. Disseram que eu podia acabar com a dor e o sofrimento dela, bastava matá-la.

— E o que você fez?

— Nada.

A escolha que ela fizera — deixar uma criatura inocente sofrer para não se dobrar aos desejos daqueles que a atormentavam — claramente ainda a perturbava.

— Porque não queria que eles soubessem do que você era capaz — conjecturou ele.

— Porque eu já tinha matado com minhas habilidades — desabafou Sarah, dolorosamente. — Eu sabia do que era capaz, mas não queria fazer aquilo a mais ninguém, nunca mais.

— Mas você fez. Ainda faz.

Apesar de dura, a observação foi feita com compaixão, e não crueldade.

— Sim — respondeu ela. — Faço o que preciso para impedir que o mesmo aconteça com mais alguém. Dentro dessas instalações "científicas", estão fazendo coisas horríveis com homens, mulheres e crianças… O mesmo que fizeram comigo, talvez até pior. Eu vou explodir esse lugar, Jim. Porque é assim que tem que ser. Você está comigo?

Jim Raynor nem precisou pensar duas vezes. Imagens de uma gatinha adoecendo lentamente e uma garotinha com o coração se partindo mais a cada dia inundaram sua mente. Ele acenou positivamente com a cabeça.

— Conta comigo, gata.

CAPÍTULO DOZE

2500

Depois da revelação de Sarah, foi uma surpresa para Jim que ela se contentasse em explodir a estação em vez de arrancar os membros de todos os cientistas loucos um por um. Ele suspeitava que sua força de vontade real estivesse voltando a se afirmar. Qualquer um com uma arma — um Colt, um rifle gaussiano ou telepatia — pode matar, Jim Raynor sabia muito bem disso, mas a profunda aversão de Sarah ao ato de matar dava-lhe forças para escolher não fazê-lo. Agora ele começava a compreender o que a motivava, e a compreensão aumentava ainda mais a admiração que sentia por ela.

Os dois já tinham trabalhado juntos antes, mas isso era diferente. Essa missão era muito mais delicada. Encontrar e libertar as cobaias, uns pobres desgraçados, era a parte mais simples. Mas eles também tinham que encontrar as pessoas decentes no meio de imorais doentios e libertá-los com as vítimas. Ah, e também armar bombas para explodir o lugar. A única ajuda que teriam seria a voz de Jack — não, droga — *Matt* Horner em seus ouvidos, orientando-os pelo local. Jim fez força para não deixar a inquietação sair do controle — por si mesmo e para evitar que Sarah

percebesse e afundasse numa espiral negativa junto com ele.

— Eu sei — adiantou-se Sarah, lendo seus pensamentos mais uma vez. — Já é difícil e eu estou dificultando mais ainda, mas você sabe que estou certa.

Jim assentiu.

— Com certeza. Vamos acabar logo com isso. — Ele ergueu os braços para que ela prendesse as algemas em seus pulsos e tornozelos.

As algemas eram sólidas e pesadas como legítimos itens da Confederação deveriam ser, e as correntes de metal produziam um som satisfatoriamente verossímil, embora fossem inúteis. Sarah encarou Jim por um instante.

— Desculpe.

— Pelo quê?

Jim deveria estar esperando pelo soco, mas não estava. Por um instante ele viu estrelas. Sentindo a mandíbula inchar, ele resistiu ao ímpeto de limpar o sangue do queixo. Ele entendia a razão de ela ter feito aquilo, claro.

— Sarah, meu amor — sibilou ele, por causa do inchaço —, você bate feito uma moça.

Ela sorriu pela primeira vez depois da conversa sombria que tiveram:

— Eu sei.

O primeiro a descer da nave foi Jim, seguido de perto por Sarah. Um homem vestido de branco e com cabelos grisalhos perfeitamente penteados esperava no atracadouro acompanhado de dois guardas armados, tão animados quanto ele.

— Doutor Orville Harris — disse ele, estendendo a mão para Sarah. Jim conhecia o nome. Era ele o carniceiro culpado por todo sofrimento, o cientista-chefe que fazia vista grossa para os horrores e sabia de todos os segredos sombrios daquele lugar; o sujeito que dava todas as ordens. Sarah encarou a mão estendida à sua frente por um instante, então rejeitou o cumprimento.

— Eu não aperto a mão de ninguém — disse friamente.

— Ah — respondeu Harris com um sorriso amarelo —, é claro que

não. — O médico voltou a atenção para Raynor, perscrutando-o dos pés à cabeça como a um animal capturado e trazido para o abate. Que era precisamente o que ele seria se a situação não fosse uma farsa.

— Preciso inspecionar as instalações antes de passar a custódia do Prisioneiro 493 para você — disse Sarah.

— Claro, claro — respondeu Harris. — Obrigado por trazer um troféu tão valioso, agente…?

— Sou uma fantasma — retorquiu ela. — Você não tem que saber meu nome. E esses gorilas, mande-os saírem, por favor. A menos que ache que sou incapaz de cuidar de um único prisioneiro algemado. — Seus lábios se abriram em um sorriso de escárnio.

Jim fez força para conter o riso. Sarah manipulava o homem com maestria, praticamente fazendo-o murchar diante de seus olhos.

— Não! Claro que não foi o que quis dizer. Dispensados, senhores. Por aqui, agente… er… agente.

A porta deslizou, e os três — Kerrigan, Raynor e Harris — entraram no corredor. Apenas dois saíram do outro lado.

Jim escondeu o corpo do homem num canto escuro logo depois de remover um chip retangular do bolso do jaleco branco impecável e enfiar uma das pequenas bombas — menores que seu punho — no mesmo lugar. Ainda havia várias bombas para armar, e todas seriam ativadas ao mesmo tempo. *Como coisinhas tão pequenas podem ser tão letais?*, pensou Jim. *Considerando a destruição de que são capazes, elas deveriam ser maiores, mais impressionantes...*

— Tá na mão — disse, mostrando a chave a Sarah.

Sem olhar, Sarah fez um sinal positivo com a cabeça. Ela era um predador em plena caçada, totalmente absorta na missão que tinha à frente. A expressão em seu rosto, contudo, era uma que Jim começava a reconhecer — *Estou escutando pensamentos*, diziam seus olhos, ao mesmo tempo penetrantes como lâminas e distantes como as estrelas.

— Certo, Matt — disse Jim em voz baixa —, Harris já era. Estamos com a chave dele, rumando para o sul.

Sarah já conhecia a planta das instalações, claro, mas assim ela

poderia se concentrar totalmente em outras tarefas. Sem ter que se preocupar em lembrar o caminho, poderia ouvir pensamentos e antecipar qualquer ataque.

— Podem continuar — indicou Matt, usando o ponto eletrônico. Sarah também estava equipada com um. — A porta dez metros à frente leva para uma área de segurança reforçada. Não há guarda algum lá, e a chave do Harris deve dar acesso sem nenhum problema.

— Já vi — respondeu Jim. Assim que o chip deslizou pela fenda, a porta emitiu um zumbido e se abriu. — Estamos dentro.

— Certo — prosseguiu Matt. — Agora vocês verão três portas, duas à direita e duas à esquerda. As duas à direita são um laboratório e um escritório; tentem não atrair atenção. A da esquerda leva para a… hum… área de contenção principal. A chave também deve dar acesso a essa área, mas tem um bocado de cientistas e guardas lá.

Jim e Sarah se entreolharam.

— Então vamos continuar blefando. Quando eu encontrar alguém confiável, farei um sinal — disse ela.

Jim concordou.

— Está ótimo.

Sarah reatou as falsas algemas e os dois repetiram a farsa, mais uma vez com sucesso. Apesar de alertas, os guardas obedeciam às ordens dos cientistas, que por sua vez mal conseguiam esconder a excitação diante da possibilidade de literalmente pôr as mãos no cérebro do famigerado James Raynor. Mas Jim sabia que, pelo menos para alguns, o macabro interesse era tão falso quanto as algemas que o continham.

Os olhos de Sarah cruzaram os seus por um instante quando ela notou o terceiro cientista e sorriu discretamente para ele — então esse era o sinal. Logo Sarah o repetiu. Dos oito cientistas na sala, aparentemente apenas dois tinham compaixão suficiente para odiar secretamente o que faziam: um asiático e uma loira. Só. Jim torceu para que encontrassem mais.

A chave, por algum motivo, não funcionou, mas os olhos de Sarah coagiram o cientista a tentar quantas vezes fosse necessário até que a

porta se abrisse. Três cientistas os acompanharam, passando com eles pela enorme chapa de metal blindado e chegando a um local tão diferente que poderia ser outro mundo.

Raynor nem se preocupou em esconder o choque diante do que viu. Tornaria o ardil mais convincente e, no fim das contas, era o que sentia de fato. Seres humanos, pessoas comuns, de acordo com os documentos que conseguiram interceptar, estavam pelo chão, sentadas, agachadas ou deitadas, jogadas como coisas sem valor. Os que tiveram os cérebros afetados tinham as cabeças raspadas e marcadas por imensas cicatrizes. Outras tinham pedaços de sabe-se lá o que enxertados à força nos próprios corpos. Uma estranha compaixão, provavelmente involuntária, podia ser notada: às "cobaias" ainda era permitido usar roupas, subterfúgio invariavelmente usado para esconder as deformidades físicas. Jim quase não se conteve quando viu uma criança de não mais que 10 anos parada de costas para o grupo; a feia incisão que cruzava a pequena cabeça calva ainda cicatrizava.

O cientista que os guiava, um homem moreno, alto e corpulento cujas têmporas começavam a agrisalhar, dizia algo horrível sobre ajuste e adaptação em nível genético quando os olhares de Jim e Sarah se cruzaram.

Com um urro, o prisioneiro "arrebentou" as algemas e deu um salto. Os olhos do guia encheram-se de horror quando Jim investiu; toda a pose de superioridade doentia desapareceu ao ver o fora da lei James Raynor atirando-se sobre ele. Sem medir a força, Jim acertou em cheio um soco no queixo proeminente do homem, o derrubando numa posição extremamente desconfortável. Ele sequer soube dizer se o homem estava vivo ou morto. E nem se importava, também. Não daquela vez. Assim que pegou a chave no bolso do cientista, Raynor correu para desbloquear as portas.

No mesmo instante Sarah disparou na direção do outro homem, que arregalou os olhos azuis, aterrorizado — com a eficiência de sempre, ela esmagou sua traqueia com um único chute no pescoço.

Sarah girou e agarrou a mulher. A cientista tomou fôlego para gritar,

mas Sarah cobriu sua boca bruscamente.

— Estamos aqui para ajudar vocês a fugir, se quiserem. Vocês querem?

Alívio e felicidade transpareceram na expressão da mulher, que concordou sacudindo a cabeça vigorosamente. Sarah retirou a mão.

— Você precisa nos ajudar. Existem outros que pensam como você. O Dr. Phan, por exemplo. Você sabe de mais alguém?

— A-acho que sim. Não falamos abertamente aqui. Acho que entende o porquê.

O rosto de Sarah era lindo e terrível quando tomado de fúria, pensou Jim enquanto ouvia a conversa e libertava os prisioneiros.

— Claro que entendo — respondeu Sarah. — Fale com eles. Em dez minutos haverá módulos de transporte esperando na área de pouso 4. Leve essas pessoas em segurança até lá. — Sarah estendeu uma pistola para a mulher. — Leve isso. Você irá precisar. E seja rápida. O lugar inteiro vai explodir logo, logo.

A médica segurou a arma com cautela e caminhou na direção de Jim, para ajudá-lo a abrir as portas. Alguns dos prisioneiros entenderam o que estava acontecendo e ansiavam por fugir; outros, assustados, tentavam desesperadamente se esconder.

— Certo, Matt, estamos dentro e temos uma amiga, a doutora…?

— Elizabeth Martin — respondeu a mulher.

— Elizabeth Martin — repetiu Jim. — Ela vai ficar responsável por este pavilhão e contatar seus amigos.

— Entendido — disse Matt. — Agora, a próxima fase.

Ao se virar, Jim viu Sarah ajoelhada sobre o cientista que ele nocauteara. Ela enfiou uma bomba no bolso do casaco do homem inerte, levantou-se e apressou-o.

— Vamos, Jim!

Havia quatro áreas de contenção ao todo. Quando Jim e Sarah subiram no último módulo de transporte, quarenta e quatro cobaias haviam sido salvas, além de treze cientistas devidamente inspecionados

por Kerrigan. Matt os acompanhou e os manteve atualizados o tempo todo, alertando quando o disfarce era descoberto e guiando-os para saídas improváveis no último segundo pelo menos duas vezes. Sarah armou uma trilha de bombas enquanto avançavam, às vezes simplesmente depositando as pequenas esferas no chão. Quanto mais Jim Raynor via — tanto Kerrigan em ação quanto mais detalhes da estação, dos cientistas e dos experimentos —, mais ele compreendia. E mais concordava com a decisão dela. Aquilo tinha que acabar, e eles fariam o que estivesse ao alcance. Havia outras instalações, outros cientistas, mas pelo menos ali aquelas experiências monstruosas e torturas abomináveis terminariam. Para sempre.

Sarah segurava algo enquanto armava a última bomba. Jim nem precisou perguntar para saber o que era, e contentou-se em perguntar:

— Quanto tempo?

— Cinco minutos — respondeu ela.

— Cacete, ruiva, você gosta mesmo de viver perigosamente.

— Nós vamos conseguir.

E conseguiram. Por pouco. O último módulo de transporte, no qual estavam os dois, quatro cientistas e seis prisioneiros, ainda decolava quando a estação explodiu. Os explosivos detonaram numa pequena cadeia de destruição, do primeiro, deixado no corpo do Dr. Harris, ao último, largado sobre uma mesa; uma série de clarões seguidos de imensas labaredas alaranjadas. Vinte segundos depois da primeira explosão, tudo o que restava era o esqueleto calcinado da construção e línguas flamejantes sedentas por destruição.

Sarah assistia satisfeita, o olhar preso à cena. Jim esperava ver raiva, ou alegria, mas, em vez disso, deparou com algo que jamais havia visto: a expressão de Sarah Kerrigan transmitia apenas tranquilidade. Ela fizera a coisa certa e não sentia nenhum arrependimento.

As palavras irromperam inesperadamente:

— Sarah? Que tal um drinque de verdade comigo quando chegarmos em casa?

2504

Após entrar pela passagem, esgueirando-se, virando e esticando o corpo o quanto podia, Matt foi parar em uma área ligeiramente mais espaçosa, iluminada apenas pelo facho de luz que vinha da entrada. Em flagrante contraste em relação à "construção" aleatória do lado de fora, este lugar fora obviamente projetado e estruturado em plasticimento; era algo como uma pequena casamata. Valerian bloqueou a luz por um instante e veio parar ao lado de Horner. A pequena antecâmara parecia ser o que procuravam, mas os dois sabiam que não seria tão simples.

— Procure uma porta — disse Matt.

Valerian começou a examinar as paredes. Horner esquadrinhava com as pontas dos dedos e dava pequenas batidas no chão, procurando meticulosamente pela fresta que indicaria a presença de uma passagem.

Ao ouvir uma batida metálica de baixo, Matt se levantou rapidamente e viu um quadrado de luz delinear-se no chão de plasticimento. A tampa deslizou e quatro homens, todos portando o símbolo de Mira e armas imensas, surgiram.

Os dois ergueram as mãos ao mesmo tempo.

— Matt Horner e Sr. V. — apressou-se Horner.

Assim que os reconheceram, os guardas abaixaram as armas.

— Porra, pivete — resmungou um deles —, a Chefona não ensinou o sinal pra vocês?

Valerian lançou um olhar malicioso para Matt, que sacudiu a cabeça negativamente. Maldita Mira. Era a epítome da mulher de negócios racional e prática, exceto quando *ele* estava por perto; sua mera presença a transformava numa mulher totalmente diferente... uma súcubo piadista, por assim dizer.

— Não — respondeu Horner, gravemente. — Não disse.

— Bem, como estamos esperando por vocês, podem vir.

Tão rápido quanto surgiram, os homens desapareceram pela passagem. Horner e o príncipe os seguiram usando uma escada

decididamente primitiva, indo parar em um mundo totalmente diferente, rodeados pelo que havia de mais avançado tecnologicamente.

— Eu sou Gary Crane — apresentou-se um dos homens que havia apontado uma arma para eles menos de dois minutos atrás. Alto e com os cabelos pretos lambidos, a cor dos olhos enrugados era indistinguível na luz fraca. — Fui incumbido de apresentar o lugar a vocês e levá-los até a sala de comunicação privada.

Aparentemente nem o príncipe nem o "marido" de Mira andariam por ali sem escolta. Claro que Horner não protestou. Aquele era certamente o procedimento padrão, e contanto que Valerian conseguisse usar um canal seguro de comunicação, ele obedeceria ao protocolo sem problemas.

— Este é o nervo central da operação de Mira — disse Crane, apontando para as paredes cobertas de luzes piscantes, botões, interruptores e monitores.

— Um pouco arriscado manter tudo no mesmo lugar — comentou Valerian.

— Não tanto quanto parece — respondeu Crane. — Tudo aqui opera em redundância. Se esse lugar fosse destruído ou invadido, ela poderia continuar operando normalmente de outros lugares. Ter tudo junto aqui é só uma conveniência. — O homem sorriu para os dois. — Além disso, se vocês fossem invasores e não tivéssemos conseguido acabar com vocês lá em cima, vocês seriam despachados em segundos pelo aparato de segurança que temos aqui embaixo.

— Aposto que sim — disse Matt.

— Venham comigo. Está tudo pronto para vocês.

Crane os guiou pelo saguão principal e entrou em uma das seis portas laterais. A sala era absolutamente desprovida de qualquer conforto. Era, na verdade, desprovida de qualquer coisa além de um console solitário no meio da sala.

— Aperte este botão. Ele vai criar um código aleatório que você tem que inserir aqui. — Crane apontava para diversos pontos do painel enquanto falava. — Isso vai abrir um canal seguro para falar com quem

quiser. Você tem seis minutos até o canal limpo ser reiniciado. Aí, só depois de quarenta e sete minutos.

— Entendido — respondeu Valerian. — Serei sucinto.

O príncipe lançou um olhar penetrante para o homem, que o fitou sem entender por alguns segundos antes de dizer:

— Ah. Claro. Vou esperar lá fora.

— Obrigado.

Quando a porta se fechou logo atrás de Crane, a tela granulosa e de baixa resolução piscou rapidamente e estabilizou no rosto de um homem velho e distinto, dotado da altivez e da pose de um oficial militar do passado, com cabelos brancos bem penteados, bigode de morsa e um pequeno tufo no queixo. Os olhos, penetrantes mesmo no holograma de baixa qualidade, fixaram-se em Valerian por um instante; o homem os estreitou e, subitamente, suas sobrancelhas arquearam-se.

— Príncipe Valerian? — perguntou o Dr. Emil Narud.

O Herdeiro Legítimo riu e fez uma saudação formal.

— O próprio — disse. — Ainda que um tanto amarfanhado.

— Para dizer o mínimo. Mas contanto que esteja vivo e bem, pode estar parecendo até o próprio demônio. Eu soube de uma batalha na qual as naves da Supremacia enfrentaram umas às outras. Não foi difícil presumir o que aconteceu. Seu pai…?

— Não sei. — Valerian assumiu um tom mais sóbrio. — Ele desaprovou minha decisão, como pode imaginar. A *Estrela Branca* sofreu sérios danos, mas saímos antes de saber o resultado. Tenho certeza de que se estiver vivo e em condições, ele logo estará no nosso encalço de novo.

A expressão de Narud, um misto de satisfação e alívio, abriu-se ainda mais.

— "Nosso" quer dizer…

— Sim, obtivemos sucesso. Sarah Kerrigan está viva e praticamente livre da infestação.

— "Praticamente"?

— Você vai entender quando chegar aqui. Obviamente não posso ir

até a base central Moebius agora; com toda a certeza ela está sendo vigiada. Você terá que vir até nós. Aparentemente há alguns aspectos nela, geneticamente falando, que não foram completamente transformados. Tenho esperança de que você consiga nos ajudar. Ah — acrescentou Valerian —, ela não está muito bem. Precisamos levá-la para a base reserva o mais rápido possível, ou temo que a perderemos.

A descontração desaparecera completamente; o tom de Narud ficou absolutamente profissional:

— Isso não pode acontecer. Partirei imediatamente. Onde vocês estão?

— Num lugar pitoresco chamado Porto do Enforcado.

Narud contorceu o rosto numa careta.

— Não admira que esteja usando esse… disfarce. Foi um risco imenso levá-la até aí.

— Um minuto e meio — indicou Horner.

Valerian acenou positivamente com a cabeça.

— De fato. Quando chegar, vamos tirá-la daqui o mais rápido que pudermos. Logo terei que desligar. O canal será reiniciado e não sei quando poderemos nos falar novamente.

— Não se preocupe — amenizou Narud. — Concentre-se em manter a Rainha das Lâminas segura e sua própria pele a salvo enquanto isso.

— Faremos o possível. Prepare suas instalações para nossa chegada.

— Estamos prontos desde que entrou em contato comigo pela primeira vez, Valerian. Tenha cuidado. Não… você... momento de…

O holograma distorceu-se, travou e desapareceu.

— Vocês falavam como se fossem próximos — observou Horner.

Só depois de esfregar os olhos Valerian lembrou-se de como suas mãos estavam sujas; o príncipe grunhiu enquanto seus olhos ficavam vermelhos e lacrimejavam.

— O Dr. Emil Narud é um gênio — disse. — Quando se trata de ciência sou só um infante comparado a ele, mesmo com tudo o que estudei e aprendi. Se alguém pode ajudar Sarah Kerrigan a voltar a ser o que era, esse alguém é o Dr. Narud. Agora, vamos dar outro passeio

animado pelo centro chique de Porto do Enforcado.

— Eles estão aí?

— Eles, sim. Raynor não.

— Não, eu *tenho certeza* de que ele está com Kerrigan. Você e seus homens estão prontos para agir quando eu der o sinal?

— Sim.

— Sua Excelência vai ficar profundamente grato. Tenho certeza de que o pequeno feudo de Mira não é nada comparado ao que você vai receber.

— É melhor mesmo. O que quer que seja um "feudo".

Uma gargalhada.

— Apenas não faça nada antes da hora, ou vai estragar tudo. Espere o meu sinal. Quando as coisas começarem a acontecer, vai ser bem rápido.

— Parece bom.

— Coop! O que vai ser bem rápido? — Annabelle sorria, os olhos felizes e brilhantes por baixo do boné. Postado ao lado dela estava Travis Rawlins, da *Bucéfalo*.

Cooper sorriu para eles e encerrou a conversa imediatamente.

— Alguns clientes queriam que eu deixasse as cervejas servidas e prontas no final do turno — respondeu o barman. — Eu disse que não podia, mas ia ser bem rápido quando chegassem aqui. Mas e vocês? — O homem inclinou o corpo para frente, os olhos indo de um para o outro. — O que posso fazer pra vocês?

Crane continuava do lado de fora. Uma das mãos repousava sobre a coronha da arma no coldre enquanto a outra pressionava uma das orelhas. Quando saíram, Matt e Valerian viram que ele encerrava uma conversa naquele instante. Virando-se para cumprimentá-los com um aceno, o homem comentou:

— Relatório da chefa. Prontos para voltar?

— Mais que prontos — disse Valerian.

Os dois seguiram Crane pela área principal. Matt examinou alguns

dos equipamentos enquanto caminhavam e sacudiu a cabeça.

— Olha, eu sabia que ela tinha contatos, mas confesso que não fazia ideia de que Mira era um peixe tão grande por aqui.

— Considerando o que vimos até agora, diria que ela é o maior dos peixes — observou Valerian. — Estamos todos acostumados a olhar o tempo todo por sobre os ombros, mas percebo que, com razão, ela deve fazer isso com muito mais frequência que nós.

— Mira é uma excelente líder — disse Crane. — Trata todos com justiça. Quem quiser perturbá-la vai ter que passar por nós antes.

Matt acenou positivamente com a cabeça. Era bom ouvir aquilo. Enquanto subiam pela escada, sua mente perdeu-se nas contradições e complexidades de Mira Han. Com toda a sinceridade, o capitão da *Hipérion* esperou que a guarida que Mira concedera a ele, Valerian e Kerrigan não se tornasse um gesto generoso do qual ela viria a se arrepender.

CAPÍTULO TREZE

2500

O bar Casa do Sam era um lugar mediano; nem muito conservador nem muito ousado, nem muito escuro nem muito claro. Jim fizera questão de levar Sarah a um lugar confortável, mas também real, uma experiência verdadeira e não um desses lugares assépticos e impessoais. Como era conhecido no bar, Raynor tinha uma boa relação com Sam e os outros funcionários. Definitivamente não como no Wayne Louco, uma espécie de segunda casa pra ele e Tychus, mas aqueles eram outros tempos. Jim já não fazia questão de dançarinas nuas rebolando, nem de ouvir música alta. Um papo agradável quando estava a fim de conversa; uma cerveja gelada em paz quando não estava. A Casa do Sam tinha as duas coisas.

Ele tentava não olhar para o relógio ou na direção da porta, sem sucesso. Ela estava atrasada. Talvez tivesse resolvido não vir mais. Jim sentia o coração dilacerar-se com o pensamento, mas não a culpava. Tudo era muito novo. Essa história de... relacionamento... ele não sabia bem que nome dar; mas o que quer que fosse, também era novidade para Sarah. Ao meter a mão no bolso para sacar um punhado de créditos e fechar a conta, ele sentiu a presença de Sarah Kerrigan atrás de si.

Voltando-se casualmente, tentando não revelar a satisfação que sentia, Jim pensou em um comentário sacana e engraçadinho, mas se ouviu dizendo, abobalhado:

— Você está linda.

Quem estava diante dele era Sarah Kerrigan, sem sombra de dúvida, mas uma que ele definitivamente não conhecia. Ele conhecia a fantasma, vestida no traje que, colado ao corpo, permitia-lhe sumir e reaparecer; a assassina que transformava derramamento de sangue em balé; a soldado que, mesmo questionando as ordens que recebia, dava o máximo de si para cumpri-las.

Mas ele ainda não havia sido apresentado à Sarah mulher.

Ela encontrara, sabe-se lá como, um vestido que se ajustava ao seu corpo como se fosse feito sob medida. Não era exatamente estonteante, nem apagadiço, nem voluptuoso demais; apenas um vestido frente-única verde que descia até logo abaixo dos joelhos. Os ombros à mostra, esculpidos e salpicados de sardas, enfatizavam músculos torneados que em nada lhe diminuíam a feminilidade. Pela primeira vez desde que Jim a conhecera, os longos cabelos ruivos não estavam presos em um rabo de cavalo. Soltos, os fios emolduravam o pescoço e o colo, exceto por uma única mecha presa atrás de uma das orelhas por um enfeite em forma de borboleta. Com um decote discreto sugerindo mais do que mostrando, Sarah alternava o peso do corpo de forma inquieta entre os pés surpreendentemente delicados, calçados apenas com sandálias leves, amarradas nos tornozelos.

Sarah Kerrigan. Nervosa.

— Obrigada — respondeu ela, devolvendo um sorriso fugaz. — Espero que… o vestido seja adequado. Eu peguei emprestado.

— Está perfeito, ruiva. — Rapidamente Jim levantou-se e puxou uma cadeira para a moça, como o pai ensinara. Mais uma vez, a perfeição da figura dela chamou sua atenção. Será que havia em Sarah Kerrigan algo que não fosse perfeito?

— Um monte de coisas — disparou ela um segundo antes de fazer uma careta. — Droga. Mil desculpas. Estou tentando não… Você sabe.

— Gata, contanto que não me chame de porco de novo, pode ler o que quiser. Quero ser um livro aberto pra você.

Jim falara naturalmente, e sentiu que as palavras eram honestas. Sarah também percebeu, e adotou uma postura mais relaxada e um sorriso mais genuíno. Ele percebeu que a boca de Sarah era um pouco grande em relação ao rosto, e se perguntou como seria beijá-la. Para sua surpresa, Sarah corou, baixando o rosto e fazendo com que uma mecha de cabelos vermelhos caísse de sua testa. Jim estendeu a mão e cobriu a dela.

— O que vamos beber?

Ela deu de ombros com elegância.

— Nem faço ideia. Só bebo quando o Arcturus me serve alguma coisa.

— Vamos começar com uma cerveja gelada para espantar o calor. Depois pensamos no futuro. Ah, e você *tem que* experimentar isso — disse, apontando para uma porção de alguma coisa frita. — É uma delícia.

2504

— Me informaram que a comida aqui é preparada por um chef melhor que o da *Hipérion* — disse Jim, mantendo a expressão séria e apontando para o macarrão que acabara de servir. — Prove só. É uma delícia.

Ela o encarou.

— Você é um monte de coisas, Jim Raynor, mas definitivamente não é um chef. Já ouvi você dizer isso antes e sei que seu gosto pra comida não é lá essas coisas. — Ela odiara as algumas coisas fritas.

Jim sorriu, contente por ela ter se lembrado. Talvez Sarah também estivesse revivendo alguns dos bons momentos que tiveram no passado. Não foram muitos — não houve tempo para criar muitas boas lembranças —, mas os poucos que conseguiram eram inestimáveis para

ele. Parecia que para ela também.

— Talvez — concedeu ele, dando um sorrisinho. — Mas você não pode negar que seria muito pior se tivesse sido feito na *Bucéfalo*.

— É, isso é verdade. — Depois de perscrutar o prato cautelosamente, Sarah lançou na direção dele um olhar de curiosidade e repulsa.

— Ah, qual é! É só ração. Eu sei que você já comeu isso antes — protestou ele, fingindo indignação. Depois, amolecendo, continuou: — É, é terrível, mas foi o melhor que arrumei por aqui. Espera até a gente voltar para a *Bucéfalo*. Se Valerian come a comida de lá, ela deve ser muito boa mesmo. Nunca vi alguém tão chato pra beber…

Assunto errado. O sorriso de Sarah desapareceu completamente enquanto ela fazia força para se erguer. Ele a ajudou, passando as mãos por baixo dos braços de Sarah. Antes musculosos, os braços de Sarah agora eram esguios e macios, e constatar isso fez Jim sentir uma já familiar pontada — ela precisava de ajuda rápido, ajuda de verdade.

— Pronto, agora sim — disse ele. Sarah nem fez força para comer; ficou encarando o prato na mesa e remexendo a gororoba nada apetitosa com o garfo.

Depois de assistir em silêncio por cinco minutos, Jim disse:

— Ruiva, não é grande coisa, mas você tem que comer.

Ela deu de ombros e em seguida, como uma criança birrenta, enfiou uma garfada na boca.

Raynor se debatia internamente com a frustração e o medo. Ele conseguiu se segurar por dois minutos, mas por fim não se conteve e explodiu:

— Sarah, você é a pessoa menos estúpida que eu conheço, mas vou te contar, anda fazendo algumas coisas bem estúpidas. Você sabe que tem que comer, e mesmo assim fica brincando com a comida no prato. Você sabe que em algum momento vai ter que falar com alguém sobre o que aconteceu, senão vai explodir. É uma péssima ideia fazer greve de fome e manter tudo o que aconteceu enterrado. Eu sei que você não é do tipo que vai se abrir pra um analista, mas depois de tudo o que passamos juntos, achei que você se sentiria à vontade pra se abrir comigo. Você já

fez isso.

Ela não respondeu de imediato, mantendo a cabeça baixa. Vê-la daquele jeito, insensível e apática, irritava-o mais do que estava disposto a admitir — justo ela, que antes era fogo e paixão; controlada, é verdade, mas…

— *Sarah*

Ela pousou a mão sobre a dele e a apertou. Jim retribuiu. Então de súbito ela empurrou a comida e deu as costas, encolhendo-se.

— Sarah?

— Não estou com fome, Jim. Vá embora. Eu quero ficar um pouco sozinha.

Jim sabia que aquilo não podia ser bom. Ele sabia o que ela estava pensando, e sentiu culpa. Mencionar o encontro a havia levado até aquele lugar. Ele não conseguia realmente chegar até ela, ajudá-la. Era como tentar estender a mão a alguém que estava prestes a cair — ela teria que segurar sua mão com toda a força para que Jim pudesse puxá-la, mas algo a impedia.

Talvez ela na verdade nem quisesse.

Enterrando o rosto entre as mãos, ele se deixou ficar, desejando que ela se virasse e dissesse algo. Os únicos sons eram o zumbido suave dos equipamentos da enfermaria e o fraco, quase imperceptível gotejar das bolsas de terapia intravenosa.

Sem dizer nada, Jim Raynor levantou-se e saiu. Ele não sabia exatamente para onde, e não se importava. Seus pés simplesmente o carregaram pela vasta mansão que antes pertencera a Scutter O'Banon e agora pertencia a um demônio de cabelos cor-de-rosa. Percorrendo cabisbaixo os corredores com as mãos enterradas nos bolsos, Jim observou que nada ali lembrava a bela casa do passado. Nem Tychus ele via mais.

Somente Sarah, em seus braços, a pele tão alva que brilhava à meia luz…

2500

Os dois conversaram, beberam cerveja, gargalharam e comeram, e quando as horas avançaram e Sarah terminou o último copo e perguntou "E agora?", Jim sequer hesitou em simplesmente estender a mão em silêncio.

Ela não estava bêbada — ele nem conseguia imaginar Sarah Kerrigan se permitindo ficar bêbada — mas o álcool a havia deixado mais relaxada, enchendo suas bochechas e seus olhos de um brilho que Jim não conhecia e presenteando-o com gargalhadas mais musicais, profundas e genuínas que as de qualquer outra mulher, exceto Liddy.

Liddy, eu amei você. Sempre amarei. Fui absolutamente leal até o dia em que você deu seu último suspiro, e mesmo depois disso. Mas você se foi, querida. Eu sei que você compreenderia, e que gostaria de me ver feliz. Acho que… é possível.

Enquanto o pensamento surgia em sua mente, ele sentiu um alívio, como se simplesmente abandonasse um fardo que havia imposto a si mesmo sem nem se dar conta. Subitamente, seu coração tornou-se leve e ele percebeu que era verdade: Jim Raynor estava feliz naquele momento, com aquela mulher, independentemente dos horrores da guerra e até dos alienígenas que pareciam estar sempre à espreita. Ele olhou para Sarah, feliz.

A mão dele estendeu-se na direção dela. Sarah a encarou longamente, sentindo a alegria recuar, dando lugar a perguntas sobre aonde aquele gesto os levaria, aquele gesto que tinha o potencial de transformar uma noite agradável em algo mais. O que, nenhum dos dois sabia. Um começo? Um fim?

Enfim, sua mão uniu-se à dele.

Jim não ligou as luzes da pequena cabine em que dormia. A fraca iluminação de segurança, sempre acesa para o caso de uma possível emergência, banhava todo o ambiente com um brilho azul. Jim fechou a porta, deitou Sarah e curvou-se para beijá-la.

O beijo, o primeiro deles, foi gentil e suave, investigador. Ela

transparecia inexperiência, timidez, descompasso — justo ela, a epítome da precisão e dos movimentos graciosos. Ele sorriu sem descolar os lábios dos dela, pois não queria que aquilo parasse.

Primeiro Sarah hesitou, mas em seguida respondeu com uma paixão que ele sempre soubera que estava lá, oculta por uma superfície meticulosamente controlada. Seus braços deslizaram pelo corpo arqueado sobre o dela, sem acanhamento, mas tão famintos e suplicantes quanto ele.

Não era para ser assim, selvagem, voraz. Não a primeira vez. Então ele a freou com suavidade, mas com firmeza também, fazendo-a compreender que ela poderia receber tanto quanto dar, que havia uma recompensa para a paciência.

Foi ela quem rompeu o doce silêncio.

— Você não vê — disse com a voz tão suave que ele mal ouviu. Não era uma pergunta, e sim uma afirmação.

— Não vejo o quê, amor? — sussurrou ele em resposta.

A cabeça dela estava apoiada em seu peito largo, o ouvido colado ao corpo, ouvindo seu coração bater. Os longos cabelos, macios como fios de seda vermelha, espalhavam-se sobre os dois corpos. Com a paixão momentaneamente saciada, mas a fim de manter a conexão entre os dois acesa, ela passeava os dedos por sua pele.

Ela permaneceu parada e em silêncio por um instante, até que disse, ainda baixinho:

— A escuridão. A escuridão… em mim.

E se calou. Ele queria apertá-la, unir seu corpo ao dela, mas se deteve. Ela era um animal selvagem, pronta para fugir em disparada caso ele fizesse o movimento errado. Se fosse acuada, se fecharia completamente. Então ele continuou acariciando seu braço, sabendo que havia mais, até que ela decidiu prosseguir:

— Às vezes dá medo. É forte… Muito poderoso.

— Todos nós temos luz e escuridão dentro da gente — murmurou Jim. — Fiz coisas que muita gente consideraria bem sombrias, e sei que

você também. Mas agora você pode fazer o que quiser, ruiva. Você escolheu aceitar o convite para o encontro de hoje. Você escolheu… me escolheu. Juro por tudo que é mais sagrado que só o que vejo em você agora é uma luz tão forte e tão pura que eu não consigo parar de olhar.

Sarah levantou a cabeça. Seus olhos brilhavam sob o fraco brilho azul enquanto procurava os dele. Ela com certeza estava lendo sua mente naquele instante, mas Jim não se importava. Era isso que queria. Talvez assim ela pudesse se ver como ele a via. Sorrindo suavemente, Jim ergueu uma das mãos para acariciar a seda vermelha dos seus cabelos e trouxe uma mecha até os lábios.

— Eu sei que é isso que você vê. Mas… Não é que eu não me importe, mas… Você não está aqui — disse ela, batendo com a mão na cabeça. — Eu estou. A escuridão… Jim, preciso que você me prometa uma coisa.

— O que?

Ela engoliu em seco. Estava claro para Jim que a mulher à sua frente jamais estivera tão vulnerável quanto agora, e o pensamento retumbou em seu coração.

— Prometa que não vai deixar a escuridão me consumir, custe o que custar.

Ele abriu a boca, mas fechou novamente e voltou a acariciá-la, sem a menor ideia do que dizer ou fazer.

— Prometa! — A aspereza na voz dela era medo, não raiva.

A escuridão não a consumiria, principalmente depois de tudo o que tinha acontecido. Gente inescrupulosa a forçara a usar seus poderes fenomenais para fazer coisas horríveis, mas Sarah Kerrigan estava no controle agora. Ela não seria mais o brinquedo de ninguém. Isso faria com que ela jamais sucumbisse à escuridão.

Com os olhos repletos de confiança e amor, ele tocou seu queixo e a encarou:

— Se isso te faz ficar tranquila, querida, tudo bem. Eu prometo.

Eu prometo.

Os olhos de Sarah palpitaram e se abriram. Com as luzes das máquinas e os painéis piscando, o quarto convertido em enfermaria nunca ficava totalmente escuro, mas o lusco-fusco indicava que ainda eram as primeiras horas da manhã.

Ela se lembrou da conversa que tivera com Jim mais cedo. Ele não tinha como saber que toda vez que a fazia falar sobre "o que aconteceu" obrigava-a a reviver tudo: a "morte" pavorosa, o tormento do corpo torcido e retorcido para ganhar a nova forma, as visões e vozes de pessoas agonizando, tornando-se comida ou matéria-prima genética para os zergs. *Seus* zergs.

As criaturas avançavam em ondas sobre a mulher amedrontada, mas determinada a proteger a filha.

— Mamãe! Mamãe! — A garota não queria ir. Empurrava os braços fortes do estranho que tentava salvá-la. Lutava.

Em vão.

Tudo em vão. Mãe, filha e o bom samaritano morreriam em segundos…

Jim queria acreditar que a Rainha das Lâminas — nem Sarah Kerrigan nem uma zerg, mas uma combinação pervertida das duas coisas — era responsável. Talvez ele tivesse razão.

Sarah discordava.

Girando lentamente para o lado, ela foi surpreendida, ainda que não fosse exatamente uma surpresa, pela figura recostada na cadeira ao lado. Sua cabeça pendia para trás com a boca aberta, roncando baixinho. Ela fechou os olhos.

Eu prometo.

Quando a escuridão tomou o controle, ele não fez nada.

A promessa fora quebrada? Ou ele simplesmente vira que, mesmo tendo feito o que fizera, pensado o que pensara e se tornado o que se tornara, a escuridão não a havia consumido totalmente?

A raiva atravessou seu corpo como uma faca, afiada e quente. Quem era seu alvo, ela não fazia ideia. Um estrondo irrompeu na sala e seus olhos se arregalaram quando ela ouviu alguém que trabalhava no turno

da noite soltar um palavrão.

— O que aconteceu? — inquiriu uma voz.

— E eu lá sei? — retrucou outra.

Sarah sabia.

Ela fizera aquilo. Ela pôde sentir a raiva selecionar aleatoriamente um objeto na sala — ela nem sabia o quê — e se concentrar para… esmagar? Explodir?

Jim acordou de sobressalto, alerta e pronto para o combate, a mão apoiada na pistola que trazia na cintura.

— Tudo bem?

Boa pergunta, pensou Sarah, assentindo.

— Acho que alguma coisa quebrou.

Ela não explicou mais. Ainda não estava pronta para pensar sobre as repercussões.

Depois de se certificar de que os estragos já estavam recebendo a devida atenção, Jim sacudiu a cabeça e se virou para ela outra vez.

— Eu sei que você me pediu pra ir embora, mas… Eu quero ficar aqui. Não vou incomodar se você quiser voltar a dormir.

— Tudo bem — respondeu Sarah. A explosão telecinética aliviara um pouco da pressão. — Eu andei… pensando. Sobre aquela noite. As coisas que aconteceram. As coisas que eu disse.

— É — disse ele suavemente —, eu também.

Jim se perdeu em pensamentos por um instante antes de prosseguir.

— Sabe, Arcturus não suportava a ideia de nós dois juntos.

— Claro que não — vociferou ela com a voz encharcada de veneno. — Se estivéssemos lá um para o outro, não precisaríamos dele. Ele não poderia mais nos manipular. Seu medo era de que fôssemos uma influência mutuamente ruim.

— Se com "ruim" você quiser dizer "boa", no sentido de pensar diferente dele, então sim. Ele quase me disse exatamente isso quando um dos espiõezinhos dele viu você saindo do meu dormitório.

Sarah permaneceu imóvel, como se ouvisse com o corpo inteiro.

— O que ele disse?

— A típica baboseira do Mengsk — respondeu Jim, com a franqueza que ela tanto adorava. — Ele disse que estava tentando me ajudar. Dar um aviso para que eu não me ferisse.

Jim parou de falar, esperando que ela fizesse algum comentário sarcástico. Ela continuou em silêncio. Quando o silêncio começou a incomodar, ele prosseguiu:

— Disse que você não era o tipo de mulher para um cara como eu. Que você não era nenhuma garotinha inocente que precisava de ajuda, e sim… — Jim calou-se abruptamente. Sarah não precisava ser telepata para saber o que estava acontecendo. Ainda atordoado pelo sono, ele não pensava antes de falar.

— Continua.

— Não tem importância. Como eu disse, baboseira típica do Mengsk.

— Jim, o que ele disse? — insistiu ela.

Raynor suspirou.

— Que você era uma arma. Um monstro. Perigosa.

— …

— Foi aí que comecei a perceber que o desgraçado não era confiável.

— Ele estava certo.

— É, talvez. De certa forma. Não vou discutir isso. Você foi *treinada* para ser uma arma perigosa, Sarah, e foi assim que te usaram. E quando começou a pensar por si mesma, a desafiar as ordens dele e a abrir os olhos para o quanto ele era ruim, você virou uma arma que não acertava mais onde ele mirava, uma arma que poderia se voltar contra ele. Foi aí que ele decidiu se livrar de você. Foi aí que o monstro foi criado. — Jim esticou uma das mãos para tocar a dela. — Mas o que um Mengsk fez, o outro me deu o poder de desfazer. Você é a Sarah de novo, ruiva, e eu não vou sair do seu lado. *Nunca mais*.

CAPÍTULO QUATORZE

Jim, Matt e Valerian estavam sentados em silêncio no levitraz enquanto a nave se afastava da pilha de lixo caótica que era o Porto do Enforcado em direção ao espaço morto, rochoso e desolado de Paraíso.

— De um buraco infernal para outro — murmurou Matt enquanto Jim procurava um local seguro para pousar fora da cidade.

— Ah, mas você tem que admitir, os buracos infernais são bem variados — comentou Valerian, atrás dos dois Saqueadores.

— É verdade — disse Jim. — Esse aqui é um pouco aberto demais para o meu gosto. Por que Mira escolheu este lugar, Matt?

Matt olhou para ele, incomodado.

— Você acha que eu sei? Eu não entendo nada do que aquela mulher faz ou pensa.

— Bem, parece que o que ela faz e o que ela pensa nos trouxeram bem longe — comentou Valerian.

Jim escolheu um local sob uma rocha, não muito longe dos prédios velhos que formavam a cidade.

— Eu não sei — disse ele. — Parece um lugar bem estranho. Mas se Mira quisesse nos entregar, já teria feito isso há muito tempo.

Jim guiou a nave e pousou-a suavemente. Todos saltaram, e seus pés

afundaram um centímetro na areia vermelha e macia. A sensação e o brilho avermelhado remetiam a Char, e Jim sentiu-se desconfortável. Aquilo era passado. Sarah fora resgatada e Narud, como Valerian afirmava, iria ajudá-la a melhorar. Ele precisava se concentrar nisso, não no passado, e não ficar relembrando que tinha assassinado o amigo que uma vez se sacrificara por ele.

Ele sentiu o olhar de Matt, mas balançou a cabeça: *Estou bem.* Matt assentiu.

— Tem um bar na cidade — explicou Matt.

— É melhor ser mais específico, Matt — pediu Jim. — Tenho certeza de que há mais bares nesse lugar do que pulgas num vira-latas.

— Esse é o primeiro pelo qual nós vamos passar. Costumava ser um ponto de venda de drogas, mas Mira limpou o lugar. Ainda assim, aposto que não servem vinho do porto.

— Eu não vim aqui para beber — respondeu Valerian, sem morder a isca. Jim não tivera tempo de perguntar como tinha sido a "expedição" deles ao Porto do Enforcado, mas sentia que parte do ressentimento de Matt com relação ao filho do imperador havia sumido. Isso era bom. Ele também não gostava muito do garotinho engomado, mas no momento eles tinham um objetivo em comum. Contanto que ninguém soubesse que o nome dele começava com Valerian e terminava com Mengsk, o disfarce deles serviria bem.

O ar estava quente, só com uma leve brisa, e Jim estava feliz por isso. Ele realmente não queria aquela areia fina esfregando nele enquanto estava vestido só com calças, camisa, botas e uma jaqueta. Ele levava nada menos de três pistolas consigo, duas bem à vista. Matt e Valerian estavam equipados do mesmo jeito. Caminharam sem conversar até a borda da cidade.

Barracos improvisados circundavam a cidade de Paraíso, assim como cabanas claramente mais antigas. O vento mudou de direção, e Jim quase engasgou com o cheiro de urina, fezes e corpos sujos. Ele viu famílias inteiras abraçadas, olhando-os com dúvida, medo ou asco ao se aproximarem.

— Parece que um monte de gente chegou aqui de repente — comentou Jim em voz baixa.

Matt abriu a boca para falar, mas Valerian foi mais rápido.

— Refugiados. Aparentemente, Mira está fazendo o que pode para ajudar.

— Não é muito — respondeu Jim. Não era uma crítica, apenas um comentário. Eram simplesmente pessoas demais.

— Tudo bem, Mira disse que alguns dos homens dela estariam na multidão, nos procurando, mas nós não saberíamos quem são. Ela avisou que algumas pessoas aqui estão simplesmente furiosas, frustradas e procurando um alvo pra descontar a raiva. Devemos deixar as armas visíveis.

Jim deu uma pequena risada. Ele já tinha feito isso antes de qualquer aviso. Valerian, no entanto, apressou-se para obedecer.

Jim sentiu-se observado. Alguns observadores ocultos, outros declarados. Ele encarou friamente os olhares mais furiosos e simplesmente ignorou os outros. Valerian, por sorte, parecia estar caminhando de forma a acompanhar os passos confiantes de Jim e Matt.

As construções eram parecidas com as que Jim conhecera quando criança: casas pré-fabricadas, mas de qualidade muito inferior às de Shiloh. Muitas já haviam caído aos pedaços e estavam escoradas com pedras. Havia um ar de expectativa e desespero em toda parte.

— Aquela construção, segunda da esquerda — sussurrou Matt, e eles foram na direção da estrutura dilapidada. Não havia indicação de que tipo de negócio ocorria lá, e Jim ficou tenso ao entrar, empurrando a velha porta.

Um perfume doce e inebriante permanecia no ar, anunciando àqueles que o conheciam a antiga natureza do lugar. Porém, parecia claro que o único vício oferecido recentemente no lugar era o do álcool. Havia apenas algumas mesas e cadeiras espalhadas. Clientes estavam curvados sobre a mesa, cuidando de suas bebidas. Matt foi até o bar. O barista, um careca tatuado com um espesso bigode, olhou-os por um momento.

— O que vai ser? — perguntou ele com um tom ríspido, quase

desafiador.

— Scotty Bolger's Old No. 8 — respondeu Jim.

— O mesmo pra mim — respondeu Valerian.

— Cerveja. Duas. Estou com sede — respondeu Horner.

Exatamente como deveriam.

O barista olhou Horner desconfiado, mas o código das bebidas, pedidas na ordem exata, não era realmente um pedido, ou sequer dirigido a ele. Outra pessoa estava escutando. Eles não se viraram para ver quem tinha se levantado de uma das cadeiras às suas costas.

Os dois copos e as duas garrafas foram colocados sem cerimônias na bancada. O uísque derramou um pouco, mas o barista não se esforçou para limpar. *Ele certamente não é o Cooper*, pensou Jim enquanto pegava o copo. Mesmo na luz escura era possível ver marcas de dedo nele. Jim deu de ombros e virou a bebida, engolindo-a de uma vez. O álcool mataria qualquer coisa insalubre, e a ardência na garganta era muito bem-vinda. Ele pediu uma segunda dose, depois uma terceira.

Depois de alguns momentos eles se viraram e foram para uma das muitas cabines vazias.

— Por enquanto, tudo bem — concluiu Jim.

— Concordo — comentou Matt. — Aliás, Valerian, algum daqueles cavalheiros ali no canto parece familiar?

Valerian fez uma careta como se sentisse dor e massageou o pescoço, virando o rosto discretamente durante o gesto. Depois, virou de volta para a mesa.

— Crane, se não me engano. Estou vendo que Mira realmente colocou alguns protetores no lugar.

Jim pegou uma das cervejas de Matt. Horner só estava fingindo beber mesmo. De repente, uma figura entrou na cabine ao lado de Valerian. Um capuz escondia seu rosto, mas quando ele levantou a cabeça, Jim reconheceu o bigode branco e as costeletas.

— Olá novamente, doutor — disse Jim para Emil Narud.

— Se não se importarem, quanto antes sairmos daqui, melhor — confidenciou o doutor.

— Concordo, mas não podemos sair todos juntos. Dá na vista — disse Horner.

— Então deixem-me usar esse tempo para explicar o máximo que puder antes de partirmos — disse Narud. Todos mantiveram as vozes baixas para evitar curiosos. Ele se dirigiu a Jim. — Eu sei que você não vai gostar disso, mas eu preciso realizar alguns testes na cobaia. Ela ainda possui o agente mutagênico zerg no corpo, como pode ser evidenciado pela transformação incompleta que Valerian me descreveu. Nós precisamos determinar se ela é humana o suficiente para confiarmos nela, ou se seremos forçados a contê-la para sua própria segurança e dos...

— *Não.*

Narud olhou para Jim, confuso.

— Você precisa entender que...

— Você é quem precisa me entender. O que eu estou dizendo é que você não vai realizar testes para decidir se a tratará como uma pessoa ou como um animal. E não tente fingir uma atitude superior comigo. Tenho certeza de que você não esqueceu como salvamos o seu couro em Tyrador VIII.

Narud pareceu desconfortável.

— Ah, não, claro que não.

Se não fosse pelos Saqueadores, a Rainha das Lâminas teria obtido a informação essencial sobre o artefato que a transformara em humana novamente. E poderia ter destruído os cientistas do planeta como um pequeno efeito colateral.

Valerian falou calmamente.

— Com os danos à nossa nave e as baixas que sofremos, já estamos perigosamente abaixo de nossa cota de suprimentos médicos. Mira nos ajudou com alguns reparos, mas qualquer coisa além do mínimo acabaria entregando o nosso disfarce. Precisamos ir a uma base secreta Moebius para obter proteção e os cuidados de que ela precisa.

— Eles estão certos — comentou Matt. Jim olhou para ele com raiva, mas Matt simplesmente deu de ombros. — Eu posso mostrar a lista de

suprimentos e buracos na nossa nave se você quiser, senhor. Eu não gosto disso mais do que você, mas não podemos permanecer aqui. Mira já fez muito por nós, e eu não quero que nada de mal aconteça a ela só por ter nos ajudado.

Jim olhou para a garrafa e acendeu um dos cigarros do maço que ele sempre levava na manga enrolada. Enquanto fumava, pensou em Sarah deitada na cama da enfermaria, em sua falta de vitalidade, sem vontade de se alimentar, assustadoramente frágil comparada com a mulher que um dia fora tão ágil e atlética.

Ele também não queria arriscar a vida de Mira. Jim soltou fumaça pelo nariz e encarou Narud.

— Você não vai fazer nada com ela, sequer olhar para ela, sem eu estar por perto — ordenou. Ele falou baixo, mas com uma vontade que mostrava o quão mortalmente sério estava sendo. — E se ela não for capaz de recusar o tratamento, a palavra final é minha. Se não concordar com isso, nós encontraremos outra maneira de ajudá-la. Entendido?

Narud abriu a boca para responder.

Sarah Kerrigan abriu os olhos. Havia algo de errado. Jim... Jim estava em perigo. Ou seria só um sonho? Com tantos remédios e pesadelos, fora os buracos em suas lembranças, Sarah não tinha mais certeza do que era verdade. Ela lutou para ficar alerta apesar da sonolência induzida pelas drogas. Finalmente conseguiu falar com alguma dificuldade.

— Doutor...

Yeats foi para o lado dela imediatamente.

— O que foi, Sarah?

— Jim... Ele não está aqui... Ele não está na *Hipérion*, não é?

— Não, não está. Ele está com o Capitão Horner e com o Senhor V.

Um copo d'água voou pela sala parecendo ter vontade própria. Sarah lutou para se levantar, livrando-se das cobertas e colocando os pés descalços no chão de madeira.

— Ele está em perigo... Chame-o de volta, chame-o de volta agora! Eles querem capturá-lo!

Swann não gostava de ficar no comando. Ele gostava de trabalhar com ferramentas, sujando as mãos — a mecânica e a biológica. Gostava de consertar coisas e trabalhar com pessoas que pensavam exatamente como ele. Ficar parado na ponte da *Hipérion* enquanto ficavam escondidos em segurança atrás de uma pilha de lixo o deixava infeliz. Por que Raynor e Horner precisavam ir juntos ver esse tal Narud? Apenas um deles não poderia ter ido enquanto o outro comandava a *Hipérion* para que ele não precisasse ficar lá e...

— Senhor — chamou Marcus —, acho que estamos sendo atacados!

Nenhuma sirene tinha disparado, nenhum alerta tinha soado. Swann apertou os olhos.

— Você "acha"? — rosnou ele. — E por que acha isso? Não estou ouvindo nenhum alarme!

— Porque alguém está atirando nos destroços!

Ainda assim, era tão absurdo que Swann só franziu a testa.

— Senhor... os destroços que estão nos...

— ... escondendo — concluiu Swann. — Maldição! Fomos descobertos. Chamem o capitão da *Bucéfalo* agora!

A imagem do capitão Everett Vaughn apareceu na tela do console.

— Pois não, Sr. Swann?

— "Pois não"? Estamos sendo atacados, seu idiota!

— Sim, eu detectei atividades na superfície — respondeu Vaughn calmamente.

Swann piscou, nervoso.

— Alguém está atirando contra os destroços que estão nos escondendo, Vaughn — repetiu ele, falando devagar e com precisão. — O que mais isso pode significar?

— Nós identificamos as naves como pertencendo aos mercenários — continuou Vaughn. Ele permanecia inabalável. — É possível que seja uma briga envolvendo os indivíduos na superfície e que nós ainda estejamos ocultos.

— O quê? — A voz de Swann elevou-se a um grito furioso. — Você ficou maluco? Nós precisamos sair daqui agora! Contra-atacando, se for

necessário.

Vaughn levantou uma sobrancelha.

— A *Hipérion* e a *Bucéfalo* são cruzadores de batalha, Sr. Swann. Antigas naus capitânias da Supremacia. As naves que teoricamente estão nos atacando são Miragens, e estão em número bem reduzido. Ao que me parece, elas não representam ameaça, mesmo que nós sejamos seus alvos. Você caça, Sr. Swann?

— Ahn? — hesitou Swann, estranhando a pergunta.

— O que eles estão fazendo é chamado de "espantar a presa". Talvez eles nem saibam que estamos aqui. Se fugirmos agora, perderemos qualquer chance de nos escondermos neste mundo. Eu acho que você está dando crédito demais a eles.

Uma veia pulsou na testa de Swann. As palavras se amontoavam em sua garganta com tanta violência que ele engasgou e teve que ficar quieto.

— Tenho certeza de que, depois de tanto tempo como rebelde — continuou Vaughn —, você se tornou hipersensível ao risco de ser descoberto. Além do mais, eu tenho minhas ordens e, até que sejam alteadas pelo Príncipe Valerian, usarei meu bom-senso, que no momento está me mandando permanecer aqui.

Aquela foi a gota d'água. Uma explosão de fúria expeliu as palavras que estavam presas na garganta de Swann.

— Seu idiota! Você não percebeu ainda? A maior parte da sua frota foi despedaçada, você perdeu tripulação a torto e a direito e ainda fica aí sentado falando merda sobre esperar seu Príncipe Encantado e histórias de caça! Vaughn, todos nós somos rebeldes agora! E, como rebelde, quando sou atacado, *eu reajo*! Você pode fazer o que quiser.

Swann deu um murro no console com tanta força que quase o quebrou. A imagem irritante de Vaughn desapareceu.

— Cade! Saia da cobertura e comece a contra-atacar! E avise ao capitão e ao comandante que eles também devem estar correndo perigo e que nós vamos dar o fora daqui para o ponto de encontro de emergência! Aliás, contate-me diretamente com ele. — Ele sentia que só poderia

transmitir a urgência da situação pessoalmente.

— Sim, senhor! — Marcus e os outros tripulantes responderam, parecendo bastante aliviados.

— Com todo respeito — começou Narud, sem soar nem um pouco respeitoso —, eu não creio que vocês estejam em posição de...

Uma voz áspera soou no ouvido de Jim.

— Jim! Estamos sendo atacados por um bando de mercenários! O capitão do seu amigo Valerian resolveu ficar parado, mas nós vamos dar o fora daqui. E se eles nos encontraram, devem ter encontrado vocês também!

Narud ainda estava falando, mas Jim parou de ouvir no instante em que Swann começou a falar.

— Merda — exclamou Jim, interrompendo os protestos de Narud. — Vamos sair daqui. — Então respondeu aos olhares curiosos com apenas uma palavra: — Swann.

— Opa... — disse Matt, usando sua versão menos expressiva de "merda". Valerian e Narud simplesmente se levantaram casualmente e foram até a porta. O homem que Horner e Valerian identificaram como sendo um soldado de Mira, Crane, levantou-se e caminhou com eles. Outro homem fez o mesmo.

— Nós fomos avisados de que mercenários estão atacando a *Hipérion* — falou Matt em voz baixa. — Avise Mira e...

— Eu acho que isso não vai acontecer — respondeu Crane.

Jim sentiu o cano de uma arma nas costas.

CAPÍTULO QUINZE

Valerian arquejou.

— Mas… Você trabalha para Mira Han!

— Cale a boca e continue caminhando na direção da porta — disse Crane, entredentes. — Ninguém precisa se machucar.

Jim e Matt obedeceram. O capitão da *Hipérion* arrastava um aflito Narud pelo braço enquanto Raynor corria os olhos pelo local, e sua mente, funcionando à velocidade da luz, buscava uma oportunidade. Ele sabia que Matt fazia o mesmo, mas Valerian, o imbecil mimado, acabaria fazendo todos eles serem mortos.

— Você está se amotinando contra ela e nos vendendo, não está? — continuou o príncipe, falando cada vez mais alto. Jim percebeu que sua voz transparecia pânico, e sentiu algum desgosto. O garoto ficava bem desde que estivesse a salvo em sua nave, mas quando tinha que meter o pé na lama, seu autocontrole ruía. — Não está?

— Cale a boca — resmungou Jim.

— Ouça o Raynor. Ele sabe o que diz — balbuciou Crane, virando-se em seguida para fitar o lendário fora da lei. — Você só sabe…

Mas o que Valerian só sabia seria para sempre um mistério. A expressão no rosto do príncipe, que parecia a de um animal assustado até

um segundo antes, tornou-se dura e fria. Ágil como uma serpente, sua mão segurou o pulso que apontava a pistola e o torceu. Valerian tomou a arma no segundo em que Crane a soltou berrando, e aplicou um chute bem dado atrás do joelho do malfeitor. Movendo-se com fluidez, Valerian afundou o cotovelo na garganta do segundo traidor.

Jim sentiu ondas de alívio e surpresa passarem por ele. Aproveitando a oportunidade que o astuto príncipe proporcionara, ele agarrou a outra pistola presa ao cinto de Crane e, com uma coronhada, o derrubou. Várias cadeiras arrastaram-se ruidosamente, e Raynor soube que o tempo arranjado por Valerian estava perto do fim.

— Vamos! — berrou ele.

Os quatro saíram em disparada.

O processo era lento. A *Hipérion* era uma fera imensa enterrada viva, lutando para emergir e estremecendo com o esforço. Swann suava, não de medo, mas resistindo ao impulso de correr para os motores, que urravam com o esforço para libertar a nave. Cobrirem-se com toneladas de camuflagem parecera uma boa ideia na hora, mas agora Swann se perguntava como havia concordado com aquilo.

— Perdemos dois motores no combate, e ainda não conseguimos fazer todos os consertos. — A voz de Annabelle soava tensa e aguda. Swann sabia que a agonia dos motores a afetava como a ele próprio.

— Eu sei, eu sei — respondeu Swann —, mas temos que sair debaixo desse monte de entulho!

— Os sensores indicam que eles devem estar chegando…

Os consoles da nave acenderam.

— ... agora — completou Cade.

Swann soltou um palavrão.

— Vamos lá, gracinha — disse ele à nave. — Você não vai deixar algumas toneladinhas de escombros segurarem você, vai?

Enfim a *Hipérion* começou a se mover. Eles estavam se soltando!

— Um tiro a estibordo, através dos escombros — disse Cade. — Também estou detectando mais Miragens a caminho. — Então fez uma

pausa e acrescentou: — E Vikings também.

— Quantos?

— Até agora oito Miragens e três Vikings.

Nada bom. Na verdade, isso era terrível. Um, talvez dois Miragens ou Vikings contra dois cruzadores de batalha era uma coisa, mas se fossem muitos…

— Vamos, vamos — rogou Swann. A nave se moveu de novo, mais livremente dessa vez, tentando se libertar das toneladas de lixo espacial que a enterravam. — Alguma notícia da *Bucéfalo*?

— Negativo, senhor.

— Tente outra vez. Diga que estamos nos soltando. Pergunte se vêm conosco ou se vão esperar o chumbo grosso sentados.

— Eu vou… ahm… mudar um pouco a frase.

— Faça isso, garoto. Avise que se não mexerem logo os traseiros, vai ser tarde demais.

Quase todos os tiros erraram o alvo, exceto um: um disparo de rifle gaussiano atravessou o braço de Matt. Sangue vermelho e reluzente jorrou, e Horner soltou um urro. Ele cobriu a ferida com a mão livre, avançando enquanto Jim respondia fogo com fogo. Estavam tendo sorte, pensou Raynor, e coisas assim não duram. Tinham deixado o levitraz afastado do centro da cidade, e ele sabia que jamais chegariam ao veículo a tempo, muito menos às coordenadas de emergência combinadas com Swann.

O que significava que o tempo deles em Paraíso *também* não duraria muito.

Eles não conseguiriam chegar até o resgate; o resgate teria que chegar até eles. Jim notou que uma das estruturas próximas do limite da cidade parecia abandonada. Teria que servir.

Narud tropeçou e caiu pesadamente no exato instante em que um projétil cortou o ar no ponto onde ele estava — sua vida foi salva pela sorte. Sem diminuir o passo, Valerian agarrou o cientista, endireitou-o e continuou a correr.

— Lá! — berrou Jim, apontando para a estrutura à esquerda. — Vamos nos proteger lá!

Valerian o encarou horrorizado, mas não parou de correr. Jim não o culpava — parecia que apenas uma brisa mais forte poderia derrubar o lugar. Porém, era a única opção. Continuar correndo em campo aberto era cortejar a morte, e enquanto Sarah vivesse, Jim não faria isso.

O grupo entrou tropegamente na casa pré-fabricada e fechou a porta. Raynor jogou uma pistola para Narud e acenou com a cabeça para Valerian:

— Cada parede tem uma janela. Cuidem da defesa. Eu vou cuidar de Matt e arrumar uma saída.

Narud fitou a pistola em sua mão.

— Uma pistola contra eles todos? — questionou, incrédulo. — Eles vão derrubar o abrigo e acabar com todos nós!

— Não vão, não. — Raynor pegou um kit de primeiros socorros, rasgou a manga da camisa de Matt e avaliou o ferimento. O espinho hipersônico trespassara completamente o braço, mas a cor do sangue que pulsava indicava uma artéria danificada. Jim borrifou uma bandagem sobre a ferida e fez pressão.

— Eles nos querem vivos, lembra? Significa que não vão atacar com tudo. Ainda temos algum tempo.

— O que houve, Jim? — perguntou Matt enquanto o amigo trabalhava.

O sangue escorrendo sob a bandagem de plastigaze começou a preocupar Jim, que não conseguiu disfarçar. Para distrair Matt enquanto analisava a ferida atrás de um ponto de pressão, ele falava:

— Recebi uma mensagem de Swann. — Jim falava alto, para que os outros dois também o ouvissem em meio ao tiroteio. — A *Hipérion* e a *Bucéfalo* estão sob fogo cerrado, mas a caminho. Seu capitãozinho se recusa a partir, Valerian. Swann está fazendo de tudo para sair de debaixo dos escombros e chegar ao espaço, onde as condições de combate são mais favoráveis. Temos que nos encontrar no ponto de emergência.

— Se não estivesse tão ocupado atirando — disse Valerian, empunhando a pistola com uma familiaridade que surpreendeu Jim —, torceria o pescoço do Vaughn com minhas próprias mãos.

— Quando conseguir contatar Swann, digo que você mandou um alô. Matt, mantenha o braço levantado. — Isso ajudaria a estancar a hemorragia. Sem questionar, Matt ergueu o braço como uma criança na sala de aula. — Enquanto se concentra nisso, será que você consegue entrar em contato com Mira? Acho que ela consegue chegar aqui mais rápido que a *Hipérion* — sugeriu Jim.

— Vou tentar — disse Matt. — Mas não faço ideia se essa linha é segura ou não.

— Não faz mais diferença. Eles sabem que ela será avisada de um jeito ou de outro. Nesse exato momento, precisamos mais de ajuda do que passar despercebidos.

Matt fez que sim com a cabeça, sacando o fone e digitando um código com a mão boa. Jim se levantou, limpou o excesso de sangue da camisa e foi até o lado de Valerian.

— Manda seu capitão vir com tudo.

— É o Capitão Vaughn, senhor — disse Marcus, sorrindo um pouco apesar da gravidade da situação.

— É impressão minha ou você está menos metido agora? — provocou Swann no instante em que o rosto de Vaughn apareceu na tela.

— Eu, hum, recebi novas ordens do meu comandante, se é isso que quer dizer — respondeu Vaughn friamente, apesar da tensão que dominava seu rosto.

— Senhor, mais três Miragens a caminho — disse Marcus. Vaughn teve a decência de arregalar os olhos.

— Estamos quase saindo — declarou Swann. — Vamos dar cobertura para os seus traseiros lerdos. Agora, deem o fora daí!

Se a nave fosse uma fera, a tensão a faria urrar. Mas eles estavam quase livres, e Swann rogou em voz baixa pra que os motores aguentassem.

O violento solavanco da libertação pegou todos de surpresa, mas Swann e o resto da tripulação comemoraram assim que se puseram de pé novamente.

A tela antes não mostrava quase nada, apenas formas vagas em meio aos destroços. Agora, todos viam o ferro-velho se distanciar enquanto subiam pesadamente, lentamente... tornando-se alvos perfeitos.

Os disparos começaram.

— Onze Miragens e seis Vikings no total, senhor — informou Cade. — Responder ao fogo?

Swann alisou o bigode, pensativo, então balançou a cabeça:

— Não, ainda não. Força máxima para os escudos agora. Quando ganharmos altitude e a *Bucéfalo* sair do chão, aí vamos matar alguns mosquitos.

A nave colossal continuava a ganhar os céus sob intenso fogo inimigo, e os escudos absorviam completamente — ou quase — o castigo. As telas focalizavam não nos Miragens e Vikings que atacavam, mas no ponto de onde a *Bucéfalo* lutava para emergir.

— Vamos lá — suplicava Swann enquanto assistia às pilhas de metal que cobriam a nave subir e descer.

Enfim, a nave de Valerian se libertou também, emergindo dos destroços como um pássaro do ovo, oscilando e se debatendo antes de começar a ganhar altitude.

— Certo — disse Swann —, mirem nos malditos Vikings e Miragens; acabem com todos. Marcus, envie as coordenadas do ponto de resgate para Vaughn, caso ele tenha perdido isso também. Diga que estamos nos movendo, e a menos que eu erre feio meu palpite, haverá um comitê de boas-vindas assim que sairmos da atmosfera.

Quase tão rápido quanto o pensamento, a *Hipérion*, que instantes atrás se debatia desajeitadamente sob o entulho da superfície, disparou para cima num rastro de fogo, galgando os céus na direção do espaço. Swann estava certo. Mais Miragens esperavam por eles, além de um único cruzador espacial que certamente já vira dias melhores e se parecia muito mais com o lixo que dera cobertura à *Hipérion* e à *Bucéfalo* do que

com um adversário à altura. Claro que Swann conhecia mercenários o suficiente para saber que cada crédito fora investido onde faria diferença — e não seria na aparência. Não era boa ideia subestimar o aparentemente dilapidado cruzador de batalha.

— Ative nosso canhão Yamato. Aponte para o cruzador de batalha e dê a ele tudo o que temos! — berrou Swann.

Os Miragens causavam a maior parte do dano, mas sem o cruzador ficariam presos, impedidos de realizar transdobras. E não poderiam atracar para receber reparos.

Além disso, sendo caças... eles não tinham canhões Yamato.

Cade mirou no cruzador e disparou. O tiro acertou em cheio, mas a nave continuou operacional. Os Miragens investiram para se vingar, enxameando como vespas enlouquecidas.

— Senhor, eles estão alvejando os aceleradores de gravidade — informou Cade.

— Reforce os escudos — vociferou Swann.

— Já fizemos isso, senhor, mas com o fogo concentrado… Senhor! É a *Bucéfalo*!

A formidável nave finalmente se libertara do planeta e vinha ao resgate. Enquanto seu canhão disparava contra o cruzador de batalha mercenário, Vikings impecáveis, de última geração, travavam combate com os Miragens e Vikings que atacavam a *Hipérion*.

Vaughn conseguira.

Agora, talvez até conseguissem chegar ao encontro com o capitão e comandante.

— Sim, sim — dizia a voz provocadora de Mira —, já estou ciente da… situação. Meu pessoal está a caminho. Diga ao querido James que não se preocupe com sua amiga. Ela já está a caminho da *Bucéfalo*. Mas, amor, vocês têm que sair da cidade! Não posso enviar naves até aí!

— Não dá! — berrou Matt a plenos pulmões, para ouvir a própria voz acima dos tiros. Seu braço continuava elevado e o sangramento reduzira, mas ele sabia que perdera muito sangue. — Estamos encurralados,

abrigados em uma estrutura abandonada perto dos limites da cidade. É impossível cruzar tanto espaço em campo aberto. Jim acha que eles querem nos pegar vivos, mas você sabe como são essas coisas.

— Humm… — respondeu Mira.

Matt não deixava de se impressionar — e se frustrar — com o fato de que a mercenária parecia estar escolhendo uma tintura de cabelo em vez de preocupar-se em salvar a vida dos quatro. Era fácil imaginá-la fazendo uma careta pensativa, tamborilando o queixo com o olhar perdido.

— Mira, por favor, você tem que se apressar…

— Matthew, Matthew, você se preocupa demais. Onde vocês estão?

— Perto dos limites da cidade, na ponta noroeste. Perto do covil de drogados que você limpou. Do mesmo lado.

— No último prédio da rua?

— Acho que sim.

Com um baque, um projétil atravessou o que restava das janelas. O objeto era pequeno, redondo e rapidamente começou a emitir um gás verde pálido.

— Merda — berrou Jim. Ele cobriu a boca com um braço, mergulhou na direção do pequeno objeto e o arremessou de volta. Então se curvou e começou a tossir violentamente

— Mira — disse Matt, reprimindo a tosse e piscando os olhos lacrimejantes —, atiraram uma granada de gás. Com certeza foi só a primeira. Estão tentando… — O resto perdeu-se em meio à tosse.

— Matthew, querido, você precisa me ouvir. Algum tempo atrás mandei instalar túneis de fuga nos prédios mais distantes da cidade. Você está em um deles. Procure a escotilha embaixo do assoalho!

Matt a princípio animou-se, mas foi tomado em seguida por uma sensação de desespero. Depois de respirar fundo e tossir por quinze segundos, respondeu com a voz fraca:

— Alguns dos homens que estão atirando em nós eram dos seus. Eles sabem dos túneis!

— Matthew, seu bobinho — retrucou ela, parecendo se divertir —,

você acha mesmo que conto tudo para todo mundo?

Matt sorriu.

— Mira, você é maravilhosa! — E virando-se para os companheiros, gritou: — Debaixo do assoalho tem um túnel de fuga!

— Mira, eu amo você! — gritou Jim. Matt a ouviu gargalhar.

Raynor puxou Valerian e os dois começaram a arrancar as tábuas do chão, procurando por qualquer sinal da existência de um alçapão.

Uma segunda granada de gás voou para dentro do edifício periclitante, sibilando enquanto liberava seu conteúdo abjeto. Narud correu e jogou longe o projétil, mas outros dois vieram pelo lado oposto. Os quatro começaram a tossir sem parar.

Horner sentiu uma tontura, mas não tinha certeza se era causada pela perda de sangue ou pelo gás. Suas pernas curvaram-se e ele se viu sentado, perplexo, no chão do edifício.

— Ali — apontou Valerian.

A voz do príncipe soava fraca e distante para Matt. A de Mira Han também.

— Matthew? Continue falando. Vocês encontraram o túnel?

— Acho que sim. — O capitão da *Hipérion* surpreendeu-se com a maneira como suas palavras soavam arrastadas. Ele ainda sangrava. — Mira? Acho que não vou conseguir sair.

— Besteira. — Mira Han soava animada e confiante. — Ainda não estou pronta para ser viúva, Matthew Horner.

Subitamente, um par de botas entrou no campo de visão de Matt. Mãos o agarraram e o ergueram com violência. Sem resistir, ele entregou-se à escuridão. Depois, não viu mais nada.

— Eles escaparam.

— Como assim? Eu entreguei todos de mão beijada! — Cooper tinha a voz carregada de fúria. Como a *Hipérion* estava no meio de uma batalha, ele estava completamente sozinho.

— Encurralamos os quatro em um prédio abandonado, atiramos algumas granadas de gás e, quando entramos, eles tinham desaparecido.

— Desaparecido? Como você pôde perder… — Então percebeu. — Crane, seu desgraçado, só pode ser um túnel no chão!

— Eu, hum… Acho que sim. É a única opção.

— Deixa eu adivinhar. Você nem faz ideia de aonde esse túnel leva.

— Não.

O barman lançou um olhar pesaroso para a pequena bolsa escondida atrás do balcão.

— Certo, duvido que isso vá ajudar, mas estou enviando as coordenadas do ponto de encontro original. Conhecendo Jim, aposto que ele já mudou pelo menos meia dúzia de vezes, e você nem faz ideia de onde o túnel vai dar. Se fosse você, eu enviaria alguns homens para vigiar o ponto de encontro. O resto entra no prédio e descobre aonde leva esse maldito túnel!

Cooper enviou rapidamente as coordenadas e desligou. Aparentemente ele não ficaria rico tão cedo, mas talvez ainda houvesse alguma esperança.

Assim que retomou a consciência, Matt sentiu os pulmões e as vias áreas arderem e uma forte náusea apoderar-se dele. O braço ardia em agonia, mas sua mente ainda estava clara o suficiente para registrar três fatos: um, ele estava vivo; dois, eles conseguiram escapar; três, Valerian carregava-o desajeitadamente sobre o ombro, como se fosse um saco de batatas.

— Me ponha no chão.

— Ainda não — respondeu Valerian.

Nesse instante, Matt percebeu um quarto fato: Valerian estava correndo. Jim e Narud também. Onde, ele não sabia dizer. A perspectiva que tinha do chão e das pernas apressadas de Valerian não dava muitas pistas.

Quando cogitou se debater, ele rapidamente concluiu que isso atrapalharia na fuga e provavelmente poria todos em risco. Ao somar a isso a dor de cabeça, efeito colateral do gás, Horner fez uma careta e decidiu ficar quieto.

— Mira é uma mulher e tanto — disse Valerian. — Enviou um transporte e homens. Só para garantir que vamos conseguir... chegar lá. — O príncipe ofegava. — Estamos quase.

— Os mercenários também — respondeu Jim.

— Nós… vamos… conseguir — afirmou Valerian enquanto ajeitava a carga no ombro. — Segure-se firme, Matt.

Da posição ignóbil em que estava, era tudo o que ele podia fazer. Valerian correu com todas as forças, e Matt logo começou a ouvir o zumbido das naves acima. Os disparos levantavam poeira, acertando perto demais dos fugitivos. A resposta veio na forma de saraivadas disparadas contra os mercenários e uma voz que alegrou seu coração:

— Não *ousem* machucar meu Matthew!

Mira Han soava muito enfurecida. Matt começou a sentir pena dos mercenários. Alguns instantes depois, que pareceram séculos, Valerian parou de correr e pôs Matt no chão.

— Você precisa parar de comer doces — resfolegou o herdeiro do império. Seu rosto estava vermelho e ensopado de suor. Matt não fazia ideia de quanto tempo Valerian correra, carregando um peso igual ao seu próprio.

— Eu não como doces — retrucou Matt. — Bem, quase nunca. Uma bomba de chocolate de vez em quando, às vezes um…

— Matthew!

Primeiro Matt viu os cabelos rosa-shocking, depois o sorriso estampado no rosto de Mira. No instante em que viu a bandagem ensanguentada, contudo, a expressão no rosto dela mudou completamente:

— Você tem bons amigos. Mas agora é melhor correr. As naves sofreram muitos danos, mas ainda podemos conseguir!

Os olhos de Matt percorreram os arredores. Jim e Valerian, agora livre do fardo que estorvava seus movimentos, disparavam contra os mercenários que avançavam por terra, enquanto as sombras das naves corriam rapidamente pelo solo arenoso e vermelho. Mira passou um braço em volta de sua cintura:

— Vamos, vamos — disse, embarcando-o na nave.

Enquanto Mira Han o ajudava a se acomodar em um assento, Matt viu uma enorme mancha vermelha ainda úmida no peito dela.

— Você foi atingida! — arquejou ele, surpreso com a dor que percorreu seu corpo.

Ela sorriu.

— Não, Matthew, esse sangue é seu. Você ainda está sangrando. Eu estou bem. Mas você fica uma gracinha preocupado! — Erguendo seu queixo, Mira Han deu-lhe um longo e apaixonado beijo. Matt beijou de volta, certo de que a experiência de quase morte bagunçara suas emoções.

A mercenária partiu apressada logo em seguida, e Jim, Narud e Valerian embarcaram. Raynor foi direto para o assento do comandante; o príncipe, para o do copiloto.

— Onde estão os suprimentos médicos? — perguntou Narud. — Sr. Horner precisa de cuidados.

— Essa não é a minha nave — retrucou Jim, fechando as portas para a decolagem —, mas eu tentaria debaixo do último assento. Como você está, Matt?

— Vivo, senhor.

— Isso é bom. Narud, mantenha o Sr. Horner assim. Apertem os cintos e não ponham os braços para fora da nave.

Valerian riu.

Com uma brusquidão que fez Matt sentir-se aliviado por estar com o estômago vazio, a nave ascendeu. Dois segundos depois, no entanto, o fogo inimigo recomeçou. A nave sacudiu violentamente, e Matt também se sentiu aliviado por ter afivelado o cinto de segurança.

Narud parecia extremamente desconfortável ao lado de Horner, segurando o kit médico. Matt pousou a mão sobre o ferimento e o observou. Mira Han tinha razão, a ferida era grande demais para apenas uma bandagem de plastigaze. O sangue voltara a correr; Matt reuniu suas forças e fez pressão acima da parte atingida. Fazendo uma careta, ele disse:

— Nós vamos conseguir. Jim é um baita piloto.

— Temo que ele terá que servir — disse Narud com a voz suave e resignada. O cientista teve que cuidar para que os instrumentos não caíssem enquanto remexia o kit de primeiros socorros.

— Isso? Isso não foi nada — zombou Jim. — Olha só *isso*.

E ele arremeteu bruscamente, embicando a nave em posição praticamente vertical. Narud choramingou fracamente. A embarcação da qual fugiam estava tão próxima que os olhos de Matt cruzaram com os do outro piloto; Narud franziu o cenho e fez um gesto aborrecido.

Incapaz de conter-se, Matt irrompeu em gargalhadas. Talvez fosse a perda de sangue, a fuga por um triz ou o beijo de Mira, mas ele não conseguia se controlar. Sabia que era inapropriado, talvez até um pouco histérico, mas por que não? Eles poderiam sair vivos ou morrer, não dependia dele. Narud continuava a fitá-lo aterrorizado.

— Esse é o meu garoto — aprovou Jim do cockpit. — Se é pra morrer, que morra sorrindo!

Narud empalideceu, o que fez Horner rir ainda mais.

— Swann, aqui é Raynor.

— Em que buraco da galáxia você se meteu, caubói? Tivemos que dar cabo de alguns Miragens, Vikings e sabe-se lá que diabos mais, mas já estamos no local combinado.

— Eu sei. Tivemos que tomar um atalho para não ser mortos. Achei que você não fosse se importar.

— Então traga logo sua carcaça imunda para a *Hipérion* enquanto ainda tem uma para salvar. — E acrescentou: — E enquanto ainda estamos inteiros.

Matt se recostou no banco, sentindo o sangue quente escorrer por entre os dedos. Narud falava calma e claramente, certificando-se de que os olhos do paciente miravam os seus:

— Sr. Horner, a artéria braquial foi danificada. Uma única bandagem jamais estancaria esse sangramento. Não tenho os instrumentos necessários aqui, mas a bordo da *Bucéfalo* poderei cuidar de tudo. Só o que posso fazer no momento é cobrir a ferida com três bandagens para

conter o sangue. Você compreende?

— Três para um. Certo.

Jim continuou a subir em velocidade máxima, deixando para trás a feiura do Porto do Enforcado. Enquanto Narud trabalhava, Matt olhava pela janela. Será que era tão feio assim? Aquele ferro-velho os havia salvado de uma caçada, pelo menos durante algum tempo. Além disso, em algum lugar lá embaixo estava a amazona de cabelos cor-de-rosa que jamais seria a garota dos seus sonhos, mas que conquistara sua admiração e seu carinho.

Talvez não fosse tão feio assim.

Conforme a *Hipérion* subia, as formas dos prédios desapareciam em meio à poeira vermelha, já meio encobertos pelas nuvens. Em meio aos solavancos, Matt viu um clarão quando um inimigo os atingiu. Uma sirene disparou e as luzes principais apagaram, dando lugar ao vermelho da iluminação de emergência. Matt continuava a olhar para frente, para a tela principal.

A *Hipérion* poucas vezes parecera tão adoravelmente encantadora, mas seu capitão se contorcia ao vê-la recebendo tantos danos. Ele não ficou feliz ao ver uma vida se perdendo na bola de fogo em que se transformara um Miragem, mas a certeza de que a pequena nave não representava mais ameaça era um alívio. Jim dirigia a nave danificada para o atracadouro da *Hipérion*, taxiando para encontrar a entrada, que se abria lentamente.

Lentamente demais.

— Não vamos conseguir! — gritou Narud.

— Feche a matraca, doutor — retrucou Jim, sereno. — Sua descrença prejudica minha capacidade de operar milagres.

Outro disparo contra a nave, desta vez na proa. O console faiscou e estalou violentamente. Jim apertou o botão do extintor, liberando uma torrente de espuma. Falando por sobre os ombros, disse a Narud:

— Viu só o que você fez?

Matt engoliu em seco quando seus olhos cruzaram os do amigo. O console estava completamente inutilizado. A nave não poderia ser

desacelerada — no espaço, a inércia impede que os objetos se desacelerem sozinhos —, nem seu curso poderia ser mudado. Se Swann não percebesse e tirasse a *Hipérion* do caminho…

Mais um disparo. Outro princípio de incêndio na popa.

— O que você está fazendo? — gritou Narud.

— Nada — respondeu Jim. — Não tem nada que eu possa fazer. Estamos sem navegação, comunicação ou condições de lutar… Está nas mãos do Swann agora.

Para o deleite de Matt Horner, Jim Raynor cruzou os dedos atrás da cabeça, recostou-se na cadeira e começou a assoviar. Ao lado de Matt, o Dr. Emil Narud enterrou o rosto entre as mãos e gemeu quase inaudivelmente.

Valerian encarou Jim por um instante antes de sorrir e imitá-lo:

— Quando não há nada a ser feito, não faça nada.

— Você está começando a entender, Valerian. — Jim apertou os olhos e franziu o cenho. — Merda. Agora somos alvos fáceis.

* * *

Matt também vira, do lado de fora da escotilha. Um Miragem dilapidado, mas ainda capaz de chegar ao espaço e travar combate. Aparentemente, o plano de capturar e levar Raynor, Horner e Valerian para Mengsk, com Narud como bônus acidental, ficou no Porto do Enforcado. Vulneráveis como estavam, um tiro certeiro acabaria com tudo ali mesmo. Mengsk não se importaria se os "procurados vivos ou mortos" aparecessem mortos.

Subitamente, o caça explodiu. Matt esticou o pescoço para ver de onde viera o disparo e viu a *Bucéfalo*.

— Valerian — disse ele —, talvez você e sua gente não sejam uma causa perdida.

Por um longo momento, nada aconteceu. A entrada do atracadouro estava aberta, pronta para recebê-los, mas todos sabiam que àquela velocidade seria impossível. Outro Miragem os encontraria antes.

Lentamente, o atracadouro começou a se mover. Matt abriu um largo sorriso. Sabendo que a nave não chegaria ao destino, o fantástico Swann estava trazendo o destino até a nave. O problema ainda não estava totalmente resolvido: como a entrada era estreita, qualquer erro de Swann significaria um choque.

Mas Swann era bom. Durante a aproximação, o transporte chegou a arranhar a lateral da passagem, fazendo Matt prender o fôlego, mas no fim as portas se fecharam, a atmosfera foi restaurada e a nave pousou pesadamente na plataforma.

— Falei que ia dar certo — disse Jim.

Dois minutos depois, a *Bucéfalo* e a *Hipérion* iniciaram o processo de transdobra.

Mira assistia à partida da nave. Os quatro homens sob sua proteção estavam vivos. Matt havia se ferido, mas sobreviveria, forte como era. Não como ela, mas de seu próprio jeito, gentil de um jeito estranho. A mercenária se perdeu em pensamentos, com os olhos fixos até não haver nada além de um ponto brilhante no céu.

Matthew Horner, seu marido, deixaria saudades.

A mercenária então se voltou para os inimigos, observando-os do solo. Mercenários contratados por sua própria gente — gente que queria tomar algo seu. Pessoas em quem ela confiara. Em suas mãos ela segurava uma lista de nomes. Com uma expressão dura, Mira Han levantou o rifle e mirou primeiro naqueles que via e reconhecia com seu olho cibernético.

Trair a mercenária Mira Han? Ameaçar Matthew e seus amigos, fugitivos em busca de refúgio?

Ah, ela faria com que eles pagassem. Cada um deles.

Crane foi o primeiro.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Depois de deixar Matt na enfermaria da *Hipérion* para que o capitão recebesse os devidos cuidados — duas cirurgias seriam necessárias, lhe dissera o médico: uma de transfusão de sangue, outra de correção da artéria —, Jim foi direto até a *Bucéfalo* para ver Sarah. Frederick lançou um olhar sério quando Jim entrou no quarto, e aquilo o incomodou. O médico parecia... preocupado.

E mais do que assustado.

— Sarah teve que ser sedada pelos médicos de Mira — disse sem rodeios, enquanto Jim dava passos largos até a cadeira já cativa ao lado de Kerrigan.

Jim lançou-lhe um olhar sério.

— Por quê?

— Ela soube — anunciou Frederick, de braços cruzados. Ele certamente estava tenso. — Sobre o ataque.

— Bem, é claro, ela...

— Antes de acontecer, Raynor. Segundo os médicos, ela começou... Bem, começou a fazer as coisas quebrarem, gritando que você estava em perigo. Levantou da cama, caiu... Não gosto de mantê-la dopada, mas foi a única forma de controlar a situação.

Jim se esforçou para manter um tom neutro.

— Entendo.

Então os poderes dela estão voltando, pensou. *Isso é bom ou ruim*?

Sarah resmungou, agitando a cabeça. Jim colocou as mãos dela entre as suas.

— Pronto, pronto, querida. Deu tudo certo, eu estou bem. Todos estão bem.

— J-Jim? — balbuciou Sarah. Parecia lhe custar muito abrir os olhos e, quando conseguiu, as pupilas estavam dilatadas. — Você... você está bem.

— Não é uma emboscada qualquer que vai me afastar de você — provocou. O mais engraçado é que era verdade.

— Por que você foi? Eu... esqueci... — Ela o fitou ansiosamente, e Jim achou melhor se explicar.

— Bem, fomos nos encontrar com uma pessoa que pode ajudar você — começou Jim, mas outra voz, suave, jovem e refinada, interrompeu.

— Vamos levá-la para um lugar que ofereça o tratamento de que precisa, Srta. Kerrigan — afirmou Valerian.

Sarah o encarou por um momento, então franziu o rosto.

— Você é Valerian.

Ele sorriu. Ainda estava com as roupas sujas do "disfarce" que fora obrigado a trajar em Porto do Enforcado, mas já deixara de fingir que era um dos nativos miseráveis. O tom de voz e a linguagem corporal de Valerian denunciavam a ascendência aristocrática.

— Sou. Acredito que nosso amigo Jim contou como foi que você voltou a si e acabou aqui na enfermaria da nave. Mas não temos como cuidar direito de você aqui. Entrei em contato com um velho amigo cientista e agora estamos a caminho de uma base secreta onde a Fundação Moebius possui um laboratório de ponta. Lá, podemos...

— Fazer testes em mim como se eu fosse um rato? Não, obrigada.

— Não vou deixar que eles façam isso — argumentou Jim, lançando um olhar a Valerian que ele torcia para ser corretamente interpretado como *saia, deixe que eu a acalmo*. Valerian ergueu as sobrancelhas louras,

mas não deu um passo.

— Acha que pode enfrentá-lo, Jim? E esses pseudocientistas? — Ela estava cada vez mais agitada, o que Jim compreendia perfeitamente. — Eu não confio em você, Herdeiro Legítimo. Você é um Mengsk. E eu sei como agem os Mengsk. Jim, assim que pisar nesse lugar, você não estará mais no comando. Eles vão me levar e fazer coisas comigo. Você vai ser preso, isso se não o matarem imediatamente.

— Valerian é tudo o que temos, amor — disse Jim — E, por enquanto, ele tem sido muito honesto... Apesar da pose.

Valerian deu um sorriso sem graça. Jim não precisava ler mentes para saber que Sarah tinha magoado o príncipe. Ao mesmo tempo, Valerian não era mais criança e deveria saber desde o início o tipo de recepção que um filho de Arcturus Mengsk teria.

Sarah fechou os olhos.

— Estou cansada — concluiu, e Jim podia ver isso. Resistir à medicação, mesmo por um período curto de tempo, tinha esgotado Sarah. Ele cobriu a mão dela com o lençol, levantou-se, deu um beijo em sua testa e deixou a sala com Valerian.

— Os poderes psiônicos dela estão voltando — disse Jim em voz baixa. Ele teria preferido não comentar o assunto, mas já que tinha sido apontado pelo próprio médico de Valerian, o príncipe saberia mais cedo ou mais tarde de qualquer forma.

— Ainda não sei o que ela pode fazer, mas o médico disse que ela sabia que estávamos sendo atacados e começou a destruir os equipamentos.

— Que bom que Narud está aqui então para...

— Ainda não — interrompeu Jim. — Sei que ele está se coçando para examiná-la, mas você viu como ela reagiu à sua presença. E ainda confio muito mais em você do que em Narud.

Valerian sorriu.

— Sua confiança significa muito para mim, Jim. Obrigado.

— Não vá ficar todo sentimental ainda — alertou Jim. — Só disse que confio mais em você do que nele. Vou ver como está Matt, depois volto

para ver se consigo acalmar Sarah um pouco mais. Vai ser difícil fazer isso, considerando que penso da mesma forma que ela. Mas farei o possível.

Ele estacou. Valerian virou-se, intrigado.

— Escute, Valerian. Quero que me dê a sua palavra. Narud não vai passar por cima de mim no que concerne ao tratamento de Sarah.

— Eu... Ele é o profissional, Jim, não eu. Nem você.

— Não importa. Conheço Sarah e sei o que ela quer, e estou vendo as coisas um pouco mais claramente do que ela. Você tem sido confiável até agora, mas eu preciso ter sua palavra.

Jim estendeu a mão. Valerian a fitou por um instante.

— Mas e se a vida dela...

— Sou eu quem vai decidir e encarar essa responsabilidade. Me dê sua palavra. Ou eu juro que pego Sarah e saio daqui tão rápido que você nem vai entender o que aconteceu.

Valerian torceu o nariz.

— Ora, como posso dizer não a uma demonstração tão genuína de confiança?

Ele estendeu a mão ainda suja, porém bem-cuidada, e apertou a de Jim.

— Tem a minha palavra, James Raynor. Não vou lançar Sarah às feras.

Jim ficou surpreso de ver Horner já na ponte. O jovem capitão olhava fixamente pelo painel de visualização com o braço pendurado numa tipoia. Quando Jim entrou, Matt virou. Estava pálido e cansado, mas furioso.

— Que diabos é isso? — exigiu saber.

Jim encarou o painel. Ambas as naves tinham saltado pelas coordenadas da *Bucéfalo*, porém tudo ocorrera tão rápido que Jim não teve a chance de ver aonde as coordenadas tinham-no levado. Agora ele via, e entendeu a raiva de Matt.

Um gigante gasoso verde e azul assomava na tela, cercado por rochas

cujos tamanhos variavam da dimensão de um planeta ao de uma partícula de pó. Milhões de asteroides do tamanho certo para destruir cruzadores de batalha. Eram tantos e tão apinhados que o lugar se tornara conhecido no setor não pelo nome formal, Cinturão de Kirkegaard, mas pelo apelido Cinturão da Pedrada.

— É o Cinturão da Pedrada, Matt — disse Jim, lacônico, os olhos apertados analisando a tela.

— *Eu sei disso* — afirmou Matt. — Essas são as coordenadas que Swann recebeu do Capitão Vaughn. Por que estamos aqui?

— Bem, essa é outra pergunta. E é sobre isso que vou questionar Valerian imediatamente. — Ele apertou um botão. — Valerian, por que diabos estamos aqui?

O rosto do herdeiro surgiu na tela.

— Porque a base que abriga o laboratório secreto Moebius, a Estação Espacial Prometeu, fica no interior do cinturão de asteroides.

Matt estava de boca aberta.

— Você está de brincadeira — disse Jim. — Não é à toa que esse lugar é chamado de Cinturão da Pedrada. Quem vai além de onde estamos agora ou é louco ou é burro, e acaba pulverizado. Nunca alguém entrou ali.

— Ah! E esse mito, que aliás eu me esforcei para difundir, é o motivo pelo qual a base continua em segredo. Há uma forma de navegar no cinturão. Exige coordenadas precisas, uma navegação atenta e paciente. Mas, acredite em mim, seguindo esse caminho, nossas naves vão alcançar a base do doutor Narud. Fica no coração de um asteroide que foi escavado justamente com essa intenção.

Jim o considerou um bocado presunçoso.

— De forma alguma — retrucou Horner. — Isso pode ser factível com uma nave menor, Valerian, mas estamos falando de um cruzador de batalha. Dois deles. Isso significa que nossas chances de acabar nos tornando parte do Cinturão de Kirkegaard são dobradas. Esse lugar é um exterminador de naves. Se você não acredita em mim, faça uma análise rápida. Você verá os destroços de muitas naves cujos comandantes foram

tolos a ponto de arriscar a sua sugestão.

Valerian recobrou a calma.

— Cavalheiros — recomeçou com tranquilidade —, sei que parece impossível. Mas muitos diriam que resgatar Sarah Kerrigan também era impossível.

Jim trocou olhares com Matt, que virou o rosto, balançando a cabeça.

— Matt, eu esperava que depois da nossa pequena aventura, você tivesse aprendido a confiar um pouco mais em mim e na minha capacidade de lidar com situações desse tipo. Jim, você sabe como eu penso em tudo. Minuciosamente. Usem um pouco a lógica: como a estação seria construída ali se fosse impossível alcançá-la?

Nisso Valerian tinha razão, se não estivesse mentindo descaradamente. Mas os instintos de Jim lhe diziam que o jovem príncipe falava a verdade. Era uma mentira muito elaborada, e também não parecia haver razão para tal.

— Você já entrou com a *Bucéfalo*?

— Hum... Na verdade, não. Sempre viajei em embarcações menores.

Matt começou a gesticular como quem diz *"viu, eu disse"*, mas sentiu a dor súbita no braço e estacou.

— Mas o trajeto é o mesmo. É largo o suficiente para um cruzador de batalha passar, desde que a nave seja guiada com extremo cuidado. Jim, esta é a única forma de dar a Sarah o tipo de tratamento de que ela precisa. A *Bucéfalo* pode ir na frente, se preferir. Para provar a minha boa-fé. É uma nave maior que a *Hipérion*. Se nós conseguimos, vocês também conseguem.

De repente, Jim sorriu. Matt olhou para ele sem saber o que pensar.

— Bom, talvez eu tenha ficado um pouco rabugento demais ao envelhecer. Quem sabe estejamos precisando mesmo sacudir um pouco as coisas.

Matt olhou sem qualquer expressão para Jim, então, sem dizer nada, levantou a mão que não estava machucada e apontou para a tipoia.

— Matt, você só se feriu porque precisávamos chegar aonde estamos agora. Para encontrarmos Narud e chegar à Estação Prometeu, para que

Sarah receba os devidos cuidados. Foi por isso que pedimos um favor a Mira e acabamos colocando ela e toda sua operação em risco. Você quer jogar tudo isso no lixo só porque não está gostando da ideia de navegar por um cinturão de asteroides?

Matt suspirou.

— Odeio quando você faz isso — disse.

Mas Jim sabia que Matt já percebera que seu comandante estava certo. O jovem capitão também conhecia Raynor o suficiente para saber que ele não diria aquilo se não fosse verdade. Jim era grato pela firme lealdade.

— Mande as coordenadas desse... trajeto, Valerian — pediu Matt, cansado. — Quanto mais cedo sairmos, mais cedo chegaremos.

Valerian enviou as coordenadas e encerrou a transmissão. Ele se virou para Narud, que ficara fora de vista durante a conversa.

— Você não é muito popular na *Hipérion* — ponderou. — Nem na minha enfermaria, ao que parece.

Narud, ao contrário de Matt, Valerian ou Jim, aproveitara o tempo livre para se limpar. Ele usava camisa, calças compridas e botas emprestadas de Valerian. Não vestiam muito bem, mas não havia outro jeito agora. Diante do comentário, ele suspirou.

— Gênios dificilmente são reconhecidos em vida.

Não era uma piada, e Valerian não achou que fosse. O homem era, sem sombra de dúvida, um gênio.

— Você precisa compreendê-los — prosseguiu Valerian. — Pense em tudo o que Kerrigan passou. E Raynor.

— É exatamente nisso que estou pensando — bradou Narud. — Gostaria muito que me permitisse vê-la. Assim poderei enviar uma transmissão para adiantar a minha equipe sobre o que esperar.

— Você pode fazer isso mesmo sem vê-la pessoalmente — respondeu Valerian. — Vou mandar o doutor Frederick lhe passar todas as informações sobre o estado de Sarah, e fique à vontade para questioná-lo. São apenas mais algumas horas de espera, Emil. Você consegue esperar.

Deixe Jim... acalmá-la em relação a isso tudo. Se alguém pode fazer isso, esse alguém é ele.

— Sim. — Narud refletiu. — Se *alguém* pode... É Raynor.

Anabelle estava no corredor próximo à cantina, de mãos dadas com Travis Rawlins. Os dois estavam tomando um drinque, entretidos na conversa, quando ele foi convocado a se reportar imediatamente na *Bucéfalo*. Annabelle entreouviu as ordens e ficou pálida à menção do Cinturão de Kirkegaard.

— Preciso ir — sussurrou Travis, sem dar um passo.

Annabelle sentia o calor e a força do piloto, e sabia que se o encarasse veria compaixão naqueles olhos castanho-escuros.

— Eu sei.

Mas nenhum dos dois se mexeu.

— Você tem que falar com o engenheiro-chefe Swann sobre a ideia de armar a *Esplendor* — aconselhou Travis.

— Que nada! É uma ideia boba.

— Não, eu acho uma ótima ideia. Pode ser pouco prático armar todos os módulos, mas ainda que seja só um... Quem sabe quantas vidas podem ser salvas com isso?

— O que um piloto entende de módulos de transporte? — provocou Annabelle.

— Pouco — admitiu Travis. — Mas sei reconhecer uma coisa boa quando ouço. Ou... quando vejo.

Annabelle o encarou por um momento, então desviou o olhar para as botas.

— Bem — disse por fim, com a voz embargada —, você precisa ir.

— Quando você soltar as minhas mãos — respondeu com carinho, ainda que também não tivesse feito qualquer esforço para desentrelaçar os dedos.

— Eu sei... — retrucou Annabelle. — Mas por alguma razão, não sei se consigo. — Ela arriscou olhar nos olhos dele, e seu coração acelerou.

— Engraçado, né?

Ele assentiu e afagou o rosto dela com a outra mão.

— Nem tanto. Eu... também estou na mesma situação.

Annabelle estava acostumada à companhia de homens, e sentia-se bem entre eles. Ela fazia parte da equipe, tinha um papel definido. Sentia-se parte da turma. Rory era como um tio ríspido; Jim e Matt, irmãos mais velhos, e o restante do pessoal de engenharia eram seus amigos. Agora, porém, ela estava ciente de que era uma mulher e Travis um homem, e que ele cheirava... muito bem. E estava prestes a guiar a nave através do mais temido cinturão de asteroides do setor. Pilotando o maior cruzador de batalhas já construído.

— Sou muito bom no que faço, Annabelle — disse Travis, ensaiando um sorriso.

— Claro que é! Não quis dizer... É só que...

Ele a calou com um beijo tão doce e emocionante quanto completamente inesperado. O que Annabelle estava fazendo? Apaixonando-se por um homem que mal conhecia? Entretanto, desde o momento em que Travis agarrara sua mão quando ela acreditou que milhares de pessoas estavam morrendo, ela sentira-se abrir como uma flor na primavera.

Sentia que estivera esperando...

— Acho que esperei você por toda a minha vida — disse suavemente Travis, beijando a testa de Annabelle.

— Oh — sussurrou Annabelle.

Ela se recriminou mentalmente. Que coisa idiota dizer só "*Oh*". Mas ela não conseguia pensar em mais nada. Segurava a mão dele como se fosse a corda de um salva-vidas. Ele riu e ela sentiu seu hálito caloroso e doce.

— Não se preocupe. Vamos conseguir passar pelo cinturão de asteroides. Mas quero algo em troca. Fale com Swann.

— Ah, não acho que...

— Por favor... promete? Você nunca vai saber se não perguntar, não é?

Ela concordou com a cabeça.

— É verdade.

— E... como nunca se sabe até que se pergunte... Você quer jantar comigo quando chegarmos?

Ela deu um sorriso largo e feliz, sentindo o coração na boca. Tudo parecia possível, de repente.

— Combinado.

As mãos doeram com a ausência quando Travis partiu.

CAPÍTULO DEZESSETE

Jim precisava tomar uma decisão difícil: ficar na *Hipérion* com Matt durante a arriscada navegação pelo cinturão de asteroides ou voltar à *Bucéfalo* para fazer companhia a Sarah.

— Você não precisa ficar aqui, senhor — disse Matt. — A tripulação não vai pilotar melhor só porque você está conosco... Sei que prefere estar lá.

— Não se trata do que eu prefiro, mas do que é melhor. Sarah está perturbada com a ideia de chegar nessa estação, e não dá para culpá-la. Por outro lado, a tripulação também está temerosa com a viagem.

— Com todo respeito, repito que sua presença fará mais diferença a Kerrigan do que à tripulação. Não é como se você tivesse desertado e nos abandonado — ponderou com um sorriso irônico. — Na verdade, você estará na nave que vai nos conduzir, o que pode mostrar à equipe o quão confiante nosso líder realmente está.

— Não estou assim tão confiante.

— Claro que não. Mas vai parecer que sim.

Jim reconheceu que Matt tinha razão. Deu um tapinha no ombro bom do jovem e seguiu para a *Bucéfalo*. Antes de chegar à enfermaria, entretanto, parou na ponte. Valerian e Narud pareceram surpresos em

vê-lo.

— Estive pensando — começou Jim. Narud cochichou algo, provavelmente um comentário depreciativo sobre como era incrível ver Jim "pensando", mas Raynor o ignorou. — Devíamos fazer um comunicado conjunto às duas naves. De minha parte, direi que viajo à frente com a *Bucéfalo*, e que tenho total confiança no piloto... — Ele ergueu as sobrancelhas na direção do oficial.

— Travis Rawlins, senhor.

— Ah, então você é Travis. Annabelle não para de falar sobre você. Não, não fique com vergonha, filho. Annabelle tem a cabeça no lugar, confio no julgamento dela.

— Hum... Obrigado? — Travis ainda estava sentado, tenso, na cadeira, e procurou aprovação no olhar de Valerian. O príncipe fez um sinal positivo com a cabeça e ergueu a mão, indicando que não havia por que se preocupar.

— Enfim, eu direi que tenho toda certeza de que Travis nos levará até a estação com segurança. O que você deverá dizer é: informar quando a base foi construída, quantas vezes outras naves fizeram o mesmo caminho com sucesso, e compartilhar no banco de dados qualquer prova visual de que essa estação realmente existe — afirmou Jim.

— Definitivamente não — bradou Narud. — A base é altamente confidencial!

Jim encarou o cientista.

— Tudo bem, então. Quem sabe você queira lidar com um motim?

— Não é possível que você ache que a sua tripulação faria algo desse tipo — zombou Narud.

Jim coçou a barba, pensativo.

— Bem, sim e não. Não acho que seria um motim com gente armada e destruição de equipamentos. Mas consigo imaginá-los simplesmente parando de trabalhar e pedindo demissão. Ninguém na minha tripulação foi convocado à força, nem é obrigado a ficar.

Isso claramente atingiu Valerian, que teve que se refrear um pouco diante da acusação.

— Preciso lembrar-lhe, Jim, de que Sarah está em nossa nave. Se a sua tripulação decidir "parar de trabalhar", como você diz, quem os perde é você. Minha equipe vai obedecer às *minhas* ordens.

— Não estou tentando atingir você gratuitamente, porque entendo o que você está dizendo — disse Jim. — Mas você também sabe que todo mundo em ambas as naves está tremendo de medo de atravessar *aquilo*.

Ele apontou na direção da tela para os incontáveis asteroides que passavam por ela.

— E sabe que todos se sentiriam melhor se você os assegurasse de que outras pessoas já fizeram isso antes sem acabar amassadas contra uma montanha flutuante.

— Concordo que um comunicado animaria um pouco a tripulação das duas naves — disse Valerian. — Doutor Narud, respeito o seu desejo de manter a Estação Prometeu o mais secreta quanto possível. Eu fundei a base e vou confiar no meu bom-senso para julgar o que devo ou não revelar às equipes. De qualquer forma, logo eles mesmos poderão ver com os próprios olhos parte da base. O que Raynor sugere é só que asseguremos a existência do lugar, e não que digamos quantas máquinas temos lá. Não é isso?

— Em resumo — confirmou Jim.

Narud resmungou, mas sabia que tinha saído derrotado dessa. Fez que sim com a cabeça, relutante. Jim repetiu o sinal, então se apressou em direção à enfermaria. Sarah estava acordada, e a palidez dera lugar a uma cor mais saudável. Estava no meio de uma refeição.

Ele não conseguiu disfarçar o sorriso.

— Você sabe que isso me deixa feliz, não sabe, querida?

Sarah o olhou com frieza.

— Mas você não sabe o que *me* deixa feliz.

Ela empurrou a comida para dentro sem vontade. Só então Jim percebeu o que estava acontecendo. Sarah tentava reunir forças caso tivesse de lutar contra as pessoas que suspeitava serem seus captores.

— Sei, sim — retrucou baixo. — Sarah, você confia em mim?

Ela engoliu antes de responder. Então falou, com um pouco menos de

frieza:

— Sim.

— Então acredite que eu sei o que estou fazendo, confie que farei o melhor por você. Eles não vão te machucar.

— Eu disse que confio em *você*, Jim. Não em Valerian.

— Deixe que eu cuido de Valerian e Narud. Continue se alimentando.

— Há muito medo nesta nave, Jim. Talvez eu nem precise me preocupar com Valerian e Narud, se for verdade o que as pessoas estão pensando sobre o cinturão de asteroides.

— Bem, amor, você tem razão. Vamos ter que esperar e ver o que acontece. Tudo vai se resolver sozinho se a gente acabar estatelado numa pedra, não é?

Apesar de Sarah tentar manter a pose carrancuda, ela escondeu o rosto e tentou disfarçar um sorriso, o que deixou Jim satisfeito. Ele prometera "lidar com ela". Sabia que Valerian e Narud pensavam que ele tentaria convencê-la a ver o cientista antes que fosse absolutamente inevitável. Eles que continuassem pensando assim.

Foram seis horas de unhas roídas, suor à flor da pele, preces e palavrões. Todos nas duas naves sabiam sobre o Cinturão da Pedrada. Sabiam as histórias. E podiam até ver os destroços de outras naves que tiveram a audácia de correr o mesmo risco.

Annabelle tentava se distrair, mas não resistia a dar olhadinhas ocasionais para ver onde estavam. Em um dado momento, Swann veio até ela e lhe deu alguns créditos.

— Você está dispensada do trabalho. Vá à cantina. Tome um drinque por mim. Desabafe com Cooper sobre como você está preocupada com o rapazinho piloto.

Ela corou.

— Eu *estou* preocupada, Rory. Mas não preciso que você me trate diferente dos outros. Eu dou conta.

Ele a olhou atentamente.

— Claro que dá conta, você faz parte da minha equipe de

engenheiros. Mas eu diria o mesmo para Milo se a garota dele estivesse no comando de duas naves monstruosas atravessando esse cinturão do mal.

Annabelle o encarou com ceticismo, mas viu nos olhos dele que estava sendo sincero.

— Obrigada. Mas eu preciso mesmo é trabalhar.

Ele balançou a cabeça em concordância e esboçou um sorriso.

— É por isso que você faz parte da minha equipe. Se precisa de trabalho, então volte já para ele. Você não é paga para ficar à toa.

Ela hesitou, lembrando-se da última — *não, não pense assim, Annabelle* —, quer dizer, a mais recente conversa com Travis. De repente tudo lhe pareceu muito claro. Travis conseguiria atravessar o cinturão. Ele não seria o piloto da nau capitânia da Supremacia se não fosse o melhor. Com uma segurança recém-descoberta, ela disse a Rory:

— Na verdade, queria conversar com você sobre outro assunto. Se as coisas estão tranquilas o suficiente para você me dispensar para o bar, então devemos ter algum tempo para isso.

— Vamos lá, garota. Sou todo ouvidos.

Valerian não demonstrava nenhuma preocupação quanto à travessia. A tripulação já estava apreensiva; eles precisavam vê-lo em seu comportamento de sempre, calmo e quase blasé.

— Seu piloto está indo bem devagar — comentou Narud.

— A nave já está muito danificada. A última coisa de que precisamos é outro buraco no casco.

— Cada minuto de atraso é um minuto em que não estou tratando Sarah Kerrigan — disse Narud, bufando irritado. — Queria que me deixasse vê-la.

— Com todo respeito, doutor Narud, você não será capaz de elaborar um diagnóstico com os equipamentos que temos a bordo. Você é capaz de feitos incríveis, mas todo artista precisa de uma paleta. Deixe Jim convencê-la.

— Você está romantizando esse criminoso.

— Pelo contrário. Qualquer preconceito que eu tinha contra Raynor e a equipe dele caiu por terra.

O príncipe deixou de acrescentar que os preconceitos tinham sido substituídos por algo mais importante: uma opinião embasada sobre o homem. Quanto mais Valerian conhecia Jim e os Saqueadores, mais tinha certeza de que tomara a decisão certa ao desafiar o pai.

Aos poucos, Rawlins guiou a enorme nave através dos ameaçadores asteroides. De quando em quando, sentia-se um tremor e ouvia-se um ligeiro baque quando passava muito perto de uma rocha, mas Valerian não culpava o piloto por isso.

— Chegando nas coordenadas da estação, senhor — disse Rawlins, depois do que pareceu um século.

— Já era hora — reclamou Narud.

— Muito bem, senhor Rawlins — cumprimentou Valerian. — Você foi magistral.

— Obrigado, senhor.

Valerian e a própria Fundação Moebius estavam de acordo que tanto o trabalho que realizavam quanto a base onde trabalhavam precisava ser o segredo mais bem guardado da galáxia. Por isso Valerian escolhera sediar o instituto em um lugar considerado "impenetrável" como o Cinturão Kirkegaard. Dificilmente alguém ousaria entrar ali e, se entrasse, não chegaria muito longe a não ser que conhecesse a rota. Com isso em mente, Valerian não só construiu a estação como a escondeu dentro de um asteroide. Era um segredo duplo. Geralmente, as pessoas que descobriam a respeito da base e eram levadas até lá não iam embora. Só Narud e algumas pessoas de confiança tinham permissão para se ausentar.

— Senhor? — chamou Rawlins com um tom curioso. — Pelas coordenadas que o doutor Narud me passou, deveria ser este asteroide, número 3958. Mas não consigo detectar qualquer sinal de estação espacial.

Valerian e Narud trocaram olhares divertidos.

— Por favor, toque a campainha, doutor — pediu Valerian.

Narud inclinou a cabeça e se aproximou do console, abrindo um canal.

— Aqui fala o doutor Emil Narud. Estou com as naves *Bucéfalo* e *Hipérion*. Por favor, preparem o desembarque utilizando o protocolo de recepção 221-C.

E de repente, como um holograma se materializando, ali estava a base. Uma planta apareceu na tela ao lado de Rawlins enquanto informações corriam na coluna adjacente.

— Isso nunca deixa de ser divertido — disse Valerian.

Era o terceiro nível de segurança: camuflagem tanto para sentidos humanos quanto para a tecnologia dos radares.

— Atenção, tripulações da *Bucéfalo* e da *Hipérion*. Sua confiança em mim e no meu piloto foi recompensada. Convido todos a contemplar... A Estação Espacial Prometeu.

— Quer ver? — perguntou Jim a Sarah.

— Não, mas aposto que você quer que eu veja — respondeu.

— Bem, em algum momento você vai ter que ver. — Jim alcançou uma pequena tela e mexeu nela por um momento. — Preciso admitir, estava meio curioso para ver onde é que Valerian estava desperdiçando todo aquele dinheiro... Uau!

A última palavra foi praticamente um suspiro e os olhos de Jim se arregalaram. Ele não entendia muito de estética, muito menos de luxo. Mas quando virou a tela para Sarah, até ela perdeu o fôlego, no bom sentido.

A Estação Espacial Prometeu era, como devia se esperar de Valerian, esteticamente extraordinária. Se alguma estação espacial podia ser considerada uma *obra de arte*, era aquela. Os materiais usados certamente eram comuns — plasticimento e novoaço, também usados em outras construções menores. Mas o resultado ali parecia, de alguma forma, de outro mundo.

— Xel'naga — anunciou Sarah, e Jim concordou com a cabeça.

A base fora construída por terranos, mas as curvas, espirais, luzes e

tons faziam pensar nos belos e misteriosos artefatos que trouxeram Kerrigan de volta a ele. Havia três anéis principais, dois menores e um grande ao centro, ao redor de uma esfera oval que se assemelhava a uma lágrima azul cintilante numa espera eterna para ser derramada. Não havia nada grosseiro, tudo se encaixava com harmonia.

Uma rampa foi descendo e se estendendo a partir da esfera em forma de gota. Uma tela translúcida se formou daí, criando um túnel transparente enquanto os geradores de atmosfera faziam a sua parte. Uma voz estalou no monitor.

— Senhor Raynor? Senhorita Kerrigan? É hora de desembarcar. A Estação Espacial Prometeu estendeu oficialmente o tapete de boas-vindas.

CAPÍTULO DEZOITO

O transporte que carregava Raynor, Sarah, Valerian, Narud e o doutor Egon Stetmann, junto de alguns Saqueadores, aportou na rampa. Jim ordenara que seus homens viessem por duas razões: primeiro, achara prudente ter alguns amigos por perto, e depois, o lugar parecia incrível e ele supunha que alguns quisessem conhecê-lo. O piloto confirmou algo que Jim já concluíra: havia uma atmosfera artificial, ainda que temporária, apropriada para humanos. Eles poderiam descer na plataforma e andar até a estação espacial como se estivessem caminhando numa calçada de Mar Sara.

Jim queria que Sarah fosse levada de maca, ou pelo menos numa cadeira de rodas, mas ela recusara.

— Eu vou entrar por vontade própria, ou não vou de forma alguma. Com as próprias pernas ou nada feito — teimara.

Jim a conhecia o suficiente para entender pelo tom de voz que ela não negociaria mais. Na verdade, ele se sentia aliviado por vê-la disposta a pelo menos pisar naquela estação.

O doutor Narud abordou Sarah com um semblante afável, estendendo a mão.

— Senhorita Kerrigan, estou muito contente em vê-la.

Ela não apertou a mão dele, e Jim, apoiando Sarah pelo cotovelo, sentiu-a se enrijecer.

— Gostaria de poder dizer o mesmo.

— O Dr. Narud está ansioso para começar a tratar você, Sarah — disse Valerian, sempre diplomático. — Estou aliviado de saber que você está enfim em um lugar onde pode receber o tratamento adequado.

Ela o encarou e se sentou na nave, sem trocar mais palavras com Narud ou Valerian. Então sussurrou no ouvido de Jim:

— Tem algo estranho em Narud. Já o vi antes.

— Bem, você não era exatamente quem é hoje, meu bem. Mas você o conheceu, sim. Não me surpreende que ele lhe seja familiar.

Ela sacudiu a cabeça, impaciente, procurando as palavras certas.

— Não, não desse jeito. Eu não lembro dele particularmente. Não digo "conhecer" como... É difícil explicar. Ele parece familiar, mas não como ele mesmo. Psionicamente.

Jim aquiesceu, porém um pouco preocupado. Os poderes de Sarah estavam retornando, e claramente não estavam sob controle. Ela passara por uma terrível provação, sua memória dava sinais de falha e ela estava, compreensivelmente, desconfiada.

Mas Jim não sabia se havia motivos para desconfiança ou se ela estava só paranoica. De qualquer forma, ele também não ia com a cara de Narud, e vigiaria o homem como um falcão ainda que Sarah não o tivesse alertado.

O voo fora tenso, mas felizmente curto. Agora eles saltavam na reluzente plataforma branca. Um suspiro curto escapou dos lábios de Egon, o tipo de suspiro que um homem dá quando se apaixona.

— É... tão bonito — concluiu.

A alguns metros, a superfície lisa da estação começava a se abrir como a íris de uma câmera.

— Há alguns testes que eu gostaria de fazer antes de começar o tratamento propriamente dito, claro — disse Narud.

Jim ensaiava uma resposta quando a porta se abriu completamente, revelando o grupo que os recebia na Estação Prometeu. Ele imaginara ver

médicos e uma maca.

Mas viu guardas armados.

Ele pensou duas coisas ao mesmo tempo.

Primeiro: Sarah estava certa. Depois: por que ele não trouxera uma arma?

— Que porra é essa? — cuspiu, girando para ficar na frente de Sarah, de forma a protegê-la.

— Se a senhorita vier tranquilamente, podemos começar os testes que... — começou Narud.

— Porra nenhuma! — gritou Sarah, saindo de trás de Jim.

Ela não parecia frágil de forma alguma. Seu rosto estava vermelho e o corpo, quente de raiva.

— Não vou virar cobaia de vocês! — Ela apontou para o fundo da plataforma. — Eu pulo se algum dos seus homens encostar um dedo em mim. Eu juro!

— Ela vai pular — reforçou Jim.

— Jim, por favor, antes de tratar um paciente é necessário ver exatamente o que está errado com ele.

— O Príncipe Valerian está certíssimo — disse Narud. — Acho que seria melhor se...

— Plataforma. Gravidade — disse Sarah.

— Não dou a mínima para o que você pensa, doutor — explodiu Jim. — Você escutou a moça. O que ela precisa agora é de um tratamento humano básico e decente, simples auxílio médico. Nada mais. Entendeu?

Ouviu-se um ruído alto no momento em que os guardas levantaram as armas reluzentes e as apontaram para Raynor. Os Saqueadores fizeram o mesmo. Jim não pôde evitar um sorriso; sentia-se estranhamente em paz com qualquer coisa que acontecesse. A tensão se estendeu por um longo momento.

— Acho que sou um péssimo anfitrião — disse Narud. — Orientei os guardas a usarem o protocolo 221-C. É o padrão para quando admitimos novos pacientes e visitantes.

— Que jeito estúpido de se recepcionar alguém — disse Raynor.

— Nossos visitantes em geral não são foras da lei. Vocês compreendem que precauções são sempre necessárias. De qualquer forma — disse, fazendo sinal ao capitão dos guardas para que abaixassem as armas —, peço desculpas. Tenho certeza de que vocês compreendem a... situação incerta na qual nos encontramos e a minha preocupação com a segurança dos meus pacientes. Acho que você entende bem isso, senhor Raynor.

— Tudo bem. Você vai ficar aí tagarelando o dia todo ou vai levá-la à enfermaria?

Narud fez um gesto e uma mulher e um homem vestidos de branco apareceram empurrando uma maca.

— Assim é melhor — concluiu Jim. Ele olhou para Valerian por um momento, e então para os Saqueadores. — Vou à enfermaria com Sarah. O que vai acontecer com eles?

— Eles vão ter acesso supervisionado à estação — revelou Narud.

— Supervisionado?

— Jim, este é um laboratório altamente confidencial. Doutor Stetmann — disse, virando-se para um agora pálido Egon —, você gostaria de ter estranhos perambulando pelo seu laboratório sem você por perto?

— Bem... não — gaguejou Stetmann, e soltou uma risada tímida —, mas confesso que estou segurando a minha curiosidade de dar uma olhada no seu laboratório, doutor Narud.

— Podemos resolver isso — disse o cientista, sorrindo. — Mais uma vez, peço desculpas. Como disse, a recepção padrão foi inapropriada neste caso. Espero que me desculpem. Fico tão na defensiva diante de pessoas de fora que isso se tornou um hábito. Nós temos refeitório, biblioteca, uma área de recreação... Sua equipe está livre para explorar esses e outros lugares. Com ou sem acompanhamento, vocês escolhem. Mas para algumas áreas, gostaria que alguém da minha equipe os acompanhasse. Pode ser?

Ainda apoiando Sarah, Raynor a sentiu esmorecer. Os sentimentos de raiva e a adrenalina que tinham lhe dado forças agora esvaneciam, e, assim como Sarah, ele não queria que ela parecesse frágil diante daquelas

pessoas.

— Ok, você sabe onde nos encontrar — disse, e se voltou para Cam Fraser. — Avise se forem tratados de alguma forma que eu não gostaria.

— Pode deixar.

Os médicos se aproximaram de Sarah para ajudá-la a subir na maca. Raynor se colocou entre eles, balançou a cabeça e fez ele mesmo o trabalho. Apertando as mãos dela, foi caminhando ao lado da maca pelos longos corredores que levavam à enfermaria. As paredes eram decoradas com obras de arte, não tão ostensivas quanto as que Valerian exibia, mas adoráveis e de bom gosto. A iluminação era fraca, mas eficiente; o carpete, grosso e fofo. Caixas de som transmitiam uma música suave.

— Diga, doutor Narud — dizia Egon animado —, sei que você é especialista em zergs. Sou um iniciante nessa área *fascinante* e estava me perguntando... Qual a sua opinião sobre a teoria prevalente de que...

Jim se desligou da conversa entre os cientistas. Estava pensando em outro tipo de conversa, em outro corredor, anos atrás.

2500

Sarah andava tão rápido que Raynor tinha dificuldade de acompanhar o passo num dos corredores da *Hipérion*.

— Mais devagar, ruiva. Minhas pernas são mais velhas do que as suas. E é bem feio sair correndo só pra não ouvir a verdade — disse Raynor.

— Não quero ouvir porque é besteira.

— Não é — insistiu Jim. — Sarah, estou avisando. Nós estamos entre a cruz e a caldeirinha aqui... Não estou dizendo que ele vá fazer alguma coisa, mas você precisa abrir os olhos agora. Arcturus Mengsk pode acabar sendo tão terrível quanto a Confederação. Ele está vendo o lado dele. Está tentando derrubar o governo não porque acha que é moralmente a coisa certa a fazer, mas para tomar o poder quando o caos

se instaurar. Você não percebe isso?

Ela parou e, mordendo os lábios, o encarou.

— Eu sei que ele não é quem eu pensei que fosse. Mas também acredito que ele é a melhor chance que nós, e qualquer um, temos de derrubar a Confederação. Ele fez coisas cruéis. Sei disso. Mas não consigo crer que ele seja tão cruel quanto a Confederação, depois de tudo o que eles fizeram. Pense na Academia de Fantasmas, Jim. O lugar que matou o seu filho. Pense nas latas repletas de material tóxico que aos poucos mataram a sua mãe. A Confederação fez isso, não Mengsk!

Ele colocou a mão no ombro de Sarah para detê-la. Ela se desvencilhou, os olhos verdes brilhando, mas continuou parada.

— Amor, escute. Você *sabe* que Mengsk fará o que for preciso para atingir o objetivo. Você sabe.

Ela aquiesceu.

— Eu sei. E o objetivo dele é derrubar a Confederação e as práticas corruptas do sistema.

— O objetivo dele é criar um vácuo de poder. Assim ele pode surgir como salvador.

— É um mal menor, Jim. Bem menor.

Jim passou a mão pelos cabelos, exasperado.

— Ok. Reconheço que ele libertou você de uma vida horrível. Reconheço que ele me tirou da prisão. Mas por que você acha que ele fez isso? Porque nós seríamos úteis para ele. Ele contava com o fato de que seríamos tão gratos a ponto de fazer vista grossa para tudo o mais que ele fizesse. Ele usou você, amor. E me usou também. Os Filhos de Korhal e a Confederação Humana são dois lados da mesma horrível moeda. Eu já vi, Sarah. Já vi a reação dele ao poder, e não foi nada bonito.

Ela se acalmou.

— Se Mengsk é um homem obstinado é porque vê um universo melhor para todos. E, sim, "todos" inclui Arcturus Mengsk. Ao contrário de outras pessoas, ele de fato pode fazer isso acontecer.

Ela ergueu a mão para tocar o rosto de Jim, e ele acariciou a mão dela.

— É só que... Eu me importo muito com você. Sei que as coisas

aconteceram muito rápido, mas é verdade. Se algo de ruim acontecesse com você, eu não suportaria.

Devagar, ela retirou a mão.

— Eu sei — disse baixinho. — Mas agora não posso só ficar assistindo. Eu tenho que me arriscar, assim como você.

Sarah abaixou o rosto e uma mecha ruiva caiu sobre seus olhos.

— Às vezes acho que nunca deveríamos ter nos envolvido.

— Não diga isso — ralhou Jim. — Nunca diga isso.

2504

Mas as palavras foram ditas, e não era possível apagá-las. Nos últimos anos, Jim pensara várias vezes que não deveria ter se envolvido com Sarah. Mas isso não estava em consideração agora. Ele não tinha conseguido impedir Arcturus de cometer aquela traição vil contra a mulher que escolhera ficar ao lado do tirano, mesmo questionando suas intenções. Mas ao menos tinha conseguido alguma coisa, e se Kerrigan estava viva, segurando sua mão, aparentemente humana outra vez, era graças a ele. Jim estava humildemente grato ao Destino — e sim, a Valerian Mengsk — por permitir-lhe ajudá-la. Eles viraram num canto e pararam diante de uma enorme porta reforçada. Os médicos se adiantaram, tiveram as digitais e as retinas escaneadas, recitaram as senhas corretas e a porta, como na entrada da estação, se abriu.

Jim assobiou baixinho. O espaço era uma ode à tecnologia. Tudo parecia muito novo e reluzente, e ele não conseguia imaginar o propósito de nem a metade dos equipamentos. Mesmo assim, toda aquela tecnologia não tinha um aspecto frio e impessoal. Não era nada como os desgastados e conhecidos botões e alavancas da *Hipérion*, mas pelo menos não pareciam tão assépticos.

Do lado da cama onde ele suavemente deitou Sarah havia um painel iluminado, e do outro, uma cadeira. Acima da cama ficava um monitor,

apagado naquele momento. Duas enfermeiras surgiram, movimentando-se com agilidade, e começaram a inserir informações no painel e a conectar Sarah ao monitor superior.

— Me digam o que estão fazendo — disse Jim, e uma das enfermeiras sorriu de forma tão sincera e amável que ele suavizou o tom ainda no meio da frase.

— Claro — respondeu ela. — Vamos monitorar as atividades cerebrais e do corpo como um todo. Também vamos tirar uma amostra de sangue e de tecido, sem machucar. Daremos uma infusão de nutrientes para hidratá-la. E, se você estiver bem, senhorita Kerrigan, fui informada de que o doutor Narud a convidou para jantar.

— Me deixe ver o quadro — pediu ele.

Ela lhe passou o pequeno dispositivo. Raynor tocou na tela e, analisando, não encontrou nada contrário ao que a enfermeira dissera.

— Tudo bem — afirmou, sentando-se ao lado da amada. Um silêncio incômodo se prolongou enquanto a enfermeira preparava Kerrigan. Então a funcionária se abaixou e, com o mesmo sorriso sincero, disse:

— Senhorita Kerrigan, você não deve precisar de mim pelas próximas horas. Mas, caso contrário, é só apertar este botão. Por ora, recomendo que descanse.

Ela abriu o sorriso ainda mais.

— Não conte ao doutor Narud, mas algumas de nós já experimentamos essas camas para tirar uma soneca. Elas são especialmente confortáveis.

O sorriso esmoreceu ao não ser correspondido por Sarah, que só fez um sinal com a cabeça. A enfermeira então se retirou.

Jim cobriu a mão de Sarah com a sua e pigarreou.

— Ouça Sarah. Eu... eu...

Ela levou os dedos aos lábios dele.

— Jim. Shh. Eu sei.

Ele beijou os dedos de Sarah e deu um sorriso torto, mudando de assunto.

— Então... você disse algo quando estávamos na *Bucéfalo* sobre

Narud.

Ele falava baixo. Os olhos verdes de Sarah perderam o foco por um momento, então ela voltou a si.

— Eles não estão ouvindo. Podemos conversar enquanto isso. E sim, eu falei. Estou me sentindo melhor, Jim. Mas esta estação... me faz lembrar o laboratório onde fizeram testes comigo. No tempo da Confederação.

— Bem — ponderou Jim com cuidado —, é um *laboratório*. Talvez você se sinta assim em qualquer outro laboratório.

— Eu pensei isso, acredite — admitiu Sarah —, mas não é imaginação ou problema de memória. Narud me passa uma sensação psiônica familiar. Não confio nele. Simplesmente não confio.

— Eu também não. A questão é... o que faremos a respeito disso? Você ainda não está recuperada, meu bem. É muito inteligente para não perceber isso. — Ele tocou os tentáculos em sua cabeça. — Ele representa a única chance que temos de descobrir o que aconteceu de fato com você e recuperá-la completamente. Valerian provou ser muito leal, não podemos esquecer isso. Não deu um tropeço até agora. E olha que não faltaram chances para isso.

— Você também confiou no pai dele.

— A princípio, sim — disse Raynor —, mas por enquanto o "Júnior" realmente parece ser diferente, meu bem. Até quando isso vai durar e o que significa, aí eu já não sei.

E era isso. Eles não tinham como saber ou ter certeza de muita coisa. Então ficaram em silêncio, as mãos entrelaçadas, confiantes um no outro.

Porque isso podiam fazer.

CAPÍTULO DEZENOVE

Quando Jim e Sarah saíram, Narud voltou-se para Valerian.

— Enquanto ela está sendo devidamente atendida, eu gostaria muito de ver aquele belo artefato.

— Ah, sim! — entusiasmou-se Egon. Valerian sorriu com indulgência para o jovem cientista, ignorando o fato de que ele é quem tinha sido interpelado, e não Egon. — Nós levamos os pedaços que coletamos para a Hipérion — continuou Stetmann —, mas o príncipe Valerian está com eles na *Bucéfalo* por enquanto.

— Na verdade, Dr. Stetmann — disse Narud —, o príncipe Valerian autorizou uma visita particular, mas supervisada, a um dos nossos laboratórios, se interessar.

Os olhos de Egon se arregalaram.

— Eu, ahm... Ora, claro, claro que sim, isso seria ótimo!

Mais quatro pessoas saíam da estação para a plataforma, dois homens e duas mulheres. Uma delas, alta, com cabelos negros, pele pálida e olhos cinzentos, aproximou-se de Egon e estendeu a mão.

— Dr. Stetmann? Eu sou a Dra. Chantal de Vries. Será um prazer mostrar nossos laboratórios.

Valerian pensou que era difícil avaliar na expressão de Egon se o

jovem estava mais feliz com a perspectiva de ver o laboratório ou com a companhia de uma mulher tão bela. Foi sem dúvida uma feliz combinação.

— É um prazer conhecê-la — disse Stetmann, conseguindo não gaguejar, embora seu tom de voz tivesse subido um pouco enquanto ele apertava a mão da doutora. — Fiquei até excitado. Com o laboratório. Quer dizer, eu tentei estudar os zergs o melhor que pude com as instalações disponíveis aqui, mas...

Ela sorriu.

— Venha comigo. Eu vou lhe mostrar coisas que vão deixá-lo de queixo caído.

Ela não deu o braço a ele, mas não foi preciso. Egon a seguiu com passadas rápidas e saltitantes que fizeram Valerian lembrar de um filhote feliz de cachorro.

Bem, pensou Valerian, pelo menos alguém da tripulação de Jim iria apreciar a visita. Ele se voltou para os outros. Narud já estava fazendo as apresentações; as três pessoas remanescentes, os Dres. Nancy Wyndham, Joseph Reynolds e Adrian Scott, apertavam as mãos dos Saqueadores.

— Os doutores têm instruções para levá-los aonde vocês desejarem — disse Narud — com exceção de alguns locais reservados. Por favor, aproveitem a visita. Eu... gostaria de compensar nossa recepção pouco amigável.

Valerian podia sentir as tensões diminuindo, e ficou satisfeito. Tendo crescido em um ambiente de desconfiança e tensão, ele tanto entendia como lamentava aquela situação. Ao caminharem para a entrada, Narud olhou para Valerian e sorriu.

— Outra coisa: você pode autorizar algumas unidades de reparo a bordo das suas naves?

Não era tão estranho quanto podia parecer que uma estação de ciência fizesse tal oferta. Chegar em Prometeu era uma empreitada arriscada até para os pilotos mais experientes, e Valerian se certificara de que o melhor equipamento e pessoal de manutenção e reparos estariam disponíveis caso fossem necessários.

— É claro. — Ele ligou o comunicador. — Matt, aqui é Valerian. Gostaria de enviar algumas equipes de reparo até a *Hipérion*. Alguma objeção?

— Você está brincando? — respondeu a voz de Matt. — A essa altura Swann já deve estar usando esparadrapo e chiclete... Por favor, envie quantas equipes quiser.

— Elas logo estarão aí, então. Valerian, câmbio e desligo.

Ele se voltou para Narud.

— Agora — disse o doutor, em uma voz que mal escondia a animação —, o artefato.

Valerian sorriu.

— Agora o artefato — concordou ele.

O artefato xel'naga, resultado de anos de estudo e pesquisa, flutuava complacentemente no interior da *Bucéfalo.* As paredes do laboratório tinham o tom que já fora chamado de "azul-revólver", e a luz era suave e agradável aos olhos. O artefato era uma pequena coluna negra com três lados, irradiando uma luz azul quase mística das juntas onde as partes reunidas se tocavam. Ninguém poderia olhar para ele sem sentir-se tocado de alguma forma, nem mesmo o mais cínico Saqueador ou o soldado mais profundamente ressocializado. Certamente, nenhum cientista que tivesse devotado anos de carreira ao estudo dos zergs e xel'naga.

Valerian sentia orgulho do que ele e a Fundação tinham conseguido, e postava-se sorrindo gentilmente ao lado de Narud, que observava o objeto.

— Conforme prometido, é seu — disse Valerian. — Tenho certeza de que aprenderá ainda mais sobre ele quando puder estudá-lo por conta própria.

A porta se abriu e Raynor entrou. Ele se aproximou sem falar nada, então cruzou os braços fortes sobre o peito amplo, ainda em silêncio.

Narud o ignorou.

— Muito bonito, para uma arma — disse ele.

— Arma? — perguntou Jim. — Então você sabe que é pra isso que serve?

— O fato de que ele reverteu a infestação que transformou Kerrigan na Rainha das Lâminas é uma prova óbvia — respondeu Narud, com a voz repleta de condescendência. Quatro lacres subiram zumbindo do topo do invólucro que transportara o artefato, ou a arma, até Char com resultados surpreendentes. O topo do invólucro deslizou, depois se abriu. O artefato girou lenta e gentilmente até ficar paralelo à caixa aberta, e assim foi empurrado até os braços de metal que o esperavam.

— Para os xel'naga, que modificaram extensivamente os protoss e os zergs, a capacidade de destruir o DNA deles seria naturalmente uma arma — continuou Narud, com o olhar fixo no artefato enquanto o invólucro se fechava. A suave luz azul desapareceu, e o laboratório subitamente pareceu mais cinza, mais militar. — O fato de os terranos terem encontrado uma maneira de usá-lo para fins positivos não tem nada a ver com a intenção original dos seus criadores.

Jim grunhiu, sem parecer impressionado.

— Bom, agora é todo seu — disse ele. — Não vá fazer nada que eu não faria.

Narud sorriu.

— Eu entendo que você tem uma grande conexão emocional com esse dispositivo — disse ele. — Saiba que o artefato está sob cuidados bastante respeitosos. Obrigado, príncipe Valerian. Eu ordenarei que o item seja transportado até o laboratório em Prometeu. Enquanto eu estiver lá, darei uma olhada em seu jovem e empolgado cientista.

— Obrigado novamente por dar acesso a ele — disse Valerian.

— Ele é um bom garoto — disse Jim. — Inteligente e aprendiz rápido.

—Talvez haja uma vaga para ele em Prometeu, se vocês e ele concordarem — disse Narud. — E, por favor: eu darei um jantar de boas-vindas para vocês na estação às 20h. Príncipe Valerian, espero que você, o Sr. Raynor e Sarah Kerrigan compareçam.

— A enfermeira já nos convidou. Depende de como Sarah estiver se sentindo.

— Obrigado. Ainda me sinto mal por causa da impressão inicial que causei. Foi inteiramente culpa minha, e espero que vocês me deem a chance de tentar uma segunda vez.

A porta se abriu novamente e dois soldados em trajes completos de combate entraram. Antes que Jim pudesse dizer alguma coisa, Valerian disse, rápida mas casualmente:

— Obrigado, cavalheiros. Eis o artefato. Cuidem dele com atenção.

Jim relaxou e Valerian deu um suspiro de alívio. Ele não podia culpar Jim por suas suspeitas, mas a desconfiança constante estava começando a cansar. Os soldados se aproximaram, segurando a alça da caixa, e partiram, carregando o volume imenso como se não pesasse nada.

— Vejo você no jantar, príncipe Valerian. Sr. Raynor, espero ver o senhor e Sarah também. — Narud pareceu ponderar se estenderia a mão, mas então, talvez prevendo que ela seria ignorada, simplesmente acenou com a cabeça e seguiu os soldados.

Quando as portas se fecharam às suas costas, Jim disse:

— Por que eu não gosto de pensar nesse homem em posse do artefato?

— Jim — disse Valerian —, a Fundação Moebius foi responsável por recupe...

— *Eu* fui responsável — replicou Jim. — Minha equipe e eu nos arriscamos para obter esse negócio.

— Vocês foram bem pagos — respondeu Valerian, ignorando o tom agressivo de Jim — E no final o artefato lhe deu algo muito mais precioso que dinheiro, não foi?

Raynor franziu o rosto e não disse nada.

— A Fundação Moebius é minha. Não do meu pai. E eu mando em mim, não o meu pai. Emil Narud é um cientista genial, e eu acredito piamente que ele poderá ajudar Sarah a se tornar completamente humana.

Jim o encarou firme. Valerian não desviou o olhar. Depois de um instante, Jim aquiesceu e disse.

— Pelo menos vamos filar uma comida boa hoje.

— Tem certeza de que não quer vir? — perguntou Jim pela segunda vez. — Swann pode supervisionar os reparos sozinho.

— Claro que pode — disse Matt. — Mas eu realmente não tenho interesse na estação, senhor. Prefiro ficar.

Honestamente, Raynor também. Ele tinha certeza de que Narud e Valerian estariam vestidos formalmente, mas Jim preferia o estilo simples e limpo. Mesmo nas melhores fases da vida, Jim jamais passara de um fazendeiro ou delegado, e a estrela que indicava seu cargo fora o mais perto que chegara de usar joias. Ele tinha tomado banho, se barbeado e cortado o cabelo, e aquilo fora sua única concessão à formalidade da ocasião.

Ele deu de ombros.

— Como quiser. Eu trago uma quentinha pra você.

— Faça isso. Não conseguiu convencer Kerrigan a ir?

Jim balançou a cabeça.

— Ela nem quis me ouvir. Eu ainda não sei se ela vai se submeter a qualquer coisa que não seja os cuidados médicos mais básicos. Nem sei se quero que ela se submeta. Espero me situar melhor com o jantar de hoje à noite, pra saber de que lado ficar. Você tem alguma notícia de Egon?

— Não — respondeu Horner. — Achei que você tivesse falado com ele.

— Provavelmente está babando feito criança em loja de doce em algum laboratório — cogitou Jim. — Narud cogitou contratá-lo. Tenho certeza de que ele aparecerá pro jantar. Talvez se eu oferecer um aumento ele fique conosco.

Matt sorriu um pouco.

— Duas vezes nada ainda é nad...

— Melhor mudar de assunto ou vou bater no seu braço machucado. Te vejo em duas horas.

Jim foi até a enfermaria da Prometeu antes, para tentar uma última vez convencer Sarah a ir ao jantar. Pelo menos a qualidade da comida

faria bem a ela. Quando chegou, a enfermeira parecia um tanto aborrecida, e o preveniu:

— Eu disse que nós somos do mesmo tamanho e que eu tenho um vestido lindo que ela pode pegar, mas...

— Eu não uso vestido — respondeu Kerrigan, ríspida. Jim se lembrou do vestido verde, mas não disse nada. Ela podia usar antes, mas aquilo já não significava nada. Sarah lançou um olhar rápido e teimoso na direção dele. — Veio tentar me obrigar?

— Eu nem sonharia com isso — respondeu. — Vim ver se mudou de ideia.

— Sem chance.

— Eu disse ao Matt que traria uma quentinha. Você quer uma também?

Aquilo de fato conseguiu fazê-la rir.

— Estou bem, Jim.

Ele hesitou, então se inclinou e a beijou suavemente nos lábios. Ela ficou tensa por um instante, depois relaxou e devolveu o beijo.

— Vou voltar assim que puder — disse enquanto se afastava — e aí lhe conto o que tiver descoberto sobre Narud.

Ela estava sorrindo quando ele saiu.

A porta que dava para o que era modestamente chamado de sala de recreação se abriu, e Jim imediatamente se sentiu ainda mais deslocado do que se sentira a bordo da *Bucéfalo*.

A luz era suave, mas não fraca, e a música era calmante. Parecia o mesmo tipo de música inofensiva e pouco inspirada que ele ouvia por toda a estação. Uma jovem se aproximou dele sorrindo e ofereceu uma bandeja onde repousavam taças finas de vinho. Jim aceitou uma e tomou um gole. Sem dúvida era coisa refinada e bastante cara, mas só o deixou com mais vontade de estar em seu bar, bebendo cerveja e ouvindo a jukebox.

Como Jim esperava, Valerian estava todo emperiquitado. Ele deixara de lado a farda e optara por algo mais simples, uma jaqueta preta com

calças combinando, botas polidas e uma camisa azul-escura com babados. Um broche dourado no formato de uma cabeça de lobo adornava a gravata de seda negra. Seu cabelo loiro estava arrumado salvo pelo teimoso cacho que sempre caía sobre a testa. Jim esperava que ele jamais conseguisse ajeitar aquele cacho. Ficaria perfeito demais, se conseguisse.

— Pena que a Srta. Kerrigan preferiu não vir — disse ele. — Mas fico feliz que tenha vindo, Jim.

— Obrigado. — Ele não estava tentando ser rude, na verdade. Só se sentia deslocado e queria acabar logo com aquilo.

Narud se aproximou, vestido de forma similar a Valerian, mas não tão elegante. A única coisa que sobressaía era uma joia peculiar, de design xel'naga, assim como a estação.

Valerian, é claro, a notou imediatamente.

— Isso é um pedaço de artefato xel'naga, doutor? Parece.

— Oh, céus, não — respondeu Narud. — Apenas um pequeno tributo que projetei em homenagem à Srta. Kerrigan.

— Eu quero um também. Vai ficar divino em mim!

Narud riu.

— Tenho certeza de que sim. É só uma peça de joalheria, Alteza, mas se você quiser, posso tentar conseguir outra. — Ele se voltou para Jim. — Seja bem-vindo, Sr. Raynor. É bom ver você, mas pena que veio sozinho. Gostaria muito que a Srta. Kerrigan tivesse vindo...

— E as pessoas no inferno gostariam de água gelada. — Jim sabia que seu sorriso não era amigável, mas não se importou.

Narud não perdeu a compostura.

— Também não vejo o capitão Horner — disse, olhando ao redor.

— E eu não vejo Egon — disse Jim. — Onde ele está?

— Parece que ficou tão fascinado com os laboratórios... e, ao que parece, com a Dra. De Vries... que preferiu passar mais tempo conhecendo nossas instalações.

Em vez de comparecer a um jantar íntimo onde ele poderia encher Narud de perguntas?

— Vou ver se consigo convencê-lo a vir — disse Jim, pegando o comunicador do bolso. Ele quis ver se Narud reagiria negativamente ao gesto, mas o cientista simplesmente sorriu.

— Por favor — disse ele. — Talvez você tenha sucesso onde eu falhei.

— Egon Stetmann — crepitou uma voz.

— Você está perdendo a boca-livre, Egon, e uma chance de alugar Narud até os ouvidos dele sangrarem.

— Ah, eu sei, senhor. Mas estou me divertindo muito aqui! O senhor não... quer dizer, eu não tenho que... tenho?

A voz tinha um tom súplice. Convencido de que Egon, seja lá o que ele estivesse fazendo, estava bem e obviamente feliz, Jim desistiu.

— Pode ficar aí. Mas você está perdendo.

— Ah, duvido muito, senhor. Algo mais?

— Não no momento. Mas eu não vou perder você pra esses C.D.F's, vou?

— Não mesmo. Mas vou ter muito pra contar quando voltar!

Jim desligou o comunicador e o guardou.

— Você estava certo — disse ele a Narud. — Contanto que no final do dia eu tenha meu cientista chefe de volta...

— Ah, não esteja tão certo disso — disse Narud, dando leveza à voz. — Um rapaz brilhante desses? Talvez tenhamos que sequestrá-lo. Mas até que chegue esse momento... — Ele fez um gesto na direção de um jovem bem vestido que se aproximava com uma bandeja de pequenos salgados delicados que tinham um aroma ótimo. — Por favor, aproveitem o jantar.

No final, Egon de fato não teria perdido muita coisa, pelo menos não no começo. Narud estava mais interessado em ouvir que em falar durante boa parte do jantar. Ele pediu detalhes sobre onde eles haviam localizado os pedaços do que se tornaria a "arma", e sobre o momento em que Jim começou a ficar curioso quanto ao propósito do artefato. Como a arma tinha funcionado, e em que condições eles tinham encontrado Kerrigan.

Jim conseguiu comer uma porção considerável do aperitivo, da sopa

de frutos do mar, e do vinho, enquanto era cravejado de perguntas. Mas quando o prato principal foi servido — um corte generoso, de dar água na boca, de bife de *skalet* — ele finalmente disse:

— Sabe, eu estou aqui sentado nessa cadeira confortável, comendo boa comida... mas com tantas perguntas assim acho que seria mais apropriado se eu estivesse amarrado debaixo de uma lâmpada forte com agulhas enfiadas debaixo das unhas. Que tal aliviar o interrogatório um pouquinho, doutor?

Narud teve a consideração de parecer envergonhado.

— Por favor, perdoe-me — disse. — É a ansiedade.

— Eu entendo perfeitamente — disse Valerian. — Jim é um homem inteligente, mas temo que ele não compartilhe de nossa paixão pela ciência.

— Compartilho, sim, quando a ciência serve para o que quero — disse Jim, cortando um naco do bife e metendo-o na boca. *Santa mãezinha do céu, isso tá muito bom*! Quem dizia isso era Tychus; o grandalhão já estaria no terceiro prato a essa altura. Se ao menos as coisas estivessem correndo diferente...

— Mas o Sr. Raynor está certo — disse Valerian. — Por favor, com certeza você já teve tempo de analisar os dados que lhe passamos sobre Sarah Kerrigan; e também de fazer alguns testes nela. — Antes que Jim pudesse reagir, ele acrescentou: — Você estava lá quando eles tiraram amostras de sangue e tecido, Jim. Eles não fizeram nada mais com ela.

Ainda, pensou Jim, mas sua boca ainda estava cheia de skalet, e ele ficou quieto. Narud voltou-se para ele aparentando preocupação profissional.

— Permita-me compartilhar com você o que eu sei, Sr. Raynor — começou Narud. — Os testes que Valerian mencionou são bastante preliminares, e quando tivermos convencido você e a Srta. Kerrigan a nos deixar fazer outros, saberemos mais. Ainda há muito do agente mutagênico zerg em suas células. Tenho certeza de que notou isso ao ver o... cabelo dela. Por falta de melhor termo.

Jim engolira o pedaço de carne e agora rilhava os dentes.

— O cabelo é a parte visível, mas deve haver outras áreas infectadas. Seu cérebro, suas habilidades, rins, fígado... tudo pode estar contaminado de alguma maneira.

— Eu pensei que o artefato cuidaria disso — disse Jim.

— Sr. Raynor, certamente você pode entender o quão... bom, o quão *alienígena* esse artefato é — disse Narud de forma honesta. — Faz apenas alguns anos que soubemos da existência dos zergs, protoss e xel'nagas.

— Valerian disse que você era o perito.

— Ele é — disse Valerian —, mas até um perito não sabe de tudo. Ainda.

Narud esfregou as têmporas e suspirou.

— Sarah Kerrigan precisa ser completamente examinada, pelo bem da humanidade e dela própria — disse ele. — Você me deixa de mãos atadas e me impede de realizar meu trabalho. Nós não sabemos o que o agente mutagênico está fazendo com ela. Deixe-me ser curto e grosso: cada minuto que ficamos discutindo a respeito nos deixa mais perto de perdê-la... ou de permitir que ela volte a ameaçar a humanidade.

De súbito, a comida ficou com gosto de ração. Jim tinha a sensação insidiosa de que Narud estava certo. Ele não podia negar a presença dos tentáculos de Medusa que agora adornavam a cabeça de Sarah em lugar dos macios cabelos ruivos. E se aquela era uma mutação que eles podiam ver...

Mas e quanto ao que Sarah dissera sobre Narud parecer familiar? Seria aquilo apenas sua memória falha, ou havia algo mais acontecendo? Jim se importava com a humanidade, mas em seu coração ele sabia que se importava com Sarah um pouquinho mais. Ele queria o melhor para ela.

Mas, naquele instante, ele compreendeu melancolicamente que não fazia ideia do que era o melhor.

CAPÍTULO VINTE

Sarah jazia doente no leito da enfermaria. Jim conseguira arranjar para ela a mesma comida que eles haviam comido, e ela tinha que admitir, o cheiro era bom. Bom mesmo. E, sendo prática, ela sabia que tinha que recuperar as forças. A qualquer hora, vinda de algum lugar, a batalha chegaria, e ela precisava estar pronta.

Ela fez a enfermeira sorrir ao vê-la comendo o bife de skalet com vontade, além do purê de batata e molho agridoce. Enquanto comia, ela considerava a situação.

Claramente, ainda havia agente mutagênico zerg em seu DNA. Qualquer um que não fosse cego poderia notar. E ela não conseguia parar de se perguntar... seria aquilo apenas a ponta do iceberg? Se ela e todos os outros podiam ver aquilo, o que mais estaria acontecendo dentro de seu corpo — caramba, até mesmo dentro de sua mente — que eles não podiam ver?

Então, de certa maneira, Sarah concordava com eles. Precisava saber exatamente o que havia acontecido com ela, bem como o que o artefato tinha e o que não tinha feito. Ao mesmo tempo, parecia que suas próprias células a preveniam contra Emil Narud. Ela o conhecia. Ela... Sarah sacudiu a cabeça, forçando-se a comer mais. Era como se ela o conhecesse

— e o tivesse esquecido — mas em algum nível ao qual ela não tinha acesso, a impressão permanecia. E as lembranças, se fossem reais, não eram nada agradáveis.

Sarah Kerrigan tinha muitas lembranças desagradáveis. Sua mãe, seu pai, uma gatinha doente... tornar-se a Rainha das Lâminas...

... A hidralisca — a hidralisca de Kerrigan — atacara a mãe primeiro, usando o braço de foice para partir casualmente o crânio da mulher em dois. Cérebro e osso e sangue espirraram e a garotinha gritou ainda mais alto, um som desesperado e agudo.

— Mamãe! Mamãe! Sua cabeça! Sua cabeça!

— A cabeça dela se partiu... A cabeça dela se partiu...

E então foi como se uma sombra se abatesse sobre sua alma.

Ela engasgou com a carne e a cuspiu, arquejando, sentindo a pele toda arrepiada.

Algo estava errado. Algo estava muito errado.

Seu estômago doía de apreensão, e adrenalina inundou seu sistema. Por um segundo horrível, ela sentiu como se fosse vomitar, mas por fim sua força de vontade se impôs e ela se conteve.

Ela quase podia sentir o júbilo, que parecia repleto de malícia. E era pessoal, pessoal de um modo que o ataque a Jim, Horner e Valerian não fora.

Ela ergueu o rosto e encarou a porta.

Eles estavam vindo.

Egon Stetmann se perguntou quando ele teria se tornado um peso morto.

Ele não tinha desconfiado de nada, embora devesse. Mas se enredara na teia de aranha, imaginando que a fraternidade científica tinha seu próprio código de honra, e por isso é que agora estava amarrado e enfiado sob uma mesa em um depósito do almoxarifado como uma caixa de tubos de ensaio.

Ele tinha se mostrado ansioso demais, é claro. Sempre ansioso demais. Tinha ficado tão fascinado com a expectativa das descobertas

científicas que, quando sua acompanhante linda de morrer — *que bela escolha de palavras, Egon, já pensou em tentar carreira como comediante de* stand-up*? Ah, não, você não pode ficar em pé. Rá...* — o cutucou com uma arma obrigando-o a responder no comunicador, ele nem sentira medo. Só confusão. O medo viera depois.

— Por que você está me cutucando com isso? — perguntara, genuinamente avoado.

De Vries revirou os olhos.

— Estou ameaçando você, seu idiota. — E, é claro, ele prestou atenção não em "ameaça", mas em "idiota", e, como um idiota, respondera:

— Ah, idiota não, eu era o cientista mais cotado da instalação de pesquisa em Tyrador III e...

E então ele quase vomitou, pois De Vries bateu em seu estômago com toda a força usando o cabo da arma.

— Cale a boca e diga alguma coisa.

Àquela altura, ele já tinha ficado esperto o suficiente para não mencionar a contradição evidente na sentença.

— Ok, o que você quer saber? — perguntou apenas.

— Eu não quero saber nada. Só fale alguma coisa.

— Ahm, ok... aqui é Egon e, hum... estou... falando... — disse ele, e sua voz subiu um tom quando ele começou a perceber o apuro em que se encontrava. — Eu não sei o que estou dizendo, mas aqui sou eu e... essas palavras, e...

— Já deu.

— Deu pra quê? — Ele não conseguiu evitar a pergunta. As palavras deixaram seus lábios antes que ele pudesse se censurar.

Ela sorriu. Stetmann pensou que, embora mais assustado que cachorro em canoa — *nossa, Egon, meu velho, você está tão engraçado hoje...* — ele ainda a achava atraente.

— Eu precisava de uma amostra da sua voz. Vou inserir isso no banco de dados da adjutora, e se alguém contatar você — ela retirou o comunicador do bolso do casaco de Egon —, vou convencê-lo de que está a salvo.

— Isso é... bem inteligente — disse ele, derrotado.

— Eu tenho três diplomas — respondeu ela.

— Ahm... então... e agora? — Ele se empertigou e tentou parecer valente. — Você vai me executar?

Ela riu, uma fungada grosseira que o insultou profundamente.

— Narud quer você vivo. Deve ser pra extrair informações úteis que você possa ter.

— Ah. — Bom, não era tão ruim.

— Considere-se com sorte, Dr. Stetmann. Você está melhor do que Sarah — dissera de Vries, e isso foi tudo o que ele viu. Stetmann acordou muito tempo depois, sentindo uma grande dor de cabeça. Ele tentou se mover e vomitou violentamente. Franziu o rosto, sentindo-se não só ferido como insultado.

Pense. Ele tinha que pensar. Era no que ele era bom. A sala estava escura, mas havia um pouco de luz entrando pelas frestas da porta. Aquela não era do tipo íris de câmera, como as que ele vira em outros locais, e aquilo o confortou, pois queria dizer que aquele cômodo não era particularmente importante, e ele talvez conseguisse escapar. Bom, exceto pelas mãos e pés atados, que ele acabara de perceber.

Seus olhos já estavam acostumados a pouca luz, e ele pôde se orientar sem dificuldade. Ele estava sob uma mesa, com caixas perto da cabeça e dos pés. Reunindo forças para ignorar a dor, Egon conseguiu com dificuldade se arrastar para o meio da sala. Desajeitadamente, avançando aos trancos com as mãos e os pés amarrados, ele conseguiu. Em certo ponto ele espirrou violentamente por causa da poeira e estacou, convencido de que alguém iria entrar e terminar o serviço que de Vries começara, sem se importar com as ordens de Narud. Os minutos se arrastaram e seu coração desacelerou. Outro bom sinal — não havia ninguém guardando a porta.

Chegou no meio do pequeno cômodo, deitado de lado. Ele até conseguira evitar se sujar na poça de vômito. Então olhou ao redor e confirmou seu paradeiro: era um depósito.

O que será que tem no depósito de uma base científica? Agulhas... tubos...

contêineres... Mas nada de facas ou...

Nada de facas. Mas vidro quebrado era bem afiado. E tubos e contêineres geralmente eram feitos de vidro, que era o material mais confiável quando se tratava do tipo de trabalho delicado desenvolvido em laboratório. Era barato e quase completamente não reativo. Stetmann se sentou com esforço, debatendo-se como um peixe. A mesa sob a qual ele fora enfiado suportava uma pilha de caixas. Do lado oposto do pequeno cômodo havia uma prateleira com mais caixas pequenas. A luz era insuficiente para que conseguisse ler qualquer coisa. Ele precisava se erguer de alguma forma.

Egon estava sentado com as longas pernas esticadas diante de si. Ele as puxou para o lado, então ficou de joelhos e avançou lentamente até as prateleiras. As caixas tinham etiquetas que informavam seu conteúdo, mas não havia nada de útil na primeira nem na segunda. Ele espichou o pescoço e suspirou. Stetmann tinha duas escolhas: tentar se erguer ou mover os braços de forma que seus pulsos ficassem à frente do seu corpo e não às costas.

As pernas dele eram realmente compridas.

Egon esmoreceu, momentaneamente atordoado pelo esforço que seria necessário. Ele era apenas um cientista.

Para alguém inteligente, pensou ele, *você até que é bem estúpido. Foi direto pra uma armadilha com um sinal de ME CHUTE nas costas. Você fracassou como sujeito inteligente. Agora vai ter que ser um sujeito durão. Como Jim.*

Raynor sem dúvida teria se soltado; a essa altura, já teria aberto caminho à força pela base. Ninguém sabia onde Egon estava. Ninguém nem devia saber que ele estava encrencado. Algo que de Vries dissera ressurgiu em sua mente: *"Considere-se com sorte, Dr. Stetmann. Você está melhor do que Sarah."*

O que ela tinha querido di...

Ah, não. Eles iam pegar Kerrigan. Fazer experimentos com ela. Talvez até matá-la. Talvez matar Raynor também. E, até onde Egon sabia, era a única pessoa que sabia disso.

Ele gemeu uma única vez, bem baixinho. E então sentou-se

novamente no chão frio, sério e resoluto, e começou lentamente a esticar os braços amarrados na extensão do corpo enquanto se esforçava por fazer suas longas pernas passarem por um vão bem apertado.

Como qualquer pessoa dotada de papilas gustativas, Matt Horner não gostava de ração militar. Mas gostava ainda menos de ficar sentado em situações formais constrangedoras com pessoas em quem não confiava. Ele se corrigiu imediatamente: claro que ele confiava em *Jim*, e já começava a considerar Valerian alguém digno de uma confiança cautelosa também.

Mas não gostava de Narud, e teria pagado muitos créditos para evitar o jantar. Por sorte, ele conseguira recusar o convite sem ter que molhar a mão de ninguém.

A equipe de reparos estava, de acordo com Swann, "cortando um dobrado", seja lá o que isso significava. Horner achou que isso queria dizer que a equipe estava fazendo um bom trabalho, a julgar pelo tom de voz satisfeito do engenheiro-chefe.

— E a Srta. Annabelle teve uma ideia, e a está aprimorando. Se funcionar, nós vamos informá-lo. Se não, faça de conta que não falei nada.

— Ahm... ok — concordara Matt.

Ele imaginou que poderia relaxar por algumas horas. A nave estava a salvo, por enquanto, assim como Jim, Valerian e Sarah. Para melhorar as coisas, até Rory tinha parado de reclamar. Ele recostou-se em sua cadeira, ajeitando o braço ferido com cuidado, respirou fundo, exalou e fechou os olhos. Seu braço doía.

— Capitão Horner?

Ele abriu os olhos.

— O que foi, Marcus?

— Estou obtendo leituras que... bom, eu não sei o que o pessoal de Narud está fazendo na engenharia, mas acho que eles devem ter quebrado alguma coisa.

— O que você vê? — Matt já estava de pé, espiando por cima do

ombro de Cade antes mesmo de fazer a pergunta.

— Bom, isso aqui apareceu no limite externo do campo de asteroides — respondeu Marcus.

Havia pontos na tela. Um monte deles.

— Não... não podem ser naves — disse Horner, sentindo o estômago revirar pesadamente.

— Bom, senhor, é o que parece. É por isso que eu queria saber se...

— Horner para Swann — disse Matt, interrompendo Marcus. — O pessoal do Narud está fazendo algo mais além de consertar o equipamento? Alguma coisa que esteja interferindo com os sensores?

— Eu acho que não, mas vou dar uma olha. Já retorno.

— Faça isso.

Matt começou a andar pela ponte, pensando, e seus olhos fitavam a tela. Não parecia um defeito. Os pontos não se moviam em um padrão uniforme. Alguns ficavam onde estavam, outros se moviam um pouco, e então mais pontos apareciam...

Ele tomou uma decisão. Se fosse um erro, ele se desculparia. Caramba, ele daria um jantar a bordo da *Hipérion* para compensar o insulto ao pessoal de Narud. Mas ele não iria se arriscar.

— Horner para Swann.

— Cacete, guri, me dá um instante pra...

— Pare os consertos. Agora. Pode mandar parar tudo.

Annabelle, apesar de estar absorta em seu novo projeto, ouvira o começo da conversa. Ela desenvolvera um súbito e forte interesse por navegação espacial nos últimos dias, devido ao seu súbito e forte interessem em Travis Rawlins. Havia uma maneira de verificar se tratava-se de um defeito na nave ou uma ameaça real — e essa maneira a fazia sorrir um pouco.

Ela ativou seu comunicador no canal apropriado, tentando contatar Travis na *Bucéfalo.* Normalmente ele respondia na hora, já que ela não era tola a ponto de contatá-lo em meio a emergências. Mas daquela vez ele não respondeu.

Ele podia estar ocupado. Podia ter esquecido o comunicador no dormitório. Podia estar cansado dela, ignorando-a. Mas Annabelle soube de repente que havia algo errado. A voz de Horner ressurgiu em sua mente.

— Pare os consertos. Agora. Pode mandar parar tudo. — A voz de Matt fora ríspida e intensa.

— Ai, pelo amor... Está bem, está bem. — Swann apertou o botão e voltou-se para um membro da equipe de Narud.

— Vocês ouviram o capitão. Parem o que estão fazendo, todos vocês. Eu não sei que bicho mordeu ele, mas é ele quem dá as ordens.

— Isso é um ultraje! — protestou um deles. — Nós viemos aqui em boa fé para ajudar vocês. Acha que somos responsáveis por imagens fantasma nos...

Annabelle o ignorou. Apostando em um palpite, ela abriu a planta da *Esplendor* no visualizador enquanto digitava o comando para acessar o nível atual de energia das baterias. Ela esperava estar errada, sobre isso e sobre não estar conseguindo contatar Travis na *Bucéfalo*. O sinal pareceu normal à primeira vista. Ela quase suspirou de alívio, mas então...

As medições, representadas por barras alaranjadas, deviam estar flutuando suavemente. Mas estavam completamente estáticas.

Ou seja: ela estava olhando para uma imagem falsa.

Rory ainda estava gritando com o engenheiro da Prometeu, que gritava de volta. Com o coração descompassado, ela mesmo contatou Horner.

— Engenharia para ponte — disse ela, mantendo a voz baixa. Ela olhou para os dois engenheiros discutindo. Nenhum deles parecia ter notado.

— Annabelle? Onde está Rory?

— Discutindo com um dos engenheiros da base — respondeu ela. — Matt, não há nada errado com os sensores. Alguém está drenando a energia das baterias. E... e acho que também estão bloqueando nosso contato com as outras naves. Não consigo falar com Travis.

Matt acreditou nela imediatamente. Primeiro porque ele podia ouvir os gritos ao fundo, e depois porque Annabelle era uma das mais estáveis e sensatas tripulantes que a equipe dele jamais tivera. Se os "engenheiros" mandados para "ajudar" estavam impedindo-a de contatar Travis na *Bucéfalo*...

— Contate Raynor imediatamente — ordenou ele.

Estática. O oficial de comunicações se virou para ele sem saber o que fazer. Ele não precisou falar nada.

— Marcus, qual é a situação das naves fora do cinturão?

— Elas estão... senhor! — disse Marcus, voltando-se para o capitão. — Elas estão entrando no cinturão de Kirkegaard.

— Quantas?

— *Todas elas!*

CAPÍTULO VINTE E UM

A refeição já estava na sobremesa, mas a conversa não progredira. Narud ainda forçava seu ponto de vista, Jim mantinha sua posição e Valerian tentava mediar a situação. A sobremesa estava ótima, um bolo de frutas com cheiro divino e sabor delicioso.

— Ah, e Valerian — disse Narud. — Eu providenciei um vinho do Porto especialmente para você. Você prefere fulvo ao tinto, não é?

Os serventes trouxeram uma antiga garrafa empoeirada e três pequenas taças.

— Sim, é o meu preferido. Muito gentil de sua parte lembrar. — Enquanto a bebida era servida, Valerian se dirigiu a Jim. — Meu pai e eu temos semelhanças e diferenças. Nós dois apreciamos vinho do Porto, mas ele prefere o tinto e eu o fulvo.

Jim aceitou a bebida prontamente. Imaginou que se o jantar fosse algum esquema elaborado para envenená-lo, teria sido executado mais cedo. Sem falar que ele não era homem de recusar uma boa bebida. Na verdade, não recusava nem as ruins.

Jim deu um pequeno gole. Era quase tão bom quanto a sobremesa.

— Hum. Cerejas e caramelo... ou algo parecido.

Valerian levantou os olhos.

— Seu paladar é bem apurado, Sr. Raynor.

— O que é estranho, considerando que estou acostumado a tomar bebidas baratas — confessou Jim, sem sentir vergonha nenhuma da verdade. Ele raramente se envergonhava em dizer a verdade. Bebeu mais um gole. É, ele poderia se acostumar com aquilo.

— Fico feliz que esteja gostando, Príncipe Valerian — disse Narud. Ele fez um gesto para o servente. — Por favor, limpe a mesa e traga o vinho do Porto tinto.

— Mas ele acabou de dizer que quem gosta de tinto é o...

E naquele momento a ficha caiu para Jim, uma fração de segundos antes das portas se abrirem e três homens armados, mas sem armadura, entrarem. Valerian olhou-os, completamente confuso. Enquanto seus sentidos se aguçavam e ele imaginava uma maneira de se safar, Jim não pôde deixar de sentir uma estranha simpatia pelo garoto.

— Seu filho da puta — gritou Raynor para Narud.

— Emil, o que...? — Valerian parecia incapaz de formar uma frase completa e olhou para o "amigo" com a boca aberta e os olhos assustados.

— Parece que o Sr. Raynor já entendeu — respondeu Narud, com um sorriso discreto. — Sinto informá-lo, Excelência, que seu pai estará aqui em alguns momentos. E trará consigo o que restou da frota inteira.

Valerian ainda estava aturdido. Ele encarou Jim, espantado, que o olhou de volta.

Você não é um telepata como Sarah, pensou ele, *mas também não é nenhum idiota. Você já esteve comigo e com Matt tempo suficiente. Leia meus olhos e caia na real, Valerian. É melhor se preparar, ou nós dois vamos morrer.*

Jim deu de ombros e pegou a garrafa de vinho do Porto.

— Bom, se essa é provavelmente a última coisa que eu vou beber, é melhor aproveitar...

Ele se levantou rapidamente e arremessou a garrafa no primeiro guarda, que se abaixou, mas não rápido o bastante. A garrafa atingiu sua têmpora.

Valerian se levantou no mesmo segundo, investindo contra o guarda

mais próximo com duas facas de carne bem afiadas. O guarda, iludido pela falsa impressão de fragilidade de Valerian, foi pego totalmente desprevenido. Ele caiu ao chão, sufocando no próprio sangue. Valerian pegou as armas caídas e se virou para atirar no terceiro guarda. Ele cravejou o corpo do guarda com projéteis com ponta de metal.

Boa, garoto, pensou Jim, arremessando uma cadeira na mesma direção da garrafa. Aquele guarda, no entanto, já esperava o ataque. Ele se desviou com um rolamento e abriu fogo.

— Seus idiotas! — gritou Narud. — Vocês pensam que vão escapar? Prometeu é a minha estação, e está cheia do meu pessoal e do pessoal de Mengsk.

Jim se agachou sob a mesa. Ele rilhou os dentes, cravou os pés no chão e pensou em Tychus Findlay levantando a jukebox num passado distante. Ele esticou as pernas e levantou a mesa. Ela era enorme, mas não tanto que não pudesse ser virada. Narud, que ainda estava sentado, levantou e tropeçou para trás.

Jim saltou na direção dele...

E caiu no nada.

Narud sumira.

— Mas o que...

Uma risada satisfeita e arrogante veio da porta do corredor.

Por um instante, Jim não entendeu o que estava acontecendo. Então, ele se lembrou do "broche" de aparência xel'naga usado por Narud.

— Isso é um artefato xel'naga, doutor? Parece.

— Claro que não. É só um pequeno tributo que eu projetei, uma homenagem à Srta. Kerrigan.

Sarah Kerrigan, fantasma. O maldito broche era um reator Moebius.

— Valerian! Ele está com uma roupa de camuflagem, ao lado da porta!

— Estou um pouco ocupado no momento — reclamou Valerian. Jim levantou a cabeça e viu mais guardas entrando na sala. Ele pegou a arma de um dos guardas mortos e sinalizou para que Valerian se juntasse a ele atrás da mesa. Não era a melhor das proteções, mas ainda era melhor do

que simplesmente ficar parado no meio da sala.

— Quantos? — perguntou Jim.

— Eu contei seis — respondeu Valerian. Ele estava atento, e cada movimento seu era precisamente calculado. Jim gastou um nanossegundo para ficar impressionado.

— Nós podemos acertá-los quando passarem pela porta — sugeriu Jim. — Temos que dar o fora daqui.

— Ótima sugestão. Se importa de explicar como?

Mais dois guardas colocaram a cabeça pela porta. Jim e Valerian acertaram cada um, e os dois corpos tombaram.

— Não sei ainda. Precisamos libertar Sarah e Egon também.

— Ela já está morta — sussurrou uma voz sedosa perto do seu ouvido. Jim se virou e começou a atirar a esmo, mas Narud já escapara novamente. Raynor se controlou, retomando o domínio de suas ações. Ele vira Sarah em ação e sabia o que procurar. Um leve brilho no canto da visão. Facilmente descartado como um truque de luz ou imaginação, para quem não soubesse o que esperar.

Mas Jim sabia.

— Continue atirando e segure a porta. Eu vou atrás de Narud.

Ele deixou seu olhar desfocar, esperando que o brilho na lateral dos olhos aparecesse novamente. Seu corpo estava furiosamente impaciente, mas ele se forçou a manter a cabeça no lugar e a respiração calma. Permitiu que o som dos tiros, tão urgente e perturbador, se tornasse apenas som de fundo. Somente a calma traria os resultados de que ele precisava. E ele realmente queria destruir Narud, o canalha que queria ferir Sarah Kerrigan.

E lá estava. Uma pequena distorção no espaço, uma pequena mancha embaçada na parede azulada. Ele se virou e começou a atirar, mas nada aconteceu.

Ainda assim, ele sorriu.

— Eu não o acertei, mas consegui algo quase tão bom. Achei um jeito de fugir — disse ele a Valerian.

Matt sabia exatamente o que, quando e como eles deveriam agir se a *Hipérion* quisesse escapar daquela enrascada.

— Annabelle, escute com atenção. Eu estou enviando reforços. Não diga nada a ninguém. Eu aposto que esses caras estão armados até os dentes. Deixe Rory continuar discutindo. Você consegue arrumar alguma ajuda em silêncio e tentar desfazer o que eles fizeram com as baterias?

— Eu... claro. Vou fazer isso agora mesmo.

Ele a ouviu fraquejar por um momento e se recuperar. Como um verdadeiro Saqueador.

— Você estava certa sobre a *Bucéfalo*. Nós fomos bloqueados dela e da estação. Se seu amigo navegador é tão esperto quanto você diz, ele vai notar as naves também.

— Ah, sim. Eu tenho certeza de que ele vai notar.

Ela não tinha certeza. Nem Matt.

Ele contatou a segurança, e vários tripulantes furiosos se equiparam e seguiram para a engenharia. Então, enviou outro chamado para a *Bucéfalo*, que foi ignorado.

— Marcus, fique monitorando a *Bucéfalo*. Avise-me se ela começar a se preparar para batalha.

— O senhor acha que a *Bucéfalo* pode estar metida nisso? — perguntou Marcus.

— É possível, se Valerian for um traidor — respondeu Matt.

— Mas... você não acha que ele seja?

— Vou colocar da seguinte forma: a única pessoa na qual eu confio no momento é o Jim. Mas isso não significa que eu vou atacar a *Bucéfalo* se eles estiverem na mesma situação que nós. Você deve matar seus inimigos, não seus aliados. — *Só precisa descobrir quem é quem*, pensou ele. Estava assumindo um risco tremendo ao não atacar a *Bucéfalo* enquanto os escudos estavam abaixados. Este teria sido o jeito mais seguro. Mas ele sabia que não era o jeito certo.

Pelo menos não ainda.

— Senhor, eles estão levantando os escudos e se preparando para batalha, mas nós não somos o alvo — declarou Marcus.

Matt assentiu.

— Tempo estimado de chegada da... frota?

— Aproximadamente dezessete segundos.

— Como eles conseguiram se mover tão depressa? — perguntou ele, pensando alto. — É claro que eles sabiam o caminho, mas nós levamos horas.

— Eles estão atirando contra os asteroides menores e repelindo os pedaços. Até pulverizaram alguns.

— Ah, isso... explica muita coisa.

Eles não estavam preocupados em seguir a rota. Estavam simplesmente criando seus próprios atalhos.

Oito segundos.

Três.

Dois.

Um.

Sarah chamou a enfermeira. Ninguém respondeu. Ela estava completamente sozinha na enfermaria da *Prometeu*, envolta demais em seus próprios pensamentos de culpa e preocupação para notar que as enfermeiras todas tinham partido silenciosamente.

Sozinha.

E eles estavam vindo buscá-la.

Ela arrancou as sondas dos braços e vestiu a roupa que havia pedido pouco tempo antes, decidida a não morrer usando um avental de hospital. Estava arrependida por ter comido. A refeição deliciosa agora pesava em seu estômago. Isso a atrasaria quando...

Quando o quê?

Ela estava tão distante da sua forma ideal que era risível. De repente, Sarah se lembrou de quando ficara sozinha, sem munição, sabendo que tinha sido abandonada. Sabendo que eles estavam vindo. Não só dúzias, mas centenas, talvez milhares de zergs vindo atacá-la. Uma vez, Mengsk a salvara. Mas naquele dia, ele a deixou para morrer.

Algo havia paralisado dentro dela. A angústia se transformou em

mera aceitação. Lutar era inútil. Ela não poderia vencer, não contra todos aqueles zergs.

Ela também não poderia vencer agora. Eles estavam vindo, a levariam e não havia nada que pudesse fazer. Talvez eles não a torturassem. Talvez...

Então ela notou. Aguçado, nítido e brutal como o reflexo do sol em uma lâmina polida. Ela reconheceu exatamente o que era e a familiaridade galvanizou seus nervos.

Ondas Alfa. Estavam enviando um fantasma camuflado. Um ladrão para pegar um ladrão.

Não!

A porta se abriu e, sem sequer pensar, o corpo e a mente dela entraram em ação. Ela levantou a mão, concentrou seu poder psiônico e arremessou o inimigo invisível contra a parede. Houve um barulho e um brilho quando o corpo, tornando-se visível, escorregou pela superfície branca. Ele não viera sozinho, é claro. Quatro guardas correram para entrar na sala, mas antes que pudessem atirar, ela paralisou seus movimentos e fritou seus cérebros. Eles caíram, mortos instantaneamente, líquido escorrendo dos olhos, ouvidos, narizes e bocas.

Em um breve instante Sarah percebeu que não só havia recuperado suas habilidades como elas estavam mais fortes do que nunca. Ela sempre fora muito boa no que fazia. Na verdade, sempre fora a melhor em matar. Mas agora de repente ela parecia ter se tornado uma semideusa. Por um segundo a revelação a perturbou, e seus pensamentos voaram em outra direção.

Jim!

Ele estava correndo risco de vida.

Todos eles estavam.

A base estremeceu, como se fosse o brinquedo de uma criança que tivesse ficado irritada. O que diabos poderia fazer aquilo com uma estação espacial dentro de um asteroide? Teria alguém plantado explosivos no lugar?

Então de repente ela *soube,* e seu corpo se enrijeceu de ódio. A base estava sendo atacada.

— Ah, não, você não vai fazer isso, seu filho da puta — rosnou, sentindo a fúria crescer dentro de si, enchendo-a de adrenalina. — Desta vez, não. Nem *nunca mais*.

Egon estava orgulhoso de si mesmo. Ele conseguira se manter calmo, localizar uma caixa de pipetas e quebrar uma; e agora usava o fragmento para cortar as cordas que atavam seus pulsos.

Então o chão começou a tremer. Caixas caíram das prateleiras sobre ele. Egon levantou os braços, ainda parcialmente atados, para afastar as caixas e gemeu quando um pedaço de vidro cortou sua palma. Então o tremor passou.

— Eita — exclamou ele repetidas vezes.

Justo quando ele conseguiu se acalmar, o grito furioso de um alarme cortou o ar. Então, uma voz calma começou a anunciar:

— Atenção. A estação espacial Prometeu está sendo atacada. Aguardem novas instruções. Atenção...

Ele tateou com a mão ensanguentada em busca do pedaço de vidro e continuou a trabalhar. Por fim, as amarras se soltaram e ele começou a cortar as que prendiam seus pés. O fragmento estava escorregadio por causa do sangue, mas por fim ele se soltou. Bem, pelo menos das amarras. Ainda não sabia se a porta se abriria.

Ele se levantou, atordoado, ainda sentindo a dormência causada pelas amarras, e caminhou até a porta. Forçou a maçaneta.

Ela não virou.

O desespero, temporariamente deixado de lado, retornou. Ainda estava preso. Preso em uma estação científica, trancado em um pequeno armário de suprimentos sobre o qual ninguém sabia. Se Jim e Valerian ainda estivessem ali, provavelmente estavam presos. Ele e os demais seriam entregues a Mengsk, que provavelmente estava por trás do ataque, e então eles seriam transformados em cobaias de experimentos ou torturados até a morte.

Isto é, *se* alguém o encontrasse. Era mais provável que ele morresse ali, sozinho, lentamente, desidratado, ou fosse explodido em pedacinhos.

A maçaneta se virou.

Ele congelou por um instante, então se levantou rapidamente e procurou um lugar para se esconder. Melancolicamente, Egon decidiu que não morreria sem lutar. Segurou uma das caixas menores, sentindo doer a mão ferida, e a ergueu sobre a cabeça.

Uma mão o alcançou, segurou seu colarinho e o puxou para a luz.

Ele viu um rosto que era lindo em sua fúria, adornado por um cabelo que mais parecia um ninho de serpentes.

— Fique perto de mim — ordenou Kerrigan com a voz baixa e intensa, tão assustadora quanto sua expressão. — Eu só vou resgatar você uma vez.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Os "engenheiros" enviados para "reparar" a *Hipérion* e, teoricamente, a *Bucéfalo,* haviam feito uma coisa boa sem querer. Para manter o disfarce enquanto sabotavam as baterias, eles realmente realizaram alguns reparos. Essa era a razão pela qual a *Hipérion* aguentara os ataques de três cruzadores e dos Miragens que eles traziam.

A engenharia trabalhava duro para desfazer o dano causado e restaurar a comunicação entre as duas naves e a estação espacial Prometeu. Porém, não parecia haver nenhum problema em receber comunicações da *Estrela Branca.*

— Quem está falando é o imperador Arcturus Mengsk — declarou a voz odiada e familiar assim que a frota saiu do campo de asteroides. — Rendam-se e não os destruiremos.

— Mengsk — respondeu Matt, sem sequer se preocupar em fingir respeito usando o título —, aqui é o Capitão Matthew H...

— Ah, eu já conheço a sua voz, Matt — falou Mengsk. — Sei onde está o seu chefe... e a namoradinha dele. Há pessoas a bordo da sua nave e da *Bucéfalo* que trabalharam para mim. Eu realmente prefiro não matá-las. Nem você, se quer saber. Está em desvantagem e mal consegue se arrastar. Portanto, renda-se e poupe-nos o tempo e o trabalho.

— Sabe, isso parece uma ótima proposta. Só que eu acho que meu chefe ficaria chateado se eu aceitasse — respondeu Matt enquanto sinalizava para o controle tático. Sem aviso, eles dispararam o canhão Yamato com força máxima contra a *Estrela Branca*.

E as coisas só ficaram mais intensas depois do disparo: as ameaças furiosas de Mengsk, o ataque retaliatório e a ofensiva contra a estação. Ela parecia ser o alvo principal, e Matt concluiu amargamente: *por que não seria?* Tanto Kerrigan quanto Raynor estavam na estação.

Ele tinha certeza de que Valerian os denunciara ao pai. Matt realmente não queria acreditar nisso. Valerian chegara muito perto de conquistar sua confiança. Mas a *Bucéfalo* estava parada, sem atacar nenhum dos lados, e Matt Horner julgou compreender a falta de atitude de Vaughn. Não era surpresa que o verme covarde não fosse homem o suficiente nem para se juntar a Mengsk no ataque.

— Eu disse *desligado*, senhor — repetiu Elias Thompson, o chefe de engenharia da *Bucéfalo*. Ele soava irritado e assustado, uma combinação que o capitão entendeu perfeitamente. — E por desligado, eu quero dizer que não podemos abrir fogo!

— Eles vão vaporizar a estação espacial e nosso príncipe junto se não ajudarmos a *Hipérion*! — gritou Vaughn. Seu plano era ajudar a *Hipérion* no ataque contra Mengsk, que parecia claramente não ter nenhuma intenção de se reconciliar com o filho, posto que estava atacando a estação espacial com toda força. Vaughn queria lançar os caças e dar cobertura a eles, para que pelo menos tivessem algum apoio da *Bucéfalo*, já que eram tão poucos restantes.

O problema é que os engenheiros e especialistas em armas enviados para ajudá-los tinham feito exatamente o contrário. Pessoas morriam a cada minuto, mesmo com a equipe de engenharia trabalhando o mais rápido possível. E ele podia adivinhar o que Matt Horner devia estar pensando sobre ele.

Vaughn esfregou os olhos com a mão trêmula.

— Envie os caças.

— Senhor, com todo respeito, sem receberem cobertura... — argumentou Travis.

— Eu sei. Mas nós precisamos fazer alguma coisa. Thompson, quanto tempo?

— Até o quê? Até podermos lutar, nos mexer ou contatar Valerian?

— Qualquer coisa!

— Não faço ideia, senhor. Estamos fazendo o melhor possível.

Todos estamos, pensou Vaughn. Ele abriu o canal de comunicação para que o ouvissem por toda a nave.

— Aqui é o capitão Vaughn. Todos os tripulantes com experiência de voo em naves de pequeno porte devem se apresentar ao atracadouro imediatamente. Não temos muito com o que enfrentar Mengsk, mas vamos fazer o melhor possível. Se a *Bucéfalo* tem que cair, nós vamos cair atirando.

Cooper sabia que tinha que dar o fora de lá. E rápido.

Não era para acontecer daquele jeito. Os caras da estação espacial Prometeu deveriam ter sabotado completamente a engenharia e feito reféns. Depois, eles escapariam para se juntar a Mengsk e levariam o barman sorridente e amigável que todos subestimavam junto.

Mas o maldito Horner fora esperto demais. De algum jeito, e Cooper não sabia como, ele descobriu algo errado na engenharia. O contato de Cooper foi misteriosamente silenciado no meio de uma frase. Agora, Mengsk havia finalmente chegado e estava atacando tanto a estação quanto a *Hipérion*.

Ninguém iria para o bar numa hora daquelas, no meio do combate, então Cooper simplesmente pegou a mochila e partiu. Sua mente estava acelerada. O único contato que tinha era com os sabotadores. Ele falara com Arcturus Mengsk e com Narud várias horas atrás, mas agora não conseguia contato com eles. Com um xingamento furioso, Cooper jogou o comunicador longe enquanto corria pelos corredores.

Seu único pensamento era que, em algum momento, eles estariam enviando naves para combate mano a mano. Ficariam surpresos em vê-

lo, mas ele sabia pilotar um Miragem e concluiu que poderia usar o bom e velho "quero ajudar como puder". E em breve eles precisariam da ajuda dele, pois os pilotos mais experientes já não passariam de pedaços de carne flutuante.

Era uma tentativa desesperada, e não havia muita chance de sucesso. Se não tomasse muito cuidado, as próprias pessoas para as quais estava trabalhando o destruiriam. E se fosse muito óbvio, os Saqueadores acabariam com ele sem pensar duas vezes. Precisava parecer convincente, mas não ameaçador. Estava suando de nervosismo.

Isso não devia estar acontecendo, pensou ele, pela centésima vez. *Não devia estar acontecendo.*

— Senhor — chamou Marcus —, estou detectando várias naves menores saindo da *Bucéfalo.*

Matt franziu a testa e se aproximou. *Mas o que...*

— Por que não estão dispa... — Então ele entendeu. — Droga. Deem cobertura aos caças! Agora!

— Sim, senhor! — respondeu Marcus.

— E, Swann, preciso recuperar as comunicações!

— "Sabotagem" geralmente significa que eles bagunçam com tudo! — rebateu Swann. — Estou fazendo o melhor que posso!

Os pensamentos de Matt estavam acelerados, porém claros. Jim estava na estação, o que significava que Matt precisava encontrar um jeito de manter todos vivos até que o comandante retornasse. E agora ele também tinha um dever para com a *Bucéfalo*. Ela não fugira quando teve a oportunidade, e escolhera mandar seu pessoal para a batalha mesmo sem ter uma maneira apropriada de protegê-los. Essa atitude significava muito para Horner, e ele não deixaria aquelas pessoas morrerem se pudesse evitar.

A estação ainda estava sendo atingida pelos ataques. Horner precisava distrair Mengsk e chamar a atenção de volta para a *Hipérion*, e ao mesmo tempo, de alguma forma, proteger a nave e os pilotos enviados em uma missão suicida. Se ao menos tivesse um jeito de...

— Swann!

— Ah, cacete, o que foi agora?

— A sabotagem não nos deixa saltar por enquanto, não é?

— Ainda não, tem uma equipe inteira trabalhando nisso comigo.

— Você e dois dos seus melhores homens podem parar de trabalhar nisso. Eu quero que vocês façam o seguinte...

Narud era muito esperto, Jim tinha que admitir. Talvez ele até concordasse com a declaração de Valerian de que o cientista era um gênio. Mas gênios geralmente costumam saber que são superiores e gostam muito de deixar isso claro para os outros, o que, ironicamente, às vezes os torna idiotas.

E Narud fora idiota daquela vez. Ele se esforçara tanto para mostrar a Jim e Valerian o quão esperto era que revelou inadvertidamente como pretendia escapar. Narud estava camuflado.

Assim como a porta pela qual passara, de certa forma.

— É um holograma! Vamos! — gritou Jim, e correu em direção à parede aparentemente sólida. Valerian hesitou somente um instante, mas depois deu cobertura enquanto os dois corriam para atravessar a abertura camuflada. Jim estendeu a mão, para ver se Narud havia trancado a porta atrás dele. Alcançou a maçaneta, abriu a porta e eles atravessaram, trancando-a em seguida.

O rosto de Valerian parecia feito de pedra. Somente uma leve coloração e a intensidade do olhar revelavam que ele estava vivo.

— O que foi?

Valerian começou a falar, mas parou e balançou a cabeça. Seus cachos dourados se soltaram do rabo de cavalo e caíram sobre o ombro.

— Nada.

Então, Jim entendeu.

— Você... essa foi sua primeira vez?

— Não, mas isso não faz a menor diferença. Eram homens, Raynor. Agora são só cadáveres.

— Sinto muito que você tenha tido que fazer isso, Valerian. Sinto

mesmo. Mas a ironia dessa vida de merda é que, para fazer a coisa certa, às vezes, é preciso sujar as mãos. Você *fez* a coisa certa. O que tinha que fazer. E fez bem.

O olhar de Valerian era bem familiar a Jim. Ele vira o mesmo olhar muitas vezes em batalha — o olhar de alguém que havia matado. A vontade de que pudesse haver outro jeito.

— Eu também queria que fosse de outro jeito. Toda vez que tenho que fazer isso. Mas agora é melhor sairmos daqui — sussurrou Jim.

Eles estavam em um corredor escuro, obviamente uma passagem de fundos raramente usada. Só podiam seguir em uma direção, para a frente. Jim verificou a arma e começou a correr silenciosamente pelo corredor acarpetado, pegando o comunicador.

— Merda, bloquearam o sinal — praguejou.

No mesmo instante houve um alto estrondo e a estação estremeceu. Eles se desequilibraram e se entreolharam.

— Estão atacando a estação — concluiu Valerian, furioso. — O conhecimento científico que será perdido...

— Mengsk não dá a mínima pra isso — respondeu Jim. — Ele só quer matar todos nós. Eu, Sarah, você. Você conhece a planta deste lugar?

— Eu ajudei a projetar.

— Por tudo que há de mais sagrado, finalmente alguma coisa boa! — Jim respirou fundo. — Para que lado fica a enfermaria?

Valerian franziu o cenho.

— Se me lembro corretamente, a sala é cercada por vários corredores de serviço. Eles servem para que as equipes de manutenção e os serventes possam ir para onde precisam sem ter que interromper nada. Há uma conexão alguns metros adiante onde o corredor se divide em vários caminhos secundários.

— E um deles vai nos levar para a enfermaria?

— Sim.

— Mas você não sabe qual deles?

— Bom... não. Jim, meu foco nos últimos anos não foi memorizar a planta da estação.

Jim engoliu uma resposta, principalmente porque Valerian tinha razão.

— Talvez haja um mapa.

* * *

— Moleque maluco — murmurou Swann, enquanto trabalhava com Earl e Annabelle no plano de Horner. — As chances de isso dar certo são poucas ou nenhuma. Só alguém que não sabe nada de engenharia bolaria um plano desses.

O plano bolado pelo moleque maluco atualmente capitaneando a *Hipérion* era mesmo radical, mas Annabelle sabia que Rory o considerara factível, ou não teria concordado em perder tempo tentando. O coração dela ficara mais leve ao ouvir o plano. Qualquer coisa que pudesse proteger a *Hipérion* e a *Bucéfalo* era algo que valia a pena tentar. Ela ainda não conseguira falar com Travis para ter certeza de que ele estava bem, mas afastou o rosto dele dos pensamentos e se concentrou novamente no projeto atual.

Quanto mais olhavam para a situação, mais possível parecia.

— Bem, chefe, talvez nós devêssemos pedir mais ideias a pessoas que não sabem nada de engenharia — brincou Earl.

— Fecha essa matraca — rosnou Rory, mas sem maldade. Ele também estava começando a se sentir melhor. — Talvez isso *realmente* funcione...

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— Caramba, tem um mapa mesmo!

Jim não podia acreditar, mas quando ele e Valerian diminuíram o passo e seguiram cautelosamente pela entrada do corredor, viram um pequeno átrio no centro de uma área com uma redoma. O lugar era como o eixo de uma roda, com pelo menos cinco corredores, contando o deles, seguindo em várias direções. Havia três bancos, algumas plantas em vasos e uma pequena fonte borbulhando ao lado de um holograma da Estação Prometeu. Infelizmente, eles estavam muito longe e na pior posição.

— Bem, vamos tentar chegar lá sem sermos fuzilados — disse Valerian.

— A estação parece deserta — comentou Jim, colocando ênfase em "*parece*". — Eu acho que o pessoal da estação deve estar indo para as cápsulas de fuga nesse momento.

— É provável — respondeu Valerian. — Você vai na frente.

Jim fez uma careta, e Valerian sorriu. Então Jim suspirou e se adiantou. Ele realmente era mais experiente do que Valerian naquele tipo de coisa. Com a arma em posição, ele seguiu lentamente e deu uma olhada rápida pela quina do corredor. Preparou-se para os tiros e para

recuar imediatamente, mas nada aconteceu.

— Parece que está tudo limpo — avisou. Juntos, eles correram até o mapa holográfico.

Valerian tocou um pequeno botão na base e o holograma se reconfigurou, mostrando onde estavam.

— Esse é o corredor de onde saímos. O segundo à direita leva à enfermaria e a uma área não identificada. Provavelmente um laboratório secreto.

— Quantos laboratórios existem nesse lugar? — perguntou Jim, imaginando se conseguiriam localizar o pobre Egon. Esperando que pudessem encontrá-lo; e vivo.

— Vinte e sete — respondeu Valerian. — Eu sei o que você está pensando. Mas mesmo que tivéssemos certeza de que Egon foi levado a um laboratório, nós não temos tempo de...

— Primeiro Sarah — cortou Jim. — Vamos levá-la a um local seguro. Depois, Egon. Eu não deixo ninguém pra trás.

Valerian sorriu de modo estranhamente gentil.

— Então eu também não deixarei.

Jim assentiu, e eles dispararam pelo corredor em direção à enfermaria.

Narud estava na central de segurança principal da estação Prometeu, que era, no momento, o único lugar seguro para se estar. A sala era repleta de telas e luzes piscando, com sete guardas armados aguardando seu comando. Narud sabia que não poderia ficar lá. Precisava partir rapidamente, mas também precisava garantir que seus inimigos estivessem mortos. Eles não tinham tido a consideração de morrer quando deveriam, e agora estavam correndo pela estação.

Seus olhos estavam fixos no monitor que os mostrava no átrio 4. Era bem perto da central de segurança. Valerian e Raynor obviamente o seguiram. Ele se entristeceu um pouco. Planejara uma saída dramática, pensando que eles seriam mortos logo em seguida. Em vez disso, os dois viram a camuflagem.

— Enviem um destacamento atrás deles. Eu quero os corpos deles cravejados de metal. Eles não podem sobreviver, e esses malditos têm mais vidas do que muitos gatos por aí.

— Imediatamente, senhor — respondeu o chefe de segurança. — Vrain, Osgood, Warren, Mitchell, Tseng, vocês ouviram o Dr. Narud. — Os quatro homens e uma mulher assentiram e seguiram pela porta.

Quando saíram, Narud se inclinou para diante e pressionou um botão. Deu um pequeno sorriso. Seus guardas eram bons, mas ele decidira usar outra arma ainda melhor.

Vários metros depois da enfermaria, uma porta pesada e trancada com sistemas de segurança excessivos se abriu. Armas enormes, projetadas para estourar qualquer coisa que se movesse, foram desligadas.

E duas sombras, deformadas e grotescas, escaparam para o corredor.

— Nós ativamos... alguma coisa — alertou Valerian, arfando com a corrida. — Aquelas luzes... não estavam piscando... antes.

Considerando que havia um monte de luzes piscando e sirenes histéricas antes, Jim se perguntou como Valerian conseguira identificar luzes novas enquanto corriam a toda, mas decidiu acreditar no príncipe. Em vez de responder, ele apertou ainda mais o passo. Não iriam embora sem Sarah.

Então, de súbito, Valerian agarrou seu braço e o puxou para trás, e ele parou desajeitadamente. Jim se soltou e virou rapidamente, reclamando.

— Mas o que diabo...

— Você ouviu isso?

Jim olhou inexpressivamente para o príncipe.

— O quê? Os cinquenta e dois alarmes diferentes?

— Shh! — Aquilo era ridículo, mas Jim ficou quieto e se esforçou para ouvir o que quer que Valerian tivesse ouvido.

E ouviu.

Era um som mais agudo e alto, que era mais *sentido* que *ouvido*, e Jim

imaginou qual seria sua origem. Seu sangue gelou e ele se arrepiou.

Valerian piscou, chocado e aterrorizado.

— Eu sabia que Narud estava trabalhando neles — murmurou. — Mas ele disse que a pesquisa ainda era preliminar... Eu não imaginava que... — Como se tivesse acordado abruptamente, Valerian agarrou o braço de Jim.

— Híbridos — rosnou Jim.

— Corra — gritou Valerian.

— Espere um pouco, Sarah está lá e eu...

— Sarah vai sobreviver ou morrer sozinha, Jim — gritou Valerian. — E *nós* vamos morrer se não corrermos *agora*!

O som terrível se aproximava, penetrando o cérebro de Jim. De repente, o medo pareceu perfurá-lo como se o som atravessasse seu coração. O som/sensação vinha acompanhado de um ruído forte e sibilante que aumentava conforme a coisa se aproximava.

Jim se lembrou do híbrido e soube que Valerian estava certo. Então correu.

— Já acabou, Swann? — perguntou Matt.

— Você perguntou isso há dez segundos — rosnou a voz de Swann. — E a resposta continua sendo não.

Matt não respondeu. Swann estava fazendo o melhor que podia, o que já era muito, e ele sabia que seu pedido não era nada fácil. Mas a tela à frente se enchia de explosões enquanto, uma a uma, as naves lançadas pela *Bucéfalo* sem cobertura eram despedaçadas. Cada nave destruída doía mais do que seu braço ferido.

— Tudo bem, garoto, vamos botar pra quebrar — disse Swann. — Última chance de mudar de ideia.

— Vai! — ordenou Matt.

O enorme cruzador de batalha tinha estado em movimento, posicionando-se para atacar e defender conforme necessário. Agora, a *Hipérion* desacelerava e parava, como se à deriva no espaço. Matt sabia que quando Mengsk notasse aquilo, eles se tornariam o alvo principal em

vez da estação.

E ele contava com aquilo.

Dois segundos depois, o comunicador estalou. Por um momento terrível Horner pensou que Rory tinha calculado errado, atarantado com tanta coisa pra fazer em tão pouco tempo, e que agora estivessem mesmo à deriva no espaço.

Então Marcus gritou, empolgado.

— Senhor, está funcionando!

— Mude para a *Bucéfalo* — ordenou Matt.

Marcus obedeceu. Matt sentiu uma onda de alívio ao ver a aura azul envolvendo a *Bucéfalo* e os Miragens restantes. Swann, seguindo as ordens aparentemente insanas de Matt, transferira toda a força dos motores para os escudos. A força extra permitira que a *Hipérion* estendesse os escudos até a nave de Valerian e os caças. Mas a manobra não era sem custo. Não só a *Hipérion* estava encalhada até que a força voltasse aos motores como os escudos estavam muito mais fracos do que o normal. A energia era muito limitada, e quanto maior a área coberta, menos eficiente era a proteção.

Mas a manobra dera algum tempo para a *Bucéfalo* sitiada e os Miragens. Matt observou os caças, que até então não passavam de alvos fáceis, começarem a causar danos sérios nos adversários.

— Swann, funcionou! Você é um gênio! — gritou Matt.

— Pois é, vamos no lembrar disso da próxima vez que distribuirmos créditos — respondeu Swann. — Ah, e eu tenho mais um presentinho pra você. Em vinte segundos você vai poder falar com a *Bucéfalo* e, com sorte, com nosso caubói lá na estação.

A Hipérion estremeceu com um disparo que, agora, causava muito mais dano do que antes.

— Matt?

A voz de Jim Raynor poucas vezes foi tão bem-vinda quanto então, apesar da dificuldade de distingui-la dos assustadores barulhos no fundo.

— Senhor, o que está acontecendo?

— É uma longa história. — A voz de Jim estava cansada e entrecortada. Matt imaginou que deviam estar correndo ou lutando. — Como está a *Hipérion*?

— Ainda inteira, senhor, assim como a *Bucéfalo*. Nossa comunicação com eles acabou de voltar, e a *Bucéfalo* não consegue abrir fogo. Estamos defendendo as duas naves.

— Você não vai conseguir aguentar por muito mais tempo. — Fora uma afirmação, não uma pergunta. — Valerian está falando com a *Bucéfalo*. Vocês não vão sobreviver se ficarem esperando retardatários.

— Senhor, você, Valerian, Egon e Kerrigan não são retardatários comuns. Saia da estação e nós...

O console explodiu numa nuvem de faíscas. Cade recuou, levantando os braços para proteger o rosto. Houve um zumbido quando os sistemas de reserva se ativaram.

— Matt, isto é uma ordem. Se nós escaparmos da estação, encontraremos um jeito de chegar até vocês. Mas você e a *Bucéfalo* estão levando uma surra.

Houve um novo som acima do retinir de metal. Tiros. E um gemido agudo que Matt reconheceu imediatamente com medo e abjeção. Por um momento tenso, Jim não falou mais nada.

— Comandante?

— Nós estamos bem — respondeu Jim, arquejando, mas sua voz o desmentia. Ele estava vivo, mas definitivamente não estava bem. — Você precisa dar o fora daí com meus Saqueadores, Matt. Milhares de vidas são mais importantes do que qualquer indivíduo. Você é o líder dos Saqueadores agora. Precisa ficar vivo para que eles continuem.

— Senhor, eu...

— Não deixe que eu morra por nada, Matt. Se não, eu volto para te assombrar; juro que volto!

Matt não conseguiu rir da piada. Jim estava certo. Se continuassem lá, Mengsk e sua frota destruiriam os dois cruzadores e a estação. Ele eliminaria seu maior inimigo e tudo o que Jim fizera para resistir a ele. Haveria algumas células sobreviventes, mas Matt sabia que a rebelião

morreria se ele continuasse a lutar.

Parecia não haver outra opção senão bater em retirada. E deixar Jim, Valerian, Sarah e Egon sozinhos.

— Jim?

— Vá, Matt, agora!

Matt fechou os olhos por um momento.

— Faça contato com a *Bucéfalo* — ordenou, com a voz angustiada. — Diga a eles que estamos dando o fo...

Antes que pudesse terminar a frase, a *Hipérion* recebeu um impacto. A nave balançou violentamente, e tudo ficou escuro.

As coisas estavam chegando mais perto. É claro que estavam. Eram monstruosidades híbridas de protoss e zerg, coisas que nunca deveriam ter existido fora de pesadelos. Jim estava certo de que as criaturas estavam brincando com eles, o que o fez odiá-las ainda mais.

Um movimento à frente chamou sua atenção.

— Merda — exclamou ele. — Guardas! Atire!

— Mas os híbridos...

— Agora!

Os guardas eram profissionais treinados, e Jim e Valerian eram seus alvos. Mas eles também eram humanos, e Jim sabia o que faria se tivesse que escolher entre dois humanos correndo na direção dele e... quantas fossem as criaturas.

Isso daria a ele e Valerian uma chance.

E, como previsto, os guardas nem olharam para eles. Estavam encarando espantados os híbridos correndo atrás dos dois homens. Estavam com as armas apontadas e as descarregavam mais ou menos um metro acima da cabeça de Jim. Jim e Valerian atiraram, e os guardas caíram. Sem diminuir o passo, Jim saltou sobre os corpos ainda agonizantes e continuou a correr. Ele ouviu os híbridos pararem e os sons indescritíveis de armaduras sendo despedaçadas e pele rasgada. Os guardas lhes deram algum tempo.

Jim sabia que não devia olhar para trás, mas não se conteve.

Foi um erro.

Havia dois deles. Eram enormes, ocupando o corredor inteiro, e tão diferentes quanto horríveis. Um parecia um inseto gigante, com seis pernas finas de protoss suportando um corpo angular. Dois apêndices, mesclas entre os braços de lâmina das mutaliscas e os membros protoss, trabalhavam freneticamente em um dos guardas, que não tinha tido a sorte de morrer rápido o suficiente. O híbrido o levantou, abriu a boca horizontalmente e deu uma grande mordida.

O outro era troncudo, com uma cabeça longa de protoss e mandíbula de zergnídeo. Havia uma grande protuberância óssea atrás de sua cabeça em forma de leque. Várias partes de seu corpo e do corpo do companheiro brilhavam com uma radiação azul.

Eles não se pareciam em nada com os híbridos de antes, nem um com o outro. Jim concluiu que eram os bichos de estimação de Narud.

— Ótimo — resmungou. — Cada um é um floquinho de neve único e especial.

Então, Jim ouviu algo ainda mais odioso do que os híbridos.

— Senhor Raynor. Meu filho rebelde. Meu colega, Dr. Narud garantiu que há uma certa frequência que acalma os híbridos e os deixa dóceis. E, é claro, eu posso chamar os guardas de volta. Tudo o que vocês precisam fazer é se entregar e aceitar a justiça da Supremacia, que julgará seus crimes. E — continuou Arcturus Mengsk — entregar a cadela da Sarah Kerrigan.

Valerian puxou o braço de Jim com força, tirando-o de seu estado horrorizado.

— Vamos! — gritou Valerian. — Não vamos deixar que ele vença!

Híbridos à solta, Narud fugido, Sarah encurralada, a *Hipérion* danificada e sofrendo um ataque devastador...

Jim pensou que talvez Arcturus Mengsk já tivesse vencido.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

— Tudo o que vocês precisam fazer é se entregar e aceitar a justiça da Supremacia, que julgará seus crimes. E entregar a cadela da Sarah Kerrigan.

Sarah parou tão abruptamente ao ouvir aquela voz desprezível que Egon quase trombou com ela. Ficou com os músculos tensos de ódio, a respiração rápida e intensa. No instante em que a estação começou a ser atacada ela soube quem estava por trás de tudo, mas ouvir aquela voz novamente depois do que pareceram anos, tanto tempo depois de tudo o que acontecera...

— Pessoal...? E a evacuação?

Os zergs cercando-a enquanto ela se virava para enfrentá-los.

Seu corpo sendo retorcido e moldado dentro da crisálida.

E o pior de tudo, a felicidade que sentira ao matar, depois de se tornar a Rainha das Lâminas.

A felicidade de matar uma mãe na frente da própria filha... e depois a menina, segundos depois, assim como todos os que tentaram ajudá-la.

Tudo isso era culpa dele. Tudo.

E agora ele estava vindo atrás dela.

Sarah curvou a cabeça para trás, soltando um grito sem palavras, contorcendo o corpo em ódio e agonia, com os punhos fechados com

tanta força que suas unhas deixaram crescentes rubros nas palmas das mãos.

Não. Mengsk não estava vindo atrás dela. *Ela* estava indo atrás *dele*.

— Ahm, Sarah? — A voz de Egon atrás dela parecia preocupada e bastante amedrontada. Ela o ignorou.

— Mengsk! — gritou com toda a força. Ela quase podia ver a própria garganta, rouca e sangrando. Sarah sabia que Mengsk estava simplesmente transmitindo sua voz pela estação, sem se preocupar com as consequências. Maldito arrogante. Falando só para ouvir a própria voz. — Você não terminou o trabalho! *Você me deixou viva!*

Ela sentia o ódio dentro de si, fervendo feito lava ansiosa por explodir. Era quente, violento e doce, e ela fechou os olhos, deixando-se dominar. Que venha. Que a energize. Que sirva para destruir seu inimigo.

De repente, tudo ficou claro. Ela abriu os olhos e se sentiu como um cego que enxerga pela primeira vez. Sarah conseguia sentir as ondulações no ar, o coração de Egon — acelerado e assustado como o de um coelho — como se estivesse com o ouvido colado ao seu peito. Lambendo os lábios, ela podia sentir até o gosto da estação.

E de repente, ela sabia exatamente a posição dos soldados inimigos à frente.

Sarah começou a correr. Ela sentia os pulmões absorvendo o ar, oxigenando o sangue, sentia o sangue renovado correndo pelo corpo. Uma máquina perfeita, funcionando melhor do que nunca.

Havia oito soldados logo na esquina. Trajando armaduras completas, andando rapidamente e carregando em seus braços metálicos armas quase do tamanho dos homens que deviam eliminar.

— Mengsk! — gritou Sarah. — Mengsk, veja isso!

Ao primeiro som, eles se viraram e levantaram as armas.

Não chegaram a disparar um único tiro. Os visores dos capacetes se inundaram de sangue e eles caíram onde estavam.

Sarah ignorou os gritos de terror de Egon e continuou em frente.

— Senhor? — Marcus Cade observava Matt atentamente. — Devo chamar um médico? O senhor está bem?

— Por quanto tempo fiquei desacordado? — perguntou Matt. Colocou a mão na cabeça dolorida e sentiu algo úmido. Havia batido com o braço machucado também, e estava doendo muito.

— Só alguns segundos.

— Então estou bem — respondeu Matt. — Temos coisas mais importantes para nos preocupar. Como está a nave?

Cade fez uma careta.

— Está bem mal. Rory não está nada feliz. Não estamos indo bem, senhor.

Matt assentiu e ligou o comunicador.

— Swann, você conseguiu transferir a força de volta para os motores?

— Consegui. Foi bem mais fácil do que fazer o contrário.

— Como está nossa mobilidade?

— Não vamos poder sair dançando loucamente em zigue-zague pela galáxia, mas pelo menos podemos nos mexer.

Pelo menos, pensou Matt, a *Hipérion* e a *Bucéfalo* poderiam distrair Mengsk e atraí-lo para longe da estação. Talvez Jim conseguisse encontrar uma nave e escapar.

Às vezes, é necessário contar pequenas mentiras para si mesmo.

— Cade, dispare mais uma salva direto contra a *Estrela Branca* e depois vamos voltar por onde viemos. Vaughn, está me ouvindo? Seu navegador está pronto?

— Rawlins já estabeleceu a rota, e nosso engenheiro acabou de informar que os motores voltaram a funcionar, apesar de danificados — respondeu Vaughn. — Nós podemos ir com vocês, *Hipérion*. Só não sabemos até onde.

— Entendido. Fiquem prontos. Marcus, abra fogo ao meu comando. — Ele pressionou um botão. — Aqui é o capitão Horner. Todas os caças devem retornar para a *Hipérion* e para a *Bucéfalo* imediatamente. Nós vamos sair daqui agora.

Ele observou as naves disparando ainda por um instante, e depois

retornando rapidamente.

— Mas o que... Senhor, uma das naves saiu de formação e está indo direto para a *Estrela Branca*!

Matt se aproximou.

— Quem está naquela nave?

Cade verificou rapidamente.

— Hum... é o Cooper, senhor.

— Cooper, do bar?

— Ele mesmo. Parece que apareceu dizendo que queria ajudar e que sabia voar e lutar.

— Isso é... bem nobre, mas é melhor ele voltar — disse Matt. De fato parecia nobre, e Matt Horner nunca negaria a alguém uma chance de mostrar coragem.

— Coloque ele na linha.

Cade acenou positivamente, e Matt falou:

— Coop, aqui é Matt. Você não pode fazer muita coisa contra essa nave. Volte. Nós vamos dar o fora daqui.

Silêncio.

Matt franziu a testa. Alguma coisa estava errada. Por que Cooper não estava respondendo?

— Ele está me escutando?

— Sim, senhor.

Alguma coisa o incomodava naquilo. Ele se moveu um pouco, seu braço machucado latejou e então a ficha caiu. Ele, Jim e Valerian presumiram que alguém da equipe de Mira os havia traído. E é claro que isso era verdade. Mas Crane e os outros não estavam sozinhos. Eles sabiam demais. Mais do que poderiam saber simplesmente ouvindo Mira.

— Vou sentir falta dos *mai tais* — murmurou Matt. *Mas não da traição.*

— Senhor?

— Deixe-o ir. É uma morte melhor do que ele merece.

Marcus olhou para ele, sem entender nada.

— Eu explico depois — declarou Matt.

— Senhor, ele é um Saqueador! Nós não podemos simplesmente...

— Essas são as minhas ordens, Marcus. E não. Ele não é um Saqueador. Não mais. Todos os outros já chegaram?

— Sim, senhor. — Marcus ainda parecia infeliz, mas conhecia Matt e confiava nele. Não protestou mais.

— Então vamos dar nosso tiro de adeus na *Estrela Branca*.

O último ataque do canhão Yamato deixou sua marca. Matt observou as chamas fulgurantes antes de dar a ordem final.

— Vamos embora. — Matt não se envergonhou de sua voz ter falhado na última palavra.

Os propulsores dianteiros da *Hipérion* se ativaram, e a enorme nave começou a se mover para trás. Por um momento, a *Estrela Branca* e as outras naves da Supremacia continuaram atirando de onde estavam.

— Vamos lá — sussurrou Matt —, vocês não vão nos deixar ir embora assim, não é?

Então a *Estrela Branca* começou a se mover. As outras naves, duas restantes, seguiram.

— Elas estão nos seguindo e se afastando da estação — disse Marcus, tentando evitar sorrir.

— Ótimo — respondeu Matt. — Agora só precisamos navegar por um dos campos de asteroides mais traiçoeiros com apenas vinte e cinco por cento dos escudos, metade dos motores e Arcturus Mengsk na nossa cola.

Sarah parou uma segunda vez, atordoada com o que sua mente havia captado.

Zergs!

Sentimentos de proteção e horror se uniram dentro dela. No instante seguinte, ela ficou confusa.

Protoss?

Eles a sentiram também, e não houve reconhecimento ou afeição. Somente fome, ódio e instinto assassino. Então, duas outras presenças passaram por sua mente. Jim! Ela o encontrara! Ele estava vivo, mas as

emoções corriam intensamente por ele: medo, preocupação, determinação, ódio.

Eu não vou deixá-la sozinha contra essas... coisas.

— Jim — suspirou Sarah.

— O comandante ainda está aqui? Ele está vivo? — A voz de Egon era bem-vinda. Os pensamentos rubros de ódio dos híbridos e as emoções intensas de Jim quase se uniram, ameaçando atordoá-la. Porém, Sarah voltou ao presente, no qual seus próprios pensamentos carregados de ódio eram a única coisa forte o suficiente para sustentá-la.

Havia uma porta à frente; um retângulo simples que não se abria feito uma íris de câmera como a maioria das portas que eles viram na estação. Jim, sem fôlego, simplesmente apontou. Se conseguissem chegar rápido, poderiam passar e destruir os controles do outro lado.

Se conseguissem chegar rápido.

A esperança, afiada como uma faca, impulsionou os dois homens. Jim nem olhou para trás a fim de ver onde estavam as criaturas. Ou eles chegariam, ou não. Os pulmões e as pernas queimavam devido ao exercício forçado. *Me carreguem até lá, só isso. Nós podemos voltar depois para encontrar Sarah.*

Eles passaram pela porta e pararam tão abruptamente que quase caíram. Jim se virou, suor escorrendo pelo corpo, e percebeu que tinham sido rápidos o suficiente. Correu até o painel e bateu nele com força.

Nada aconteceu. O painel fora desativado. Narud e Mengsk tinham tomado todas as precauções para garantir que não escapariam vivos.

Jim gritou enfurecido. Não com medo, nem com tristeza, mas com pura fúria. Movendo-se aos trancos, com os membros tremendo por causa do esforço excessivo, ele levantou o rifle e começou a atirar. Ao lado dele, sem dizer nada, Valerian fez o mesmo.

Era inútil. Mas ele tinha que tentar. Os híbridos nem piscavam enquanto seguiam em frente, salivando e farejando suas presas, ansiosos pelo abate.

A protuberância óssea atrás da cabeça do híbrido mais baixo de

repente rachou ao meio. Assim como o crânio abaixo dela. O monstro tremeu e tombou. Para choque de Jim, o cérebro da criatura... *estourou*. Como se um botão tivesse sido desligado — e talvez tivesse sido, de certo modo. A luminosidade azulada no corpo da criatura se apagou instantaneamente.

Mas o segundo híbrido ainda estava vivo, e furioso pela morte do companheiro. Mais rápido que qualquer outra criatura daquele tamanho, ele se virou sobre as seis pernas esguias para encarar o oponente. A mandíbula da criatura se abriu e ela emitiu um grito de desafio. A arma de Jim caiu ao chão e seu rosto se contorceu de agonia. Ele tapou os ouvidos com as mãos, mas não adiantou. Seus olhos se fecharam por conta própria.

Uma mão balançou o ombro dele.

— Jim, veja!

Ele abriu os olhos e sentiu, em intensidades iguais, horror e felicidade.

Sarah!

Vestida apenas com um macacão comum, ela era quase mais assustadora do que o híbrido que enfrentava. Jim vira todo tipo de expressão no rosto dela: ironia, humor, irritação, fúria, amor. Mas nada parecido com aquela expressão. Nem mesmo no rosto da Rainha das Lâminas.

Naquele momento, Sarah Kerrigan não era mais amante, amiga, fantasma ou mutante zerg.

Ela era o que Arcturus Mengsk certa vez dissera: um anjo vingador.

Ela não usava armas, nem precisava. Jim observou enquanto ela se movia mais rápido do que se podia enxergar. O híbrido foi na direção dela, lançando um terrível grito psiônico, e os braços de foice golpearam, brilhando com a fraca luz azulada. Ela seria despedaçada. Mas Sarah já não estava mais lá. Ela saltou, deu uma cambalhota e caiu nas costas da criatura. Ficou lá por menos de um segundo, mas foi o suficiente. Segurando uma perna da criatura com cada mão, ela deu um grito de fúria e arrancou os membros facilmente. Uma horrenda gosma esguichou

dos tocos que restaram. Sarah arremessou os membros para o alto enquanto saltava das costas da criatura. Como se fossem dardos, os apêndices se cravaram no pescoço da criatura. Ela gemeu e seus membros restantes bateram espasmodicamente contra o chão. Sangue azulado escorria das feridas, brilhando fracamente.

Sarah saltou novamente, caindo na frente do monstro. Satisfeita, achando que teria uma oportunidade, a criatura estendeu a cabeça. A boca se abriu o suficiente para engolir a cabeça de Sarah. Em vez de esquivar para trás, Sarah segurou cada mandíbula com uma mão e puxou, com um grito de ódio.

Ouviu-se um barulho terrível, e Sarah terminou o trabalho. Como um inseto moribundo, a coisa se debateu, contorceu-se e gritou, com as pernas sacudindo para todos os lados. Então, finalmente, a criatura parou.

Silêncio.

Sarah ficou parada, segurando um pedaço da mandíbula em cada mão. Ela olhou para a coisa, respirando forte. Seus olhos não piscavam.

— Sarah?

Nenhuma resposta.

— Amor... está tudo bem. Você acabou com eles. Estão mortos.

Ela piscou e virou a cabeça lentamente na direção dele. Havia sangue, gosma e pedaços de cérebro por toda sua roupa. Seu rosto relaxou quando viu o dele, mas ficou tenso novamente ao reconhecer Valerian.

— Mengsk — disse ela, com uma voz áspera e furiosa, e começou a caminhar lentamente na direção de Valerian com determinação aterrorizante.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— Sarah, não!

Ignorando o risco que ele próprio corria, Jim correu e segurou o braço de Sarah.

Ela se virou para ele, com os olhos verdes em chamas.

— Ele é um Mengsk, Jim! Não podemos confiar nele!

— Do mesmo jeito que não se pode confiar em telepatas? — rebateu Jim, com os olhos fixos em Sarah, vagamente ciente de que Egon havia corrido para ajudá-lo e que Valerian não havia mexido nem um dedo. — Do mesmo jeito que não se pode confiar em foras da lei?

— Você sabe o que quero dizer. Me largue!

— Não, não vou largar. Não vou deixar você fazer isso pra se arrepender depois.

— Comandante — comentou Egon, hesitante — alguma coisa aconteceu quando ela ouviu a voz de Mengsk... Eu não tenho certeza se... se...

— Não tem certeza se ainda sou eu, Egon? — respondeu Sarah, enfurecida. — Ah, sim, sou eu mesma.

— Então você não quer matar esse homem — disse Jim. — Ele não é como o pai. E já provou isso várias vezes.

— Mas não pra mim.

— Então você vai ter que confiar em mim desta vez, não é mesmo?

Jim tentou lembrar-se de tudo o que Valerian havia feito. Todas as promessas que ele cumprira e os perigos que enfrentara. O garoto certamente havia puxado ao pai, mas era dono de si mesmo. O olhar de Sarah se fixou nos dele, e Jim soube que ela estava lendo seus pensamentos. Por um segundo ele pensou ter visto lágrimas nos olhos dela, e então Sarah se virou para Valerian. Jim deduziu que ela estava lendo os pensamentos dele. O rosto dela relaxou levemente.

— Não — disse ela. — Você não é Arcturus. Pelo menos ainda não.

— De você, Srta. Kerrigan, eu aceito qualquer sinal de simpatia — respondeu ele, com um sorriso forçado.

Jim dirigiu-se a Egon.

— Estou vendo que Sarah encontrou você — comentou. — Fico feliz que esteja vivo.

— Eu também — respondeu Stetmann. Ele olhou para Sarah com uma expressão intrigada, e Jim se perguntou o que exatamente o jovem cientista teria visto quando Sarah ouviu a voz de Mengsk no alto-falante. Jim bateu no ombro do rapaz, trazendo-o de volta à realidade, então caminhou em direção a Sarah. Limpou carinhosamente uma mancha de alguma coisa roxa no rosto dela.

— Obrigado, Srta. Kerrigan. Você chegou na hora certa! — exclamou Valerian.

— E nós não temos muito tempo — disse Jim.

— É, não temos — concordou Sarah, virando um dos cadáveres híbridos com o pé. — Mengsk quer ter certeza absoluta de que nenhum de nós sairá vivo desta estação. Além de abrir fogo contra a estação e fazer Narud libertar os bichos, ele mandou alguns soldados para nos rastrearem. Eu passei por oito deles e tenho certeza de que há mais.

Egon ficou pálido e olhou para o chão. Jim não precisou perguntar o que Sarah fizera com os soldados.

— Bom, então é melhor não demorarmos mais. Vamos para o hangar.

— E vamos rezar para que pelo menos uma nave ainda esteja por lá

— comentou Valerian.

— Não — interrompeu Sarah. — Ainda não. Nós precisamos pegar o artefato. É perigoso demais deixá-lo nas mãos de Narud. Ele não pode escapar com isso.

Todos resmungaram, mas ninguém protestou abertamente. Todos sabiam que ela estava certa.

— Egon — disse Jim —, você sabe para onde podem tê-lo levado?

— A Dra. de Vries não estava realmente interessada em me dizer coisas úteis — respondeu ele. — Só queria me manter fora do caminho. Eu não sei nada sobre isso.

— Eu sei — exclamou Valerian. — Sei exatamente onde deve estar guardado.

— Você precisa olhar o mapa outra vez?

— Não — respondeu ele, com um sorriso. — Não está no mapa. Vamos!

— Por quanto tempo você pretende continuar com isso, garoto? — perguntou Swann.

— Pelo tempo que for necessário — respondeu Matt.

A *Hipérion* e a *Bucéfalo* estavam tomando uma surra. Seria impossível manter aquela situação por muito tempo. Estavam tentando ganhar tempo, já que era tudo o que podiam fazer. Jim não fazia ideia do quão avariadas estavam as naves quando deu a ordem. Ele...

Matt piscou. Era uma escolha arriscada, mas qualquer coisa naquele ponto seria arriscada. Não havia uma escolha segura.

— Ponha Vaughn na linha — ordenou.

— Vaughn na escuta — respondeu uma voz exausta e tensa.

— Eu tenho um plano — declarou Matt. — Você vai fazer o seguinte...

Cinco minutos depois, estava tudo pronto para o plano de Matt.

— Você pode acabar afogando os motores com uma manobra dessas — alertou-o Swann.

Mas Matt sabia que era a única opção com a qual poderia viver. Ou

morrer tentando.

— Todos prontos?

Um coro de *"sim, senhor!"* ecoou, e Matt respirou fundo.

— Vaughn, mantenha-os ocupados.

— Farei isso, Horner.

— Certo. Cade... salte!

— Mas o que... Senhor, nós perdemos a *Hipérion* — disse um navegador muito nervoso a bordo da *Estrela Branca*.

— Como assim "perdemos"?

Mengsk deu um passo à frente, movendo-se ameaçadoramente.

— Senhor, ela simplesmente... sumiu. Sem deixar rastros. Eles devem ter saltado.

— Saltado? Para onde? Nós estamos no meio de um cinturão de asteroides. Um salto aqui seria suicídio. Timoneiro, mantenha a *Bucéfalo* na mira. Isto deve ser algum truque. Varley, descubra para onde eles foram.

— Sim, senhor.

O navegador continuou digitando, buscando imagens e tentando encontrar uma resposta para o imperador. Então ele parou, atônito.

— Ahm, senhor... Eles saíram do salto. E... e parece que eles saltaram... para trás de nós!

Valerian parecia saber onde estava indo. Aparentemente, ele estava mais familiarizado com a localização do laboratório supersecreto do que com a da enfermaria. Jim concluiu que isso não deveria ser uma surpresa.

O laboratório ficava bem no centro da estação. Enquanto desciam por uma escadaria que parecia infinita (*"É melhor nem tentarmos os elevadores"*, dissera Valerian), o som da surra que a Estação Prometeu estava levando ficava mais distante. Valerian se manteve à frente. Estavam com sorte, pois ao que parecia, Narud não lembrara de bloquear o acesso de segurança máxima de Valerian. Sarah seguiu caminhando ao lado dele, impaciente. Jim e Egon mantinham a retaguarda. O cientista, apesar de

jovem, parecia exausto.

— Você precisa se exercitar mais — comentou Jim.

— É... parece que... sim — respondeu Egon. O rosto dele estava completamente vermelho. Depois de percorrerem mais um corredor, Valerian diminuiu o passo.

— É aqui — declarou ele, colocando a mão em um sensor. O equipamento leu suas impressões digitais, o padrão de voz e a retina.

A porta se abriu, revelando uma sala escura.

— Luzes — disse Valerian. Quando a sala se iluminou, eles se viram em uma plataforma. Vazia.

— Chegamos tarde demais — esbravejou Sarah. — Ele pegou. Ele *pegou o artefato*!

Valerian estava abismado.

— Por minha causa — lamentou ele. — Eu entreguei essa arma a ele. E agora...

— Pare de se lamentar, Valerian — gritou Jim. — Narud roubou o maldito artefato. O que você fez foi dar uma chance a Sarah de voltar a ser humana. E salvou a minha pele mais de uma vez.

— Nós ainda podemos impedi-lo — comentou Sarah. Seu olhar parecia distante. Ela não estava ouvindo, nem com os ouvidos nem com o cérebro, o que eles estavam dizendo. — Só há uma saída daqui. Foi um erro vir pra cá. Nós deveríamos ter ido direto para lá e tentado pará-lo! — Ela parecia furiosa, mas Jim sabia que a raiva era dirigida contra ela mesma e seu erro de cálculo.

— Então vamos voltar para lá, amor — respondeu Jim. Assim que as palavras saíram de sua boca, ele ouviu o comunicador.

— Comandante?

— Matt? — respondeu Jim, e fez uma careta. — Eu não disse pra você dar o fora daqui?

— Eu fiz isso, e depois voltei.

O grupo já havia dado meia-volta e estava correndo na direção contrária.

— Esse não era o plano.

— Bom, agora é. Nós estamos tentando dividir a atenção das forças da Supremacia. A *Bucéfalo* está sendo perseguida por dois cruzadores. A *Estrela Branca* provavelmente vai entender o que eu fiz e me perseguir. E é melhor vocês todos estarem a bordo antes que isso aconteça.

— Tudo bem — respondeu Jim. — Estamos voltando para o ancoradouro agora mesmo. Nos vemos lá.

Agora todas as escadas subiam. Egon não reclamou, mas Jim estava com medo de que ele fosse desmaiar. Mas não havia nada a fazer, não havia tempo para recuperar o fôlego nem fazer nada além de correr e rezar para que não fosse tarde demais.

Sarah seguia à frente, imprimindo um ritmo quase impossível para todos os outros, subindo dois degraus por vez. Quando estavam prestes a entrar em outro corredor, ela sinalizou para que ficassem quietos e descessem novamente. Jim concluiu rapidamente que vários soldados estavam prestes a aparecer.

— Escondam-se sob as escadas — sussurrou ele para Valerian e Egon. Eles obedeceram rapidamente. Jim esperou que Sarah se juntasse a eles, quando se deu conta, tarde demais, do plano dela.

Ele ouviu o som da carnificina antes de ver. O som inconfundível de tiros de rifle ricocheteando nas paredes ecoou pelas escadarias. Sarah gritou palavras indistintas, seguidas de um grito humano terrível, que cessou bruscamente. Jim e os outros subiram as escadas correndo com as armas em punho e então estacaram. Nem Jim nem Valerian queriam atingir Sarah, mas ela se movia tão rapidamente que era impossível atirar com segurança. Dois dos soldados — usando armaduras — já tinham caído. Jim não conseguiu ver seus rostos, pois as viseiras estavam sujas de sangue. Outro soldado atirava desesperadamente quando Sarah subiu em seus ombros e alcançou a trava de emergência da armadura. O homem caiu, mas Sarah já estava atacando outro soldado no momento que ele tocou o chão. Ela arremessou o soldado pelas escadarias. Jim chegou a sentir pena deles.

Restava apenas uma soldado. Sarah virou-se, com os punhos fechados, e gritou palavras ininteligíveis. A cabeça da mulher explodiu e

a armadura tombou.

Sarah virou-se para encarar Jim. Os tentáculos que lhe serviam de cabelo estavam se movendo, quer seja pela atividade física intensa ou por vontade própria. Jim não sabia nem queria saber. Ele engoliu seco. Valerian e Egon não disseram nada.

— O que vocês estão olhando? — questionou Sarah. — Vamos, precisamos impedir Narud! — Ela partiu correndo.

Jim tentou bloquear seus pensamentos, mas sabia que seu horror e constrangimento diante do massacre não seriam completamente contidos. Sua única esperança era que ela estivesse mais concentrada em defender-se de mais soldados do que em ler sua mente.

— Você acha que conseguiremos pará-lo? — perguntou Egon enquanto eles atravessavam a porta.

— Eu acho que Sarah consegue parar quase qualquer coisa — respondeu Valerian. — E ela saberia se ele já tivesse saído da estação.

Jim estava envergonhado por não ter pensado nisso antes.

O gemido dos alarmes e o som das naves atacando a estação eram só ruído de fundo para ele agora. Seu foco era Sarah, que passava correndo pelas portas e saltava pelos destroços com um equilíbrio assustadoramente gracioso, enquanto o resto do grupo lutava desajeitadamente para avançar.

Eles estavam quase no ancoradouro quando ela parou e gritou:

— Não! Não! Ele está escapando!

Era difícil acreditar que apenas algumas horas atrás Jim, Egon, Sarah e Valerian estavam chegando à base pela ponte móvel com atmosfera própria e atracando na incrível Estação Espacial Prometeu. Parecia ter se passado um século. Todos seguiram Sarah até a porta, onde ela parou repentinamente, virando o rosto para pensar e escutar pensamentos. Todos pararam ao seu lado, recuperando o fôlego. Jim e Valerian prepararam os rifles. Jim concluiu que todos haviam aceitado tacitamente que Sarah seria a líder do grupo.

— Ele ainda está aqui, mas nós vamos precisar lutar — declarou ela. — Estão todos prontos?

Ela olhou para cada um deles. Todos, inclusive Stetmann, assentiram. Sarah virou-se para a porta e pressionou o controle.

A porta abriu-se para o inferno.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Antes mesmo de saber contra o que lutavam, Jim já investia aos berros, dedo pregado no gatilho. Quando descobriu, contudo, não desacelerou. Não faria sentido.

Um veículo aguardava ao fim da rampa, para onde rumavam quatro soldados que manobravam a caixa contendo o artefato. Narud já estava a bordo, acenando para que os outros se apressassem. Entre eles e o artefato havia pelo menos um milhão de soldados.

E um híbrido.

A coisa investiu contra Sarah, que respondeu avançando em sua direção, ambas reconhecendo uma a outra como a maior ameaça no campo de batalha. Sem pernas, a criatura coleava com uma velocidade surpreendente, usando apenas a cauda que substituía os membros inferiores. Asas perturbadoramente semelhantes às da Rainha das Lâminas estenderam-se da estranha silhueta e dois pares de pinças se espicharam, grandes o suficiente para partir Sarah ao meio se a agarrassem.

Mas não agarraram. Ela saltou agilmente para longe, como uma ginasta em uma competição onde o prêmio era a vida, e pousou com suavidade felina. Estendendo um dos braços, Sarah fez com que o

híbrido cambaleasse para trás, cobrindo a cabeça com duas pinças antes de investir novamente.

Jim, Egon e Valerian se concentravam nos humanos. A larga passagem era totalmente desprovida de cobertura. O caos e a surpresa eram tudo o que tinham a seu favor — além da batalha entre Kerrigan e o híbrido, feroz o suficiente para distrair até mesmo os soldados aparentemente ressocializados. Era impossível permanecer indiferente: os gritos da criatura, psiônicos e audíveis, preenchiam o ar. Os fugitivos tinham alguma vantagem, por conhecerem os híbridos e a maneira como combatiam, mas os soldados jamais haviam visto um.

Na verdade, essa era a única vantagem que tinham. Sarah sabia disso. Enquanto Jim e Valerian atiravam, corriam e atiravam outra vez, ela saltava e mergulhava para *manipular* o híbrido, brincando com ele e lançando-o contra Narud e seus aliados.

Jim não conseguia ouvir o cientista em meio à cacofonia da batalha, mas viu que o artefato estava prestes a ser carregado para dentro do veículo. Sarah também viu. Angustiada, ela encarou Narud e parou por um instante.

— Sarah! — gritou Jim.

O híbrido, aproveitando-se da distração momentânea, baixou a pinça na direção dela. Sarah conseguiu evitar o golpe no último segundo com um salto, mas não sem um custo — um pedaço de sua coxa se rasgou e abriu.

No mesmo instante, Jim sentiu um espinho de metal entranhar-se em seu braço, e berrou de dor. Mesmo com o braço semidormente ainda era possível apontar a arma, e ele continuou a atacar.

Era inútil. Jim sabia. Todos sabiam. Os inimigos eram muitos — pelo menos quatro para cada um deles —, suas armas eram visivelmente superiores e Sarah não podia ajudar com os soldados.

Diabo, todo mundo vai morrer um dia. Esse jeito não parece pior nem melhor do que qualquer outro, pensou Raynor.

O veículo fechou as portas e decolou. Eles haviam falhado em impedir Narud. Tudo o que restava agora era livrar a galáxia de mais um

híbrido e levar com eles o máximo dos soldados de Mengsk que pudessem.

Então, inesperadamente, chamas iluminaram o céu acima da Estação Espacial Prometeu. Quando olhou para cima, Jim abriu um sorriso satisfeito. O transporte de Narud estava sendo atacado.

A *Esplendor*, um módulo de transporte da *Hipérion*, estava no comando. Como Swann tinha conseguido modificar um módulo para carregar armas em tão pouco tempo era uma pergunta que Jim não sabia responder. Naquele instante, ele nem se importava.

— Valeu, Swann. Você também, Matt, seu desgraçado teimoso — murmurou Jim.

Ver a nave reanimou seu corpo abatido. Pelo canto do olho ele notou que Valerian e Egon também sorriam como idiotas. Provavelmente o destino deles já estava selado, mas algo havia mudado. Em um minuto, as esperanças se renovaram.

A *Esplendor* atirava furiosamente contra a nave de Narud, mas o transporte já estava fora do alcance. Jim viu um clarão, e o transporte sumiu. Então houve outro clarão e Jim sentiu o coração afundando tão rápido quanto suas esperanças tinham se reacendido segundos antes.

A *Estrela Branca*.

Mas os Saqueadores a bordo do módulo de transporte pareciam mais otimistas que seu líder. Em vez de se defender do cruzador de batalha, a pequena nave se concentrou na ameaça mais imediata. Sarah, prevendo o que planejavam, saltou o mais longe que pôde no exato instante em que o módulo transformou o híbrido em uma pasta. Em seguida, o módulo começou a dizimar os soldados.

— Vamos, agora! — bradou Jim.

Valerian e Stetmann pareciam ávidos por obedecer, mas Sarah não se moveu. Imóvel, coberta de vísceras e sangue híbrido, ela apenas cerrou os punhos. Subitamente, uma emanação se propagou em todas as direções, derrubando os inimigos como dominós. Uma passagem surgiu entre a plataforma e o módulo de transporte, pavimentada com destruição e partes humanas. Vacilante, Sarah permaneceu parada um

instante e então desabou pesadamente.

Jim largou a arma e correu para ela. Enquanto Valerian e Egon rumavam para o transporte, Raynor carregava Sarah como podia pela trilha macabra aberta por ela, mordendo os lábios para suportar a dor no braço. Com a rampa baixada, as mãos dos companheiros estenderam-se para trazê-la para dentro e ajudar Jim, que caiu precariamente no assoalho e foi puxado por Valerian.

A rampa ergueu-se, e o piloto decolou imediatamente, antes de todos se acomodarem. Jim desabou num dos assentos, enquanto Valerian e Egon lutavam para alcançar os dois ao seu lado.

— E Sarah? — perguntou Jim à médica, Lily Preston.

Nos bancos ao lado dela, duas figuras permaneciam na mesma posição. Uma era Sarah, absolutamente imóvel. A outra, que Jim só conseguiu ver quando Lily saiu para ocupar seu lugar, era Annabelle Thatcher.

— Por favor, diga que não… — suspirou Jim.

— Sarah está inconsciente — respondeu Preston. — Mas parece estar bem, apesar de exausta.

Jim assentiu, grato pelas boas notícias e, ao mesmo tempo, com o estômago revirado pelo que acontecera a Annabelle. Os olhos cor de mel da engenheira permaneciam vazios, arregalados. Sangue escorria de seus ouvidos, nariz e boca, desenhando fios carmesins em seu rosto. Nada mais sugeria que ela estivesse ferida.

Preston não precisou falar, mas Jim falou para si mesmo de qualquer jeito: *O ataque aos soldados que Sarah não conseguiu controlar. O ataque fritou o cérebro da Annabelle… Droga, Annabelle, eu sinto muito. Eu sinto tanto...*

Annabelle estava no fundo da cabine, mais próxima da área de efeito do ataque psiônico de Sarah. Um painel aberto nos fundos deixava entrever luzes e cabos. Provavelmente ela trabalhava em algo quando…

— Por que diabos ela estava logo *aqui*, maldição? — vociferou Jim, com a voz encharcada de dor. — Deviam ser só você e o piloto, Lily. Engenheiros não fazem parte da equipe padrão. Por que ela?

— Sabe as armas que não pertencem aos módulos de transporte? Foi

tudo ideia dela. Foi ela quem projetou e instalou todas.

Com uma calma que parecia indiferença, mas na verdade era a proteção que os profissionais da área médica desenvolvem contra impactos emocionais, Preston foi se sentar ao lado de Sarah, de onde falou com Jim:

— Ela teve que vir, para operar o arsenal manualmente. Não havia tempo hábil para integrá-lo totalmente ao sistema.

Jim assentiu mecanicamente. Ele não conseguia tirar os olhos do corpo da jovem, a última morte causada por Sarah, ainda que por acidente. A mesma garota que possibilitara o ataque à nave de Narud e a destruição do híbrido pagara pelas vidas de todos com a sua própria.

Valerian disse:

— Isso vai deixar Travis arrasado.

Arrasado. Era como Jim se sentia.

— *Esplendor* para *Hipérion*. Câmbio, *Hipérion*!

— Estamos ouvindo alto e claro, *Esplendor*. A carga está com vocês?

— Sim, senhor, mas sofremos uma baixa. Perdemos Annabelle.

Matt fechou os olhos.

— Sinto muito por isso. Eu mesmo contarei ao Rory.

— Sim, senhor. Chegada em seis minutos. Aproximação em velocidade máxima.

— Senhor — disse Cade —, temos companhia.

Nau a bombordo, nau a estibordo — versos de um antigo poema pipocaram na mente de Matt: "Canhões à direita, canhões à esquerda, canhões avante, salvas, trovões atroantes." Estranho o que pode surgir em uma mente em momentos de crise. Pelo que ele lembrava, o poema não terminava bem para os alvos dos canhões.

Mais à frente, a *Estrela Branca* estava na cola da *Esplendor*. Logo atrás da *Hipérion*, outro cruzador e várias naves menores finalizavam uma transdobra.

— Protejam a popa — ordenou a Marcus. — Horner para o atracadouro. A *Esplendor* se aproxima e chega em seis minutos.

Preparem-se para recebê-la e evadir em seguida.

Se sobrevivermos até lá. Mais salvas retumbaram. Outro clarão.

— O que foi agora? — perguntou Matt, já fatigado. — Outra nave da Supremacia?

— Não, senhor, é…

Mas então Matt foi agraciado com a inesperada visão de fogo irrompendo no casco da *Estrela Branca.* Uma voz familiar disse:

— Aqui é o Capitão Vaughn para a *Bucéfalo*. Aparentemente meu navegador não consegue ficar longe daquela bela engenheira de vocês. Ele achou que talvez vocês precisassem de ajuda.

Uma onda de angústia atravessou o capitão da *Hipérion*.

— E como precisamos, *Bucéfalo*. Nosso comandante e o seu estão se aproximando no módulo de transporte a toda velocidade. E diga ao Travis… — Matt hesitou. — Diga ao Travis que tudo indica que foi Annabelle quem salvou o dia.

Havia grande chance de ser verdade. Se não fosse, dane-se também, era como deveria ter sido.

— Você cuida do módulo de transporte. Nós cuidamos da *Estrela Branca* — disse Vaughn. — Nossas armas estão online de novo, e eu estou me coçando para apertar o gatilho.

Não era preciso dizer de novo. A *Hipérion* começou a dar meia-volta, manobrando para que o ancoradouro ficasse de frente para a *Esplendor*. Depois de alguns segundos de tensão, Horner ouviu as palavras que queria:

— Pegamos eles, capitão!

— Então vamos dar o fora daqui.

— Ahm… Como, senhor? — perguntou Marcus.

Só então Matt percebeu que não fazia a menor ideia.

O cheiro de sangue recém-derramado. O gosto metálico, penetrante. Semblantes contorcidos pelo terror que saturava as mentes dos mortos. Ela sabia de tudo por meio de seus amados zergs, parte de sua alma, seu corpo e sua mente. A sensação do novo material genético assimilado, o nascimento de algo novo. A

beleza da união, tão profunda que humanos sequer compreendiam. Não havia dor. Da mente compartilhada, emergia somente poder, para um e para todos. E o propósito de avançar, destruir, conquistar.

E ela, tão bela com seus longos dreads*, asas potentes e admiráveis, armas verdadeiramente letais. Poder sem fim.*

Propósito. Pertencimento.

Que ela sentira ao ser libertada por…

Arcturus!

Seus olhos abriram-se de súbito e a respiração travou em sua garganta. A consciência voltava aos poucos. Sarah percebeu que estava na enfermaria da *Hipérion*, mas não se importava.

Arcturus não lhe dera nenhum senso de união, pertencimento ou paz; ele lhe dera o inferno. O que ele dissera sobre ela ser uma arma era a mais pura verdade, mas até então ela fora apenas uma única lâmina solitária. Mortal, sim, mas limitada.

Arcturus a transformara em uma arma nuclear.

— Tudo o que vocês precisam fazer é se entregar e aceitar a justiça da Supremacia, que julgará seus crimes. E entregar a cadela da Sarah Kerrigan.

O tempo de parar de fugir enfim chegara. Era hora de encará-lo e lutar. Arcturus Mengsk pagaria por tudo o que fizera.

E não sairia vivo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

— Senhor?

Era a nave de Matt. Eles estavam esperando respostas. Mas sua mente estava vazia. Como se para apressar o raciocínio dele, a nave estremeceu ao receber outra salva de tiros.

— Senhor, a *Bucéfalo* está solicitando instruções sobre como proceder.

— Entendido — respondeu Matt, apenas para não ficar em silêncio. Ele olhou a tela, esperando alguma inspiração. Da primeira vez que entraram, seguindo um caminho cuidadoso até a estação, tinham levado seis horas. Agora, ele nem sabia se ainda havia um caminho. Mengsk pulverizara tantos asteroides que só havia uma nuvem de...

— Poeira estelar — sussurrou ele.

Arcturus Mengsk riu ao ver as duas naves encaminhando-se para uma nuvem de poeira. Os restos de um asteroide problemático que, há pouco, fora transformado em poeira e fragmentos pela *Estrela Branca.* Eles realmente achavam que um asteroide pulverizado os esconderia? Era tão ingênuo que chegava a ser cômico, como uma criança que cobre os olhos e pensa ficar invisível aos outros. Porém... Mengsk refletiu. Jim Raynor costumava contratar gente melhor que aquilo. Mais esperta. Era

uma das razões pelas quais ele tinha tanto sucesso em escapar. Ele era muitas coisas, mas não idiota. Nem o capitão Vaughn, comandante da *Bucéfalo.* Por que eles pensariam que...

— Abra fogo contra a nuvem. Agora! — gritou.

O artilheiro obedeceu. Eles viram a luz do laser, como era de se esperar, nenhuma explosão.

A *Hipérion* e a *Bucéfalo* não estavam lá.

— O que está havendo? Onde diabos eles estão? — questionou Arcturus.

O artilheiro parecia desesperadamente infeliz e nervoso.

— Senhor, eu... não consigo encontrá-los.

— São dois cruzadores de batalha escondidos em uma nuvem de poeira, filho. O que você quer dizer com "não consigo encontrá-los"?

— Nós... eles irradiaram as partículas de poeira quando passaram por elas. Agora, nossos sensores estão obscurecidos. Nós não podemos penetrar. Estamos compensando...

— Rápido.

— Sim, senhor, nós... lá estão eles. — Ele colocou a imagem na tela. O sistema agora permitia que enxergassem através da poeira... e não vissem nada.

As naves estavam ficando ocultas tempo suficiente para realizar saltos curtos, erráticos e imprevisíveis de uma nuvem para outra. A poderosa Supremacia estava pelo menos um minuto atrás deles. E havia literalmente uma dúzia de nuvens. Não havia maneira de Mengsk encontrá-los antes que tivessem vantagem suficiente para realizar um salto de longa distância.

Os malditos rebeldes estavam jogando poeira de estrela na cara dele.

Sarah estava na cama do dormitório de Jim. Ele se sentou ao lado dela, de frente para a porta, notando que ela estava com o rosto voltado para a parede. A campainha tocou.

— Pode entrar — respondeu Jim.

Valerian, Matt e Swann entraram, olhando primeiro para Jim, depois

para Sarah e de volta para Jim.

— Ela não deveria ficar na enfermaria? — perguntou Swann. — Afinal...

— Sentem-se, rapazes — interrompeu Jim, apontando três cadeiras. — Quando ela acordou, não quis ficar lá nem por um decreto. Então, pedi que viesse para cá. — Ele olhou para cada um com firmeza, deixando claro que aquele tipo de pergunta tinha que parar imediatamente. Sarah permaneceu em silêncio, com ódio irradiando de seu corpo encolhido.

Matt e Valerian trocaram olhares. Swann sentou-se desconfortavelmente na cadeira elegante, olhando para o chão. Valerian levantou a sobrancelha. Matt deu de ombros, indicando que o Herdeiro Legítimo podia falar.

— Jim, eu não quero insistir no óbvio, mas penso que seja imperativo que, após tudo o que você, Egon e eu vimos Sarah fazer, ela seja testada. — Valerian pausou, sem dúvida esperando uma reação furiosa de Kerrigan, mas nada aconteceu. Prosseguiu. — Ela ainda é extremamente perigosa. Nós a vimos...

— Eu estava lá, Valerian. Eu vi tudo — interrompeu Jim, com a voz enfática.

— Eu concordo com Valerian — acrescentou Matt, deixando Jim um pouco surpreso. — Egon me contou o que viu. E o que ela fez com... Quer dizer, o que aconteceu com Annabelle...

— Não, você falou certo da primeira vez, garoto — cortou Swann com a voz grave. Todos ali conheciam e gostavam de Annabelle, mas Rory trabalhava ao lado dela. A dor da morte dela, principalmente o modo como ocorrera, marcara o velho engenheiro mais fundo do que Jim esperava. Sarah se encolheu ainda mais, e o coração dele doeu ao vê-la assim. — O que ela *fez* com Annabelle.

— Rory, eu sei que você sabe que Sarah não queria fazer mal a ela.

— Diga isso para Earl e Milo — respondeu Swann. — Diga isso para Travis Rawlins.

— Eu direi, e sei que Valerian e Matt fariam o mesmo, porque é a

verdade.

— Eu sei disso, Jim — respondeu Matt —, mas isso torna as coisas melhores? Saber que a própria Sarah não consegue controlar o poder dela? Nós ainda não escapamos dessa situação. Nossas naves estão despedaçadas e nós ainda somos criminosos procurados. Da próxima vez que alguma coisa assim acontecer, e você sabe que *haverá* uma próxima vez, o que nós vamos fazer? O que ela vai fazer? Nem *ela* sabe!

Jim podia senti-la se retraindo ainda mais. Ela não havia dito nada desde que acordara na enfermaria além de "eu quero sair daqui".

— Foi um acidente — repetiu Jim.

— Eu sei, senhor. Mas Annabelle está morta. E eu não posso perder outras pessoas. Não desse jeito.

— Jim, você é um bom líder — disse Valerian calmamente. — Eu sei que se importa com Sarah. Mas também tem uma responsabilidade com seus seguidores, aqueles que acreditam em você. Sarah, querendo ou não, é uma ameaça. Você precisa lidar com essa ameaça corretamente para proteger ela e a sua tripulação.

Eles estavam todos certos, e Jim sabia. Ele não queria que estivessem, mas estavam. O silêncio se prolongou, longo e desconfortável, pontuado apenas pela respiração furiosa de Sarah.

— Tudo bem — respondeu Jim, por fim. — Eu vou falar com ela.

Os outros três pareceram insatisfeitos com a afirmação, mas assentiram. Era o melhor que conseguiriam, e sabiam disso. Levantaram-se e passaram pela porta. Valerian simplesmente acenou com a cabeça para Jim. Rory parou, antes de sair, e examinou seu comandante.

— Faça a coisa certa, caubói — foi tudo o que ele disse.

Matt também caminhou para a saída, mas Jim se levantou.

— Matt?

— Senhor?

Jim parou ao lado dele.

— Você desobedeceu minhas ordens, garoto. Está ciente disso?

— Sim, senhor. Permissão para falar livremente?

— Como sempre.

— Você ainda está vivo para me repreender.

Jim deu um sorriso.

— Isso é verdade — respondeu. — Você devia ter dado o fora de lá. Mas... estou feliz que não tenha feito isso.

Matt sorriu e, por um momento, pareceu o jovem idealista que Jim conhecera há tantos anos, com brilho nos olhos e o rosto alegre.

— Eu não poderia deixá-lo para trás, Senhor. Nunca.

— Qual curso devemos tomar? — perguntou Matt ao alcançar Valerian.

— Permita-me ficar admirado por você estar me perguntando — respondeu Valerian.

— Eu simplesmente deduzi que você teria os fundos e os contatos necessários — explicou Matt. Os dois caminharam juntos.

— De fato, eu tenho. Minha recomendação ao Sr. Raynor foi que seguíssemos para o Protetorado Umojano. Eu tenho as coordenadas de uma plataforma orbital ultrassecreta que poderá realizar reparos na *Bucéfalo* e na *Hipérion* com rapidez, eficiência e discrição.

— De quanta discrição estamos falando?

Valerian sorriu.

— Nem mesmo os melhores espiões de meu pai sabem sobre ela, se é isso que lhe preocupa.

— É isso mesmo. Você tem certeza?

— Bastante.

— Vamos torcer para que o seu barista também não saiba sobre ela.

— Como?

— Eu explico no caminho.

Jim deu a Sarah seu alojamento e passou a dividir um quarto com refugiados da *Héracles*. Durante toda a viagem, Sarah se recusou a falar com qualquer um. Quando por fim eles estavam se preparando para atracar, ele foi ao alojamento e bateu na porta.

Sarah abriu. Ela tinha tomado banho e estava usando uma das

camisas dele e calças com um cinto bem apertado. Ainda usava as próprias botas, no entanto. Jim notou que ela havia limpado as manchas de sangue de humanos e híbridos. Ela ficou na porta, encarando-o.

— Posso entrar?

— O dormitório é seu — respondeu. — Faça o que quiser.

— Bem, no momento o quarto é seu, amor, e eu não entro sem ser convidado.

Sarah já estava de costas para ele. Jim a viu tensionar os ombros ao ouvir o termo carinhoso.

— Então pode entrar.

Ele se sentou em uma das cadeiras e ela, na beira da cama. Sarah parecia... desgastada. Não cansada, pois obviamente havia dormido, nem suja, pois havia tomado banho e trocado de roupa. Simplesmente desgastada. Parecia velha e infantil ao mesmo tempo. Ela fora levada ao limite na estação, e isso teve um preço caro. Ele não queria ter essa conversa.

— Eu sei que você não quer — disse ela —, mas a conversa vai acontecer assim mesmo, então vamos acabar logo com isso.

Então era pra ser direto. Por ele, tudo bem.

— Certo. Deve estar claro para todo mundo, inclusive você, que ainda há mutagênico zerg em seu corpo, e nós precisamos descobrir tudo o que pudermos para poder te ajudar. Você é uma mulher inteligente, Sarah, uma das mais inteligentes que eu já conheci. Com certeza mais inteligente do que esse caipira aqui. Então deve saber que eu tenho razão.

Ele esperava uma resposta furiosa. Talvez algum móvel sendo arremessado. Em vez disso, ela baixou um pouco os ombros.

— Eu... eu não sei o que pensar quanto a isso, honestamente.

Ele se levantou e sentou ao lado dela na cama, tocando sua mão. Ela deixou.

— Eles só querem estudar você. Descobrir como tirar toda essa porcaria zerg do seu corpo e fazer você voltar a ser Sarah Kerrigan. Eles vão ajudar você.

— Eu já ouvi isso tudo antes, Jim. Você sabe disso.

Ele recuou um pouco. Foi uma pontada. Mas era verdade. Jim procurou palavras para convencê-la, então percebeu que ela provavelmente estava lendo sua mente e ficou calado.

Eles ficaram sentados lá por algum tempo, de mãos dadas, na beira da cama.

Trêmula, Sarah suspirou profundamente e voltou-se para ele.

Quando ela falou, sua voz era suave e estranhamente carinhosa.

— Por você, Jimmy. Eu farei isso por você.

Ela apertou a mão de Jim com força, quase esmagando os dedos dele. A dor era gloriosa. Mas Jim Raynor sabia que não era a dor que fazia seus olhos se encherem d'água e sua garganta doer.

Estavam sentados juntos no pequeno levitraz que Jim pilotara em direção à plataforma. As garantias de Valerian de que o lugar não seria descoberto pareciam verdadeiras desta vez. Não houve surpresas, nenhum cruzador de batalha aparecendo de repente, nenhum cientista extremamente polido. Somente uma estação simples que parecia ser somente aquilo mesmo, e um clima triste de derrota em torno do local.

Muitos haviam morrido. Mengsk ainda estava solto por aí, assim como Narud e o poderoso artefato alienígena. Sarah se tornara novamente algo que odiava e a chance de uma vida feliz fora mais uma vez arrancada dela. Não por causa de seu odiado inimigo, mas por causa dela própria.

Jim acreditava piamente que todos cuidariam bem de Sarah, que eles encontrariam um modo de remover ou suprimir permanentemente a parte zerg que ainda vivia dentro dela. Ele sabia que Sarah não acreditava nisso e esperava desesperadamente estar certo.

Tinha esperança em várias coisas.

Chegaram à estação, aportaram e foram recebidos por uma cientista que se apresentou como Maddie Wilson. Nenhum guarda, nenhuma arma. Um bom sinal.

Eles ficaram de mãos dadas enquanto seguiam a Dra. Wilson por um corredor e um elevador. Ela se dirigiu a Jim e Sarah.

— Eu sei que vocês dois foram instruídos, mas eu preciso falar novamente. Sarah, você será completamente isolada. O quarto será extremamente seguro. Nós vamos observá-la pelos monitores e poderemos falar com você.

Wilson deu um sorriso simpático antes de continuar.

— Se quiser conversar com alguém sobre o que está acontecendo com você, basta falar em voz alta. Saiba que você está segura aqui, mesmo que pense que não.

Sarah ficou calada. O elevador parou suavemente. Wilson levou-os a uma sala no fim de um longo corredor e digitou um código.

— Chegamos — disse ela.

Raynor segurou a mão de Sarah com força, inclinou-se e sussurrou no ouvido dela.

— Eu amo você.

Sarah se virou para olhá-lo, com um sorriso de amor, tristeza e resignação.

— Eu amo você também — respondeu ela, sussurrando. Então, respirou fundo e ambos entraram.

Jim viu que uma das paredes parecia ser apenas uma janela, aberta para várias salas no andar inferior. Enquanto observavam em silêncio, de mãos dadas, uma pequena forma brilhante se aproximou. Parecia uma bolha de sabão, como as que as crianças gostam de soprar, mas não era nada tão inocente. Ela ficou cada vez maior, até encostar na janela, que se dissolveu.

Sarah apertou a mão de Jim pela última vez. E ele se surpreendeu ao notar que dessa vez não queria largá-la. Jim observou silenciosamente enquanto ela se afastava. Sarah foi envolvida pela película translúcida e começou a flutuar, sem peso, em seu interior. Ela se virou lentamente e flutuou na direção de Jim, colocando a mão na superfície da bolha.

Rapidamente, ele colocou a mão contra a dela, sentindo a fina camada entre elas.

Então, Sarah e a bolha flutuaram para baixo. Jim observou enquanto ela se afastava flutuando para o interior da estação, passando por

andares de cientistas ocupados que mal a olhavam. Ela não era Sarah Kerrigan para eles, cheia de angústia e felicidade, sorridente e alquebrada. Ela era uma cobaia. Algo a ser testado e estudado. Por mais que Valerian dissesse que eles a ajudariam — e Jim acreditava nele —, o caminho para a cura de Sarah seria frio e impessoal.

Mas pelo menos ela tinha uma chance. Arcturus tentara arrancar aquela chance dela usando Tychus como ferramenta. Tychus fora morto pelas mãos de Jim. Agora, não havia chance de camaradagem ou redenção. Jim deu um pequeno sorriso ao se lembrar da atitude cabeça dura, bruta, de quem não leva desaforo pra casa de Tychus. Agora já não doía tanto. Jim não poderia ter agido diferente, sendo quem era. Nem estava bravo com Tychus. Só com o homem que costumava ser seu melhor amigo.

Ele pensou em Annabelle, mutilada e ensanguentada. Ela era uma pessoa feliz, confiável, inteligente, devotada aos Saqueadores. A ideia dela os salvara... e Sarah, descontrolada, a tinha matado. Jim sentia a perda de Annabelle profundamente, mas tantos outros também haviam morrido. Cada um dos... bilhões de vítimas tinha uma história. Uma vida terminada repentinamente pela Rainha das Lâminas.

Mas *não* por Sarah Kerrigan. Sarah, que ele amava, que ele conhecia profundamente. Sarah, a assassina que lamentava cada morte. Sarah, que confiou nele ao ir até lá, para ser testada e analisada.

— Meu amor — sussurrou ele —, eu espero ter feito a coisa certa.

Não havia mais nada na câmara além de Sarah. Nenhum pensamento de terceiros, sobre waffles ou terror, sobre um fio solto na jaqueta ou sobre a emoção do amor. Só ela. Sozinha. Completamente sozinha.

Não, não exatamente. Ela trouxera suas memórias consigo, suas escolhas em cada passo do caminho, a cada momento de sua vida. As decisões de cooperar ou negar, de ser obediente ou teimosa. De matar ou poupar.

Ela sabia que durante os "testes", se realmente fossem isso, ela teria que encarar novamente aqueles momentos, as escolhas. Jim não entendia

isso. Ele era um homem inteligente e bom, mas havia muita coisa que ele não compreendia. Nunca poderia compreender.

Mas ela o amava. E sabia que ele acreditava, e por isso ela acreditava nele. Parte dela realmente esperava que ele estivesse certo, que Valerian a ajudaria a recuperar seu antigo eu. Pelo menos tanto quanto alguém, tendo passado pelo que ela passara, poderia ser recuperado. Ela lembrou-se do que dissera a Zeratul, amarga e resignada: *O destino não pode ser modificado. O fim se aproxima. E quando ele chegar... irei abraçá-lo, finalmente.*

Talvez ela estivesse errada.

Com vontade, ela empurrou para longe a raiva, as memórias dolorosas e a culpa devastadora. Até mesmo a vingança, que era como um animal em seu peito, dilacerando seu coração, poderia esperar. Ela teria que encarar todas essas coisas, mas não agora. Por enquanto, ela continuaria com a memória de Jim Raynor, lembrando-se da primeira vez que se beijaram e da primeira vez que fizeram amor. O carinho do toque dele e a pureza de sua alma, mesmo depois de tudo pelo que ele passara. Ela se agarrou a essa pureza, acalmando-se. Acreditando por um momento que realmente poderia existir uma saída.

O rosto barbado de Jim que ela tanto amava ficou cada vez mais distante. Então, Sarah Kerrigan ficou sozinha com seus pensamentos e memórias de amor.

Memórias de amor e do desejo de vingança

E ela não sabia qual das duas era mais doce.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, eu gostaria de agradecer ao meu editor, Ed Schlesinger; à minha agente, Lucienne Dive; e ao pessoal bacana da Blizz: Cameon Dayton, Micky Neilson e Sean Copeland, dentre vários outros.

Linha do tempo

c. 1500

Um grupo de rebeldes protoss é exilado de Aiur, seu mundo natal, por se recusarem a participarem do Khala, uma ligação telepática compartilhada por toda a raça. Esses rebeldes, conhecidos como templários das trevas, acabam colonizando o planeta Shakuras. A cisão entre as facções protoss ficou conhecida como a Discórdia.

(*StarCraft: Shadow Hunters*, livro dois de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

(*StarCraft: Twilight*, livro três de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

1865

Nasce o templário das trevas Zeratul. Mais tarde, ele será essencial na reconciliação das duas partes da sociedade protoss.

(*StarCraft: Twilight*, livro três de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

(*StarCraft: Queen of Blades*, de Aaron Rosenberg)

2143

Nasce Tassadar. No futuro, ele se torna um executor dos protoss de Aiur.
(*StarCraft: Twilight*, livro três de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)
(*StarCraft: Queen of Blades*, de Aaron Rosenberg)

c. 2259

Quatro supernaves — *Argo*, *Sarengo*, *Reagan* e *Nagglfar* — que transportavam condenados da Terra se desviam para muito longe da rota inicial e caem em planetas do setor Koprulu. Os sobreviventes colonizam os planetas Moria, Umoja e Tarsonis, criando novas sociedades que acabam englobando outros planetas.

2323

Tendo estabelecido colônias em outros planetas, Tarsonis se torna a capital da Confederação Terrana, um governo poderoso e cada vez mais opressor.

2460

Nasce Arcturus Mengsk. Ele é membro de uma das famílias antigas da elite da Confederação.
(*StarCraft: I, Mengsk*, de Graham McNeill)
(*StarCraft: Liberty's* Crusade, de Jeff Grubb)
(*StarCraft: Uprising*, de Micky Neilson)

2464

Nasce Tychus Findlay. Mais tarde, ele se tornará um grande amigo de Jim Raynor durante a Guerra das Guildas.
(*StarCraft: Heaven's Devils*, de William C. Dietz)

2470

Nasce Jim Raynor. Seus pais são Trace e Karol Raynor, fazendeiros do planeta Shiloh, na fronteira.
(*StarCraft: Heaven's Devils*, de William C. Dietz)
(*StarCraft: Liberty's Crusade*, de Jeff Grubb)
(*StarCraft: Queen of Blades*, de Aaron Rosenberg)
(*StarCraft: Frontline* volume 4, "*Homecoming*", de Chris Metzen e Hector Sevilla)
(Quadrinhos mensais de StarCraft, #5 –7 de Simon Furman e Federico Dallocchio)

2473

Nasce Sarah Kerrigan, uma terrana dotada de poderosas habilidades psiônicas.
(*StarCraft: Liberty's Crusade*, de Jeff Grubb)
(*StarCraft: Uprising*, de Micky Neilson)
(*StarCraft: Queen of Blades*, de Aaron Rosenberg)
(*StarCraft: The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

2478

Arcturus Mengsk se forma na Academia Styrling e se junta ao Exército Confederado contra a vontade de seus pais.
(*StarCraft: I, Mengsk*, *de Graham McNeill)*

2485

Aumentam as tensões entre a Confederação e o Combinado Kel-Moriano, uma parceria corporativa obscura criada pela Coalizão de Mineração Moriana e a Guilda de Transporte Kelanis para proteger seus interesses de mineração contra a opressão da Confederação. Após uma emboscada dos Kel-Morianos contra forças da Confederação que estavam cercando a mina de vespeno do Glaciar Noranda, começa a guerra aberta. Este conflito fica conhecido como a Guerra das Guildas.

(*StarCraft: Heaven's Devils*, de William C. Dietz)
(*StarCraft: I, Mengsk*, de Graham McNeill)

2488-2489

Jim Raynor se alista no Exército Confederado e conhece Tychus Findlay. Nas batalhas finais entre a Confederação e o Combinado Kel-Moriano, o 321 Batalhão de Patrulheiros Coloniais (de que Raynor e Findlay são membros) fica famoso por sua perícia e bravura, recebendo o apelido de "Demônios do Céu".
(*StarCraft: Heaven's Devils*, de William C. Dietz)

Jim Raynor conhece outro soldado confederado chamado Cole Hickson em um campo de prisioneiros Kel-Moriano. Neste encontro, Hickson ensina Raynor a resistir e sobreviver às táticas de tortura brutais dos Kel-Morianos.
(*StarCraft: Heaven's Devils*, de William C. Dietz)
(Quadrinhos mensais de StarCraft, #6, de Simon Furman e Federico Dallocchio)

No final da Guerra das Guildas, Jim Raynor e Tychus Findlay desertam do Exército Confederado.
Arcturus Mengsk pede baixa do Exército Confederado ao chegar à patente de coronel. Depois, ele se torna um prospector de sucesso na fronteira galáctica.
(*StarCraft: I, Mengsk*, de Graham McNeill)

Após quase quatro anos de guerra, a Confederação "negocia" a paz com o Combinado Kel-Moriano, anexando quase todas as guildas de mineração que dão apoio aos Kel-Morianos. Apesar do golpe poderoso, o Combinado Kel-Moriano tem permissão para continuar existindo e mantendo sua autonomia.
O pai de Arcturus Mengsk, senador da Confederação Angus Mengsk, declara a independência de Korhal IV, um mundo do

núcleo da Confederação que passou muitos anos em conflito com o governo. Em resposta, três fantasmas Confederados (agentes secretos terranos com poderes psiônicos sobre-humanos amplificados por tecnologia de ponta) assassinam Angus, sua esposa e sua filha mais nova. Furioso pelo assassinato de sua família, Arcturus toma a frente da rebelião em Korhal e começa uma luta de guerrilha contra a Confederação.
(*StarCraft: I*, *Mengsk*, de Graham McNeill)

2491

Como um aviso aos separatistas em potencial, a Confederação cria um holocausto nuclear em Korhal IV, matando milhões de pessoas. Em retaliação, Arcturus Mengsk batiza seu grupo de rebeldes de Filhos de Korhal e intensifica a guerra contra a Confederação. Nesta época, Arcturus liberta uma fantasma confederada chamada Sarah Kerrigan, que mais tarde se torna sua imediata.

2495

Após viverem como foras da lei indulgentes e autodestrutivos, Jim Raynor e Tychus Findlay são cercados pelas autoridades, e os anos de criminoso de Raynor chegam ao fim. Tychus é preso, mas Raynor consegue escapar. Ele se aposenta no planeta Mar Sara e se casa com Liddi. Seu filho, Johnny, nasce logo depois.
(*StarCraft: Devils' Due*, de Christie Golden)
(*StarCraft: Frontline* volume 4, "*Homecoming*", de Chris Metzen e Hector Sevilla)

2496

Jim Raynor se torna um delegado em Mar Sara.

2498

Apesar das dúvidas de Jim, Johnny Raynor é enviado à Academia de Fantasmas de Tarsonis para desenvolver seu potencial psiônico latente. No mesmo ano, Jim e Liddy recebem uma correspondência informando sobre a morte de Johnny. Sem conseguir lidar com a situação, Liddy morre de luto logo depois.
(*StarCraft: Frontline* volume 4, "*Homecoming*", de Chris Metzen e Hector Sevilla)

2499-2500

Duas ameaças alienígenas aparecem no setor Koprulu: os implacáveis e adaptáveis zergs, e os enigmáticos protoss. Em um ataque aparentemente não provocado, os protoss incineram o planeta terrano de Chau Sara, atraindo a ira da Confederação. A maioria dos terranos desconhecia a informação de que Chau Sara estava infestado de zergs e que os protoss realizaram o ataque para destruir a infestação. Outros mundos, incluindo o planeta vizinho Mar Sara, também descobrem estar infestados pelos zerg.
(*StarCraft: Liberty's Crusade* de Jeff Grubb)
(*StarCraft: Twilight*, livro três de *The Dark Templar Saga*, por Christie Golden)

Em Mar Sara, a Confederação prende Jim Raynor por destruir a Estação Backwater, um posto avançado terrano infestado pelos zergs. Ele é libertado logo depois pelo grupo rebelde de Mengsk, os Filhos de Korhal.
(*StarCraft: Liberty's Crusade*, de Jeff Grubb)

Um soldado confederado chamado Ardo Melnikov encontra-se envolvido no conflito de Mar Sara. Ele sofre com dolorosas memórias de sua antiga vida no planeta Bountiful, mas logo descobre que existe uma verdade mais obscura em seu passado.
(*StarCraft: Speed of Darkness*, de Tracy Hickman)

Mar Sara tem o mesmo destino de Chau Sara e é incinerado pelos protoss. Jim Raynor, Arcturus Mengsk, os Filhos de Korhal e alguns dos habitantes conseguem escapar da destruição.
(*StarCraft: Liberty's Crusade*, de Jeff Grubb)

Sentindo-se traído pela Confederação, Jim Raynor se junta aos Filhos de Korhal e conhece Sarah Kerrigan. Um repórter da Universal News Network (UNN) chamado Michael Liberty acompanha o grupo de rebeldes para fazer reportagens sobre o caos e combater a propaganda confederada.
(*StarCraft: Liberty's Crusade*, de Jeff Grubb)

Um político da Confederação chamado Tamsen Cauley ordena aos Porcos de Guerra (uma unidade militar secreta criada para conduzir os trabalhos mais sujos da Confederação) que assassinem Arcturus Mengsk. O atentado falha.
(Quadrinhos mensais de StarCraft, #1, de Simon Furman e Federico Dallocchio)

November "Nova" Terra, filha de uma das poderosas famílias antigas de Tarsonis, libera suas habilidades psiônicas latentes ao sentir o assassinato de seus pais e seu irmão. Ao descobrirem seu poder aterrorizante, a confederação a caça para tirar proveito de seu talento.
(*StarCraft: Ghost: Nova*, de Keith R.A. DeCandido)

Arcturus Mengsk lança uma arma devastadora, o emissor psi, na capital confederada, Tarsonis. O aparelho emite sinais psiônicos amplificados e atrai uma quantidade enorme de zergs para o planeta. Tarsonis cai logo depois, e a queda da capital é um golpe mortal para a Confederação.
(*StarCraft: Liberty's Crusade*, de Jeff Grubb)

Arcturus Mengsk trai Sarah Kerrigan e a abandona em Tarsonis, que está sendo invadida por zergs. Jim Raynor, que havia criado um vínculo profundo com Kerrigan, abandona os Filhos de Korhal, furioso, e forma um grupo conhecido como Saqueadores de Raynor. Logo depois, ele descobre o verdadeiro destino de Kerrigan: em vez de ser morta pelos zergs, ela é transformada em uma criatura poderosa conhecida apenas como a Rainha das Lâminas.
(*StarCraft: Liberty's Crusade*, de Jeff Grubb)
(*StarCraft: Queen of Blades*, de Aaron Rosenberg)

Michael Liberty deixa os Filhos de Korhal com Raynor após testemunhar a brutalidade de Mengsk. Sem querer se tornar uma ferramenta de propaganda, o repórter começa a transmitir notícias por uma rede pirata, falando sobre as táticas opressoras de Mengsk.
(*StarCraft: Liberty's Crusade*, de Jeff Grubb)
(*StarCraft: Queen of Blades*, de Aaron Rosenberg)

Arcturus Mengsk se declara imperador da Supremacia Terrana, um novo governo que domina vários planetas terranos no setor Koprulu.
(*StarCraft: I, Mengsk*, de Graham McNeill)

O senador Corbin Phash, da Supremacia, descobre que seu filho mais novo, Colin, é capaz de atrair hordas de zergs com sua habilidade psiônica, uma arma que a Supremacia julga muito útil.
(*StarCraft: Frontline* volume 1, "*Weapon of War*", de Paul Benjamin, David Shramek e Hector Sevilla)

O líder supremo dos zerg, a Supermente, descobre a localização do mundo natal dos protoss, Aiur, e lança uma invasão.
(*StarCraft: Frontline* volume 3, "*Twilight Archon*", de Ren Zatopek e

Noel Rodriguez)
(*StarCraft: Queen of Blades*, de Aaron Rosenberg)
(*StarCraft: Twilight*, livro três de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

Juras, o brilhante inventor da nave-mãe protoss, acorda de um sono de séculos e descobre que Aiur está sendo ameaçado pelos zergs. Sem saber a verdadeira intenção ou as razões por trás do ataque dos zergs, o cientista sente-se conflitado, sem saber se ataca ou não os alienígenas estranhos.
("*Mothership*", de Brian Kindregan em us.battle.net/sc2/en/game/lore/)

O alto templário Tassadar, em um ato heroico, se sacrifica para destruir a Supermente. Porém, boa parte de Aiur fica em ruínas. Os protoss remanescentes de Aiur fogem por um portal de transdobra criado pelos xel'naga, uma raça alienígena ancestral que, se acredita, teria influenciado a evolução dos zergs e protoss, e são transportados para o planeta dos templários das trevas, Shakuras. Pela primeira vez desde a cisão, as duas sociedades protoss são reunidas.
(*StarCraft: Frontline volume 3*, *"Twilight Archon"*, *de Ren Zatopek e Noel Rodriguez)*
(*StarCraft: Queen of Blades*, de Aaron Rosenberg)
(*StarCraft: Twilight*, livro três de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

Os zergs tentam perseguir os refugiados pelo portal de transdobra em Shakuras. Jim Raynor e suas forças, que se aliaram a Tassadar e ao templário das trevas Zeratul, permanecem em Aiur para fechar o portal. Enquanto isso, Zeratul e o executor protoss Artanis utilizam o poder de um antigo templo xel'naga em Shakuras para expurgar os zergs que já haviam invadido o

planeta.
Em um dos mundos da fronteira chamado Bhekar Ro, dois irmãos terranos chamados Octavia e Lars esbarram em um artefato xel'naga recentemente descoberto. Suas investigações começam a dar errado quando o artefato absorve Lars e dispara um misterioso raio de luz ao espaço, atraindo a atenção de protoss e zergs. Em pouco tempo, Bhekar Ro é englobado em um conflito brutal entre terranos, protoss e zergs, cada grupo querendo tomar o artefato para si.
(*StarCraft: Shadow of the Xel'Naga*, de Gabriel Mesta)

A Congregação da Terra Unificada (CTU), tendo observado o conflito entre terranos, zergs e protoss, despachou uma força expedicionária da Terra para o setor Koprulu, com a intenção de assumir o controle da situação. Com esse intuito, a CTU captura uma Supermente jovem no planeta zerg de Char. A Rainha das Lâminas, Mengsk, Raynor e os protoss deixam de lado as diferenças e cooperam para derrotar a CTU e a nova Supermente. Os improváveis aliados obtêm sucesso e, após a morte da segunda Supermente, a Rainha das Lâminas conquista o controle de todos os zergs do setor Koprulu.
Em uma lua deserta próxima a Char, Zeratul encontra o terrano Samir Duran, antigo aliado da Rainha das Lâminas. Zeratul descobre que Duran conseguiu juntar o DNA de protoss e zergs para criar um híbrido, uma criatura que — Duran profetiza — mudará o universo para sempre.
Arcturus Mengsk extermina metade de seus agentes fantasmas para garantir a lealdade entre os antigos agentes confederados integrados no programa fantasma da Supremacia. Além disso, ele estabelece uma nova Academia Fantasma em Ursa, uma das luas de Korhal IV.
(*StarCraft: Shadow Hunters*, livro dois de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

Corbin Phash esconde seu filho, Colin, dos agentes da Supremacia que querem capturar o garoto e usar suas habilidades psiônicas. Corbin foge para o Protetorado Umojano, um governo terrano independente da Supremacia.
(*StarCraft: Frontline* volume 3, "*War-Torn*", de Paul Benjamin, David Shramek e Hector Sevilla)

O jovem Colin Phash é capturado pela Supremacia e enviado para a Academia Fantasma. Enquanto isso, seu pai, Corbin, age como uma voz dissidente contra a Supremacia, no Protetorado Umojano. Por sua oposição declarada, Corbin se torna alvo de uma tentativa de assassinato.
(*StarCraft: Frontline* volume 4, "*Orientation*", de Paul Benjamin, David Shramek e Mel Joy San Juan)

2501

Nova Terra, tendo escapado da destruição de seu mundo natal, Tarsonis, treina ao lado de outros terranos dotados e aprimora seus talentos psiônicos na Academia Fantasma.
(*StarCraft: Ghost: Nova*, de Keith R. A. DeCandido)
(*StarCraft: Ghost Academy* volume 1, de Keith R. A. DeCandido e Fernando Heinz Furukawa)

Nova encontra Colin Phash, que está sendo estudado pela academia para que possam controlar sua habilidade única. Enquanto isso, antigos amigos de Nova pedem ajuda para escapar de um massacre zerg após ficarem isolados no planeta-mina Shi.
(*StarCraft: Ghost Academy* volume 2, de David Gerrold e Fernando Heinz Furukawa)

Durante um exercício de treinamento no sistema Baker's Dozen, Nova e seus companheiros da academia descobrem que o planeta

Shi foi invadido por zergs. E o que é pior, vários terranos amigos de infância de Nova em Tarsonis estão presos no planeta.
(*StarCraft: Ghost Academy* volume 3, de David Gerrold e Fernando Heinz Furukawa)

2502

Arcturus Mengsk tenta se aproximar de seu filho, Valerian, que cresceu com um pai relativamente ausente. Com a intenção de que Valerian continue a dinastia Mengsk, Arcturus relembra seu progresso, de adolescente apático a imperador.
(*StarCraft: I, Mengsk* de Graham McNeill)

A repórter Kate Lockwell embarca junto com as tropas da Supremacia com a missão de fazer transmissões patrióticas, pró-Supremacia, pela Universal News Network. Durante sua estada com os soldados, ela encontra o antigo repórter da UNN Michael Liberty e descobre algumas verdades obscuras sob a superfície da Supremacia.
(*StarCraft: Frontline* volume 2, "*Newsworthy*", de Grace Randolph and Nam Kim)

Tamsen Cauley planeja exterminar os Porcos de Guerra, que agora estão debandados, para cobrir sua antiga tentativa de assassinar Mengsk. Antes de conseguir realizar seu plano, Cauley junta os Porcos de Guerra em uma missão para matar Jim Raynor, um ato que Cauley acredita que vá ganhar a aprovação de Mengsk. Um dos Porcos de Guerra mandados na missão, Cole Hickson, é o ex-confederado que ajudou Raynor a sobreviver no brutal campo de prisioneiros Kel-Moriano.
(Quadrinhos mensais de StarCraft, #1 de Simon Furman e Federico Dallocchio)

Guerreiros das três facções do setor Koprulu, terranos, protoss e

zergs, lutam para controlar um templo xel'naga no planeta Artika. Em meio à violência, os combatentes refletem sobre as motivações individuais de cada um para estarem na batalha caótica.
(*StarCraft: Frontline* volume 1, "*Why We Fight*", de Josh Elder e Ramanda Kamarga)

A tripulação Kel-Moriana da *Lucro Farto* chega a um planeta desolado esperando encontrar algo que valha a pena coletar. Ao investigarem as ruínas, os membros da tripulação descobrem uma verdade aterrorizante por trás do sumiço da população do planeta.
(*StarCraft: Frontline* volume 2, "*A Ghost Story*", de Kieron Gillen e Hector Sevilla)

Uma equipe de cientistas protoss faz experiências com a gosma zerg, o biomaterial que nutre as estruturas zerg. Porém, a substância começa a afetar estranhamente os cientistas, que acabam enlouquecendo.
(*StarCraft: Frontline* volume 2, "*Creep*", de Simon Furman e Tomás Aira)

Um psicótico piloto de Vikings, Capitão Jon Dyre, ataca colonos inocentes de Ursa durante uma demonstração de armas. Seu antigo pupilo, Wes Carter, confronta Dyre na tentativa de acabar com a matança.
(*StarCraft: Frontline* volume 1, "*Heavy Armor, Part 1*", de Simon Furman e Jesse Elliott)
(*StarCraft: Frontline* volume 2, "*Heavy Armor, Part 2*", de Simon Furman e Jesse Elliott)

Sandin Forst, um habilidoso piloto de Thor, desbrava, junto a dois companheiros leais, as ruínas de uma instalação terrana em Mar Sara na tentativa de invadir um cofre escondido. Ao

entrarem nas instalações, Forst conclui que os tesouros que ele esperava encontrar nunca deveriam ser encontrados.
(*StarCraft: Frontline* volume 1, "*Thundergod*", de Richard A. Knaak e Naohiro Washio)

2503

Quando o cabo Maren Ayers, um médico da Supremacia, e seu pelotão são atacados por zergs no planeta-mina deserto de Sorona, eles se refugiam em um abrigo natural conhecido como Casco. Apesar de a área se mostrar impenetrável aos atacantes, Ayers e seus camaradas logo testemunham a adaptabilidade assustadora dos zergs quando os alienígenas liberam uma nova mutação explosiva para superar as defesas do Casco.
("*Broken Wide*", de Cameron Dayton em us.battle.net/sc2/en/game/lore/)

Cientistas da Supremacia capturam o pretor Muadun e realizam experimentos para entender melhor os poderes psiônicos da coletividade protoss, o Khala. Liderados pelo perverso Dr. Stanley Burgess, as pesquisas violam todos os códigos de ética em busca de poder.
(*StarCraft: Frontline*, volume 3, "*Do No Harm*", de Josh Elder e Ramanda Kamarga)

O arqueólogo Jake Ramsey investiga um templo xel'naga, mas as coisas rapidamente saem do controle quando um místico protoss conhecido como Conservador se funde com sua mente. Depois disso, Jake recebe um fluxo de memórias que contam a história dos protoss.
(*StarCraft: Firstborn*, livro um de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

A aventura de Jake Ramsey continua no planeta Aiur. Sob as

instruções do Conservador protoss em sua mente, Jake explora os labirintos sombrios sob a superfície do planeta para localizar um cristal sagrado que pode ser a salvação do universo.
(*StarCraft: Shadow Hunters*, livro dois de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

Misteriosamente, alguns dos fantasmas mais bem-treinados da Supremacia começam a desaparecer. Nova Terra, agora graduada pela Academia Fantasma, começa a investigar o destino dos agentes desaparecidos e descobre um segredo terrível.
(*StarCraft: Ghost: Spectres*, de Nate Kenyon)

Jake Ramsey é separado de sua guarda-costas, Rosemary Dahl, depois de fugirem de Aiur por um portal de transdobra xel'naga. Rosemary acaba encontrando os refugiados protoss em Shakuras, mas Jake desaparece. Sozinho e com seu tempo se esgotando, Jake procura um meio de arrancar o Conservador protoss de sua mente antes que os dois morram.
(*StarCraft: Twilight*, livro três de *The Dark Templar Saga*, de Christie Golden)

Uma equipe mista de templários das trevas e protoss de Aiur viaja para um asteroide remoto na tentativa de reativar um colosso dormente, uma máquina de guerra robótica gigante criada muitos anos antes pelos protoss. No caminho para o asteroide, no entanto, a nave deles é atacada pelos zergs, colocando a missão em perigo.
("Colossus", de Valerie Watrous em us.battle.net/sc2/en/game/lore/)

Na instalação de munições Simonson em Korhal IV, a Supremacia realiza testes em sua nova máquina de terror, o Odin. Sem o conhecimento da Supremacia, um dos espiões de elite do Protetorado Umojano, um guarda sombrio, resolve desvendar o

projeto militar secreto a qualquer preço.
("Collateral Damage", de Matt Burns em us.battle.net/sc2/en/game/lore/)

Uma equipe da fundação Moebius, uma organização terrana misteriosa interessada em artefatos alienígenas, investiga uma estrutura xel'naga nos confins do setor Koprulu. Durante as pesquisas, os cientistas descobrem uma força obscura rondando as ruínas.
(*StarCraft: Frontline* volume 4, "*Voice in the Darkness*", de Josh Elder e Ramanda Kamarga)

Kern tenta começar uma nova vida após uma carreira como ceifador da Supremacia (uma tropa de choque altamente móvel, quimicamente alterada para ser mais agressiva). Mas seu passado atormentado se mostra mais difícil de escapar do que ele pensa quando um antigo companheiro chega à sua casa.
(*StarCraft: Frontline* volume 4, "*Fear the Reaper*", de David Gerrold e Ruben de Vela)

Uma cantora de boate chamada Starry Lace se encontra no centro de uma intriga diplomática entre oficiais da Supremacia e de Kel-Morian.
(*StarCraft: Frontline* volume 3, "*Last Call*", de Grace Randolph e Seung-hui Kye)

Quando um grupo de soldados maltrapilhos da Supremacia conhecidos como Esquadrão Zeta patrulha um posto avançado de mineração em busca de sinais de terroristas Kel-Morianos, eles são atacados por mutantes zergs que conseguem se disfarçar de humanos, acabando com a distinção entre inimigos e aliados.
("*Changeling*", de James Waugh em us.battle.net/sc2/en/game/lore/)

2504

Um Jim Raynor cansado e desanimado retorna a Mar Sara e luta contra suas próprias desilusões.
(*StarCraft: Frontline* volume 4, "*Homecoming*", de Chris Metzen e Hector Sevilla)

Isaac White, um dos guerreiros de armadura pesada da Supremacia, recebe ordens de salvar um grupo de mineradores Kel-Morianos sendo atacado por piratas. Porém, a missão de White se mostra mais do que só uma missão de resgate: é uma oportunidade de apaziguar uma lembrança que o tem assombrado desde seus anos de técnico em bombas da Guerra das Guildas.
("*Stealing Thunder*", de Micky Neilson em us.battle.net/sc2/en/game/lore/)
Após quatro anos de silêncio, a Rainha das Lâminas e seu enxame zerg começam a atacar o setor Koprulu. Em meio ao massacre, Jim Raynor continua sua luta contra a opressão da Supremacia Terrana... e contra os fantasmas de seu passado.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Starcraft

Site do autor

- http://www.christiegolden.com/

Informações sobre o autor

- http://en.wikipedia.org/wiki/Christie_ Golden

Entrevista na Época On line

- http://revistaepoca.globo.com/cultura/ noticia/ 2012/10/romancista-christie-golden-faz-sucesso- com-livros-baseados-em-games.html

Wikipédia do jogo

- http://pt.wikipedia.org/wiki/StarCraft_(s%C3%A9rie)

Video da entrevista com autor

- http://www.youtube.com/watch?v=kWK5cViy1Gw

Capa

Outras obras da Blizzard Entertainment publicadas pela Galera Record

Rosto

Créditos

Dedicatória

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Agradecimentos

Linha do tempo

Colofão

Saiba mais